

# Voando sobre um ninho de cucos



MARGINÁLIA

KEN KESEY



Voando  
sobre um  
ninho de cucos



MARGINÁLIA

KEN KESEY

MARGINALIA 1  
VOANDO SOBRE  
UM NINHO DE CUCOS

KEN KESEY  
VOANDO SOBRE UM NINHO DE CUCOS

TRADUÇÃO  
JOSÉ CARDOSO D'ÁVILA

CAPA DE  
JOSÉ MANUEL RODRIGUES

EDITORIA MERIDIANO  
RUA DA MISERICÓRDIA, 67  
LISBOA - 2

EDIÇÃO DIGITAL

<https://github.com/SavingBooks/Voando-Sobre-um-Ninho-de-Cucos>

TÍTULO ORIGINAL:  
ONE FLEW OVER THE CUCKOO'S NEST  
© KEN KESEY, 1962  
© EDITORA MERIDIANO, 1976

«... voamos para Leste, voamos para Oeste, Voamos por cima do  
ninho do Cuco.»

- Canção popular infantil

A VICK Lovell  
que me disse que não existiam dragões e depois me levou aos seus  
covis.

## I PARTE

Não se importam de falar que os seus segredos de ódio quando estou perto porque me julgam surdo-mudo.

Todos pensam o mesmo. Sou suficientemente matreiro para os enganar nesse ponto. Se o facto de eu ser meio-

-índio nunca me ajudou de qualquer forma na porca da vida, ser matreiro ajudou-me em todos estes anos.

Estou a limpar o chão perto da porta da enfermaria quando metem uma chave do outro lado e sei que é a enfermeira-chefe pela maneira suave e pronta como o ferrolho cede à chave, tão familiarizada e há tanto tempo anda ela a lidar com fechaduras. Desliza pela porta com uma corrente de ar frio, fecha-a atrás dela e vejo os seus dedos correrem ao longo do aço polido

— a ponta de cada dedo da mesma cor dos lábios. Um alaranjado esquisito. Como a ponta dum ferro de soldar. Uma cor tão quente ou tão fria que se ela nos toca com os dedos não a podemos definir.

Traz a sua mala de vime entrelaçado, daquelas que a tribo Umpqua vende ao longo da auto-estrada quente de Agosto, uma mala com a forma duma caixa de ferramentas, com uma pega de cânhamo. Tem-na há todos estes anos, desde que eu cá estou. É um entrelaçado largo e posso ver o seu interior: não há caixa de pó, bâton ou coisas de mulher; ela tem aquela mala cheia de mil coisas que tenciona usar hoje no seu serviço — rodas e engrenagens com dentes polidos, dum brilho duro, pequenas pílulas que brilham como porcelana, agulhas, fórceps, alicates de relojoeiro, rolos de fio de cobre...

Atira-me um aceno quando passa. Deixo-me ir com a vassoura até à parede, sorrio e tento enganar a sua perspicácia, tanto quanto possível, não deixando que ela me veja os olhos — eles pouco podem dizer a nosso respeito se os mantivermos fechados.

Na minha escuridão ouço os seus tacões de borracha bater nos ladrilhos e os objectos da sua mala de vime chocalharem devido ao irritante balancear da sua marcha quando passa por mim no átrio. Caminha hirta.

Quando abro os olhos já ela está no fim do átrio, quase a entrar para o cubículo envidraçado das enfermeiras onde passará o dia

sentada à secretária, olhando pela janela e tomando notas do que se passa lá fora à sua frente, na sala-de-estar, nas oito horas seguintes. É essa ideia que dá aquela expressão satisfeita e serena da sua face.

Então... ela vê aqueles pretos. Ainda lá estão em baixo, juntos, falando uns com os outros entre dentes.

Não a ouviram entrar na enfermaria. Sentem, agora, que ela está a fitá-los, mas é demasiado tarde. Deviam saber fazer melhor do que juntar-se em grupo, a murmurar, quando ela estava a chegar à enfermaria. Os seus rostos ficam aterrorizados, confusos. Ela inclina-se para diante e depois avança para eles, aterrados e encurralados no fim do corredor. Sabe o que eles estavam a dizer e noto como ela está furiosa e completamente descontrolada. Vai despedaçar os pretos, membro por membro, tão furiosa está. Vai inchando, inchando, até que as costas rebentam o uniforme branco e atira os braços tão longos que parecem abraçar os três, cinco, seis vezes. Olha à sua volta com uma grande rotação da sua enorme cabeça. Não há ninguém que a possa ver, só o velho Bronden-Vassoura, o meio-índio lá adiante, escondido atrás da sua vassoura, sem poder falar e chamar por socorro. Assim, avança confiante e o seu sorriso pintado torce-se, abre-se num esgar e ela incha mais e mais, grande como um tractor, tão grande que posso cheirar-lhe a maquinaria no interior como se cheira um motor a puxar uma grande

carga. Suspendo a respiração e penso: Meu Deus, desta vez é que vai ser! Desta vez vão deixar o ódio subir, excessivo e incontrolável, e desfazem-se uns aos outros antes de perceberem o que estão a fazer. Mas quando ela começa a enrolar aqueles braços articulados à volta dos pretos e eles lhe vão arremeter à barriga com os cabos das vassouras, os doentes começam todos a sair dos dormitórios para ver o que era o chinfrim, e ela tem que retomar o seu ar habitual para não ser vista na forma repulsiva da sua imagem real. Quando os doentes já tinham esfregado os olhos de forma a poderem ver mais ou menos o que era a zaragata, tudo o que vêem é a enfermeira-chefe, calma e friamente como de costume, dizendo aos pretos que fariam melhor em não estar na conversa quando é

segunda-feira de manhã e há tanto que fazer na primeira manhã da semana...

— ...quero dizer, a velha manhã de segunda-feira, vocês sabem, rapazes...

— Sim, miss Ratched...

— ... e nós temos uns quantos trabalhos para esta manhã, portanto, se a vossa conversa aqui em grupo não for muito urgente...

— Sim, miss Ratched...

Ela pára e acena a alguns doentes que a fitam, com os olhos vermelhos, indicando-lhes que se aproximem.

Acena uma vez a cada um. Um gesto preciso, automático. O seu rosto é macio, frio, determinado, como uma boneca cara, a pele como esmalte cor de carne, uma mistura de branco e creme, e olhos azuis de bebé, nariz pequeno, pequenas narinas rosadas - tudo de forma a condizer, excepto a cor dos olhos e das unhas e o tamanho dos seios. Houve, de qualquer forma, um erro no fabrico ao pôr aqueles grandes seios, cheios de feminilidade, no que doutra forma seria uma obra-

-prima, e pode ver-se como ela sente dolorosamente esse facto.

Os homens estão ainda de pé à espera de ver o que ela resolve quanto aos pretos. Então, ela recorda-se de me ter visto e diz: «E posto que hoje é segunda-feira, rapazes, porque não começamos bem a semana, barbeando o sr. Bromden, logo no princípio da manhã, antes do ajuntamento na barbearia a seguir ao pequeno-almoço, e procurando evitar as... hum... dificuldades que ele é dado a causar, não acham?»

Antes que alguém pudesse voltar-se e olhar para mim, meti-me no cubículo das vassouras, atirei com a porta, fechando-a atrás de mim e fiquei de respiração suspensa, no escuro. A pior hora para fazer a barba é antes do pequeno-almoço. Quando se tem qualquer coisa debaixo do cinto está-se mais forte e mais alerta e os que trabalham para o Sistema não conseguem tão facilmente aplicar-nos

uma das suas máquinas em vez da máquina elétrica de barbear. Mas quando nos barbeamos antes do pequeno-almoço, como ela me obriga a fazer algumas vezes — seis e meia da manhã numa sala toda paredes brancas e lavatórios brancos e compridas lâmpadas tubulares no tecto, garantindo que não haja quaisquer sombras, e todos os rostos à nossa volta presos, a gritar atrás dos aparelhos — então, que hipóteses temos contra uma das suas máquinas?

Escondo-me no cubículo e escuto, o coração a bater no escuro, e tento evitar ficar aterrorizado, tento levar os meus pensamentos para qualquer outro sítio - tento pensar no passado e recordar coisas da aldeia e do grande rio Colúmbia, pensar acerca duma vez em que fui com o papá caçar pássaros num bosque de cedros perto de Dallas... Mas, como sempre que tento pôr os meus pensamentos no passado e esconder-me lá, o terror

presente infiltra-se-me na memória. Sinto aquele preto pequeno lá fora, atravessando o átrio, farejando o meu terror. Abre as narinas, como negras chaminés, a desmesurada cabeça balançando para um lado e para o outro, enquanto cheira e respira o terror em toda a enfermaria. Farejou-me agora, posso ouvi-lo resfolgar.

Não sabe onde estou escondido mas continua a farejar-me e procura em redor. Tento conservar-me imóvel...

(O papá disse-me para ficar imóvel, disse-me que o cão sentiu um pássaro algures, bastante perto. Tínhamos pedido emprestado um perdigueiro a um homem de Dallas. Todos os cães da aldeia são uns reles rafeiros, disse-me o papá, comedores de guelras de peixe e sem categoria nenhuma; este cão, este, tem instinto!

Não digo nada, mas já vejo o pássaro pousado num pequeno cedro, arquejando, uma bola de penas cinzentas. O cão corria às voltas em baixo, o cheiro demasiado forte na zona para que ele pudesse apontar com segurança. Enquanto não se mover, o pássaro está seguro.

Está a portar-se muito bem, mas o cão continua a farejar e a circular cada vez mais perto. Então o pássaro cede. As penas agitam-se e salta do cedro para a descarga do chumbo da espingarda do papa.)

O preto pequeno e um dos grandalhões agarra-me à saída do cubículo, antes que eu tenha dado dez passos, e arrastam-me para a barbearia. Não resisto nem faço qualquer ruído. Se gritarmos, ainda é pior. Engulo os gritos. Domino-me até que eles me chegam às têmporas.

Não tenho a certeza de que seja uma dessas máquinas substitutas e não a de barbear, mas quando me chegam às têmporas descontrolo-me. Deixa de ser uma questão de vontade quando me atingem as têmporas. E um... botão, um botão em que carregam, dizendo, Ataque Aéreo, Ataque Aéreo, tão alto que é como se não hou-

vesse barulho, e estivessem todos gritando, com as mãos nos ouvidos, por detrás duma parede de vidro, os rostos movendo-se como que para falar, mas sem lhes sair qualquer som das bocas. O meu som abafa todos os outros. Ligam outra vez a máquina de nevoeiro e um nevão frio e branco cobre-me, qual espuma de leite, tão espesso que poderia esconder-me nele se não estivessem a segurar-me. Não vejo um palmo à minha frente através do nevoeiro e a única coisa que consigo ouvir, sobrepondo-se ao berreiro que faço, é a enfermeira-

-chefe a correr pelo átrio fora, batendo com a mala de vime dos doentes que lhe aparecem pelo caminho. Ouço-a chegar mas nem isso me faz parar o berreiro. Grito até que ela chega. Eles seguram-me enquanto ela me atira a mala de vime e tudo à boca, empurrando para baixo com um cabo de vassoura.

(Um solitário cão de caça uiva lá fora no nevoeiro, correndo assustado e perdido porque não vê nada. Não há rastos no chão a não ser os dele. Fareja em todas as direcções com o seu focinho frio cor de borracha vermelha e não encontra nenhuma pista a não ser a do seu pavor que o queima interiormente como um vapor fervente.) Afinal, falando de tudo isto, do hospital, dela e dos rapazes — e do McMurphy - vou também queimar-me. Estive calado tanto tempo que agora isto vai sair como uma torrente tumultuosa e vão talvez pensar que quem o conta está exagerando ou delirando, meu Deus! Vão pensar que é demasiado horrível para ter realmente acontecido, que é terrível demais para ser verdade! Mas, por favor! Torna-se-me



ainda difícil conservar ideias claras quando penso nisto. Mas é a verdade.

Mesmo que não tenha acontecido!

Quando o nevoeiro se dissipa, de forma a eu poder ver, encontro-me sentado na sala de estar. Desta vez não me levaram à Câmara de Choque. Recordo-me que me tiraram da barbearia e me fecharam no Isolamento.

Não me lembro se tomei ou não o pequeno-almoço. Provavelmente não. Recordo-me de algumas manhãs, quando estava fechado no Isolamento, em que os pretos iam trazendo repetições de todos os pratos — que me eram destinadas mas que eram eles a comê-las — até terem todos os três tomado o pequeno-almoço enquanto eu estava estendido naquela enxerga a feder a mijo, vendo-os engolir ovos com torradas. Chega-me o cheiro da gordura e ouço-os mastigar as torradas.

Noutras manhãs, traziam-me papas frias e forçavam-me a comê-las sem mesmo as terem temperado.

Esta manhã, francamente, não me lembro. Fizeram-me engolir dessas coisas a que chamam pílulas até me fazerem perder a consciência. Ouço abrir a porta da enfermaria. Isto significa que são pelo menos oito horas, significa que estou inconsciente talvez há uma hora e meia no quanto do Isolamento e que nesse período os técnicos podiam ter instalado qualquer dispositivo que a enfermeira-chefe ordenasse, sem que eu tivesse a mínima ideia do que fosse.

Ouço um cuido na porta da enfermaria, para o lado do átrio, fora da minha vista. Ela abre-se pela pri-

meira vez às oito e depois abre e fecha mil vezes por dia, trás, clique. Todas as manhãs nos sentamos alinhados de cada lado da sala-de-estar, montando quebra-

-cabeças, depois do pequeno almoço, esperando ouvir uma chave entrar na fechadura e esperando para ver o que vai acontecer.

Não há muito mais que fazer. Por vezes está à porta algum jovem interno que vem mais cedo para ver como estamos Antes do Tratamento. AT, como lhe chamam. Algumas vezes é uma esposa, de salto alto e com a bolsa segura sobre a barriga, na sua visita. Outras, um grupo de professoras da escola elementar, orientadas na visita por esse idiota do Relações Públicas que está sempre a esfregar as mãos húmi-das e a dizer como está satisfeito por os hospitais terem eliminado toda a antiquada crueldade. «Que ambiente alegre, não acham?» Andará numa azáfama de volta das professoras que se juntaram num grupo para se sentirem em segurança, sempre batendo as mãos. «Oh, quando penso nos velhos tempos, na porcaria, na má alimentação, sim, mesmo na brutalidade, oh, vejo que percorremos um longo caminho na nossa campanha!» Seja quem for que apareça à porta é normalmente um desapontamento, mas há sempre uma possibilidade de não ser e quando uma chave soa na fechadura todas as cabeças se levantam como se fossem puxadas por cordéis.

Esta manhã a fechadura rangeu dum modo estranho; não é um visitante normal que está à porta. A voz dum Homem da Escolta chama, irritada e impaciente, «Um Ingresso, venham e assinem por ele», e lá vão os pretos.

Ingresso. Todos param de jogar as cartas ou o monopólio e voltam-se para a porta da sala-de-estar.

Normalmente, eu estaria fora a varrer o átrio e veria quem estavam a receber, mas esta manhã, como lhes expliquei, a enfermeira-chefe enfiou-me quinhentos quilos em cima e nem consigo levantar-me da cadeira. Normalmente sou o primeiro a ver o Ingresso, a observá-lo a rastejar para a porta, a deslizar ao longo da parede e a esperar assustado até que os pretos venham rece bê-lo e levá-lo para o quarto dos chuveiros onde o despem e o deixam, tremendo, com a porta aberta, enquanto os três correm sorridentes dum lado para o outro do átrio à procura da Vaselina. «Precisamos dessa Vase lina», dirão à enfermeira-chefe, «para o termóme-tro». Ela olha dum para o outro: «Estou convencida que precisam», e entrega-lhes um frasco que tem pelo menos quatro litros, «mas, se não se importam, não fiquem para aí todos juntos».

Então, vejo dois, ou talvez mesmo os três, no quarto dos chuveiros passando o ter-mómetro em volta da Vaselina até ele ficar com uma capa da grossura dum dedo, trauteando, «Tem razão, mãe, tem razão» e, então, fecharam a porta e abriram todos os chuveiros de modo a não se poder ouvir nada além do vicioso assobio da água a bater nos azulejos verdes. Na maior parte das vezes estou lá fora e é assim que costumo ver tudo isto.

Mas esta manhã tenho que estar sentado na cadeira e apenas os oiço a trazê-lo para dentro. Todavia, mesmo sem o poder ver, sei que não se trata de um Ingresso vulgar. Não o ouvi deslizar aterrorizado pela parede e quando lhe falaram do chuveiro não se submeteu com um fraco e simples sim e disse-lhes imediatamente numa voz forte e alta que estava já estupidamente bem limpo, muito obrigado.

— Deram-me uma duchada esta manhã no tribunal e a noite passada na prisão. E juro que creio que me teriam lavado os ouvidos no táxi se tivessem podido.

Rapazes, parece-me que todas as vezes que me embarcam para qualquer parte tenho que ser esfregado, antes, durante e depois da operação. Estou a ficar de tal maneira que o próprio barulho da água me põe nervoso.

E afasta-se de mim com esse termómetro, escarumba, e dá-me um minuto para dar uma vista de olhos pelo meu novo lar: nunca estive antes num Instituto de Psicologia!

Os doentes olham, surpreendidos, uns para os outros e, depois, outra vez para a porta, donde vem ainda a sua voz. Fala mais alto do que seria necessário, estando os pretos ao pé dele. Fala como se estivesse muito acima deles, dirigindo-se aos que estão lá em baixo, como se estivesse a cinquenta metros de altura, gritando para os que estão no chão. Deve ser forte.

Ouvi-o atravessar o átrio e, pela maneira de andar, parece-me forte e com certeza que não rasteja: tem pro-tectores de ferro nos tacões e bate-os no chão como ferraduras. Aparece à porta, pára e mete os polegares nos bolsos, os pés bem afastados, ficando ali, com os rapazes a fitá-lo.

- Bom dia, parceiros.

Há um morcego de papel pendurado no tecto, sobre a sua cabeça: levanta o braço e toca-lhe, pondo-o a andar à roda.

— Está um belo dia de Outono.

Fala um pouco como o papá, voz alta e cheia, mas não se parece com ele: o papá era um índio da Colúmbia, um puro-sangue — um chefe duro — duro e brilhante como uma coronha. Este tipo é ruivo, com grandes patilhas vermelhas e um tufo de caracóis saindo do gorro, há muito precisando dum corte de cabelo, e é tão largo de ombros como o papa era alto, queixo decidido e peito forte e um sorriso aberto, branco e demo-

níaco, duro, mas dum modo terente do papá, assim como uma bola de beisebol é dura por baixo do couro gasto. Uma cicatriz, onde lhe devem ter acertado um bom murro numa briga, vai-lhe do nariz até à bochecha e ainda se vêem os pontos da sutura. Frica ali à espera e como ninguém faz um movimento para lhe falar, começa a rir. Ninguém sabe dizer exactamente porque se ri: não houve nada com piada. Mas não é o mesmo riso do Relações Públicas: este é um riso livre e franco que sai da sua grande boca aberta e que se espraia em ondas cada vez maiores que se vão refletindo nas paredes de toda a enfermaria. Não é como o riso desse gordo do Relações Públicas. Este soa a verdadeiro.

Verifico de repente que é o primeiro riso que ouço há anos.

Ele continua a olhar para nós, baloiçando-se nas suas botas e rindo, rindo sempre. Entrelaça os dedos sobre a barriga sem tirar os polegares dos bolsos. Noto como são grandes e surradas as suas mãos. Todos na enfermaria - doentes e pessoal — estão aparvalhados com ele e com aquele seu riso. Ninguém se mexe para dizer seja o que for ou para o interromper. Continua a rir até que por fim pára e entra na sala-de-estar.

Mesmo depois de ter parado de rir, o som do riso continua a envolvê-lo, como o som dum grande sino que continua a ouvir-se mesmo depois da badalada - está-The nos olhos, na maneira como sorri e como ginga ao andar, na maneira como falla.

— Chamo-me McMurphy, parceiros, R. P. McMur-phy e sou o rei do jogo.

Pisca os olhos e canta um pedaço duma canção: «..e quando encontro um baralho de cartas ponho... o meu dinheiro... na mesa» e novamente desata a rir.

Dirige-se para uma das mesas de jogo, com um dedo grosso e pesado vira uma carta dum Agudo, da uma olhadela ao baralho e sacode a cabeça.

— Sim, senhor, foi para isso que vim para este estabelecimento, para vos trazer, meus passarões, dis-tracção e divertimentos à volta duma mesa de jogo.

Já não havia ninguém no Campo de Trabalho de Pen-dleton capaz de interessar-me e, por isso, requeri uma transferência, estão a ver? Precisava de sangue novo.

Eh, vejam como este passarão segura o baralho, mos-trando-o a todos, hem! Vou tosquiá-los, meus bebes, como cordeirinhos.

Cheswick apanha as suas cartas e junta-as. O homem de cabelo ruivo estende-lhe a mão para que ele a aperte.

— Olá, parceiro. A que estão vocês a jogar? Ao pinochle 1? Jesus! Não me admira que não te importes de mostrar as tuas cartas. Não têm por aqui um baralho completo? Bem, lá vamos nós. Trouxe comigo o meu baralho, em caso de necessidade. Tem mais algumas coisas além das pintas das cartas — vejam as fotografias, hem? Todas diferentes. Cinquenta e duas posições.

Cheswick já está de olhos arregalados e o que vê naquelas cartas não o ajuda muito, no seu estado.

— Cuidado! Não as sujem, temos muito tempo, muitos jogos à nossa frente. Gosto de usar este meu baralho porque os outros jogadores levam pelo menos uma semana para descobrir qual é o naipe...

---

1 Jogo de cartas semelhante ao besigue. (N. do T.)

Tem vestidas umas calças de trabalho e uma camisa, de tal modo queimadas pelo sol que estão com uma cor de leite aguado. De muito trabalhar no campo, o rosto, o pescoço e os braços são da cor do couro curtido. Tem um gorro de motociclista, negro azeviche, enfiado na cabeça, um casaco de cabedal por cima do braço e calça



botas cinzentas cheias de poeira, suficientemente pesadas para partir um homem em dois com um pontapé.

Afasta-se de Cheswick, tira o gorro e vai-se sacudindo, levantando uma nuvem de pó. Um dos pretos segue-o com o termómetro mas ele é demasiado rápido: enfia-se no meio dos Agudos e começa a andar às voltas, distribuindo apertos de mão antes que o preto o possa apanhar a jeito. A maneira como fala, alto, as suas piscadelas de olhos, o gingar, tudo nele me faz lembrar um vendedor de carros ou um leiloeiro - ou um desses aldrabões de feira plantado bem em frente das bandeiras, vestindo uma camisola às riscas com botões amarelos, atraindo, como um imã, os olhares.

—O que aconteceu, sabem, foi, para dizer a pura da verdade, que andei metido num par de brigas no campo de trabalho e o tribunal concluiu que eu era um psicopata. E julgam que vou discutir com o tribunal? Na, podem apostar o vosso último dólar que não.

Se isso me permite deixar aqueles estupefactos campos de ervilhas, hei-de ser tudo o que os seus mesquinhos corações quiserem: seja um psicopata ou um cão danado ou um lobisomem, porque não me ralo, desde que não volte a ver uma enxada para o resto dos meus dias.

Agora, dizem-me que um psicopata é um tipo que briga demais e que fode demais, mas eles não têm razão, não acham? Quero dizer, quem já ouviu falar dalgum homem que tivesse virilidade a mais? Eh, parceiro, como é que te chamas? Eu chamo-me MeMurphy e aposto já

aqui contigo cinquenta paus como não me sabes dizer os pontos das cartas que tens na mão, não olhes. Cinquenta paus! Que respondes? Com um raio, escarumba!

Não podes esperar meio minuto para me espetares esse teu maldito termómetro?

O recém-chegado pára e durante um minuto procura familiarizar-se com a sala-de estar.

Dum lado da sala, os doentes mais novos, conhecidos por Agudos porque os médicos não os julgam ainda suficientemente doentes para ficarem imobilizados, praticam o braço-de-ferro e fazem truques de cartas, somando subtraindo e depois contando umas tantas para, no fim, aparecer a carta pedida. Billy Bibbit tenta aprender a fazer um cigarro de onça e Martini vagueia, descobrindo coisas debaixo das cadeiras e das mesas. Os Agudos andam bastante à vontade. Contam anedotas uns aos outros e abafam o riso, tapando a boca com os pulsos (ninguém jamais se atreveria a deixar sair uma gargalhada: apareceriam logo todos os funcionários com os livros de notas e uma data de perguntas) e escrevem cartas com cotos roídos de lápis amarelos.

Espiam-se uns aos outros. Às vezes, algum deles deixa escapar inadvertidamente algo a seu respeito e logo um dos seus parceiros da mesa boceja, levanta-se e desliza para o grande livro dos registos, junto à Sala das Enfermeiras, e aponta a informação que ouviu - diz a enfermeira-chefe que o livro tem grande interesse terapêutico para toda a enfermaria, mas eu sei que o que ela está é à espera de conseguir provas suficientes para mandar algum tipo para o recondicionamento no

Edifício Principal, para completa revisão da sua cabeça e para descobrir a solução do problema.

O tipo que escreve a informação no livro de registo ganha uma estrela no seu nome, na escala, e pode dormir até tarde no dia seguinte.

Na sala, do outro lado dos Agudos, fica o refugio da produção do Sistema: os Crónicos. Não estão no hospital para serem curados, mas tão-somente para evitar que se passem nas ruas, dando mau nome ao produto. Os Crónicos estão definitivamente liquidados, admitem os funcionários. Dividem-se em Passeantes, como eu, que podem andar sozinhos desde que sejam alimentados, Arelados e Vegetais. Os Crónicos — a maior parte deles — são nem mais nem menos que máquinas com defeitos no interior que não podem ser reparadas, defeitos de origem ou defeitos provocados por tantos

anos de andar um tipo a bater com a cabeça nas paredes, de modo que, quando o hospital o encontra, ele está a sangrar ferrugem numa lixeira qualquer.

Mas alguns de nós, os Crónicos, fomos vítimas, há alguns anos, de erros dos funcionários: éramos Agudos quando entrámos e fomos transformados. Ellis é um Crónico que entrou como Agudo e que foi odiosamente tratado quando lhe aplicaram uma descarga excessiva naquela nojenta sala assassina de cérebros a que os pretos chamam a «Câmara de Choque». Agora está colado à parede no mesmo estado em que o levantaram da marquesa nessa altura, com o mesmo aspecto; braços abertos e mãos enclavinadas e o mesmo terror estampado no rosto. Parece um troféu empalhado, assim colado à parede. Eles retiram-no à hora de comer e quando é para ir para a cama ou quando têm de o afastar para eu poder limpar a poça onde ele se encontra.

Na casa velha, ele ficou tanto tempo no mesmo sítio que o mijo corroe o sobrado e as vigas por debaixo dele. Ele caía continuamente na enfermaria, dando-lhes toda a espécie de dores de cabeça quando chegava a hora da chamada.

Ruckly é outro Crónico que entrou há alguns anos como Agudo, mas com ele a sobrecarga excessiva foi outra: cometeram um erro numa ligação da cabeça.

Estava a causar problemas tremendos por toda a parte, dando pontapés nos pretos e mordendo as estudantes de enfermagem nas pernas, de forma que o levaram para ser tratado. Ligaram-no aquela marquesa e houve alguém que o viu, mesmo antes de fecharem a porta, a piscar os olhos e a dizer aos pretos quando estes se retiravam: «Vocês pagarão por isto, seus estuporados pretos duma figa!»

Voltaram a trazê-lo para a enfermaria duas semanas depois, careca e com uma ferida vermelha e oleosa na frente da cara e com dois pequenos bujões do tamanho de botões pequenos, um sobre cada olho. Pode ver-se pelos olhos como eles o queimaram lá: tem-os todos esfumados e cinzentos e vazios no interior, como fusíveis queimados. Agora, não faz nada durante todo o dia senão segurar uma velha fotografia à frente daquela cara queimada, voltando-a e

tornando a voltá-la nos seus dedos frios. E a fotografia está cinzenta de gasta, de ambos os lados, tal como os seus olhos, de tal modo que já não se pode ver o que era.

Agora os funcionários consideram Ruckly um dos seus fracassos. Mas não tenho a certeza de que ele esteja melhor do que estaria se a instalação fosse per-feita. As instalações que fazem agora são geralmente bem sucedidas. Os técnicos adquiriram mais conhecimentos e experiência. Já não há buracos de botões na testa, já não fazem incisões — actuam agora nas

órbitas. Por vezes um tipo vai para a instalação, deixa a enfermaria, danado e furioso e querendo morder toda a gente, e regressa algumas semanas depois com as órbitas de um negro azulado, como se tivesse andado à pancada, e é a coisa mais terna, mansa e bem comportada que jamais se viu. É mesmo provável que vá para casa dentro de um ou dois meses, com um chapéu enterrado até aos olhos de sonâmbulo, vagueando num sonho simples e feliz. Um sucesso, dizem eles, mas eu digo que é apenas mais um robot para o Sistema e que ele ficaria bem melhor continuando a ser um fracasso, como o Ruckly ali sentado, movendo-se desajeitadamente e brincando com a sua fotografia. Nunca faz mais nada além disso. O preto anão consegue irritá-lo de tempos a tempos, encostando-se a ele e per-guntando: «O que achas que está a tua mulher a fazer esta noite na cidade?» A cabeça de Ruckly levanta-se. A memória sagreda-lhe qualquer coisa, algures naquele mecanismo avariado. Enrubesce e as veias entumescem-se-lhe. Isto fá-lo ofegar de tal maneira que mal consegue produzir um ligeiro e quase inaudível som na garganta. Sai-lhe saliva pelos cantos da boca, tanta a força com que aperta os queixais para dizer qualquer coisa. Quando finalmente pronuncia as suas poucas palavras, é um som baixo e afogado que sai e nos arre pia a pele —«Que se foda a mulher!

Que se foda a mulher!» — e desmaia ali mesmo com o esforço.

Ellis e Rucklly são os Crónicos mais novos. O coronel Matterson é o mais idoso. Um velho petrificado, soldado de cavalaria na Primeira Grande Guerra, que é dado a levantar com a sua bengala as saias das enfermeiras que passam ou a contar qualquer espécie de história que lê nas linhas da sua mão esquerda, para

quem quer que o oiça. E o mais velho da enfermaria mas não é o que está cá há mais tempo — a mulher trouxe-o há alguns anos, quando chegou a um ponto em que já não podia cuidar dele.

Sou eu quem está aqui na enfermaria há mais tempo. Encontro-me cá desde a Segunda Grande Guerra, portanto, há mais tempo que qualquer outro. Só a enfermeira-chefe veio para cá antes de mim.

Os Crónicos e os Agudos geralmente não se misturam. Cada um fica do seu lado da sala-de estar, como é ordenado pelos pretos. Estes dizem que, deste modo, há mais ordem e fazem com que todos saibam que é assim que querem que continue. Depois do pequeno-

-almoço eles conduzem-nos para os seus lugares, observam os grupos e acenam. «Muito bem, cavalheiros, é mesmo assim. Agora mantenham-se como estão.»

Presentemente, não há grande necessidade de nos dizerem nada, porque, a não ser eu, as Crónicas não se deslocam muito e os Agudos dizem que se deixarão ficar no seu lado, argumentando que o dos Crónicos tem um cheiro pior que uma fralda suja de bebé. Mas eu sei que não é o mau cheiro que os mantém afastados da zona dos Crónicos, mas sim o facto de não gostarem de pensar que aquilo é o que lhes poderá acontecer a eles qualquer dia. A enfermeira-chefe está ciente deste receio e sabe fazer uso dele: sempre que algum Agudo fica de mau humor lembrar-lhe-á que - «vocês sejam bons rapazes e cooperem com as directivas do serviço, que estão orientadas para a vossa cura ou, então, poderão vir a acabar ali, naquele lado.»

(Todos na enfermaria se orgulham da cooperação dos doentes. Temos uma pequena placa de latão colocada num pedaço de madeira de plátano que tem a seguinte gravação: PARABENS POR SE ARRANJAREM COM

O MENOR NÚMERO DE PESSOAL DE TODAS AS ENFERMARIAS DO HOSPITAL. É um prédio pela cooperação. Está pendurado na parede mesmo por cima do livro de registo, ao centro, entre os Crónicos e os



Agudos.)

O novo Ingresso, McMurphy, com a sua cabeça ruiva, sabe bem que não é um Crónico. Depois de, durante um minuto, tem estudado a sala-de estar, percebe que está destinado para o lado dos Agudos e é directamente para lá que vai, sorrindo e apertando as mãos de todos os que encontra. A princípio, dá-me a impressão que ele faz com que todos aqui se sintam pouco à vontade, com as suas brincadeiras e piadas e com o vozeirão com que grita para aquele preto que continua atrás dele com o termómetro, e especialmente com aquele seu riso largo e aberto. Ao som desse riso há ponteiros que se movem no painel de controlo. Os Agudos parecem assombrados e pouco à vontade quando ele ri, tal como crian-gas numa sala de aula, quando o professor está fora e uma delas desata a fazer tropelias, deixando as outras receosas que o professor volte e as obrigue a ficar até mais tarde. Estão inquietos e contorcem-se ao ritmo dos ponteiros do painel de controlo. Vejo que McMurphy nota que os está a pôr pouco a vontade, mas não deixa que isso o desencoraje.

- Raios, que grupo com tão mau aspecto. Vocês não me parecem lá muito malucos!

Tenta descontraí-los, como faz um leiloeiro, atirando piadas para pôr a assistência à vontade antes de começarem as ofertas.

— Qual de vocês se considera o mais maluco? Quem é o mais chalado? Quem dirige os jogos de cartas? É o meu primeiro dia e gostava de causar logo de entrada uma boa impressão ao homem certo, se ele me provar

que é o homem certo. Quem é aqui o maluco chefe dos loucos?

E a Billy Bibbit que se dirige. Inclina-se e fitano tão intensamente que ele se sente obrigado a gaguejar que não é o ma-ma-ma-maluco chefe dos loucos, embora ache que está em se-se-segundo lugar para o posto.

McMurphy estende uma grande mão em direcção a Billy, que não pode fazer outra coisa senão apertá-la.

«Bem, parceiro», diz-lhe, «estou mesmo satisfeito por estares no se-se-segundo lugar, mas como eu tenciono ocupar o lugar sozinho, como tenciono ser o chefão, talvez seja melhor falar

directamente com o mandão.» Olha para uma mesa em que os Agudos interromperam o jogo de cartas, põe as mãos uma sobre a outra e faz estalar os nós dos dedos. «Sabes, parceiro, quero ser uma espécie de dono da jogatina nesta enfermaria, quero ser o banqueiro dum rijo sete-e meio. Portanto, é melhor levares-me ao teu chefe para que esclareçamos definitivamente quem vai ser o chefe aqui.»

Ninguém tem a certeza se este tipo de peitaça larga, com a sua cicatriz e o seu riso selvagem, está apenas a representar ou se é suficientemente doido para fazer o que diz, ou as duas coisas juntas, mas começam a ter receio de alinhar com ele. Vêem-no pôr a sua grande mão vermelha no braço magro de Billy e esperam pela resposta deste. Quando vê que é a sua vez de romper o silêncio, Billy olha à volta e dirige-se para um dos jogadores de pinochle: «Harding, julgo que isto é con-tigo. Tu és o pre-pre-presidente do Con-con-conselho dos Doentes. Este tipo quer falar contigo.»

Os Agudos agora estão mais à vontade e sorriem satisfeitos por algo diferente estar a acontecer. Fazem troça de Harding e perguntam-lhe se é o maluco chefe dos loucos. Ele põe as cartas na mesa.

Harding é um homem vulgar e nervoso. Tem uma cara que às vezes nos faz pensar que já o vimos no cinema: é um rosto demasiado bonito para ser o dum tipo qualquer que se encontra na rua. Os ombros são largos e magros e curva-os para diante quando tenta esconder-se dentro de si mesmo. As mãos são tão com-pridas, brancas e delicadas, que penso terem sido modeladas em sabão. Às vezes ficam soltas e escorregam à sua frente, livres como dois pássaros brancos, até que ele tem noção disso e as esconde entre os joelhos:

aborrece-o ter mãos bonitas.

E ele o presidente do Conselho dos Doentes porque tem um papel que diz que é licenciado pela Universidade.

Esse documento está emoldurado na sua mesa de cabeceira juntamente com a fotografia duma mulher em fato de banho, que também temos a impressão de já ter visto nos filmes — tem uns

seios enormes e segura a parte de cima do fato de banho, por cima deles, com os dedos, olhando de lado para a máquina fotográfica.

Pode ver-se Harding sentado atrás dela, muito magricela dentro do seu fato de banho, como se estivesse à espera que algum matulao lhe atirasse areia com os pés. Ele gaba-se muito de ter uma tal mulher por esposa, diz que ela é a mulher mais sexy do mundo e que à noite nunca a consegue satisfazer completamente.

Quando Billy se lhe dirige, recosta-se na cadeira, assume um ar importante e, falando para o tecto, sem fixar Billy ou McMurphy, diz: «Esse... cavalheiro, tem entrevista marcada, sr. Bibbit?»

- Tem entrevista marcada, sr. M m-m-McMurphy?

O sr. Harding é um homem muito ocupado e não recebe ninguém sem entrevista marcada.

-Esse homem muito ocupado, o sr. Harding, é que é o maluco chefe dos loucos?

Olha para Billy com um dos olhos e ele acena com a cabeça muito rapidamente para cima e para baixo.

Está envaidecido com a atenção que está a provocar.

—Então diz ao Harding maluco chefe dos loucos que R. P. McMurphy está à espera e que este hospital não é suficientemente grande para os dois. Estou habituado a ser o chefe. Fui o chefe a esfolar todos os bata teiros em operações no Noroeste e ainda todos os batoteiros daqui até à Coreia, fui também o chefe a apanhar ervilhas naquele campo em Pendieton - portanto, já que vou ser maluco, vou ser o melhor e mais estuporado maluco. Diz a esse Harding que ou ele me enfrenta de homem para homem ou então é um fedorento cobardola que fará melhor em sair da cidade antes do pôr-do-sol.

Harding inclina-se ainda mais na cadeira e enfia os polegares nas lapelas. «Bibbit, diz a esse jovem fan-farrão, McMurphy, que o encontrarei no átrio principal ao meio-dia e que resolveremos este assunto duma vez para sempre.» Harding tenta imitar a entoação gozona de McMurphy, mas soa ridículo com a sua voz aguda e fanhosa. «Podes também preveni-lo, para ser leal, que tenho sido o chefe dos malucos nesta enfermaria há quase dois anos e que sou mais doido do que qualquer outro homem.»

— Bibbit! Podes avisar esse sr. Harding que eu sou tão doido que admito ter votado por Eisenhower.

— Bibbit! Diz ao sr. McMurphy que sou tão doido que votei por Eisenhower duas vezes!

—E tu, diz imediatamente ao sr. Harding - põe ambas as mãos na mesa, inclina-se e baixa a voz-que eu sou tão doido que tenciono votar por Eisenhower outra vez em Novembro próximo.

— Tiro-lhe o meu chapéu - diz Harding. Inclina a cabeça e aperta-lhe a mão. Sinto, cá dentro, que McMurphy ganhou, mas não consigo definir o quê.

Todos os outros Agudos deixam o que estão a fazer e aproximam-se, mais à vontade, para ver que nova espécie de indivíduo é aquele. Nunca antes estive na enfermaria nenhum como ele. Perguntam-lhe donde é e em que se ocupa, duma maneira como não as tinha ainda visto fazer. Ele responde que é um homem especial, que era apenas um vagabundo e um miserável lenhador antes do Exército o ter recebido e lhe ter ensinado a sua vocação natural. Assim como ensina alguns homens a fugir ao trabalho e outros a ser trou-xas, diz que a ele o ensinaram a jogar póquer. Desde então assentou e dedicou-se a toda a espécie de jogos de azar. Joga póquer, mantém-se solteiro e vive onde e como quiseses, se te deixarem, acrescenta. «Mas vocês sabem como a sociedade persegue um homem de génio.

Desde que senti o chamamento, já cumpri penas em tantas cadeias de vilas e aldeias que me dava para escrever um livro. Eles dizem que sou um desordeiro habitual. Mas como eu há muitos. Merda! Quando eu era um miserável lenhador e entrava numa briga, não se importavam: é desculpável, diziam, trabalha como um mouro e isto é uma fuga de vapor. Mas quando se é um jogador, se sabem que organizamos um jogo num quarto das traseiras de vez em quando, então basta cuspir no chão pelo canto da boca para se ser um criminoso danado. Chiça, estava saturado de andar sempre fora e dentro da choça».

Abana a cabeça e incha as bochechas.

— Mas isso durou pouco tempo. Aprendi os truques.

Para dizer a verdade, esta pena que estava a cumprir em Pendleton, foi devida ao primeiro falhanço que tive no período de um ano. Foi por isso que fui cagado.

Estava destreimado: aquele tipo conseguiu levantar-se do chão e chamar a Polícia antes de eu ter saído da cidade. Um tipo muito duro...

Ri outra vez. Distribui apertos de mão e põe-se em guarda sempre que o preto se aproxima dele com o termómetro, até que acaba por contactar com todos os que estão do lado dos Agudos. Quando acaba de apertar a mão ao último, vai imediatamente para o lado dos Crónicos, como se nós não fôssemos diferentes.

E difícil dizer se ele é realmente assim camarada ou se tem qualquer intenção de batoteiro para se tentar relacionar com tipos que estão tão em baixo que, a maior parte deles, nem sequer sabe como se chama.

Lá está ele puxando a mão de Ellis da parede e apertando-a como se fosse um político à procura de votos e o de Ellis fosse tão bom como qualquer outro.

«Parceiro», diz-lhe numa voz solene, «chamo-me R. P.

McMurphy e não gosto de ver um homem adulto a patinhar na sua própria urina. Porque não te enxugas?»

Ellis olha para baixo, para o charco à volta dos seus pés, surpreendido. «Sim, muito obrigado», diz, e chega mesmo a dar alguns passos em direcção à latrina, até que os fios the puxam novamente as mãos para a parede.

McMurphy segue a fila de Crónicos, apertando as mãos do coronel Matterson, de Ruckly e do velho Pete.

Aperta as mãos aos Atrélados, Passantes e Vegetais, mãos que tem que ir buscar à altura dos joelhos, como se estivesse a levantar pássaros mortos, pássaros mecânicos, pequenas maravilhas de ossos e fios, que se avariaram e caíram. Deu apertos de mão a todos os que encontrou, excepto ao gordo George, o maníaco da água, que sorri e se afasta daquela mão suja, pelo que McMurphy se limita a saudá-lo, dizendo para a sua mão direita quando se afasta: «Ó mão! Como achas que terá este velho amigo sabido de



todo o mal que tens feito?»

Já ninguém consegue adivinhar quais são as suas intenções ou as razões porque faz tanto espalhafato em contactar com toda a gente. E melhor do que estar a fazer quebra-cabeças. Ele diz que é indispensável circular e tomar contacto com aqueles com quem vai lidar, o que, de resto, é imprescindível para um jogador. Mas já deve saber que não vai jogar com um velho de oitenta anos, que a única coisa que pode fazer com uma carta é metê-la na boca e mastigá-la. No entanto, parece estar a divertir-se, como se fosse um daqueles tipos que ficam felizes só pelo facto de estarem acompanhados.

Sou o último. Continuo preso pelos fios da cadeira, no canto. Quando chega junto de mim, McMurphy pára, torna a meter os polegares nos bolsos e inclina-se para trás a rir, como se visse em mim qualquer coisa mais engraçada do que em qualquer dos outros. Subitamente, receei que ele se estivesse a rir por saber que aquela maneira de eu estar ali sentado, joelhos puxados para o peito rodeados pelos braços, olhando fixamente em frente, como se não ouvisse nada, não passasse de fita.

- Eh! Olhem o que temos aqui — disse.

Recordo-me nitidamente de toda a cena. Lembro-me da maneira como fechou um olho e como atirou a cabeça para trás, olhando para baixo ao longo da ferida cor de vinho em cicatrização no nariz, rindo-se para mim.

Julguei, a princípio, que ria do aspecto ridículo desta minha cara de índio e da negra cabeleira oleosa. Pensei que ria da minha aparência de fragilidade. Lembro-me de só então ter imaginado que ele estava a rir apenas porque não tinha sido enganado nem por um minuto

pela minha fita de surdo-mudo; por mais habilidosa que tivesse sido a representação, ele tinha-a descoberto e ria-se e piscava-me o olho para que eu o soubesse.

—Qual é a tua história, Grande-chefe? Pareces Touro Sentado, fazendo uma greve de braços caídos.

Virou-se para os Agudos a ver se eles se riam da piada. Mas como se limitaram a sorrir, tornou a olhar para mim e piscou-me o olho.

— Como te chamas, Chefe?

Billy Bibbit gritou do outro lado da sala:

-O no-no-nome dele é Bromden, Chefe Bromden.

No entanto, todos o chamam Chefe Va-va-vassoura porque os pretos o põem a varrer a maior parte do tempo. Aliás, pou-pou-pouco mais pode fazer, penso. E surdo. —Billy põe o queixo entre as mãos. — Se eu fosse su-sur-surdo matava-me — sussurrou.

McMurphy continuava a fixar-me.

— Isso não o impediu de crescer, pois é bem alto, não é? Gostava de saber quanto mede...

— Acho que alguém o mediu uma vez e verificou que ele tinha dois metros, mas mesmo sendo assim grande tem medo da sua própria som-som-sombra.

E apenas um gran-gran-grande índio surdo.

— Quando o vi aqui sentado, pareceu-me índio, mas Broden não é nenhum nome índio. De que trilo é ele?

— Não sei. Já cá estava qu-qu-quando eu cheguei.

Harding intervém:

— Disse-me o médico que ele é um meio-índio da Colúmbia, parece-me. Uma tribo extinta da garganta do Colúmbia. O médico disse que o pai dele era o Chefe da tribo, daí o nome que damos ao tipo: Chefe. Quanto ao nome Bromden, receio que os meus conhecimentos da história dos índios não sejam suficientes para esclarecer a sua origem.

McMurphy inclinou a cabeça, junto à minha, de modo a obrigar-me a olhar para ele. «Isso é verdade?

Es surdo, Chefe?»

— Ele é su-su-surdo mudo.

McMurphy franziu os lábios e ficou a piscar os olhos durante algum tempo. Depois endireitou-se e estendeu-me a mão.

— Está bem, ele pode ser surdo mas, com os dia-bos, pode dar um aperto de mão, não? Por Deus, Chefe, podes ser matulão, mas se não me apertas a mão consi-dero-o um insulto. E não é uma boa ideia insultar o novo Grande-Chefe dos malucos do hospital.

Ao dizer isto olhou para trás, na direcção de Har-ding e Billy, e fez uma careta, mas deixou ficar a mão, grande como um prato de

sopa, à minha frente.

Recordo-me perfeitamente do aspecto daquela mão: ainda tinha nas unhas o carvão que lhe ficou numa vez que tinha trabalhado numa garagem; tinha uma âncora tatuada nas costas e tinha, no nó do dedo do meio, um penso levantado numa das pontas. Os restantes nós dos dedos estavam cheios de cicatrizes e cortes, antigos e recentes. Recordo-me que a palma da mão, de tanto segurar os cabos de madeira dos machados e das enxadas, era lisa e dura como osso e não parecia uma mão habituada a lidar com cartas. Estava calejada e a sujidade tinha-se entranhado nos calos fendidos.

Era como uma mapa rodoviário, com todas as suas viagens pelo Oeste gravadas. Aquela palma parecia lixa quando raspou na minha. Lembro-me que os seus dedos eram fortes e grossos e que quando se fecharam sobre os meus e sobre a minha mão ela se começou a sentir esquisita, a inchar no meu braço raquítico como se ele estivesse a transmitir-me o seu próprio sangue. Enchia-

me de sangue e de força. Cresceu quase tanto como a dele, recordo-me bem...

— Sr. McMurry.

E a enfermeira-chefe.

—Sr. McMurry, pode fazer o favor de chegar aqui?

E a enfermeira-chefe. Aquele preto tinha ido pro curá-la. Lá está ela batendo com o termómetro no relógio de pulso, os olhos movendo-se enquanto tenta classificar este recém-chegado. Os lábios tomam aquela forma triangular, como os de uma boneca pronta para receber o biberão de brinquedo.

-O ajudante Williams disse-me, sr. McMurry, que o senhor tinha dificultado um tanto o seu banho de Ingresso. E verdade? Por favor, compreenda, eu aprecio a maneira como se preocupou em contactar com os outros doentes da enfermaria, sr. McMurry, mas tudo tem o seu tempo próprio. Lamento interrompê-lo e ao sr. Bromden, mas compreenda: todos... devem cumprir os regulamentos.

Ele inclina a cabeça para trás e dá aquela piscadela que significa que também ela, tal como eu, não o consegue enganar, que já topou o seu jogo. Fita-a nos olhos durante um minuto.

— Sabe, minha senhora, sabe, isso é o que me dizem sempre acerca dos regulamentos...

Ele sorri. Sorriem ambos, observando-se e avaliando-se mutuamente.

o contrário.

-quando pensam que vou fazer precisamente

Então, largou-me a mão.

No cubículo envidraçado a enfermeira-chefe acabou de abrir um embrulho, vindo do estrangeiro, que contém vários frascos com um líquido esverdeado e leitoso com o qual está a encher seringas hipodérmicas.

Uma das enfermeiras, uma rapariga com um ar esquisito, que parece estar sempre preocupada, a espreitar por cima do ombro para o serviço que a outra está a fazer, pega no pequeno tabuleiro com as seringas cheias, mas não chega a levá-lo.

— Qual é, miss Ratched, a sua opinião acerca do novo doente? Quero dizer, ele é simpático, amigável e tudo o mais, mas, na minha modesta opinião, está a tentar levar a melhor.

A enfermeira-chefe experimenta uma agulha na ponta do dedo. «Receio», espeta a agulha na rolha de borracha do frasco e puxa o êmbolo, «receio que seja precisamente isso que o novo doente está a planear: levar a melhor. Ele é o que nós chamamos um manipulador, miss Flinn, um homem que se serve de tudo e de todos para atingir os seus objectivos.»

-Oh, sim, mas, quero dizer, num hospital psi-quiátrico? Quais poderiam ser os seus objectivos?

— Uma quantidade de coisas.

Está calma, sorrindo, perdida no trabalho de encher as seringas. «Conforto e uma vida fácil, por exemplo; o sentimento do poder e do respeito, talvez;

lucros monetários — ou talvez tudo isso Junto. As vezes os objectivos dum manipulador são simplesmente a destruição da enfermaria, pelo simples desejo de destruição. Há pessoas assim na nossa sociedade. Um manipulador pode influenciar os outros pacientes e corrompê-los de tal modo que podemos levar meses a pôr tudo novamente em ordem. Com a actual filosofia permissiva nos hospitais psiquiátricos, é-lhes fácil conseguir os seus propósitos. Alguns anos atrás era completamente diferente. Lembro-me que, há uns anos, tínhamos um homem, um tal sr. Taber, na enfermaria, que era um intolerável manipulador de enfermarias.

Foi-o durante algum tempo.» Desviou os olhos do trabalho, uma seringa meia-cheia em frente da cara, como uma pequena batuta. A sua expressão tornou-se distante e satisfeita com a recordação. «Senhor Tay-bur», disse.

— Mas o que, diabo, poderá fazer com que um homem deseje algo com a destruição duma enfermaria, miss Ratched? Qual seria o motivo...

Ela interrompeu a enfermeira, tornando a espetar a agulha na rolha de borracha do frasco, encheu a seringa, agitou-a e colocou-a no tabuleiro. Vi a sua mão procurando outra seringa vazia, vi-a girando à volta dela e parando.

instituição para loucos.

-Parece esquecer, miss Flinn, que isto é uma

A enfermeira-chefe tem tendência para ficar verdadeiramente irritada se alguma coisa impede a sua enfermaria de funcionar como uma máquina de pre-cisão, regular e perfeita. A mais pequena irregulari-

dade ou a mínima desordem ou estorvo transformam-na num verdadeiro poço de fúria. Gira para cá e para lá com o mesmo sorriso de boneca estampado entre o nariz e o queixo, mas lá por dentro está tensa como o aço. Eu sei, posso senti-lo. E conserva-se tensa até à ponta dos cabelos enquanto não põe tudo em ordem

—ou, como ela diz, «adaptado ao ambiente».



Sob a sua autoridade, a enfermaria está quase completamente adaptada ao ambiente. Mas o que acontece é que ela não pode estar sempre na enfermaria.

Tem que passar algum tempo no Exterior. Por isso, trabalha com a mira de adaptar também o mundo Exterior. O facto de trabalhar conjuntamente com outros como ela, formando aquilo a que chamo o «Sistema», constituindo uma vasta organização que se esforça por adaptar o Exterior, tal como ela o faz no Interior, transformou-a numa verdadeira veterana em adaptar coisas. Quando eu vim do Exterior, era já ela a enfermeira-chefe, há muito tempo, e continua a dedicar-se à adaptação, sabe Deus por quanto tempo ainda.

E via-a adquirir cada vez mais aptidões ao longo dos anos. A prática tornou-a mais decidida e fortaleceu-a, e exerce agora um poder que se estende em todas as direcções por intermédio de fios da grossura dum cabelo só visíveis aos meus olhos: vejo-a no centro desta teia de fios, como um autómato vigilante cuidando da sua obra com uma sabedoria mecânica de insecto, sabendo a cada momento qual o fio que está a funcionar e a quantidade de corrente que tem de usar para obter os resultados desejados. Fui assistente de electricista num campo de treino, antes do Exército me ter embarcado para a Alemanha, e estudei um pouco de electrónica no ano em que estive no colégio

e é por isso que aprendi o modo como se fazem estas coisas.

No centro desta teia, ela sonha com um mundo de eficiente precisão e de elegância, como um relógio de bolso com um vidro por detrás em vez da tampa, um lugar onde o quotidiano não sofra alterações e em que todos os doentes, obedecendo ao seu pulso de ferro, à excepção dos que estejam no Fixterior, sejam Crónicos agarrados às suas cadeiras de rodas, com cateteres que os ligam directamente ao esgoto debaixo do chão.

Ano após ano, ela tem formado a sua equipa ideal: vinham médicos, de todas as idades e de todas as espécies, e apresentavam-se diante dela com as suas ideias próprias acerca do modo como devia ser dirigida a enfermaria, alguns suficientemente determinados para as manterem, mas ela fixava-os, dia após dia,

com olhares secos e gelados, até que eles se retiravam percorridos por calafrios inverosímeis. «Digo-lhe que não sei o que é isto, confessavam ao encarregado do pessoal.

«Desde que comecei a trabalhar naquela enfermaria, com aquela mulher, sinto-me como se tivesse amónia nas veias. Sinto constantemente arrepios, os meus miúdos não se sentam ao meu colo e a minha mulher não quer dormir comigo. Insisto numa transferência

— para a neurologia, para a desintoxicação, para a pediatria, seja para onde for!»

Ela manteve esta situação durante anos. Os médicos duravam três semanas ou três meses. Até que, finalmente, se decidiu por um homenzinho com uma grande testa, cara larga e olhos pequenos, muito juntos; como se tivesse outrora usado óculos demasiado pequeninos, e os tivesse usado durante tanto tempo que lhe tivessem espremido a cara ao meio. E por essa razão tem-nos agora amarrados por um cordel ao botão do

colarinho. Eles baloigam na cana cor de púrpura do seu pequeno nariz e estão sempre a deslizar de um lado para o outro e ele tem que inclinar a cabeça quando fala, para os manter equilibrados. E este o seu médico.

Os seus três pretos para o trabalho diurno adquiriu-os ela ao fim de muitos anos, durante os quais examinou e rejeitou milhares doutros. Vinham apresentar-se numa longa fila de rabugentas e trombudas carrancas, odiando-a e odiando a sua brancura de boneca, mal lhe punham a vista em cima. Ela avaliava-os, e ao seu ódio, durante cerca de um mês, findo o qual as deixava ir embora porque o ódio não era suficientemente forte. Quando por fim arranjou os três que queria —um de cada vez, durante um certo número de anos, enredando-se no seu plano e na sua obra - estava absolutamente certa de que eles tinham uma dose de ódio suficiente para os fazer cumprir a sua tarefa.

O primeiro, arranjou-o ela cinco anos depois de eu ter entrado para a enfermaria: um anão retorcido e nervoso da cor do asfalto frio. A mãe dele tinha sido violada na Geórgia enquanto o pai assistia, amarrado com as cordas do arado ao ferro quente do fogão, o

sangue a escorrer-lhe para dentro dos sapatos. O rapaz: então com cinco anos, vira tudo da retrete, entortando os olhos para poder espreitar pela fenda entre a porta e a umbral, e não cresceu nem mais um centímetro a partir dessa ocasião. Agora as suas pálpebras flutuam perdidas nas órbitas, como se tivesse um morcego empoleirado na cana do nariz. Pálpebras como delgadas tiras de couro cinzento que ele ergue um nadinha quando algum novo branco entra na enfermaria, espreitando por baixo delas, estudando o homem de alto a baixo e fazendo um aceno com a cabeça, como se, oh,

sim, como se tivesse ficado com a certeza de alguma coisa de que já estava convencido. Quando pela primeira vez veio para o emprego, queria trazer uma meia. cheia de chumbo miúdo para meter na ordem os doen-tes. Mas ela disse-lhe que já não usavam esses proces-sos, fê-lo deixar a estupidez em casa e ensinou-lhe a sua própria técnica; ensinou-lhe a não mostrar o seu ódio, a ser calmo e a esperar, a esperar pela melhor oportunidade — a deixar a corda bamba e, no momento adequado, a puxá-la e a mantê-la esticada. Sempre.

E assim que eles se metem na ordem, ensinou-lhe ela.

Os outros dois pretos vieram dois anos mais tarde, apenas com um mês de diferença um do outro e são tão parecidos que até pensei que ela tivesse feito um duplicado do que chegara primeiro. São altos, ossudos e manhosos e as suas faces têm talhadas expressões que nunca mudam,, como pontas de flechas de pedra.

Os olhos parecem agulhas. E se alguém roça nos cabelos deles fica com a pele arranhada.

São todos negros como telefones. Quanto mais negros são, aprendeu-a ela com aquela longa fila escura que lhe passou pela frente, mais tempo dedicam à limpeza da enfermaria. Por exemplo, os três uniformes destes rapazes estão sempre imaculadamente brancos, como a neve. Brancos, frios e tesos, precisamente como ela.

Usam os três calças brancas-de-neve engomadas, camisas brancas com molas de metal num dos lados e sapatos brancos polidos como gelo, sapatos com solas de borracha vermelha,

silenciosos como ratos atravessando o átrio para cá e para lá. Nunca fazem o mínimo ruído quando se movem. Sempre que algum paciente pensa estar sozinho ou sussurra em segredo a outro tipo, eles materializam-se em diferentes pontos da

enfermaria. Um doente está num canto, completamente só, quando, de repente, ouve um guincho e sente um frio na cara. Volta-se nessa direcção e lá está uma máscara de pedra fria, flutuando acima dele, de encontro à parede. Vê apenas a cara preta. Ninguém. As paredes são brancas como o branco das roupas deles, polidas e limpas como a porta dum frigorífico, e a cara e as mãos pretas parecem flutuar contra elas como fantasmas.

Com os anos de treino os pretos sintonizam cada vez melhor com a frequência da enfermeira-chefe.

Um após outro, são capazes de desligar os fios de comando directo e continuar a funcionar perfeitamente.

Ela nunca dá ordens em voz alta nem deixa instruções escritas que possam ser encontradas pela visita de uma esposa ou de um professor. Já não precisa de o fazer.

Estão em contacto num comprimento de onda de ódio de alta frequência e os pretos estão lá fora executando as suas ordens antes mesmo que ela as formule.

Por isso, depois da enfermeira ter formado a sua equipa, a eficácia rege a enfermaria como um relógio de precisão. Tudo o que os rapazes pensam, dizem e fazem, é estudado com meses de antecedência, com base nas pequenas notas que a enfermeira tira durante o dia. Estas são dactilografadas na máquina que oiço matraquear por detrás da porta de aço das traseiras da Sala das Enfermeiras. Algumas, com o Programa do Dia, são devolvidas e perfuradas com um padrão de pequenos furos quadrados. No começo de cada dia, o cartão PD da data respectiva é colocado numa ranhura da porta de aço e as paredes começam a zum-bir: acendem-se as luzes no dormitório às seis e meia: os Agudos saltam rapidamente da cama, conforme os pretos os vão picando, mandando-os limpar o chão,

esvaziar os cinzeiros e polir as manchas deixadas na parede por um pobre diabo que teve na véspera um curto-circuito e se

dissipou horivelmente numa nuvem de fumo, deixando um cheiro a borracha queimada. Os Rolantes atiram as pernas mortas como cepos para fora da cama e esperam, feitos estátuas, que alguém lhes traga as cadeiras de rodas. Os Vegetais mijam na cama, activando um aparelho que provoca choques eléctricos, toca uma campainha e os atira para o chão onde os pretos os lavam à mangueira e lhes vestem os uniformes verdes.

As seis e quarenta e cinco as máquinas de barbear zumbem e os Agudos alinham por ordem alfabética defronte dos espelhos: A, B, C, D,... Os Crónicos que podem andar, como eu, seguem-se aos Agudos, quando estes acabam, e depois vêm os Rolantes, empurrados nas suas cadeiras. Aos três tipos velhos que ficam de fora, põem-lhes uma camada de pasta amarelada na pele solta, por baixo do queixo, e barbeiam-nos nas suas poltronas na sala de estar, com uma correia de couro à volta da cabeça para evitar que a mexam. Nalgumas manhãs — especialmente às segundas-feiras - escondo-me e tento fugir às normas. Noutras, penso que é melhor pôr-me no meu lugar, entre o A e o C, e sigo o meu caminho como todos os outros, sem levantar os pés do chão — potentes imãs fazem mover o pessoal na enfermaria como bonecos...

As sete é a hora do pequeno-almoço e a ordem de alinhamento inverte-se: primeiro os Rolantes, depois os Itinerantes e, finalmente, os Agudos, pegam nos tabuleiros e servem-se de corn-flakes, presunto e ovos, torradas e, esta manhã, pêssigo de conserva numa folha verde de alface. Alguns dos Agudos levam os tabuleiros aos Rolantes. A maior parte destes são Cró-

nicos com as pernas inutilizadas e são eles próprios que se servem, mas há três que não se podem mexer do pescoço para baixo e pouco do pescoço para cima.

São os Vegetais. Depois de todos estarem sentados, os pretos empurram-nos, enconstam-nos à parede e trazem-lhes tabuleiros idênticos com comida com um aspecto pastoso juntamente com uns pequenos cartões brancos de dieta presos aos tabuleiros. Alimento em puré, lê-se nos cartões: ovos, presunto, torradas, tudo moído trinta e duas vezes pela máquina de aço inoxidável da cozinha. Vejo os seus lábios enrugados como uma mangueira de vácuo,

esguichando um coagulo de presunto moído no prato, com o barulho duma bosta a cair.

Os pretos enchem demasiado depressa as bocas rosadas dos Vegetais, impedindo-os de engolir e o puré escorre-lhes pelo queixo, sujando os uniformes verdes.

Insultam-nos e tornam-lhes as bocas maiores, abanando a colher, como se estivessem a tirar as pevides duma maçã podre: «Este velhote está-se a desfazer diante dos meus olhos. Já não sei se lhe estou a dar de comer puré de presunto ou pedaços da sua língua fodida...»

As sete e meia voltam para a sala de estar.

A enfermeira-chefe olha à volta, através dos seus óculos especiais, sempre tão polidos que não sabemos se os tem postos ou não, acena, aprovando satisfeita o que vê, arranca e rasga uma folha do seu calendário.

E menos um dia que falta para atingir a meta preten-dida. Carrega num botão para que tudo comece. Ouço o ruído provocado por uma chapa de zinco percutida algures. Todos esperam ordeiramente. Agudos: sentem-se no vosso lado da sala de estar e esperem que vos tragam as cartas e o monopólio. Crónicos: sentem-se no vosso lado da sala-de-estar e esperem que

Vermelha. Ellis: à para o se er ligado to d parede, com as mãos levantadas, para s abando às coreias e me pelas pernas abaixo. Pete: asame a cabeça como cim boeco. Se a lon: frente, para constros caleia das cro ama da mear, à sua dir um mundo a rur uma bonha a fingir e fazer explodir um mundo a fingir. Harding: comece a falar, acenando com essas mãos de pomba bem no ar e depois ponha-as debaixo dos sovacos porque um homem crescido não deve andar a acenar dessa maneira com umas mãos tão bonitas. Sefelt: comece a lamentar-se das suas dores de dentes e da queda do cabelo. Todos: inspirem... expirem... ao mesmo tempo!

Os corações todos a bater à cadência ordenada pelos cartões do Programa do Dia.

Parece um mundo de banda desenhada, saído dalguma história do Pateta, em que as figuras são planas e desenhadas a preto, e

que poderia ter muita piada se não se tratasse de verdadeiros seres humanos...

Às sete e quarenta e cinco, os pretos percorrem a fila dos Crónicos, fixando cateteres nos que ainda os podem segurar. São preservativos já usados com a ponta cortada e ligados a tubos, indo das pernas até um saco de plástico com a indicação DEITAR FORA, NÃO TORNAR A USAR, sacos esses que tenho que lavar todas as noites. Os pretos fixam os preservativos com adesivo aos pelos: os mais velhos, de tanto tirar o adesivo, já não têm pêlos — parecem bebés.

As oito as paredes zumbem em plena actividade.

O alto-falante do tecto, pela voz da enfermeira-chefe, diz: «Tratamentos». Olhamos para o cubículo de vidro onde ela está sentada, mas não a vemos perto do micro-fone. De facto, está a três metros dele, ensinando uma das enfermeiras a preparar um asseado tabuleiro de drogas, com pílulas colocadas em perfeita ordem. Os

Agudos formam bicha na porta de vidro: A, B, C, D...

Depois os Crónicos e finalmente os Rolantes (os Vegetais recebem a sua dose mais tarde, misturada com uma colher de compota de maçã). Os tipos vão desfilando e recebem uma cápsula e um copo de papel

- engolem-na, a enfermeira enche-lhes o copo de água que eles bebem, lavando-o a seguir. Nalgumas raras ocasiões há algum louco que pergunta o que é que o querem fazer engolir.

— Espere um bocadinho, querida. Para que são essas duas cápsulas vermelhas ali ao pé da minha vitamina?

Conheço-o. É um Agudo rezingão e matulão que já está a ganhar a reputação de criar problemas.

—E apenas um medicamento, sr. Taber, faz-lhe bem. Va, agora tome-as.

—Mas o que eu quero saber é que espécie de medicamento. Cristo, que são pílulas estou eu a ver...

- Engula, vamos, sr. Taber. Faça-o por mim.

Deita uma rápida olhadela à enfermeira-chefe para ver se a sua técnica de flirt obtém a sua aprovação e torna a olhar para o Agudo.

Este ainda não está disposto a engolir uma coisa que não sabe o que é, nem mesmo por ela.

=Ô menina, não gosto de armar barulho. Mas também não gosto de engolir nada que não saiba o que é. Quem é que me diz que essas não são daquelas pílulas esquisitas que nos transformam em algo que não somos?

—Não se aborreça, sr. Taber...

- Aborrecer-me? Tudo o que quero saber, pelo amor de Deus...

Mas a enfermeira-chefe aproximou-se silenciosamente, agarrou-lhe no braço, impedindo-o de o mexer.

—Está bem, miss Flinn. Se o sr. Taber prefere portar-se como uma criança, tem que ser tratado como tal. Tentámos ser amáveis e atenciosas para ele, mas obviamente não é este o método mais adequado. Hostilidade, hostilidade, é o agradecimento que recebemos.

Pode ir, sr. Taber, já que não deseja tomar o seu remédio oralmente.

—Tudo o que eu queria saber, por...

- Pode ir.

Ele sai, resmungando, depois de ela lhe largar o braço e passa a manhã chateado à volta da retrete, pensando naquelas cápsulas. Uma vez consegui pôr uma daquelas mesmas cápsulas vermelhas debaixo da língua, fingindo tê-la engolido, e esmaguei-a mais tarde no cubículo das vassouras. Por um momento, antes de se ter transformado num pó branco, pude ver que era um elemento electrónico miniaturizado, como aqueles com que trabalhei no Corpo de Radar no Exército. Fios microscópicos, condensadores e transistores, propositadamente fabricados para se dissolverem em contacto com o ar...

Às oito e vinte, começam os jogos de cartas e os puzzles...

As oito e vinte e cinco, um dos Agudos diz que costumava espreitar a irmã a tomar banho; os três tipos que estão à mesa com ele olham uns para os outros para saber quem deveria ir escrever no diário...

As oito e meia, a porta da enfermaria abre-se e dois técnicos, cheirando a vinho, entram apressada-mente: andam sempre assim



depressa porque estão tão inclinados para a frente que de outro modo não se equilibrariam. Estão sempre assim inclinados para diante e exalam aquele cheiro, como se esterilizassem os instrumentos com vinho. Fecham a porta do labo-

ratório por trás deles e eu, que estou a varrer ali ao pé, consigo perceber: o som de vozes por cima do zzzzt-

-zzzzt-zzzzt do aço na pedra de amolar.

- Que há tão cedo, a uma hora destas?

— Temos que instalar um Interruptor Permanente

Anti-Curiosidade num tipo intrometido. Trabalhem depressa, disse ela. E eu nem tenho a certeza se temos em armazém um aparelho desses.

— Devemos ter que pedir à IBM que nos mande um urgentemente. Vou ver no armazém.

—Eh, já que vais lá abaixo, traz uma garrafa do bom. Cheguei a um ponto em que não consigo fazer um serviço destes sem uma boa pinga. Mas, com os diabos, sempre é melhor que trabalhar numa garagem.

As suas vozes são forçadas e as respostas demasiado rápidas para ser uma conversa de verdade

— parece mais o diálogo dum filme de desenhos animados. Afasto-me rapidamente para não ser apanhado a escutar à porta.

Os dois pretos matulões agarram no Taber, ao pé da retrete, e arrastam-no para o quarto das enxergas.

Um deles dá-lhe um pontapé nas canelas. Ele grita como se estivessem a matá-lo. Fiquei surpreendido pelo modo como ele parecia desamparado quando o agarra-ram, como se estivesse embrulhado em ligaduras de

ferro.

Empurraram-no, fazendo-o ficar de cara para baixo no colchão. Um deles senta-se em cima da sua cabeça e o outro rasga-lhe as calças atrás e tira-lhe a roupa até o rabo cor de pêssego ficar a parecer um quadro com uma moldura verde alface. Abafa imprecações no colchão e o negro que está sentado em cima da cabeça diz: «Está bem, sinhô Taber, está bem...» A enfermeira aparece no átrio untando de vaselina uma longa

seringa, fecha a porta de modo que eles ficam fora de vista durante um segundo, e torte a sair, limpando a seringa num pedaço das calças de lã. Deixou o boião de vaselina no quarto. Antes que o preto possa fechar a porta atrás dela, vejo o outro ainda sentado na cabeça dele, esfregando-o com um lençol. Permanecem lá durante muito tempo até que a porta se torna a abrir e saem, carregando-o pelo átrio até ao laboratório. Acabaram de arrancar-lhe o uniforme verde e trazem-no embrulhado num lençol molhado.

Às nove horas, jovens internos com cotoveleiras de cabedal conversam com os Agudos acerca da sua vida quando garotos. A enfermeira-chefe desconfia destes jovens com cabelos à recruta e aqueles cinquenta minutos em que eles estão na enfermaria são para ela bem difíceis de passar. Enquanto estão por aí, o mecanismo parece avariar-se e ela fica carrancuda e toma notas para tentar descobrir nos seus registos algumas antigas violações de tráfico ou outras...

Às nove e cinquenta, os internos saem e o maquinismo volta a zumbir suavemente. A enfermeira observa, do seu gabinete envidraçado, a sala de estar. O cenário diante dela retoma novamente aquela claridade azul-aço e aquele movimento impecável dum filme de desenhos animados.

Taber é levado do laboratório numa maca rolante.

— Tivemos que lhe dar outra injeção quando ele se começou a levantar durante a punção à espinha

— dizem os técnicos à enfermeira. - Que nos diz à ideia de o levarmos para o Edifício Um e dar-lhe uma dose de TEC enquanto o estivermos a tratar? Deste modo pouparemos o Seconal.

---

1 Terapêutica de electrochoque. (N. do T.)

— Parece-me uma excelente sugestão. Depois levem-no para o eletroencefalograma e examinem-lhe a cabeça - podemos encontrar algum indício que nos mostre a necessidade duma intervenção ao cérebro.

Os técnicos saem, tão rapidamente como entraram, levando o tipo na maca rolante, como desenhos animados — ou como

bonecos, bonecos mecânicos duma dessas representações de Punch and Judy<sup>3</sup>, em que se deve achar piada ao facto do boneco derrotar o Diabo e ser engolido por um jacaré sorridente...

Às dez, chega o correio. Às vezes recebe-se um envelope rasgado.

Às dez e meia, vem o Relações Públicas seguido por um grupo de senhoras dum clube. À porta da sala de estar bate palmas com as suas mãos gordas.

-Olá, amigos: bico calado, bico calado... reparem, pequenas. Não é impecável? Tão imaculadamente limpo!

Esta é miss Ratched. Escolhi esta enfermaria porque é a sua enfermaria. Pequenas, ela é tal qual uma mãe para eles. Não que seja velha, vocês compreendem-me, não?...

O seu colarinho está tão apertado que lhe faz inchar a cara quando se ri, e ele passa a maior parte do tempo a rir. Ri alto e muito depressa como se quisesse parar e não pudesse e eu nunca cheguei a saber porque diabo se ri ele. A sua cara fica congestionada, vermelha e redonda, como um balão no qual tivessem pintado um rosto. Não tinha pêlos nas faces e para dizer a verdade também não os tinha na cabeça. Parece que em tempos tentara colar alguns, mas eles continuavam a escorregar e a amontoar-se nos punhos, no bolso da

---

<sup>3</sup> Teatrinho de fantoches muito popular nos E. U. A. (N. do T.)  
camisa e dentro da gola. E talvez por isso que usa o colarinho tão apertado, para evitar que os cabelos le caiam para dentro do pescoço.

E talvez seja por isso que ri tanto, por não ser capaz de impedir os cabelos de entrarem.

E ele quem conduz essas visitas — mulheres sérias com casacos berrantes, que concordam quando refere as grandes mudanças verificadas ao longo destes anos.

Aponta para a TV, para as grandes poltronas de cabe dal e para os bebedouros. Depois vão todos beber café à Sala das Enfermeiras. Às vezes fica sozinho de pé no meio da sala-de-estar e bate palmas

(podemos ouvir que elas estão molhadas), duas, três vezes, até ficarem coladas, juntas debaixo do queixo, como se estivesse a rezar, e começa a andar às voltas. Volteia para um lado e para outro, ali no meio da sala-de-estar, olhando freneticamente para a televisão, para os quadros novos, para os bebedouros. E rindo.

Nunca nos diz o que há de tão engraçado naquilo que vê e a única coisa a que achamos piada é ao facto de o ver para ali às voltas, como um boneco de borracha — se o empurrássemos voltava à posição inicial, como um sempre-em-pé, com o seu contrapeso nos pés, retomando logo as suas voltinhas. Nunca olha para as pessoas de frente...

Dez e quarenta, dez e quarenta e cinco, dez e cin-quenta. Os doentes vagueiam para cá e para lá, com consultas na ET (eletroterapia) ou na TO (terapêu-tica ocupacional) ou na FT (Fisioterapia), ou em misteriosas saletas em que as paredes nunca são do mesmo tamanho e o chão está a níveis sempre diferentes.

A maquinaria zumbe como se tivéssemos atingido uma velocidade de cruzeiro.

Também a enfermaria zumbe. Parece uma fábrica de fiação de algodão que visitei uma vez, quando a nossa equipa de futebol foi jogar a uma universidade na Califórnia. Foi um desses anos, depois duma boa época. Os adeptos da cidade estavam tão orgulhosos e arrebatados que nos pagaram a viagem de avião à Califórnia para irmos jogar com a equipa campeã universitária. Quando lá chegámos tivemos que ir visitar algumas indústrias locais. O nosso treinador queria convencer as pessoas que a educação física era educativa pelo muito que se podia aprender nas deslocações e em cada viagem conduzia a equipa, antes do jogo, em visitas a fábricas de lacticínios, a quintas de produção de beterraba e a fábrica de conservas. Na Cali-fórnia, coube a vez a uma fiação de algodão. Quando lá chegamos, a maior parte dos jogadores deu uma olhadela e voltou para o autocarro, sentando-se a fazer paciências de cartas em cima das malas, mas eu fiquei lá dentro, a um canto, no caminho das pretas que andavam dum lado para o outro, entre as máquinas. A fabrica levou-me a uma espécie de sonho, todos aqueles ruídos das pessoas e das máquinas com

um ritmo deter-minado. Foi isso que me fez ficar quando os outros saíram, isso, e também o modo como aquilo me fez lembrar os homens da tribo, que deixaram a aldeia nos últimos dias para irem trabalhar na britadeira de cascalho da represa. O frenesim do sistema, as pessoas hipnotizadas pela rotina... queria voltar para o auto-carro, para junto dos outros, mas não conseguia.

Era uma manhã dos primeiros dias de Inverno.

Tinha ainda vestido o casaco que nos haviam dado quando ganhámos o campeonato — um casaco verde e encarnado, com mangas de cabedal e com um emblema, representando uma bola de futebol, cosido na parte de trás, anunciando a nossa vitória — e ele estava a

chamar a atenção de muitas pretas. Despi-o, mas elas continuaram a olhar. Naqueles dias eu era um bom pedaço mais alto.

Uma delas largou a máquina, olhou para um lado e para o outro dos corredores, para ver se o encarregado estava por perto, e dirigiu-se para o sítio onde eu estava. Perguntou-me se iam jogar contra a universidade nessa noite e disse-me que tinha um irmão que jogava a defesa por eles. Falámos um pouco acerca de futebol e outras coisas parecidas e reparei que a sua cara parecia uma sombra, como se houvesse uma neblina entre mim e ela. Era a penugem do algodão que cirandava no ar.

Falei-lhe dessa penugem. Revolveu os olhos e apertou a boca na mão para abafar o riso quando lhe disse que parecia estar a ver a sua cara numa manhã de nevoeiro durante uma caçada aos patos. Disse:

-Para que havia de querer estar sozinho comigo numa caçada aos patos?

Disse-lhe que podia ficar a tomar conta da minha arma. Todas as raparigas na fábrica desataram a rir, procurando abafar o riso nas mãos. Ri-me, também, vendo como tinha sido esperto. Estávamos ainda a falar e a rir, quando ela repentinamente me agarrou nos pulsos e me empurrou para trás. Os seus olhos tornaram-se focos brilhantes: vi que estava aterrorizada com alguma coisa. Disse, num sussurro:

— Leva-me, leva-me contigo, grandalhão. Para fora desta fábrica, para fora desta cidade, para fora desta vida. Leva-me para algum sítio onde se possa dalhãa, hã?

caçar patos, Leva-me para qualquer lugar. Hã, granA sua cara escura, bonita, brilhava defronte de mim. Fiquei para ali, aparvalhado, com a boca aberta

pensando nalguma coisa para lhe dizer. Estivemos assim, pregados ao chão, talvez uns dois segundos; então o barulho da fábrica aumentou de repente e alguma coisa começou a afastá-la de mim, Algures, um fio, que eu não via, estava preso à sua saia vermelha com flores e rebocava-a para trás. As unhas dos seus dedos escorregavam-me pelas mãos abaixo e assim que ela deixou de estar em contacto comigo os focos dos seus olhos apagaram-se e a sua expressão tornou-se mole e esbatida, como chocolate derretido, por trás daquela névoa de algodão esvoaçante. Riu-se e deu uma volta, deixando-me ver um bocado da perna amarelada, quando a saia rodou. Piscou-me o olho sobre o omiora, enquanto corria para a máquina, onde uma pilha de fibra caía da mesa para o chão. Agarrou-a e correu, leve como uma pena, pelos corredores, depositando-a num saco. Deixei de vê-la quando dobrou a esquina.

Aqueles fusos, rolando e rodando, as lançadeiras saltando à volta, as bobinas enchendo o ar de fios, as paredes brancas, lavadas, as máquinas dum cinzento-

-aço e as raparigas com as suas saias floridas, saltando para trás e para diante, tudo isto ligado a uma teia de fios brancos unindo toda a fábrica — tudo me ficou gravado na memória e, de vez em quando, há qualquer coisa na enfermaria que mo faz recordar.

Sim. O que sei é isso. A enfermaria é uma fábrica para o Sistema. Foi para remediar os erros cometidos no exterior, nas escolas, nas igrejas, que construíram o hospital. Quando um produto acabado regressa a sociedade, consertado como se fosse novo, às vezes até melhor, isso dá uma grande alegria ao coração da enfermeira-chefe. Aquilo que tinha entrado totalmente desarranjado, é agora um componente funcional, adaptado, um crédito para a instituição e uma mara-

vilha para os olhos. Vejam-no, deslizando pela terra, com um sorriso que lhe colaram ao rosto, acomodando-se nalgum sítio bonito das imediações. Neste momento está a cavar fossos ao longo da rua para colocar os canos da rede de água da cidade. Está contente. Finalmente, está adaptado ao ambiente...

—Pois nunca vi nada mais extraordinário do que a transformação operada no Maxwell Taber, quando deixou o hospital. Tem apenas aquelas pequenas marcas negras e azuis em volta dos olhos e um pouco de peso a menos. Mas, sabe que mais? É um homem novo.

Caramba! A moderna ciência americana...

Todas as noites, um pouco depois da meia-noite, a luz fica acesa na janela do seu rés-do-chão, enquanto os Elementos de Reacção Retardada que os técnicos instalaram lhe fornecerem aos dedos a destreza de que precisa para acariciar o corpo adormecido da mulher e as suas duas filhitas de quatro e de seis anos e para jogar bowling com o seu vizinho, as segundas-feiras.

Adapta-os, tal como foi adaptado. E assim que eles constroem o seu mundo.

Quando finalmente for desta para melhor, daqui por alguns anos, a cidade ama-o devotadamente. O jornal publica a sua fotografia a ajudar os escuteiros no Dia da Limpeza do Cemitério e a mulher recebe uma carta do reitor da universidade dizendo que Maxwell Wilson Taber era um homem que devia inspirar a juventude da nossa fina comunidade.

Até os embalsamadores, normalmente dois avarentos de primeira, ficam comovidos.

— Sim, olha para ele. O velho Max Taber era um bom tipo. E se usássemos aquela urna mais cara, sem que daí venha alguma despesa extra para a mulher?

Não, vamos fazê-lo à conta da casa.

Uma Recuperação bem sucedida como esta dá bastante alegria à enfermeira-chefe e diz bem da sua capacidade profissional e das instituições em geral.

Todos ficam contentes com uma Recuperação.

Mas um Ingresso é outra história. Mesmo o Ingresso mais bem comportado obriga a um certo trabalho para entrar na rotina. Nunca se pode dizer se determinado indivíduo recém-chegado é suficientemente atrevido para cometer infracções a torto e a direito e provocar uma confusão dos diabos, constituindo assim uma ameaça para o funcionamento normal da instituição. E, como já expliquei, a enfermeira-chefe fica verdadeiramente fora de si se alguma coisa impede o seu serviço de correr sobre esferas.

Antes do meio-dia tornam a ligar a máquina do nevoeiro, mas não a põem a funcionar no máximo.

O nevoeiro não é muito espesso, mas só consigo ver em redor se fizer um grande esforço. Um destes dias desisti de me esforçar e deixei-me perder no nevoeiro, tal como fazem alguns Crónicos, mas neste momento estou interessado no recém-chegado — quero ver as suas reacções na Secção de Grupo que se avizinha.

As dez para a uma, os pretos mandam os Agudos preparar a sala para a sessão. As mesas são todas retiradas da sala-de-estar e levadas para a sala das tinas

— puseram a sala, observa McMurphy, como se estivessem a preparar-se para dar um baile.

A enfermeira-chefe observa tudo da sua janela.

Durante três longas horas não se mexeu do seu lugar, em frente daquela janela, nem sequer para almoçar.

A sala-de-estar fica livre das mesas e, à uma hora, aparece no átrio o médico vindo do seu gabinete. Faz um aceno à enfermeira, quando passa pela janela, onde ela continua a observar tudo, e senta-se na sua cadeira à esquerda da porta. Depois, sentam-se os doentes, a seguir as enfermeiras e por fim os internos. Quando estão todos sentados, a enfermeira-chefe levanta-se do seu lugar defronte daquela janela e dirige-se para o fundo da Sala das Enfermeiras,



para junto do painel de aço com os seus mostradores e botões. Liga uma

espécie de piloto automático que fica a dirigir as operações enquanto ela está afastada, e entra na sala-de-estar, trazendo um caderno e o cesto cheio de notas.

O seu uniforme, mesmo depois de meio dia de trabalho, continua engomado e teso e sem a mínima ruga. Quando se dobra faz um barulho, nas articulações, como uma lona gelada ao ser dobrada.

Senta-se mesmo à direita da porta.

Logo que o faz, o velho Pete Bancini inclina-se para os pés e começa a abanar a cabeça e a resfolgar.

— Estou cansado. Caramba! Meu Deus! Oh, como estou cansado...

Repete esta cena sempre que há um tipo novo na enfermaria. A enfermeira-chefe não olha para ele. Esta a revirar os papéis no cesto.

— Alguém que se vá sentar ao lado do sr. Bancini.

Acalmem-no para que possamos começar a sessão.

E o Billy Bibbit quem vai. Pete voltou-se para McMurphy, bamboleando a cabeça dum lado para o outro, como uma lanterna num cruzamento ferroviário. Trabalhou durante trinta anos nos caminhos de ferro. Agora está completamente acabado mas ainda se consegue lembrar desses tempos.

— Estou cansado - repete, maneando a cabeça na direcção de McMurphy.

- Acalma-te, Pete — pede Billy, pondo-lhe uma mão sardenta no joelho.

- ...terrivelmente cansado...

—Eu sei, Pete. — Dá-lhe pancadinhas no joelho macilento. Pete empurra-lhe a cara e chega à conclusão que, desta vez, ninguém prestará atenção às suas queixas.

A enfermeira tira o relógio de pulso, olha para o relógio de parede da enfermaria, dá-lhe corda e colo-

caro, voltado para si, em cima do cesto. Tira de lá de dentro uma pasta.

-Bem. Vamos começar a sessão?

Olha à volta, sorrindo serenamente e rodando a cabeça no colarinho, para ver se mais alguém a irá interromper. Os tipos não olham para ela: estão todos entretidos com as peles das unhas. A excepção de McMurphy. Instalou-se num canto, num cadeirão, como se quisesse ficar ali para sempre, e observa os seus mínimos gestos. Tem ainda o gorro enfiado na cabeça vermelha como se fosse um corredor de motos. Segura nos joelhos um baralho de cartas que corta só com uma mão, dando depois um estalo que soa como um estoiro no meio do silêncio geral. Os olhos da enfermeira poisam-se nele por um momento. Durante toda a manhã o esteve a observar, e embora não tivesse visto dinheiro a passar de mão em mão, suspeita que ele não sera exactamente do tipo dos que se contentam com a regra da enfermaria de que só se pode jogar a fósforos. O baralho sussurra ao ser aberto e dá novo estalo ao fechar-se, depois desaparece, algures naquelas grandes mãos.

A enfermeira volta a olhar para o relógio e tira um papel da pasta que está a segurar. Observa-o e volta a colocá-lo no lugar. Pousa a pasta e pega no caderno. Ellis, no seu lugar, junto à parede, tosse. Ela espera que ele pare.

— Bem. Quando acabou a sessão de sexta-feira.... estávamos a discutir o problema do sr. Harding... acerca da sua jovem esposa. Ele tinha declarado que os peitos dela eram extremamente bem dotados e que isso o punha pouco à vontade, pois atraía os olhares dos homens na rua.

Começa a folhear o caderno até chegar à página que está procurando. Por cima do caderno vêem-se pequenas tiras de papel a marcar as folhas.

— Segundo as notas assinaladas no caderno, alguns doentes ouviram o sr. Harding afirmar que «a maldita dá a esses bastardos razão para olharem». Também o ouviram dizer que é possível que ele lhe tivesse dado razão para procurar atracções sexuais. Ouviram-no dizer: «a minha querida e terna, mas ignorante mulherzinha pensa que qualquer palavra ou gesto que não sejam acompanhados de força física ou brutalidade, são palavras ou gestos de maricas.»

Continua tranquilamente, por uns momentos, a ler o livro e depois fecha-o.

— Disse também que os grandes peitos da mulher he provocavam um sentimento de inferioridade. Bom.

Alguém quer tocar neste assunto?

Harding fecha os olhos e ninguém diz nada.

McMurphy olha à volta para os outros tipos, para ver se alguém vai responder à pergunta da enfermeira, e, então, levanta o braço e estala os dedos, como um miúdo na escola. A enfermeira faz-lhe um aceno.

-Sr.... hã... McMurphy?

- Tocar em quê?

— Em quê? Falar...

— Perguntou, parece-me, «Está alguém interessado em tocar»...

- Tocar no assunto, sr. McMurphy. O assunto são os problemas do sr. Harding com a esposa.

—Ah! Pensei que queria dizer tocar nela... ou qualquer coisa do género.

—O que quer dizer com...

Mas interrompe-se. Por um momento quase se atrapalhou. Alguns Agudos abafavam risotas. McMurphy espreguiçou-se, bocejou e piscou os olhos a Harding. A enfermeira, então, com a maior das calmas, voltou a pôr o caderno no cesto e retirou de lá outro.

Abriu-o e começou a lê-lo.

-McMurphy, Randle Patrick. Transferido pelo

Ministério da Justiça do Campo de Correção de Pen-deton. Para diagnóstico e possível tratamento. Trinta e cinco anos de idade. Solteiro. Condecorado com a Cruz de Serviços Distintos na Coreia, por dirigir uma fuga de um campo de concentração comunista. Posteriormente, uma passagem compulsiva à disponibilidade, por insubordinação. Segue-se o relato de brigas de rua e lutas em bares e uma série de prisões por Embriaguez, Agressão, Perturbação da Ordem, jogo ilícito com reincidência e uma prisão por... Estupro.

— Estupro?

- Em termos legais, com uma rapariga de...

— Alto lá. Não a podem provar. A pequena recusou-se a testemunhar.

Disse isto virado para o médico.

— Com uma garota de quinze anos.

— Ela disse que tinha dezassete, doutor. E estava mais que desejosa.

— Um exame do médico do tribunal à criança registo...

comprovou o estupro. E estupro repetido, refere o

— Ela estava de facto tão desejosa que depois tive que cozer a braguilha das minhas calças.

— Apesar das declarações do médico, a criança recusou-se a testemunhar. Parece ter havido intimidação. O réu abandonou a cidade pouco depois do julgamento.

— Eh! Alto aí! Eu tive que sair. Doutor, deixe-me contar-lhe, — Inclinou-se para a frente, com um coto de vela no joelho, baixando a voz ao dirigir-se ao médico, no outro lado da sala. — Aquela miúda histérica ter-me-ia feito em frangalhos, quando atingisse os dezasseis anos exigidos pela lei.

A enfermeira fechou a pasta e passou-a ao médico.

«O nosso novo Ingresso», disse, como se tivesse dobrado um tipo naquele papel amarelo e o tivesse passado ao outro para que ele o observasse.

— Tinha pensado em dar-lhe conhecimento desse registo logo à tarde, mas como ele parece insistir em defender-se aqui, na Sessão de Grupo, talvez possamos tratar disso agora.

O médico busca os óculos no bolso, puxando pelo cordel, e coloca-os no nariz, à frente dos olhos. Ficam um pouco inclinados para a direita, mas ele vira a cabeça para a esquerda e equilibra-os. Sorri ligeiramente ao olhar para a pasta, como se estivesse divertido pela maneira sem-vergonha como este recém-chegado fala. Também nós estamos divertidos. Mas, tal como nós, tem cuidado em não o deixar transparecer com alguma descuidade gargalhada. Quando chega ao fim, fecha a pasta e torna a pôr os óculos no bolso.

Olha para o sitio onde esta McMurphy, inclinado para ele; no outro lado da sala de estar.

-O sr. não teve, parece, nenhum outro caso psi-quiátrico, sr. McMurphy?

— McMurphy, doutor.

—Oh? Mas pensei... a enfermeira estava a dizer...

Torna a abrir a pasta, busca aqueles óculos, olha para o registo durante um minuto antes de o fechar, e repõe os áculos no bolso.

- Sim. McMurphy. Tem razão. Peço-lhe desculpa.

— Não faz mal, doutor. Foi a senhora que come-sou com isso, foi ela que cometeu o erro. Tenho conhe-

cido pessoas com tendências para fazerem o mesmo.

Tinha um tio que se chamava Hallahan e que vivia com uma mulher que fingia não se lembrar bem do seu nome e o chamava Hooligan só para o enfurecer. Decorreram meses antes que ele a fizesse acabar com aquilo. Mas quando o fez, fê-lo bem feito.

— Sim? Como foi que ele fez?

McMurphy arreganhou os dentes e esfregou o nariz com o polegar.

-Ah, ah. Não, não o posso dizer. Bem vê, pode ser que eu precise ainda desse segredo algum dia.

Falou virado para a enfermeira. Ela sorri e ele vira-se para o médico.

- Bom. O que queria saber acerca do meu registo, doutor?

— Sim, é verdade. Estava com curiosidade de saber se o senhor ja alguma vez tinha tido problemas psiquiá-tricos. Alguma análise, algum período passado noutra instituição?

-Bem, contando com as prisões distritais e as prisões municipais...

- Instituições mentais.

—Ah! Se é esse o caso, não. Esta é a minha primeira viagem. Mas eu sou louco, doutor. Juro que sou.

Vem aí... deixe-me mostrar-lhe. Creio que aquele médica lá no campo de trabalho...

Levanta-se, mete o baralho de cartas no bolso do casaco e atravessa a sala, inclinando-se por cima do ombro do médico e

folheando a pasta. aqui, algures em qualquer lado...

— Parece-me que ele escreveu qualquer coisa, para

— Sim? Não reparei. Só um momento.

Torna a pescar os óculos, põe-nos e olha para o lugar onde McMurphy está a apontar.

— Aqui mesmo, doutor. A enfermeira deixou passar isto quando estava a resumir o meu registo. Aqui onde diz: «O sr. McMurphy evidenciou repetidamente», só quero ter a certeza de que sou perfeitamente com-preendido, doutor, «repetidamente, crises de fúria que sugerem o possível diagnóstico de psicopata». Ele disse-me que «psicopata» significa que brigo e fô... des-culpem-me, senhoras, quer dizer que sou demasiado zeloso nas minhas relações sexuais. Doutor, isto é mesmo grave?

Fez esta pergunta com uma tal expressão de rapazinho preocupado e inquieto estampada na cara grosseira e dura, que o médico teve que baixar a cabeça para esconder outra gargalhada e os óculos caíram-lhe do nariz mesmo no meio do bolso. Desta vez, também os Agudos se riem e mesmo alguns dos Crónicos.

-Quero dizer, o facto de ser demasiado zeloso, doutor. Já alguma vez isso lhe causou algum aborreci-mento?

O médico esfrega os olhos e diz:

— Não, sr. McMurphy, admito que não. Contudo, estou interessado nesta declaração que o médico do campo de trabalho ajuntou: «Não negligenciar a possibilidade deste homem estar a simular uma psicose para se furtar às tarefas penosas do campo». Que me diz a isto, sr. McMurphy?

— Doutor — endireita-se, enrugando a testa e abre os braços, perguntando clara e honestamente a toda a gente — será que pareço um homem normal?

O médico está de tal modo preocupado em tentar evitar rir-se que não consegue responder. McMurphy dá uma volta, afastando-se do médico, e faz a mesma pergunta à enfermeira: «Pareço? Pareço um homem normal?», Em vez de responder, ela levanta-se, tira ao

médico a pasta de cânhamo de Manila e volta a pô-la no cesto debaixo do relógio. Torna a sentar-se.

—Doutor, talvez devesse informar o sr. McMurphy acerca do protocolo destas Sessões de Grupo.

- Minha senhora - diz McMurphy - não lhe contei aquela história do meu tio Hallahan e da mulher que gostava de confundir o seu nome?

Olha para ele durante um bom bocado, sem aquele seu sorriso. Tem a faculdade de o transformar em seja que expressão for para a dirigir a alguém. Mas o olhar que lhe dirige não é diferente: é apenas uma expressão calculada e mecânica para servir os seus propósitos.

Finalmente, diz: «Peço-lhe desculpa, Mac-Mur-phy».

Volta-se para o médico.

— Agora, doutor, se explicasse...

O médico cruza as mãos e endireita-se.

— Sim. Suponho que o que devo fazer é explicar a teoria completa da nossa Comunidade Terapêutica, já que estamos aqui, embora eu normalmente guarde isso para mais tarde. Mas é uma boa ideia, miss Ratchea, uma excelente ideia.

— Com certeza que a teoria também, doutor, mas o que eu tinha em mente era a regra que diz que os doentes devem permanecer sentados durante a sessão.

— Sim. Certamente. Mais tarde explicarei a teoria.

Sr. McMurphy, uma das primeiras coisas a saber é que os pacientes têm que permanecer sentados durante a

sessão. Bem vê, é a única maneira de mantermos a

— Com certeza, doutor. Só me levantei para lhe mostrar aquela parte no meu registo.

Dirige-se para a cadeira, solta outro bocejo, espreguiça-se demoradamente, senta-se e fica a remexer-se durante uns momentos, como um cão procurando a

melhor posição para descansar. Quando se sente confortável olha para o médico, esperando.

- Quanto à teoria... Inspira profundamente, satisfeito.

— Que se fffôda a mulher! - diz Ruckly. McMurphy esconde a boca atrás das costas da mão e pergunta, num leve sussurro, a Ruckly, do outro lado da enfer-maria: «A mulher de quem?» A cabeça de Martini volta-se bruscamente, espantado, os olhos arregalados.

«Sim a mulher de quem? Ah? A dele? Sim, já percebi. Sim.»

— Dava tudo para ter os olhos daquele tipo - confessa McMurphy a Martini.

A partir daí e até ao fim da sessão não diz mais nada. Limita-se a estar sentado e a observar, não perdendo pitada do que acontece ou palavra do que se diz.

O médico vai falando acerca da sua teoria até que a enfermeira-chefe considera que ele já falou o suficiente e lhe pede que termine para se poderem dedicar ao problema de Harding. Durante o resto da sessão falam disso.

McMurphy inclina-se para a frente, na sua cadeira, uma, duas, três vezes, como se tivesse algo para dizer, mas, pensando melhor, torna a endireitar-se. Uma expressão perplexa vai tomando forma no seu rosto.

Alguma coisa esquisita se está a passar aqui e ele tenta descobrir o quê. Não o consegue. Talvez o facto de ninguém se rir. Ele tinha a certeza que soariam gargalhadas quando perguntou ao Ruckly, «a mulher de quem?», mas não houve nem o mais pequeno sinal delas. O ar está comprimido pelas paredes, o ambiente demasiado hermético para permitir o riso. Há qualquer coisa de estranho num lugar em que os homens não se põem à vontade, onde não riem. Há algo de estranho

no modo como todos se submetem à vontade daquela velha freira de cara sorridente e branca como farinha, com as lábios demasiado vermelhos e aquelas mamas enormes. E ele pensa que é melhor esperar um bocado e estudar o ambiente antes de tomar alguma iniciativa.

E uma boa regra para um bom jogador: observar o jogo durante uns momentos antes de pedir cartas.

Já ouvi aquela teoria da Comunidade Terapêutica tantas vezes que sou capaz de a repetir de trás para diante e de diante para trás — como um tipo se deve comportar em grupo para ser capaz de se



portar bem numa sociedade normal; como o grupo pode ajudar o indivíduo, amparando-o quando esta fora do caminho certo; e que a sociedade é que decide quem é normal e quem não é, daí a necessidade duma pessoa se portar à altura. Toda aquela chatice. Sempre que chega um doente novo o médico agarra-se à teoria com ambas as mãos: é a única oportunidade que tem de dirigir a ses-são. Explica que o objectivo da Comunidade Terapêutica é a formação duma enfermaria democrática, completamente dirigida pelos doentes e pelos seus votos, trabalhando no sentido de formar cidadãos válidos que possam ser recambiados para a liberdade, no Exterior.

Diz ele: qualquer necessidade, qualquer queixa, qualquer coisa que queiram ver mudada deve ser trazida à discussão no grupo, em vez de ficar a envenenar-vos.

Vocês devem sentir-se também à vontade para uma livre discussão dos problemas emocionais, diante dos outros doentes e dos funcionários. Conversar, discutir, confessar, diz ele. E se, nas vossas conversas do dia a dia, ouvirem um amigo dizer qualquer coisa de inte-

ressa, devem escrevê-lo no caderno para que o pessoal tome conhecimento. Não é, como lhe chamam nos fil-mes, «denunciar», é ajudar os vossos colegas. Tragam essas velhas faltas a público para que possam ser levadas à vista de todos. E participem nas Sessões de Grupo.

Ajudem-se a vós próprios e aos vossos amigos a sondar os segredos do suloconsciente. Não deve haver segredos entre amigos.

A nossa intenção, costuma ele terminar, é tornar esta casa tão vossa e democrática quanto possível

—um pequeno mundo Interior que seja um protótipo, a uma escala reduzida, do vasto mundo Exterior, no qual vocês irão um dia retomar o vosso lugar.

Ele tem talvez mais para dizer, mas neste ponto a enfermeira-chefe costuma interrompê-lo. E no meio da calma geral o velho Pete levanta-se, abanando aquela cabeça que parece um pote de cobre já gasto, e diz que está cansadíssimo e a enfermeira pede que alguém o faça calar, para que a sessão possa continuar. E, nor-malmente, assim se faz.

Uma vez, só uma vez, se bem me lembro, ha quatro ou cinco anos, a coisa não correu assim. O médico tinha acabado o seu discurso e a enfermeira interrompeu-o, dizendo:

— Bem, quem começa? Deixem sair esses velhos segredos.

Ela hipnotiza os Agudos, sentando-se ali silenciosamente à frente deles, quieta como um despertador prestes a tocar, esperando que alguém comece, por sua própria iniciativa, a dizer alguma coisa. Os seus olhos, serenos como um farol giratório, voltam-se para um lado e para outro, na direcção deles. Durante vinte minutos reinou um pesado silêncio na sala de estar,

os doentes estavam atordoados nas suas cadeiras.

Então, ela olhou para o relógio e disse:

— Querem-me fazer crer que nenhum de vocês fez nada que não tenha confessado ainda? — E procurando o diário no cesto: — Temos que voltar às histórias antigas?

Esta pergunta accionou qualquer coisa: talvez um dispositivo acústico instalado nas paredes pronto para entrar em funcionamento mal ela pronunciasse aquelas palavras. Os Agudos ficaram hirtos. As suas bocas abriram-se em uníssonos. Os olhos dela detiveram-se no primeiro, o que estava junto à parede. A boca dele abriu-se:

—Roubei uma caixa registadora numa estação de serviço.

Ela virou-se para o seguinte.

-Tentei levar a minha irmãzinha para a cama.

Os seus olhos fixaram-se no que se seguia. Um de cada vez, saltavam como se fossem alvos numa carreira de tiro.

—Eu, uma vez, quis levar o meu irmão para a cama.

— Eu, quando tinha seis anos, matei o meu gato.

Ob, Deus me perdoe, bati-lhe com uma pedra até o fizera.

matar e disse que tinha sido o vizinho do lado que o

—Eu menti quando disse que apenas tinha tentado. Levei mesmo a minha irmã para a cama!

Eu também! Eu também!

—E eu! E eu!

Era muito melhor do que ela podia esperar. Estavam todos gritando uns para os outros, indo cada vez mais além, não

encontrando maneira de parar, dizendo coisas que os impediriam para sempre de se poderem

encarar, olhos nos olhos. A cada confissão a enfermeira anuí e dizia: Sim, sim, sim.

Então o velho Pete levantou-se.

- Estou cansado! — gritou, num tom forte e irado que ninguém tinha ainda ouvido.

Todos se calaram. Estavam de algum modo envergonhados. Foi como se repentinamente ele tivesse dito algo de verdadeira, real e importante, que os tivesse envergonhado com as suas chilreadas infantis. A enfermeira-chefe estava furiosa. Voltou-se e olhou-o fixamente: o sorriso desapareceu-lhe dos lábios. Estava tudo a correr tão bem...

— Alguém acuda ao pobre sr. Bancini.

Levantaram-se dois ou três. Tentaram acalma-lo dando-lhe pancadinhas no ombro. Mas Pete não se acalmava. «Cansado! Cansado!», continuava ele.

Finalmente, a enfermeira mandou um dos pretos evacuá-lo à força da sala-de-estar. Não se lembrou que eles não tinham qualquer espécie de controlo sobre indivíduos como Pete.

Toda a sua vida ele foi um Crónico. Embora só tivesse vindo para o hospital quando atingiu os cin-quenta, sempre foi um Crónico. A sua cabeça tem duas grandes mossas, uma de cada lado, no sítio onde o médico que estava a assistir ao parto da mãe, lhe comprimiu o crânio para o obrigar a sair. Pete olhou à volta e viu toda aquela maquinaria na sala de partos à espera dele e agarrou-se a tudo o que tinha à mão, à sua volta, para adiar o nascimento. O médico fez um esforço maior e agarrou-o pela cabeça com uma tenaz descolorida e puxou-o abruptamente, calculando que tudo estivesse a correr bem. Mas a cabeça dele estava ainda demasiado fresca e mole, como barro, e quando endureceu aquelas duas mossas provocadas pela

tenaz ficaram marcadas. Isso tornou-o estúpido. Qualquer tarefa, extremamente fácil para uma criança de seis anos, lhe exige um esforço, uma concentração e uma força de vontade enormes.

Mas tinha uma coisa boa - o facto de ser assim estúpido livrou-o das garras do Sistema. Este não o conseguira moldar à medida dos seus desejos. Por isso, deixaram-no ter um emprego simples no caminho de ferro: tudo o que tinha que fazer era estar sentado numa pequena barraca de madeira, algures no meio do mato, num desvio solitário, e abanar uma lanterna vermelha quando a agulha estava feita para um dos ramais, uma verde quando estava feita para o outro e uma amarela quando havia um comboio na linha.

E ele cumpriu a sua tarefa, sozinho naquele desvio, com um querer e uma vontade que lhe não podiam tirar.

Nunca puderam instalar qualquer controla na sua cabeça.

Era por isso que o preto não tinha nenhum poder sobre ele. Mas, tal como a enfermeira, ele também não se lembrou disso. Avançou para ele e deu-lhe um puxão no braço, empurrando-o em direcção à porta, como se estivesse a empurrar os rins dum cavalo de arado para o fazer dar a volta.

— Está bem, Pete. Vamos para o dormitório. Estás a incomodar toda a gente.

Pete soltou o braço. E avisou:

— Estou cansado!

— Vamos, velhote, estás a fazer um estardalhaço bonito.

Vamos para a cama e porta-te bem: como um menino

— Cansado...

— Disse que ias para o dormitório, velhote!

O preto tornou a puxar-lhe o braço e Pete parou de abanar a cabeça. Endireitou-se, resoluto e imper-turbável, e os olhos abriram-se desmesuradamente.

Normalmente, estão semicerrados e sombrios, como se estivessem cheios de leite, mas desta vez estão claros como um anúncio luminoso. A mão daquele braço que o preto estava a agarrar começou a crescer. O pessoal e a maior parte dos doentes falavam uns com os outros, não lhe prestando atenção e à sua velha história acerca de estar cansado. Pensavam que, como sempre, ele se acalmaria e que a sessão continuaria. Não viram aquela mão a aumentar, a aumentar, enquanto ele a abria e fechava. Fui o único

que vi. Vi-a dilatar-se e cerrar-se firmemente, vi-a passar à frente dos meus olhos, vi-a tornar-se suave — e depois dura. Vi-a transformar-se numa bola de ferro ferrugenta, na ponta duma corrente. Eu fixava-a e esperava, enquanto o preto lhe dava outro puxão no braço, empurrando-o para o dormitório.

— Velhote, estou-te a dizer que tens...

Viu a mão. Tentou afastar-se dela, dizendo:

«Calma, Pete, tu és um bom rapaz.» Mas foi tarde de mais, uma fracção de segundo tarde de mais. Pete, rodando sobre os joelhos, atirou-lhe com aquela enorme bola de ferro. O preto positivamente estrondeou contra a parede, ficando lá grudado por um momento. Depois deslizou suavemente para o chão, como se a parede estivesse lubrificada. Ouvi os canos a estalarem dentro daquela parede e vi o estuque rachado no sítio em que ele chocou com ela.

Os outros dois pretos — o mais pequeno e o outro maior — estavam pasmados. A enfermeira estalou os dedos e eles entraram em acção. O mais pequeno ao lado do outro, como uma imagem reduzida num espe-ao de feira. Estavam quase ao pé de Pete, quando

repentinamente se lembraram do que o outro se tinha esquecido: que aquele, ao contrário dos restantes doentes, não estava sob o seu controlo e que não se ralava nada com os seus puxões ou com as ordens que lhes davam. Se tivessem que o levar teriam de o fazer como se faz aos ursos selvagens ou aos touros, mas ao verem o outro estendido não confiaram na superioridade numérica.

Este pensamento ocorreu aos dois ao mesmo tempo e ficaram petrificados, o matulão e a respectiva imagem reduzida, precisamente na mesma posição: o pé esquerdo e o braço direito à frente, a meio caminho entre Pete e a enfermeira-chefe. Com aquela bola de ferro balançando à sua frente e a outra fúria, branca de neve, por detrás, eles tremiam e fumegavam e eu podia ouvir a sucessão dos seus pensamentos, como mudanças a serem metidas. Via-os a contraírem-se confundidos como máquinas trabalhando a todo o vapor, mas com os travões a fundo.

Pete lá estava, no meio da sala, baloiçando aquela bola para trás e para diante, bem esticado em toda a sua altura. Todos o observavam agora. Ele, por sua vez, desviava os olhos dum preto para o outro, e quando verificou que eles não se iam aproximar mais virou-se para os doentes.

—Vêem? É uma completa idiotice. Isto é tudo uma idiotice completa.

A enfermeira-chefe tinha deslizado da sua cadeira e dirigia-se para a cesta de vime, encostada à porta.

Murmurou :

- Sim, sim, sr. Bancini. Agora, se se acalmar...

—E o que isto tudo é, apenas uma idiotice completa.

A voz perdeu o tom forte de cobre e tornou-se can-sada, mas rápida, como se não lhe restasse muito tempo para acabar o que tinha a dizer.

—Vocês vêem? Não posso evitá-lo... não posso, não vêem? Nasci morto. Vocês não. Vocês não nasceram mortos. Ahhhhhh, como tem sido duro...

Começou a chorar. Já não conseguia fazer com que as palavras saíssem correctamente: abriu e fechou a boca, para falar, mas já não conseguia formar frases com as palavras. Abanou a cabeça para a desanuviar e piscou os olhos aos Agudos.

- Ahhhhhh, eu... estou... a dizer-vos... Estou a dizer-vos.

Teve um novo colapso e a bola de ferro encolheu, transtormou-se novamente numa mão. Pô-la em forma de concha defronte de si, como se estivesse a oferecer alguma coisa aos doentes.

—Não posso evita-lo. Nasci dum aborto. Tanto me insultaram que morri. Nasci morto. E não há nada que eu possa fazer. Estou cansado. Já desisti de ten-tar. Vocês, sim, ainda têm hipóteses. Tanto me insultaram que nasci morto. Para vocês é fácil. Nasci morto e a vida foi difícil. Estou cansado. Estou cansado de falar e de estar para aqui de pé. Estou morto há cinquenta e cinco anos.

A enfermeira chefe apanhou-o a meio da sala e deu-lhe uma injeção mesmo por cima da roupa. Deu um salto para trás, sem tirar a seringa vazia que ficou pendurada através das calças, como uma pequena cauda de vidro e aço. O velho Pete vai a pouco e pouco

caindo para a frente, não por causa da injeção, mas devido ao esforço despendido: os últimos minutos abateram-no completamente e duma vez por todas — basta olhar para ele para se ver que é um homem acabado.

Por isso, não havia realmente necessidade duma injeção: a sua cabeça já tinha começado a agitar-se para trás e para diante e os olhos já estavam sombrios.

Quando a enfermeira se aproximou cuidadosamente para retirar a agulha, ele estava tão curvado para a frente, a cara quase no chão, a chorar, que as lágrimas formavam uma grande mancha e, devido aos estremeções da cabeça, pingavam, formando um quadro uniforme na sala de estar, como se as estivesse a semear.

«Ahhhhh», murmurou. Nem sequer estremeceu quando ela lhe arrancou a agulha.

Retomou a consciência, talvez por um minuto, para nos tentar dizer alguma coisa, alguma coisa que nenhum de nós se interessou em ouvir ou em tentar compreender. Este esforço acabou de o esgotar. Aquela injeção na nádega foi tão desperdiçada como se tivesse sido dada a um morto — ele já não tinha um coração para a bombear, nem veias para a levar à cabeça e muito menos um cérebro para ser mortificado pelo seu veneno. Ela bem a podia ter injectado num velho cada-ver ressequido.

- Estou... cansado...

— Bom. Penso que, se vocês os dois já estão suficientemente corajosos, poderão levar agora o sr. Ban-cini para a cama, como um tipo bem comportado.

- ...terrivelmente cansado.

- O ajudante Williams está a voltar a si, doutor

Spivey. Tome conta dele, está bem? O seu relógio partiu-se e ele cortou-se no braço.

Pete nunca mais tentou fazer nada que se parecesse. Nem nunca mais o tentará. Agora, quando ele começa a fazer aquelas cenas durante uma sessão, logo que he dizem para se acalmar, ele acalma-se. Continuará ainda, de tempos a tempos, a levantar-se, a aba-

nar a cabeça e a dizer-nos que está muito cansado, mas já não será um queixume, uma desculpa ou um aviso

— isso acabou. Agora sera apenas como um velho relógio que não marca o tempo mas que também não pára: os ponteiros fora do lugar, o mostrador sem números e a campainha do despertador enferrujada, silenciosa.

Um velho relógio sem préstimo que continuará apenas o seu tique-taque sem significado algum.

Quando se aproximam as duas horas, o grupo ainda está a torturar o pobre Harding.

Às duas, o médico começa a contorcer-se na cadeira.

A não ser que esteja a falar da sua teoria, estas sessões incomodam-no: sem dúvida que preferiria passar o tempo no seu escritório desenhando gráficos. Contorce-se e finalmente pigarreja. A enfermeira consulta o relógio, diz-nos para irmos buscar as mesas à sala das tinhas e informa-nos que no dia seguinte, à uma hora, retomaremos a discussão. Os Agudos saem do seu transe e por um momento olham para Harding.

Sentem as caras a arder de vergonha, como se acabassem de dar-se conta de que mais uma vez fizeram figura de parvos. Alguns atravessam o átrio para irem buscar as mesas e outros dirigem-se para a estante das revistas, fingindo mostrar um grande interesse por aquela velha revista, o McCal's, mas o que eles estão realmente a fazer é a evitar encontrar-se com Harding.

Mais uma vez foram manobrados e levados a tratar um amigo como se fosse um criminoso e eles os acusado-res, os juízes e o júri, tudo ao mesmo tempo. Durante quarenta e cinco minutos entretiveram-se a cortar um homem aos pedacinhos, quase como se gostassem de

o fazer, disparando-lhe perguntas: porque pensa ele que não é capaz de satisfazer a jovem senhora? Porque razão insiste em afirmar que ela nunca teve nada com outro homem? Como espera ele curar-se se não responde honestamente? - perguntas e



insinuações que os fazem agora sentir-se culpados, e evitam a sua presença para não se sentirem pior ainda.

Os olhos de MaMurphy seguem tudo isto. Não se levanta da cadeira. Pareda outra vez confundido. Continua mais algum tempo sentado, observando os Agudos e raspando aquele baralho de cartas na barba, para baixo e para cima. Por fim, levanta-se da poltrona: boceja, espreguiça-se, coça o umbigo com o canto da carta, torna a pôr o baralho no bolso e dirige-se para o lugar onde está Harding, sozinho, colado à cadeira.

Observa-o durante um minuto, pega com a enorme mão numa cadeira que está ali ao pé, põe-na de costas viradas para Harding e escarrancha-se nela, como se estivesse a montar um potro. Este não deu conta de nada. McMurphy revira os bolsos até encontrar os cigarros, tira um e acende-o, segurando-o à sua frente, enquanto lambe o polegar e o indicador, e ajeita-o.

Parecem ignorar a existência um do outro. Não posso afirmar que Harding tenha reparado em McMurphy. Tem os ombros magros quase juntos, como asas verdes, e está sentado à beira da cadeira, muito direito, com as mãos metidas entre os joelhos. Tem os olhos fixos em frente, falando sozinho e tentando mostrar-se calmo — mas morde os lábios, o que lhe provoca um esgar cadavérico, de modo algum calmo.

McMurphy coloca o cigarro na boca, segurando-o com os dentes, cruza os braços nas costas da cadeira e apoia o queixo neles, piscando um olho por causa do fumo. Com o outro, observa durante algum tempo

Harding e começa a falar, o cigarro balangando nos lábios.

-Ora diz-me cá, parceiro. E sempre assim que se desenrolam estas pequenas sessões?

—Se é assim que se desenrolam?

Harding pára de murmurar. Já não está a morder a boca, mas continua com o olhar fixo algures à sua frente, por cima do ombro de McMurphy.

—Sim. É este o procedimento normal nestas fitas de Terapêutica de Grupo? Como um bando de galinhas num festival de bicadas?

Harding vira bruscamente a cabeça e os seus olhos encontram McMurphy, como se acabasse de reparar que está alguém à sua frente. O seu rosto enrugase quando recomeça a morder os lábios o que lhe provoca uma espécie de sorriso. Puxa os ombros para tras, reclinase na cadeira e procura mostrar-se repousado.

— Um festival de bicadas? Receio que o teu singular discurso para me animar seja tempo perdido, meu amigo. Não estou a perceber nada do que estás para aí a dizer.

- Bom. Então eu explico te.

Eleva o tom de voz. Embora não esteja a olhar para os outros Agudos, curiosos, atrás dele, é para eles que fala.

- O bando de galinhas vê uma mancha de sangue numa delas. Imediatamente se põem todas a bicar a salha ferida, estás a ver? Bicom-na até a dilacerarem completamente, até a fazerem em frangalhos: uma balbúrdia de sangue, ossos e penas. Mas dum modo geral, há um casal do bando que também fica ferido na bula e ontão é a sua vez. Depois, outras ficam também feridas e são bicadas até à morte. E assim sucessiva-mente. Oh! Um festival de bicadas pode dar cabo de

todo o bando numa questão de horas, parceiro. Já uma vez presenciei um. E uma coisa pavorosa. A única maneira de o conseguir evitar, tratando-se de galinhas, clara, é pôr-lhes uma venda. Assim, elas não podem ver o sangue.

Harding enlaça os dedos compridos a volta dum joelho, puxa-o para si e recosta-se na cadeira.

— Um festival de bicadas! É de facto uma analogia engraçada, meu amigo.

— E, se queres saber a porca da verdade, foi exactamente isso que a sessão a que assisti me fez lembrar, parceiro. Fez-me lembrar um bando de asquerosas gali-nhas.

-Então eu era a galinha com uma mancha de sangue, amigo?

— Isso mesmo, parceiro.

Estão ainda a rir-se um para o outro, mas as suas vozes soam tão baixo e tão tensas que tenho que ir varrer mais para junto deles para poder ouvir o que dizem. Os outros Agudos também se aproximam.

— E queres saber mais uma coisa, parceiro? Queres saber quem deu a primeira bicada?

Harding espera que ele continue.

—Foi aquela enfermeira velha. Aí tens!

Por cima do silêncio ouve-se um murmúrio de temor. Posso sentir a maquinaria nas paredes, apanhando e levando as palavras. Harding está a passar um mau bocado, cerrando firmemente as mãos, mas continua a tentar parecer calmo.

—Então, é tão simples como isso. Tão estúpida-sente simples como isso. Estás na nossa enfermaria há seis horas e já solucionaste os estudos de Freud, Jung e Maxwell Jones. E resumes tudo numa analo-gia: é um «festival de bicadas».

-Não estou a falar de Fred Yoong e de Maxwell

Jones, parceiro, estou apenas a falar daquela polhenta sessão e do que aquela enfermeira e estes bastardos te fizeram. Caparam-te.

- Caparam-me?

-Precisamente, caparam-te. Foram-no fazendo sempre que para tal tiveram oportunidade. Enquanto

jas e vinhas. Deves ter feito qualquer coisa que te arranjou uma quantidade de inimigos cá no sítio, par-ceiro, porque parece mesmo que andam todos atrás de ti.

—Mas isto é inclível! Desprezas completamente, desprezas e omites completamente o facto de que tudo o que os rapazes fizeram hoje foi para o meu próprio benefício? Que qualquer problema ou discussão levantados por miss Ratched ou pelo resto do pessoal têm um intuito puramente terapêutico? Não deves ter ouvido uma única palavra da teoria da Comunidade Terapêutica do dr. Spivey, ou então, se ouviste, não tens suficiente formação para o compreenderes. Estou desiludido contigo, meu rapaz, muito desiludido. No nosso encontro desta manhã tinha ficado com a impressão que eras mais inteligente — um ignorante casmurro, talvez, certamente um fanfarrão de província com menos sensibilidade que um ganso, mas, ainda assim, basicamente inteligente. Mas apesar de eu ser perspicaz e bom observador, ainda cometo erros.

— Vai para o inferno, parceiro.

-Ah, sim. Esqueci-me de acrescentar que ainda esta manhã reparei na tua brutalidade primitiva. Psicopata com tendências sádicas bem definidas, motivadas talvez por uma egomania irracional. Sim. Como vês, todos estes talentos naturais certamente que te qualificam como um terapeuta competente e te tornam capaz de criticar o procedimento de miss Ratched na sessão,

isto apesar do facto de ela ser uma enfermeira psiquiátrica altamente considerada e com vinte anos de prática.

Sim, com o teu talento, meu rapaz, podes operar milagres impensáveis, podes suavizar os impulsos dolorosos e curar um super-ego ferido. Provavelmente curarias toda a enfermaria, Vegetais e tudo, em menos de seis meses, senhoras e senhores, ou então o vosso dinheiro será devolvido.

Em vez de se insurgir contra estes argumentos, McMurphy continua a fitar Harding e finalmente pergunta-lhe com voz calma:

—E tu pensas realmente que aquela história da sessão de hoje te trará alguma cura? Pensas que te fará algum bem?

— Que outra razão poderíamos ter para nos submetermos a ela, meu rapaz? O pessoal deseja a nossa cura tanto como nós. Não são monstros. Miss Ratched pode ser uma austera senhora de meia-idade, mas não é nenhuma espécie de monstro gigante dum bando de galinhas, pronta para sadicamente nos vir bicar os olhos. Ou parece-te que ela será isso?

—Não, parceiro, não é exactamente isso. Ela não está a bicar os vossos olhos. Não é isso que ela está a bicar.

Harding sobressalta-se e vejo-lhe as mãos saindo lentamente de entre os joelhos, como aranhas brancas saindo da orla duma árvore coberta de musgo, dirigindo-se para o tronco.

— Não são os nossos olhos? Explica-me então, meu rapaz, onde é que miss Ratched está a bicar.

McMurphy sorri maliciosamente.

—Então não sabes, parceiro?

—Não, com certeza que não sei! Quer dizer, se insis...

—Nos teus tomates. Nos teus queridos tomates!

As aranhas chegam ao tronco, tremendo. Harding tenta rir, mas tem a cara e os lábios tão brancos que o sorriso se perde. Olha, espantado, para McMurphy.

Este tira o cigarro da boca e repete o que tinha dito.

— Mesmo nos teus tomates. Não, aquela enfermeira não é nenhuma espécie de monstro-galinha, parceiro, uma capadora é que ela é. Já vi mais de mil: novas e velhas, homens e mulheres. Vi-as por todo o país e vi-as nas suas casas: pessoas que tentam enfraquecer-nos para melhor nos sujeitar, para nos fazerem seguir as suas regras, para nos fazerem viver como elas querem. E a melhor maneira de o conseguirem, de nos submeterem, e enfraquecer-nos, atacando onde dói mais.

Já alguma vez levaste uma joelhada nos tomates, parceiro? Ficas sem poder respirar, não é? Não há nada pior. Da cabo dum tipo, faz-nos perder o resto das forças que ainda temos. Se alguma vez enfrentares um tipo que te queira vencer, enfraquecendo-te, em vez de contar apenas com as suas próprias forças, toma atenção aos joelhos dele porque vai tentar atingir a tua zona vital. E é isso que aquela velha pulha está a fazer: está a procurar atingir a tua zona vital.

A cara de Harding está ainda pálida mas já conseguiu dominar as mãos: mexem-se frouxamente, tentando assimilar o que McMurphy acabou de dizer.

— A nossa querida miss Ratched? A nossa doce e sorridente Mamã Ratched, aquele terno anjo de virtude, uma capadora? Ora, amigo, isso é muito pouco provável.

—O parceiro, não me venhas com essa história da terna mãezinha. Ela pode ser mãe, mas é grande como um celeiro e dura como uma lâmina afiada. Quando cá cheguei, esta manhã, ela enganou-me durante três minu-

tos com aquele seu ar de mamã amável, mas não mais do que isso. Nem me parece que vos tenha realmente enganado a vocês durante seis meses ou um ano. Ahhhh, já vi muitas putas na minha vida, mas ela leva a palma.

—Uma puta? Há bocadinho era uma capadora, depois uma pulha.... ou era uma galinha? As tuas metáforas contradizem-se umas às outras, meu rapaz.

-Vai-te lixar com isso. Ela é uma puta e uma pulha e uma capadora e, não brinques comigo, sabes bem do que estou a falar.

A cara e as mãos de Harding movem-se agora mais depressa do que nunca, como gestos, risos, caretas e trejeitos dum filme projectado a uma velocidade superior à normal. Quanto mais ele tenta parar mais de pressa elas se movem. Quando não se preocupa com isso, é agradável vê-las gesticularem, mas se tenta dominá-las parece um boneco, dançando nervosamente.

Mexe-se com velocidade sempre crescente e começa também a falar muito depressa.

-Ora repara, meu amigo, sr. McMurphy, meu psicopata duma figa, a nossa miss Ratched é um verdadeiro anjo de virtude, e todos sabem disso. É altruísta como o vento, labutando arduamente sem esperar agra-decimentos, pelo bem de todos, dia após dia, cinco longos dias da semana. E preciso ter coração, meu rapaz, coração. De facto, fui informado por fontes (não sou livre para revelar as minhas fontes, mas posso dizer que o Martini está em contacto com essas mesmas pessoas uma boa parte do tempo) que, além disso, até nos seus fins-de-semana ella serve a Humanidade, trabalhando voluntária e generosamente na cidade. Preparando esplêndidas tômbolas de caridade — com conservas queijo para os acompanhamentos, sabonetes - que ofe-

rece a alguns jovens casais pobres que estejam passando financeiramente por um mau bocado.

As suas mãos elevam-se no ar, moldando a figura que descreve.

—Ah! A nossa enfermeira! O seu bater suavé na porta. O cesto com fitas. O jovem casal demasiado contente para poder dizer palavra. O marido de boca aberta, a mulher chorando. Ela avalia a casa. Promete mandar-lhe dinheiro para detergente - sim, para detergente. Coloca o cesto no centro do quarto. E quando o nosso anjo sai - atirando beijos e sorrindo angelicamente — vai tão impregnada com a doce seiva da bondade humana que esta acção espalhou na

sua alma, que fica fora de si de tanta generosidade. Fora de si, ouviste? Esperando na porta, ela chama de lado a jovem noiva e oferece-lhe, do seu próprio dinheiro, vinte dólares: «Va, pobre e infeliz criança, va e compre um vestido decente para si. Calculo que o seu marido não possa suportar essa despesa, por isso, tome e vá.» E o casal fica para sempre em dívida para com a sua benevolência.

Fala cada vez mais depressa, os tendões esticando-se no pescoço. Quando pára, a enfermeira fica mergulhada num silêncio total. Não oiço nada a não ser um leve zunido que julgo ser um gravador algures a registar tudo isto.

Harding olha em volta, vê que todos o estão a observar e faz os possíveis por rir. Um som, como o dum prego a ser extraído duma tábua de pinho verde, sai-lhe da boca: filti-iiii-fili. Não consegue fazê-lo parar.

Aquele impressionante guincho fá-lo piscar os olhos.

Vai aumentando cada vez mais até que, com um profundo suspiro, deixa cair a cabeça nas mãos.

— Ah, a puta, a puta, a puta - murmura entre dentes. McMurphy acende outro cigarro e aa-lho. Aceita-o sem uma palavra. Continua a coservar-the o rosto, à sua frente, confuso e surpreendido, como se fosse aquele o primeiro rosto humano em que tivesse posto a vista em cima. Observa-o enquanto os tremores começam a diminuir. Harding levanta a cara das mãos e diz:

— Tens razão. Acerca de tudo. — E virando-se para os outros doentes: - Nunca ninguém se atreveu a dizê-lo antes, mas não há nenhum entre nós que o não tenha pensado, que não tenha sentido acerca dela e de todo este negócio o que ele acabou de dizer - lá no mais fundo das nossas almas assustadas bem o pres-sentíamos.

McMurphy franze as sobrancelhas e pergunta:

— Então, e esse bufo do médico? Pode ser pouco esperto mas não tanto que não perceba que ela o esta a querer dominar, e tudo o mais que se passa aqui.

Harding puxa uma longa fumaça e deixa sair o fumo enquanto fala.

— O doutor Spivey... é exactamente como nós, McMurphy, perfeitamente consciente da sua incapacidade. Ele é um coelhinho assustado, desesperado e ineficaz, absolutamente incapaz de dirigir esta enfermaria sem a ajuda da nossa miss Ratched, e bem o sabe. Mas, pior, ela sabe que ele sabe e faz-lho lembrar sempre que para tal tem oportunidade. Sempre que descobre que ele cometeu um erro na escrita ou, digamos, nos gráficos, vocês bem a podem imaginar a meter lá o nariz.

— E verdade — diz Oheswick, aproximando-se de McMurphy - ela está sempre a meter o nariz nos nossos erros.

—Porque é que ele não a despede?

- Neste hospital o médico não detém o poder de contratar e despedir. Esse poder pertence ao intendente e o intendente é uma mulher: uma velha amiga de miss Ratched. Trabalharam juntas como enfermeiras do Exército nos anos trinta. Nós, aqui, somos vítimas dum matriarcado, meu amigo, e o doutor é tão impotente para lutar contra isso como nós. Ele sabe que basta miss Ratched pegar naquele telefone que vês ali ao lado dela e chamar a intendente dizendo, suponhamos, que o médico parece estar a fazer demasiadas requisições de Demerol...

-Espera al, Harding. Ainda não estou ao corrente do vocabulário cá da casa.

— Demerol, meu amigo, é um narcótico que provoca uma habituação duas vezes superior à heroína.

Os médicos costumam frequentemente utiliza-lo.

— O quê? Aquele bufo droga-se?

—Não sei. Não sei ao certo.

— Então, como pode ela acusa-lo...

—Meu amigo, não estás a prestar atenção. Ela não acusa. Limita-se simplesmente a insinuar. A insinuar seja o que for. Não vês? Não reparaste hoje?

Chama um tipo à porta da Sala das Enfermeiras e pergunta-lhe porque razão encontraram um Kleenex de baixo da sua cama. E tudo: apenas uma pergunta.



E qualquer que seja a sua resposta ele fica com a impressão que está a mentir. Se responde que foi para limpar uma caneta, ela diz: «Ah, para limpar uma caneta...» Se afirma que foi por estas constipado, ela diz: «Ah, por estar constipado...» E sacode o cabelo cinzento imaculadamente limpo, dirige-lhe o seu sorriso quase imperceptível, vira-se e regressa à sala, deixando-o para ali a magiciar para que raio se terá servido daquele Kleenex.

Recomeça a tremer e os seus ombros tornam a curvar-se.

—Não. Ela não tem necessidade de acusar. Tem um dom especial para fazer insinuações. Hoje, na nossa discussão, alguma vez a ouviste acusar-me de alguma coisa? Uma única vez sequer? E, contudo, era como se eu estivesse a ser acusado duma quantidade de crimes: de ciúmes, de paranóia, de não ser suficientemente viril para satisfazer a minha mulher, de ter tido relações com amigos do sexo masculino, de segurar o cigarro afetadamente, e mesmo - pareceu-me —de não ter nada no meio das pernas além dum tufo de pêlos.

E ainda por cima, pêlos loirinhos, sedosos e encara-colados! Uma capadora? Ah! Estas a subestimá-la!

Subitamente Harding cala-se e inclina-se para a frente, tomando nas suas a mão de McMurphy. O seu rosto está estranhamente assimétrico, riscado e recortado por traços púrpura e cinzentos, como uma garrafa de vinho estilhaçada.

— Este mundo... meu amigo, é dos fortes! O ritual da nossa existência é baseado neste princípio: o forte tornando-se mais forte ao devorar o fraco. É preciso ver as coisas como elas são. E é natural que assim seja.

Temos que aprender a aceitá-lo como uma lei da Natureza. Os coelhos aceitam o seu destino neste ritual e reconhecem que o lobo é o mais forte. Para se defender, o coelho torna-se tímido, assustadiço e manhoso, e cava luras nas quais se esconde quando o lobo ronda.

E lá se vai aguentando e vivendo. Ele sabe qual é o seu lugar. E certamente que não desafia o lobo. Diz-me cá, isso seria sensato? Hã?

Larga a mão de MaMurphy, recosta-se, cruza as pernas e puxa outra longa fumaça do cigarro. Tira-o

dos lábios e o riso recomeça - ii-liti-liti — como um prego a ser arrancado duma tábua.

-Sr. MeMurphy... meu amigo, não sou nenhuma galinha. O que eu sou é um coelho. O médico é um coe-ino. Ali o Cheswick é um coelho. O Billy Bibbit é um coelho. Todos nós, aqui dentro, somos coelhos: coelhos de idade e de graus diferentes. Somos coelhos cabrio-lando no nosso universo de sonho, na nossa Disleilândia.

Não, não me interpretes mal: nós não estamos aqui por sermos coelhos — onde quer que estivéssemos continuaríamos a sê-lo. Estamos aqui porque não nos conseguimos adaptar à nossa condição de coelhos. Temos necessidade dum lobo bem forte, como a enfermeira, para nos pôr no nosso lugar.

- Homem, estas a falar como um louco. Queres-me fazer acreditar que vais ficar sentado, permitindo que uma velhota de cabelos azuis te convença que és um coelho?

—Não. Não é uma questão de convencer. Eu já nasci coelho. Basta olhares para mim para o veres. Sim-plesmente, preciso da enfermeira para me sentir feliz com o meu papel.

— Mas tu não és nenhum coelho!

— Então, não me vês as orelhas? O nariz a mexer?

A engraçadinha cauda de pompom?

- Estás a falar como um doido...

— Como um doido? Que perspicácia!

- Raios, Harding, não era esse o significado que queria dar-lhe. Não é bem isso. Quero dizer... que diabo!

Piquei surpreendido pelo facto de vocês serem tipos perfeitamente sãos. Tanto quanto sei, não são mais doidos do que o comum dos asnos que vemos aí nas ruas...

— Sim. Os asnos nas ruas.

— Mas não como pretendem mostrar os loucos nos filmes. O que vocês têm é uma mania, uma espécie de...

—Uma espécie de tendência para serem coelhos, não é?

—Coelhos, merda! Lá vens tu com o raio dos coe-lhos.

- Sr. Bibbit, saltite aí um bocado para o sr. MeMun-phy ver. E você, sr. Cheswick, mostre-lhe como é felpudo.

Billy Bibbit e Cheswick transformam-se ali à minha frente em pequenos coelhos brancos, sentados nas patas traseiras, mas têm vergonha de fazer o resto que Har-ding tinha pedido.

—Ah! Eles são tímidos, McMurphy. Que ternura!

Ou talvez estejam doentes por não terem defendido um amigo. Talvez se sintam culpados por o terem transformado num vítima e a eles nos acusadores. Alegrem-se amigos. Não há razão para se sentirem envergonhados.

E assim que deve ser. Um coelho não defende os amigos.

Isso seria uma tolice. Não. Vocês são espertos, cobar-des, mas espertos.

- Ouve lá Harding.

- Não, Cheswick. Não te zangues com a verdade.

— Escuta-me: já houve uma altura em que eu disse, da velha senhora Ratched, o mesmo que McMurphy acabou de dizer.

— Sim. Mas disseste-o muito calmamente e depois retiraste tudo. Também és um coelho. Não tentes distorcer a realidade. E é por isso que não guardei qualquer espécie de rancor quando hoje na sessão fizeste aquelas perguntas. Estavas apenas a desempenhar o teu papel. Se fosses tu que estivesses na berlinda, ou tu, Billy, ou tu, Fredrickson, eu ter-vos-ia atacado tão cruelmente como vocês o fizeram a mim. Não temos

que ter vergonha do nosso comportamento: é assim que nós, os pequenos animais, devemos proceder.

McMurphy vira-se na cadeira e estuda os outros

Agudos de alto a baixo.

— Cá por mim, não tenho a certeza de que haviam eles de se envergonhar, mas pessoalmente penso que foi asquerosa a maneira como se puseram ao lado dela contra ti. Por um momento pensei que tinha voltado a um campo de concentração na China Vermelha...

-Por amor de Deus, escuta! — exclama Ches-wick.

McMurphy volta-se e espera. Mas ele não continua.

É sempre assim. É um daqueles tipos que fazem uma grande algazarra, como se fossem comandar um ataque: gritam à carga,

batem o pé, dão uns passos e... desistem.

McMurphy observa-o, surpreendido com a interrupção, depois daquele começo tão esfuziante, e diz-lhe:

— Tal qual um campo de concentração chinês.

Harding levanta os braços, pedindo calma.

—Não, não. Não é justo. Não nos deves condenar.

Não. De facto.

Noto aquela expressão maliciosa, voltando-lhe ao olhar. Penso que vai recomeçar a rir, mas, em vez disso, tira o cigarro da boca e aponta-o para McMurphy - o cigarro, parece um dedo daquela mão, branco e magro, com a ponta a fumar.

-...também você, sr. McMurphy, apesar dessas fanfarronices de cowboy e desses ares superiores, também você, debaixo dessa capa de duro, é provavelmente, tão brando como nós e deve ter a mesma alma de coelho.

— Sim, podes apostar nisso. Sou um coelho com o rabinho de peluche. Mas que é que me faz ser um coelho, Harding ? As minhas tendências para andar à porrada? Ou, talvez, para foder? Devem ser as ten-

dências para foder, ou não será? Aquele toma-já-está-

-Obrigado-minha-senhora. Sim, deve ser isso que faz de mim um coelho: o toma-já-está...

— Espera. Parece-me que levantaste uma questão que merece um pouco mais de discussão. Os coelhos são caracterizados por certos traços, não é? São realmente notáveis no toma-já está. Sim... hum... mas, de qualquer modo, a questão que levantaste só prova que és um coelho saudável, funcional e bem adaptado, enquanto que nós, na sua grande maioria, carecemos da habilidade sexual que faz um bom coelho. Falhados. E isso que somos: falhados. Criaturas débeis, fracas e raquíticas, duma raça inferior. Coelhos sem toma-já-está, é o que somos. Uma lástima!

— Mais devagar! Estás a deturpar o que eu disse...

- Não. Tinhas razão. Foste tu que nos chamaste a atenção para o local onde a enfermeira estava a concentrar as suas bicadas. Lembras-te? E é verdade.

Não há aqui ninguém que não tenha medo de perder, ou não tenha já perdido, o seu toma já-está. Somos pequeninas criaturas ridículas que nem sequer no mundo dos coelhos conseguimos arranjar virilidade. Eis a nossa fraqueza e a nossa inadaptação. Pode dizer-se que somos os coelhos do mundo dos coelhos!

Inclina-se para diante e aquele seu riso forçado de que eu estava à espera começa a sair-lhe da boca pela-se.

como um guincho. As mãos tremem-lhe e a cara arte-

- Harding ! Cala o bico!

E como uma bofetada. Ele cala-se repentinamente, a boca aberta naquele esboço de riso, como uma careta, as mãos bamboaleando-se numa nuvem azul de fumo de tabaco. Durante um segundo fica assim, petrificado.

Depois, os seus olhos diminuem de tamanho, trans-

formando-se em dois pequenos buracos maliciosos que ele fixa em McMurphy. Fala tão baixo que tenho que ir varrer para junto da sua cadeira para poder ouvir

o que diz.

— Amigo... tu... tu talvez sejas um lobo.

- Maldita mania! Não sou nenhum lobo e tu não és nenhum coelho. Bolas, nunca ouvi tal...

— A tua voz faz lembrar o uivo dum lobo.

Com um suspiro profundo McMurphy dirige-se aos outros Agudos.

- Ouçam, ouçam todos. Que raio se passa com vocês? Não são loucos ao ponto de pensarem que são animais? Hã?

Cheswick vem para junto dele.

—Não. Graças a Deus não sou nenhum coelho.

— Bravo Cheswick! E vocês? Reajam, caramba!

Vejam a vossa figura, falando em fugir, assustados por uma velhota de cinquenta anos. Que é que ella vos pode fazer? O quê?

- Sim. O quê? — pergunta Cheswick, fixando os outros.

— Não vos pode açoitar. Não vos pode marcar com um ferro em brasa. Não vos pode amarrar a uma roda de tortura. Hoje em dia

há leis contra isso: já não estamos na Idade Média. Não há nada que ela vos possa...

— Tu v-v-viste o que ela nos p-p pode fazer! Viste-o hoje, na s-s-sessão.

O Billy Bibbit deixa de ser um coelho. Vira-se para McMurphy e tenta prosseguir, a boca cheia de saliva e a cara vermelha. De repente, volta-se e afas-

ta-se.

-Ah! Não v-v-vale a pena. Eu devia era m-m--matarme.

McMurphy pergunta-lhe:

—Hoje? Que vi eu hoje na sessão? A única coisa que vi foi ela a fazer-vos algumas perguntas. Perguntas amáveis e fáceis de responder. As perguntas nunca fizeram mal a ninguém.

Billy volta-se.

— Mas o m-m-modo como ela as faz...

— Não é obrigatório responder, ou é?

—Se não se r-responde, ela limita-se a sorrir e a escrever q qualquer coisa no caderno, e depois ela...

ela... oh, merda!

Scanion vem para junto de Billy.

—Se não respondemos às suas perguntas, Mack, estamos a admitir que somos culpados. E assim que esses filhos da mãe do governo nos apanham. Nada podemos contra isso. A única solução é dar cabo de tudo. De tudo!

— Bom. Então, quando ela vos faz essas perguntas porque não a mandam para o raio que a parta?

- Sim - diz Cheswick, cerrando o punho - devemos mandá-la para o raio que a parta.

— Sim? E depois, Mack? Ela limitar-se-ia a dizer:

«Porque ficou tão perturbado com esta pergunta, senhor McMurphy?»

—Tornas a mandá-la para o raio que a parta.

A ela e aos outros todos. Continuam a não poder bater-te. son quem fala.

Os Agudos aproximam-se dele. Agora é Fredrick-

— De acordo, dizes-lhe isso. E és registado como Potencialmente Agressivo e conduzido para a enter-maria dos Violentos. Já me aconteceu. Três vezes. Um pobre diabo lá em cima nem sequer pode ir ao cinema ao sábado. E nem ao menos tem televisão.

—E, meu amigo, se continuares a demonstrar tendências hostis, tais como essa de mandar as pessoas para o raio que as parta, ficam à dica para ires para a Câmara de Choque ou, talvez, mesmo, para tratamentos mais complicados: uma operação, uma...

- Vai-te lixar, Harding. Já te disse que ainda não estou ao corrente da gíria cá da casa.

- A Câmara de Choque, sr. McMurphy, é o nosso calão para designar a máquina de TEC, terapia de eletrochoque. É um dispositivo que, pode-se dizer, conjuga o efeito das pílulas para dormir, da cadeira eléc-trica e da roda de tortura. O tratamento é simples, rápido e quase indolor, mas ninguém quer lá voltar segunda vez. Por nada deste mundo.

—O que é que essa coisa faz?

— Amarram um tipo a uma mesa em forma de cruz. Que ironia! E em vez duma coroa de espinhos aplicam-lhe descargas eléctricas na cabeça. Põem um eléctrodo de cada lado. O equivalente a cinco tostões de eletricidade atravessa-lhe o cérebro e pronto: aí está o seu tratamento e, simultaneamente, o seu castigo por andar aí a mandar as pessoas para o raio que as parta. O tipo fica fora de circulação durante um período que varia entre seis horas e três dias, conforme os casos. Mesmo depois de recobrar a consciência fica, por uns dias, num estado de total desorientação. Um tipo fica incapaz de pensar e não se consegue lembrar de nada. Uma série de tratamentos destes e um fulano fica completamente apagado. Tal como o sr. Ellis que vês ali encostado à parede. Aos trinta e cinco anos, um idiota baboso que mija nas calças. Ou um corpo sem inteligência, que come e elimina e grita «que se foda a mulher», como ali o Ruckly. Olha o Chefe Vas-soura, aí ao teu lado, aferrando-se ao seu homónimo.

Antes que eu possa fazer alguma coisa, Harding aponta para mim com o cigarro. Finjo que não reparo e continuo a varrer.

—Ouvi dizer que o Chefe, aqui há alguns anos, quando os tratamentos de choque estavam na moda, foi submetido a mais de duzentos. Imagina o que isso não poderá fazer a um tipo que já não estava muito bom da cabeça. Olha-o: um gigante criado para todo o serviço. Eis o Americano em vias de Extinção<sup>1</sup>: uma máquina de varrer com dois metros de altura e com medo da própria sombra. E isto, meu amigo, que ela nos pode fazer.

McMurphy observa-me durante uns momentos e depois vira-se para Harding.

— Mas, pergunto eu, porque o permitem vocês?

Então é aquela salganhada de enfermaria democrática que o médico me esteve a impingir? Porque não fazem votações?

—Para votar em quê, meu amigo? Para que ela não possa fazer mais perguntas nas sessões de grupo?

Para que não nos olhe de certa maneira? Diga-me, sr. McMurphy, votar em quê?

- Raios, sei lá! Em qualquer coisa. Vocês não vêem que têm de fazer alguma coisa para lhe mostrar que ainda têm um bocadinho de coragem? Não vêem que não podem deixar-se dominar completamente por ela?

Dizes tu que o Chefe tem medo da própria sombra.

Pois olhem para vocês: nunca na minha vida vi um tal bando de medrosos.

- Eu não! — protesta Cheswick.

---

<sup>1</sup> Vanishing American: nome vulgarmente atribuído a09 índios americanos, (N. do T.)

— Talvez não, parceiro, talvez não. Mas os outros até têm medo de abrir a boca para se rir. Sabem? Foi a primeira coisa que reparei quando cá cheguei: que ninguém ria. Sabem que desde que passei aquela porta ainda não ouvi uma verdadeira gargalhada? Rapazes, quando se perde o riso perde-se tudo. Um homem que se deixa humilhar por uma mulher ao ponto de perder a faculdade de rir, perde uma das maiores armas que tem pelo seu lado. Primeiro, começará por pensar que ela é mais dura que ele e...



— Ah! Meus irmãos! Coelhos! Parece-me que o meu amigo está a chegar ao ponto. Diga-me, sr. McMurphy, como é que se mostra a uma mulher quem é que manda?

Sem ser rindo dela, claro. Como é que se lhe pode mostrar quem é o rei da montanha? Um tipo como tu deve ser capaz de nos ensinar isso. Também não é à bofetada, é? Não, não deve ser, porque senão ela chamava a Polícia. Sera perdendo a calma e desatando aos berros?

Também não. Seria ela quem acabaria por ganhar. Diria, tentando aplacar a tua fúria: «Então, menino, é por minha causa que está a ficar nervoso? É?» Alguma vez experimentaste conservar uma expressão furiosa e dominadora perante tais conclusões? Pois, bem vê, meu amigo. De algum modo é como tu disseste: o homem tem apenas uma arma verdadeiramente eficaz contra o jogo do matriarcado moderno, mas não é com certeza a troça. Uma única arma. E com o decorrer dos anos desta sociedade corrompida em busca de motivações, um cada vez maior número de pessoas vai descobrindo o modo de tornar essa arma ineficaz e de conquistar os que até então haviam sido os conquistadores...

— Meu Deus, Harding! Lá voltas tu ao mesmo

- observa McMurphy.

-...e pensas que, com todos os teus reconhe-

cidos poderes psicopáticos, poderias realmente usar essa arma contra o nosso campeão? Pensas que a pode. rás usar contra miss Ratched, McMurphy? Achas que o poderias fazer?

E aponta a mão para aquela janela. Todas as cabeças se viram. Lá está ela, observando tudo através da vidraça, um gravador escondido algures, registando toda esta conversa — planeando já os seus próximos passos.

Repara que a fixam, faz uma saudação e todos desviam os olhos. McMurphy tira o gorro e passa as mãos pelo cabelo vermelho. Agora todas as atenções estão viradas para ele: esperam pela sua resposta e ele bem o sente. Não sabe bem como terá isso acontecido, mas tem a sensação de ter caído numa armadilha. Volta a enfiar o gorro e coça a cicatriz do nariz.

—Pois bem, se o que queres saber é se sou capaz de enfrentar aquela bruxa, digo-te que não, não me parece que o possa fazer com êxito...

— Ela não é tão feia como isso, McMurphy. Tem uma cara bonita e bem conservada. E apesar de todos os seus esforços para o esconder naquela farpela, pode ainda ver-se que tem uns peitos sensacionais. Deve ter sido uma rapariga duma beleza invulgar. Aqui para nós e só pelo prazer da conversa, diz-me uma coisa: eras capaz de ir para a cama com ela se não fosse velha, se fosse nova e bonita como a Helen?

— Não conheço essa Helen, mas estou a ver onde queres chegar. E, santo Deus, tens toda a razão. Não ia para a cama com aquela cara-de-pau nem que ela tivesse a beleza duma Marilyn Monroe.

— Aí tens. Ela ganhou.

E pronto. Harding recosta-se na cadeira e ficam todos à espera da resposta de McMurphy. Este sabe

que está entre a espada e a parede. Observa aquelas caras durante um minuto, encolhe os ombros e levanta-se.

-Ora, que diabo, o problema não é meu.

— É verdade, o problema não é teu.

— Além disso, não estou interessado em que um demónio duma enfermeira ande atrás de mim para me filar com três mil voltios no pêlo. Pelo menos, só pelo prazer da aventura.

- Sim. Tens razão.

Harding ficou por cima, mas ninguém parece ter ficado muito satisfeito com isso. McMurphy mete os polegares nos bolsos e tenta sorrir.

— Não senhor. Nunca ouvi dizer que alguém oferecesse uma recompensa pela captura duma capadora.

Todos se riem com ele, mas não se sentem satisfeitos. Por um lado estou contente: porque, apesar de tudo, McMurphy resolve ser prudente e não se meter numa alhada em que estaria de antemão derrotado. Mas sei o que pensam os rapazes. Eu próprio não me sinto satisfeito. McMurphy acende outro cigarro. Continuam todos imóveis, de pé, sorrindo e sentindo-se desconfortáveis. McMurphy

volta a coçar o nariz e olha para além daquele grupo de caras inclinadas para ele. Vira-se para a enfermeira e morde os lábios.

— Mas tu disseste... que ela só manda alguém para essa enfermaria quando esse alguém sai dos eixos?

Só se o fizer perder a cabeça e ele a amaldiçoar ou partir alguma coisa ou fazer qualquer coisa do género?

- Sim, só se fizer qualquer coisa do género.

- Tens a certeza disso? Pergunto isto porque estou a ter uma ideia que me vai permitir ganhar uma boa maquia à vossa custa. Mas não quero fazer o papel de bobo da corte. Estive uma data de tempo para me

conseguir pirar daquele campo de trabalho e não estou interessado em saltar da frigideira para cair no lume.

- Tenho a certeza absoluta. Da nada pode fazer desde que não cometas nenhum disparate que te ponha na alçada das regras que regem os tratamentos da enfermaria dos Violentos ou da TEC. Se fores suficientemente duro para evitar que ela te consiga apanhar, não há nada que ela possa fazer.

—Então, se me portar bem e não lhe chamar nomes...

-Nem aos ajudantes.

—... nem aos ajudantes e se não sair da linha, não tenho nada a recear?

— Não, não tens nada a recear. São essas as regras do jogo. É claro que ela ganha sempre, meu amigo. sempre. É invulnerável, e como o elemento tempo trabalha a seu favor, acaba sempre por apanhar-nos.

E por isso que no hospital a consideram a melhor enfermeira e lhe conferem uma tal autoridade. Ela é mestre na arte de pôr a olho nu os líbidos receosos...

— Para com isso. A única coisa que quero saber é se estarei seguro quando a tentar derrotar no seu próprio jogo. Se me fizer doce como mel, seja o que for que insinue, ela não ficará histérica e não me mandara electrocutar?

— Estás em segurança desde que não percas a calma. Desede que mantendas o sangue-frio e não lhe des pretextos para aplicar os

regulamentos da enfermaria dos Violentos ou os benefícios terapêuticos do eletrochoque, nada tens a temer. Mas é preciso acima de tudo manter a calma. Mas tu, com esse cabelo ruivo e com o teu cadastro... porque te iludes?

— Sim, está bem — murura, esfregando as palmas das mãos — eis o que eu estava a pensar: vocês jul-

gam que têm aqui um campeão, não é assim? Uma... como é que lhe chamam?... Sim... uma mulher invulne-rável. O que quero saber é quantos de vós estão tão convencidos dessa invulnerabilidade ao ponto de apostarem nela uns cobres.

— Tão convencidos?...

- Tal qual. Algum espertalhão quer apostar cinco dólares em como, até ao fim desta semana, levo a melhor aquela mulher, sem que ela me consiga lixar? Uma semana. E se até lá eu não a conseguir pôr histérica, andando às cegas, sem saber sequer onde há-de cagar, então a aposta é vossa.

— Vais apostar nisso? - Cheswick saltita dum pé para o outro e esfrega as palmas das mãos, como tinha visto McMurphy fazer.

— Podes ter a certeza que vou.

Harding e alguns dos outros dizem que não perce-beram.

- E simples. Não ha nenhum truque nem nada de complicado nisto. Simplesmente gosto de jogar.

E gosto de ganhar. E esta aposta, acho que a posso ganhar, certo? Já em Pendleton ganhei muitas. Arranjei uma tal fama que os tipos nem sequer um tostão apostavam comigo. Essa é uma das razões que me levaram a vir para aqui: precisava de patinhos frescos.

Mas primeiro deixem-me dizer-lhes uma coisa: antes de vir para cá fiz umas investigações. Mais de metade de vocês recebe indemnizações da ordem dos trezentos, , quatrocentos dólares por mês e não tem onde os gastar.

Dinheiro que fica a amontoar poeira. Pensei que talvez pudesse tirar partido disso e que talvez pudesse também tornar as nossas vidas mais divertidas. Vou ser franco. Sou um jogador e não costumo perder. E nunca encontrei nenhuma mulher que pensasse ser mais viril

que eu e pouco me importo se me apetece dormir com ela ou não. Bem pode ter o tempo pelo seu lado, mas eu pelo meu tenho já um velho hábito de ganhar.

Tira o gorro, fá-lo girar no dedo e apanha-o atrás das costas com a outra mão. Sem falhar.

— Outra coisa: estou aqui porque assim o desejei.

Pura e simplesmente. Porque isto sempre é melhor do que o campo de trabalho. Tanto quanto sei não sou maluquinho, ou, se sou, nunca dei por isso. E isto a vossa enfermeira não o sabe: certamente que não esperará que um tipo esperto e de resposta pronta, como eu, lhe venha parar às mãos. Este facto dá-me uma vantagem que me satisfaz. Portanto, aposto cinco dólares com os que quiserem em como daqui a uma semana meto um percevejo no cu daquela enfermeira.

— Ainda não tenho a certeza que...

— Isso mesmo. Uma abelha no cu e um espinho para dentro da saia. Até ela ficar furiosa. Vou chateá-la até ela se descoser pelas costuras e mostrar, uma vez ao menos, que não é tão invencível como pensa. Uma semana. Vocês serão os juízes e decidirão quem ganhou.

Harding pega num lápis e escreve qualquer coisa no bloco de marcações do pinochle.

— Toma. Um vale de dez dólares daquele meu dinheiro que está a amontoar pó nas Contas. Assistir a um tal milagre vale o dobro disto.

McMurphy lê o papel e dobra-o.

— E para vocês? Não vale nada?

Mais alguns Agudos fazem bicha para preencher os papéis. Ele vai-os recebendo quando acabam de os preencher, empilhando-os na palma da mão e segurando-os com o enorme polegar. Vejo o monte aumentar ali na sua mão.

- Confiam em mim para guardar as apostas, parceiros?

— Acho que o podemos fazer. Durante uns tempos não vais sair daqui para fora - concorda Harding.

Num dia de Natal, à meia-noite em ponto, no antigo hospital, a porta da enfermaria abre-se repentinamente com um estoiro e entra um homem gordo de barba, olhos vermelhos do frio e o nariz da cor duma cereja. Os pretos rodeiam-no num canto, iluminados com lanternas eléctricas. Vejo que está todo emaranhado nos fios prateados que o Relações Públicas estendeu por toda a parte e nos quais tropeçou na escuridão.

Protege os olhos das luzes das lanternas e chupa o bigode.

—Oh! Oh! Oh! - exclama — Gostava de ficar mas tenho que apressar-me. Uma escala muito aপরতাদa, sabem. Oh! Oh! Tenho que ir andando...

Os pretos acompanham-no com as lanternas. Man-tiveram-no connosco seis anos antes de o despedirem, bem barbeado e magro como um espeto.

A enfermeira-chefe é capaz de regular o relógio de parede para a velocidade que quiser, limitando-se a rodar um daqueles botões da porta de aço: se tenciona apressar as coisas aumenta a velocidade e os ponteiros giram no mostrador como os raios duma roda, A imagem nos écrans das janelas muda rapidamente de luminosidade, mostrando a manhã, o meio-

dia e a noite - vibra furiosamente com a alternância do dia e da escuridão e ficamos doidos ao acompanhar aquela passagem falsificada do tempo. Uma terrível mistura de barbear, tomar o pequeno almoço, executar tarefas, almoçar e medicamentar-se, e depois dez minutos de noite, de tal forma que mal fechamos os olhos já as luzes do dormitório nos gritam para sair da cama e recomeçar novamente a terrível confusão, andando para ali como filhos de puta, passando pelas funções todas do dia talvez vinte vezes durante uma hora, até a enfermeira-chefe ver que estão todos a ponto de estoiar. Então, diminui a aceleração e atrasa o movimento dos ponteiros do relógio como uma criança que brinca

com um projector de cinema e se cansa de ver a fita a correr dez vezes mais depressa que a velocidade normal, e, já saturada de toda aquela corrida e da conversa como zumbido de insectos, a põe a funcionar normalmente.

Dá-lhe para aumentar desta forma a velocidade nos dias em que, digamos, temos alguém a visitar-nos ou quando os VFW<sup>1</sup> nos trazem um espectáculo de Portland — em momentos como estes, que gostaríamos de saborear e prolongar. E então que ela acelera tudo.

Mas geralmente é ao contrário: ao retardador. Ela roda o botão de forma a quase fazer parar tudo e o Sol imobiliza-se no écran e não se move um milímetro durante semanas, nem uma folha se agita nas árvores, nem uma haste de relva no prado. Os ponteiros do relógio marcam dois minutos para as três e ela é capaz de os deixar nessa posição até apodrecermos. Deixamo-nos ficar sentados, imóveis, sem podermos andar ou fazer

---

<sup>1</sup> Veterans of Foreign Wars. O correspondente à nossa Liga dos Combatentes da Grande Guerra. (N. do I.)

qualquer gesto ou levantarmos, e nem seitar contra o qualquer esto ou er sentados, e nem sectar contra o estorço de permanecer sentos secer poes

engolir ou respirar. A única coisa que podemos mover são os olhos, mas não há nada para ver a não ser os Agudos petrificados, em elo próximo sala, esperando que alguém decida quem é o próximo a jogar. O velho Crónico ao meu lado está morto há seis dias e vai apodrecendo naquela cadeira. E, algumas vezes, em ver. do nevoeiro ela faz sair dos ventiladores um gás transparente e toda a enfermaria se solidifica quando o gás se transforma em plástico.

Só Deus sabe quanto tempo permanecemos assim.

Então, gradualmente ela vai aliviando a pouco e pouco o botão e isso é ainda pior. Consigo suportar melhor uma imobilidade de morte do que aquela mão de Scanlon, lenta como um xarope grosso, lá no fundo da sala, demorando três dias para jogar uma carta.

O espesso ar de plástico dificilmente entra nos meus pulmões, como se fosse chupado através dum orifício minúsculo. Tento ir à latrina, mas sinto-me enterrado sob uma tonelada de areia que me aperta a bexiga até me saltarem faíscas sibilantes à frente dos olhos.

Esforço-me, com todos os ossos e músculos tensos, por me deslocar da cadeira para ir à latrina, até ao ponto dos meus braços e pernas ficarem a tremer e até os dentes me doerem. Faço cada vez mais força mas não consigo afastar-me do assento de couro mais do que um centímetro. Deixo-me cair na cadeira e desisto, deixando que o mijo saia à vontade e feche um circuito montado na minha perna esquerda que põe a funcionar humilhantes sirenes, campainhas e luzes.

Toda a gente grita e corre desordenadamente pela enfermaria e os pretos matulões batem-lhes com as horríveis

vassouras húmidas de fio de cobre, que cospem faíscas ao provocar curtos-circuitos.

O único alívio que temos neste controlo do tempo é quando ligam o nevoeiro. Então o tempo não significa nada. Está perdido no nevoeiro com tudo a resto. (Não puseram ainda hoje o nevoeiro a toda a força. Desde a chegada de McMurphy que ele não funciona no máximo. Aposto que ele faria um berreiro infernal se o fizessem.)

Quando nada mais acontece temos o nevoeiro ou o controlo de tempo para variar, mas algo diferente aconteceu. Desde o dia em que me fizeram a barba antes do pequeno almoço, que não nos aplicam o controlo do tempo ou o nevoeiro. Esta tarde tudo corre normalmente. Quando chega o turno da tarde o relógio marca quatro e trinta, como deve ser. A enfermeira-

-chefe manda embora os pretos e dá uma última olhadela à enfermaria. Arranca um comprido alfinete de prata do seu nó de cabelo negro-azulado, atrás da cabeça, tira a touca branca e guarda-a cuidadosamente numa caixa de cartão (tem na caixa bolas de naftalina) e volta, com um gesto rápido a colocar o alfinete no cabelo.

Vejo-a desejar boa-noite a todos por detrás da vidraça. Entrega à enfermeira pequenina, que tem um sinal de nascença e que acabou de entrar de serviço, uma nota e depois dirige-se ao painel de controlo na porta de aço onde liga o botão do alto-falante da sala-



-de-estar. «Boa noite, rapazes, portem-se bem.» E liga música mais alto que nunca. Passa a parte interior do pulso ao longo da janela e uma expressão de aborrecimento indica ao preto gordo que entrou de serviço que é melhor ir limpá-la, o que faz imediatamente com uma

toalha de papel, antes que ela tenha tempo de lechar a porta da enfermaria atrás de si.

A maquinaria nas paredes assobia e sussurra ao baixar de velocidade.

Depois, e até à noite, comemos, tomamos banho e voltamos a sentar-nos na sala-de-estar. O velho Blastic, o mais idoso dos Vegetais, geme, as mãos sobre o esto-mago. George (os pretos chamam-lhe o Estrega-

-Esfrega) lava as mãos no bebedouro. Os Agudos jogam às cartas e tentam melhorar a imagem da televisão, mudando o aparelho de sítio até onde o comprimento do fio permite.

Os alto-falantes no tecto continuam a transmitir música. Esta música não é da rádio pelo que não sofre as interferências da maquinaria. Vem duma grande bobina de fita gravada na Sala das Enfermeiras e já todos a conhecemos tão bem, de cor, que nenhum de nós, à excepção dalgum recém-chegado como McMurphy, tem consciência de a ouvir. Ele não se habituou ainda à música. Está a jogar blackjack a cigarros e é o ban-queiro. Há um alto-falante mesmo por cima da mesa em que estão a jogar. Puxou de tal modo o gorro para cima dos olhos que tem que levantar a cabeça para conseguir ver as cartas. Segura um cigarro entre os dentes e fala sem o tirar, como um leiloeiro de gado que vi uma vez num leilão em Dallas.

— Eh! Eh! Vamos, vamos! — diz ele muito alto e depressa, — Estou à espera, seus anjinhos, ou se ganha ou se perde. Queres ganhar? Bom, bom, bom, e com um rei à vista o rapaz quer ganhar. Vai enxurrar. Se a0

Jogo queres ganhar nao te canses de passar, Bs tu a falar, Scanlon. Quem me dera que algum idiota naquela estufa das enfermeiras pusesse esta estuporada música mais baixo! Chiça! Esta coisa toca todo o dia e toda

a noite, Harding? Nunca ouvi uma barulheira tão infernal na minha vida.

Harding dirige-lhe um olhar inexpressivo.

— A que barulho se refere exactamente, sr. MeMur-phy?

— Esta maldita rádio. Chiça! Está a tocar desde que entrei esta manhã. Não me venhas com idiotices a dizer que não a ouves.

Harding vira a cabeça de forma a ficar com o ouvido voltado para o tecto.

-Ah! Sim. Aquilo a que eles chamam música.

Sim, acho que a podemos ouvir se prestarmos atenção, mas, se nos concentrarmos bastante também podemos ouvir o coração a bater.

Sorri para McMurphy.

— Sabes, amigo? E uma gravação que estão a reproduzir. Raras vezes ouvimos rádio. As notícias do mundo podem não ser terapêuticas. E já todos ouvimos esta gravação tantas vezes que a música, por assim dizer, escorrega, fora do nosso campo de audição, como o som duma queda de água se torna inaudível para os que vivem junto dela. Achas que ouvirias sempre o barulho duma queda de água se vivesse perto dela?

(Ainda ouço o som das cataratas do Colúmbia.

Sempre as ouvi - sempre. Ouço o bramido do urso velho e gordo ao apanhar um salmão, ouço as pancadas dos peixes saltando fora de água, as risadas dos garotos nus nas margens, as mulheres nos estende-douros... nunca deixei de o ouvir.)

— Deixam isto sempre ligado, como uma queda de água?

- Páram quando vamos dormir - informa Ches-wick — mas, de resto é sempre assim.

O diabo carregue isto! apanha dizer aquele negróide para a desligar, senão apanha uns pontapés no rabo gordo.

abepara va-se para se levantar, mas Farding tocou-

-lhe num braço.

-Amigo, é precisamente um procedimento como esse que classifica um tipo como Violento. Estás assim tão desejoso de perder a aposta?

McMurphy olha para ele.

— E então assim que fazem, hem? Um jogo de pressão chantagista? Sempre com a espada sobre a nossa cabeça?

— E assim mesmo que fazem.

Lentamente, volta a sentar-se e diz:

— Grande sacanice!

Harding observa os outros Agudos à volta da mesa de jogo.

- Cavalheiros, parece-me ter detectado no nosso ruivo candidato uma quebra do seu estoicismo de cowboy das fitas.

Olha para McMurphy, do outro lado da mesa, sorrindo-lhe, e ele acena-lhe, levanta a cabeça para piscar o olho e morde o polegar.

- Sim senhor, a Professor Harding parece que se julga muito importante. Lá porque ganhou duas vazas julga-se um grande jogador. Bem, bem, bem, ali está ele com um duque à vista e temos em jogo um maço de Mariboros a sugerir-lhe que desista.... Toma, está a ver-me bem, Professor? Cá está um terno, quer outra?

Dis mais um duque, vai tentar o máximo, Professor?

Vai tentar ganhar a dobrar ou fica-se? Outro maço de cigarros, Parece que não quer. Bem, bem, bem, o Pro-Pessor está a ver? Isto é que mostra a categoria. Mrito mal! Outra dama e o Professor chumba no exame....

Começa a ouvir-se outra canção, alta e barulhenta, à base de acordeão. McMurphy olha para cima, para o alto-falante, e começa a falar cada vez mais alto para se fazer ouvir.

...vamos, vamos, bem. O que se segue, c'os dia-bos, ou pedes cartas ou passas, é a tua vez!...

E é isto até se apagarem as luzes, às nove e meia.

Estive a observar McMurphy naquela mesa de sete-e-meio toda a noite: a maneira como dava cartas, como falava e como puxava os jogadores, especialmente quando estavam quase a desistir, sem forçar durante uma ou duas rodadas, para lhes dar confiança e os fazer continuar no jogo. Interrompeu uma vez para fumar um cigarro, recostou-se na cadeira com as mãos atrás da nuca e disse aos tipos:

— O segredo para se ser um vigarista de primeira é ser-se capaz de descobrir o que pretende o anjinho e convencê-lo de que

vai conseguir. Aprendi isto quando trabalhei numa barraca de feira num arraial. Um tipo sente a chegada do pato, quando ele se aproxima, e diz:

«Cá está um gajo que gosta que pensem que é um duro».

E assim, sempre que ele refila por ter perdido, fingimos estar a morrer de medo e dizemos-lhe: «Por favor, senhor, não arme sarilho. A próxima jogada é por conta da casa.» E ficam todos satisfeitos.

Inclina-se para a frente e as pernas da cadeira batem com força no chão. Pega no baralho, passa-lhe o polegar por cima, bate-o no tampo da mesa e lambe o polegar e o indicador.

—El, pelo que me parece, o que vocês querem é um bom bolo para vos tentar. Aqui estão dez maços

para a próxima jogada. Ena! Quem tem meda compra um cão...

Atira a cabeça para trás e ri alto do entusiasmo com que eles fazem as apostas.

tata gargalhada encheu durante toda a tarde a sala-de-estar e enquanto esteve a Jogar conversou e brincou, tentando fazer com que os outros rissem com ele. Mas eles receavam abrir-se: há muito tempo que se haviam desabitinado. Desistiu de tentar e ajeitou-se para um jogo a sério. Eles tiveram a banca uma ou duas vezes, mas ele recuperava-a sempre, ou então comprava-a e arrumava, dum lado e doutra, as grandes pirâmides de cigarros que cresciam sem parar.

Então, pouco antes das nove e meia, começou a deixá-los ganhar e deixou-os recuperar os cigarros tão depressa que eles já nem sequer se lembravam que tinham perdido. Pegou a último par de cigarros, colocou o baralho de cartas na mesa, inclinou-se para trás com um suspiro, levantou o gorro, que quase lhe tapava os olhos, e acabou o jogo.

—Bem, meus senhores, ganhar uma vazas e perder o resto é a minha teoria. — Sacudiu a cabeça, desiludido. — Não sei: quando tinha vinte e um anos era um jogador dos bons, mas vocês, meus passarões, talvez sejam demasiado bons para mim. Vocês têm uma espécie de queda especial que põe um homem à rasca. Jogar com tais espertalhões com dinheiro a sério não é nenhuma brincadeira.

Não está a tentar enganar-se, convencendo-se que eles caíam nesta. Deixou-os ganhar e cada um de nós que viu o jogo, sabe-o perfeitamente. Os que estão a jogar também. Mas não há nenhum que, arrumando a pilha de cigarros — cigarros que não ganharam: apenas recuperaram pois eram inicialmente seus - não

tenha um sorriso feliz, como se fosse o batoteiro mais esperto de todo o Mississipi.

O preto gordo e o outro chamado Geever fizeram-nos sair da sala-de-estar e começaram a apagar as luzes com uma pequena chave que usam enfiada numa corrente e conforme a enfermaria vai ficando às escuras os olhos da enfermeira pequenina, a que tem um sinal de nascença, vão-se tornando cada vez maiores e mais brilhantes. Está à porta da sala envidraçada, distribuindo as pílulas da noite aos homens que passam em fila junto dela, arrastando os pés, e está a ter dificuldade em verificar quem se envenena com aquilo esta noite. Nem mesmo verifica onde deita a água. O que assim fez distrair a sua atenção foi aquele grandalhão ruivo com o gorro odioso e a cicatriz horrorosa, que se dirigia para ela. Observa MaMurphy a afastar-se da mesa de jogo na já escura sala-de-estar, a mão calejada torcendo um tufo de cabelo vermelho que lhe sai da gola da camisa de trabalho e julgo, pela forma como recua quando ele chega à porta da sala, que terá sido provavelmente avisada pela enfermeira-chefe acerca dele. (Ah! Mais uma coisa antes de deixar isto a seu cargo esta noite, miss Pilbow: aquele recém-chegado sentado lá adiante, o que tem umas suíças vermelhas berrantes e cicatrizes na cara, tenho razões para crer que é um maníaco sexual.)

McMurphy repara como ela o fita, assustada, os olhos arregalados, mete a cabeça pela porta da sala, onde ela está a distribuir as pílulas, e dirige-lhe um grande e amigável sorriso para travar conhecimento.

Isso atrapalha-a de tal maneira que deixa cair o jarro da água sobre um pé. Dá um grito e saltita a pé-coxi-nho, faz um gesto nervoso com a mão e uma pílula salta da pequena chávena para o decote do uniforme,

no sítio onde o sinal de nascença corte cobao um rio de vinho na direcção do vale.

-Deixe-me ajudá-la, minha senhora.

E aquela mão, cheia de tatuagens e cicatrizes cor de carne viva, entra pela porta da sala.

- Não se aproxime! Tenho aqui dois auxiliares comigo.

Procura os pretos com os olhos mas eles estão afastados, amarrando os Crónicos às camas, demasiado longe para lhe virem acudir a tempo. McMurphy sorri e mostra a palma da mão para que ela possa ver que não tem nenhuma faca. Apenas consegue distinguir naquela mão gasta, encerada e calejada o reflexo da

Lua.

—A única coisa que queria fazer era...

—Não se aproxime! Os doentes não estão autorizados a entrar na... oh, não se aproxime, eu sou católica!

E imediatamente puxa pelo fio de ouro que tem 20 pescoço, saltando-lhe uma cruz de entre os seios juntamente com a pílula perdida que é projectada pelos ares. McMurphy lança a mão ao ar à frente da cara dela. Ela grita, põe a cruz na boca e cerra firmemente as pálpebras, como se estivesse à espera de levar um soco. Fica assim, branca como papel, à excepção daquele sinal que fica mais escuro que nunca, como se lhe tivesse sugado todo o sangue do corpo. Quando por fim abre os olhos, lá está aquela mão calejada mesmo na sua frente e a pequena cápsula vermelha na palma em forma de concha.

— ...era apanhar o jarro de água que deixou cair. — Segura-o na outra mão.

A respiração dela soa como um assobio. Pega no jarro que ele lhe entrega.

— Muito obrigado. Boa noite, boa noite. — E fecha a porta na cara do doente que se segue. Acabou-se a distribuição esta noite.

No dormitório McMurphy atira-me a pílula para cima da cama.

—Queres a tua pílula azeda, Chefe?

Olho para ela e digo que não com a cabeça. Ele com um piparote atira a para longe como se fosse um insecto que o aborrecesse. Ela salta no pavimento com o ruído dum grilo. Continua a despir-se, preparando-se para se meter na cama. As cuecas por baixo das calças de trabalho são de cetim negro, com grandes

baleias brancas de olhos vermelhos. Sorri quando vê que estou a olhar para elas.

— Deu-mas uma companheira de prisão no Oregon, Chefe, formada em Literatura.

Puxa o elástico com o polegar, fazendo-o estalar quando o larga.

— Disse que mos dava porque me considerava um símbolo.

Tem o pescoço, os braços e a rosto queimados pelo Sol e eriçados de pêlos ruivos. Tem também tatuagens em ambos os ombros. Uma diz: «Fuzileiro Combatente» e tem um demónio só com um olho e chifres vermelhos e uma arma automática, e a outra vaza de póquer

—ases e oitos — aberta em leque por sobre o músculo.

Põe as roupas, que acabou de enrolar, em cima da banca de cabeceira entre as nossas duas camas e dá murros no travesseiro. Foi-lhe destinada uma cama ao lado da minha.

Mete-se debaixo da roupa e diz-me que faça o mesmo pois aproxima-se um dos pretos para nos iluminar com a lanterna. Olho à volta e vejo o preto chamado Geever dirigir-se para nós. Atiro fora os sapatos

e meto-me na cama para ele me amarrar com as cor-reis. Quando acaba de o fazer langa um olhar à volta, dá uma risadinha e apaga as luzes do dormitório. a excepção dum feixe de luz trie vem da Sala as Enfermeiras, do outro lado do atrio, o dormitório das Enfermeiras, do outro lado do átrio, o dormitório está às escuras. Vejo difusamente McMurphy, ao meu lado, respirando regular e profundamente, as mantas que o cobrem subindo e descendo. A sua respiração torna-se cada vez mais lenta e penso que ele já está adormecido há algum tempo. Ouço então um som baixo e rouco vindo da sua cama, como o riso dum cavalo.

Afinal continua acordado e ri-se sozinho não sei de quê.

Pára de rir e segreda:

— Então, Chefe? Deste um grande pulo quando te disse que vinha aí o preto. Tinham-me dito que eras surdo

Pela primeira vez depois de muito, muito tempo, estou na cama sem ter tomado aquela pequena pílula vermelha, (se me escondo

para evitar tomá-la, a enfer-

meira da noite — a do sinal de nascença - manda o preto chamado Geever caçar-se e manter-me sob o feixe da sua lanterna até ter a seringa pronta), por isso, finjo dormir quando os pretos passam com as lanternas.

Quando tomamos uma daquelas pílulas vermelhas não nos limitamos a adormecer: ficamos paralizados com o sono e durante toda a noite não podemos acordar, aconteça o que acontecer à nossa volta. E por isso que o pessoal me dá as pílulas: no antigo hospital eu acordava de noite e apanhava-os a cometer toda a espécie de atrocidades nos doentes que dormiam perto de mim.

Conservo-me imóvel e diminuo o ritmo da respiração, esperando para ver se alguma coisa acontece.

Esta horrivelmente escuro, meu Deus, e ouço-os deslizar em redor nas suas solas de borracha: espreitam para o dormitório duas vezes e percorrem todos os doentes com os feixes das lanternas. Mantenho-me acordado e com os olhos fechados. Ouço um choro em cima, na enfermaria dos Violentos, ai, ai, aai — preparam algum tipo para receber sinais em código.

Oh, uma cerveja, era bom para a longa noite que se avizinha — ouço um dos pretos a segredar ao outro.

E os sapatos de borracha deslizam na direcção da Sala das Enfermeiras, onde está o frigorífico. — Queres uma cerveja, coisinha doce com um sinal de nascença? P'rá comprida noite que se avizinha?

O tipo no andar de cima cala-se. O zumbido dos aparelhos nas paredes diminui, até quase desaparecer.

Nem um som em todo o hospital — excepto um ruído surdo, abafado, lá num sítio profundo nas entranhas do edifício, um som que nunca antes ouvira - um pouco como o barulho que se ouve quando se está numa grande barragem hidro-eléctrica. Uma força bruta, implacável, surda.

Vejo o preto gordo de pé, junto à parede, olhando à volta e rindo. Dirige-se lentamente para a porta do dormitório, limpando as palmas das mãos húmidas nos sovacos. A luz da Sala das Enfermeiras projecta a sua sombra, grande como um elefante na



parede do dormi-tório, diminuindo à medida que ele se aproxima da porta e espreita. Ri novamente, abre a caixa dos fuzíveis onde mete a mão.

- Muito bem, meninos, durmam bem.

Acciona um interruptor e todo o chão começa a descer, afundando-se no edifício como um enorme elevador de um silo.

Nada se move além do chão do dormitório e estamos a descer, afastando-nos das janelas, das portas e das paredes do dormitório, a uma boa velocidade

—camas, mesas de cabeceira e tudo. A maquinaria

-provavelmente um sistema de cremalheira em cada canto da plataforma - está bem lubrificada, silenciosa como a morte. A respiração dos doentes é a única coisa que ouço, e quanto mais descemos mais nítido se torna o ruído surdo e abafado lá do fundo. A quinhentos metros, lá em cima, a luz da porta do dormitório não

é mais do que uma pequena mancha, lançando uma luminosidade fraca nas paredes da caixa em que nos afundamos. Enfraquece cada vez mais até que um grito ecoa ao longe, ao longo da imensa caixa -- «Não vol-tem» — e a luz apaga-se de todo.

O chão atinge uma espécie de fundo sólido lá muito em baixo e para com um ligeiro estremecção. A escuridão é completa e sinto que o lençol me sufoca. Quando o tento desapertar o chão começa a deslizar para a frente com um ligeiro estremecimento. Tem uma espécie de rodízios por baixo que não consigo ouvir. Nem sequer ouço os tipos à minha volta respirarem e, de repente, verifico que não ouço mais nada porque o martelar surdo e abafado aumentou gradualmente até se tornar tão forte que abafa todos os outros ruídos.

Devemos estar exactamente no meio. Continuo a tentar desatar o lençol que me aperta e estou quase a con-segui-lo, quando uma das paredes desliza para cima e deixa ver uma grande sala com uma quantidade de máquinas que se estendem a perder de vista, formigando de homens suados e sem camisa que correm em andaimes e escadas, para baixo e para cima, com caras inexpressivas de sonâmbulos, brilhando à luz irradiada por cem fornos de fundição.

Isto — tudo isto que vejo — parece-se, juntamente com tudo o que ouvia, com o interior duma imensa central de uma barragem. Enormes tubos de latão desaparecem lá em cima, na escuridão. Fios correm para transformadores que se não vêem. Massa consistente e cinzas cobrem tudo, manchando as ligações, os motores e os dínamos negros e vermelhos.

Todos os trabalhadores se movem com a mesma macia e rápida fluidez. Ninguém tem pressa. Um parará um momento, moverá um ponteiro, carregará um

botão, accionará um interruptor, e um lado da sua cara brilhará branca como um relâmpago, da faísca provocada pela ligação que fez, e continua a andar nos degraus de ferro e ao longo da chapa ondulada dos andaimes — passa pelos outros, tão perto e tão cuidadosamente, que ouço o choque húmido, como a cauda dum salmão a bater na água, — para novamente, provoca nova faísca noutro interruptor e continua a sua marcha. Estas imagens instantâneas dos trabalhadores com as seus rostos sonambulescos de bonecos aparecem e desaparecem em todas as direcções.

Os olhos de um trabalhador fecham-se repentinamente quando vai em plena corrida, e ele cai. Dois companheiros correm ao lado levantam-no e atiram-no para uma fornalha, logo seguindo o seu caminho. Da fornalha sai uma bola de foga e ouço estoirar um milhão de lâmpadas, como quando se anda num campo de favas com as vagens já secas. Este som mistura-se com o ronronar e com as pancadas das outras máquinas.

Há um ritmo nisto, como a pulsação de uma tro-voadá.

O chão do dormitório escorrega para dentro da sala das máquinas. Imediatamente, vejo o que está mesmo por cima de nós — um desses cavaletes de ferro que se encontram nos talhos e matadouros, pendurais com rodízios que se movem em carris, para transportar carcaças do frigorífico para o talhante sem ser precisa muita mão-de-obra. Dois tipos de calças de ganga, camisas brancas com as mangas arregaçadas e estreitas gravatas pretas, encostados à varanda da passagem por cima das nossas camas, conversam, fazendo muitos ges-tos, e fumam cigarros em longas boquilhas que

traçam linhas de uma luz vermelha. Falam, mas não se percebem as suas palavras, que são abafadas pelo rugido que

cobre tudo. Um dos lipos faz estalar as dedos e o trabalhador que lhe está mais chegado volta-se rapidamente e dirige-se para ele. Aponta com a boquilha para baixo, para uma das camas, e o trabalhador dirige-se correndo para a escada que desce para o nosso piso e fica, em parte, escondido entre dois enormes transformadores, grandes como armazéns de batatas.

Quando volta a aparecer, puxa um gancho ao longo dum carril elevado, com largas passadas. Ao passar pela minha cama, o estoiro produzido, algures, por uma fornalha, ilumina-lhe a cara, mesmo por cima de mim: um rosto de feições correctas, brutais, como que entalhado em cera, sem qualquer expressão. Já vi um milhão de caras como aquela.

Dirige-se para a cama e, com uma mão, pega no Blastic, o velho Vegetal, pelo calcanhar e levanta-o como se não pesasse sequer cinco quilos. Com a outra mão, enfia o gancho no tendão de Aquiles e o pobre diabo fica suspenso de cabeça para baixo, a cara cheia e grande como um balão, e os olhos exprimindo um terror mudo. Agita os braços e a perna livre até que faz com que o casaco do pijama lhe caia sobre a cabeça.

O trabalhador agarra no casaco do pijama, puxa-o e torce-o como se fosse um saco de serapilheira e arrasta o gancho ao longo do carril, olhando para o local onde estão os dois tipos com camisas brancas. Um deles tira um escalpelo duma bolsa que tem à cintura. Tem uma corrente soldada ao escalpelo. Fá-lo descer até ao sítio onde se encontra o trabalhador e enrola a outra ponta da corrente ao corrimão de modo a evitar que o trabalhador fuja com uma arma.

Pega no escalpelo e abre o peito do velho Blastic com um golpe rápido e o infeliz deixa de debater-se.

Julgo que vou ficar enjoado, mas ao contrário do que esperava, não lhe saem da ferida as entranhas e o sangue — apenas uma chuva de ferrugem e cinzas e um outro pedaço de vidro ou de fio de cobre. O trabalhador fica enterrado até aos joelhos naquilo que parece ser escória.

Algures, abre-se uma fornalha e alguém é transformado em cinzas.

Apetece-me saltar da cama e correr em redor, acordando McMurphy, Harding e tantos outros quanto possa, mas isso não faria sentido. Se acordasse alguém chamar-me-iam idiota e perguntar-me-iam que raio de bicho me estava a morder. Além disso, era provável que ajudassem os trabalhadores a pendurar-me num

Sinto o bafo frio e agudo da respiração da máquina de nevoeiro e vejo começarem a aparecer por baixo da cama de McMurphy as daqueles ganchos, afirmando que querem saber como são as entranhas dum índio.primeiras nuvens de fumaça.

Espero que ele seja suficientemente esperto para se esconder no nevoeiro.

Ouçõ um tagarelar idiota que me faz lembrar alguém e rolo na cama para poder ver o outro lado, la em baixo. É o careca do Relações Públicas, sobre quem todos os doentes estão continuamente a discutir, falando da sua cabeça inchada e porque razão ela é tão inchada.

«Eu digo que ele usa uma», dirão. «Pois eu digo que não. Alguma vez ouviste falar dum tipo que realmente usasse uma ?» «Sim, mas, também, já alguma vez viram um tipo como ele?» O primeiro encolhe os ombros e concorda: «Aí está um argumento interessante».

Agora, ele está despida, à excepção duma berrante camisola interior com monogramas cosidos a linha vermelha à frente e nas costas. Confirma, finalmente, (a camisola sobe-lhe um pouco nas costas quando passa

por mim e consigo espreitar) que ele, realmente usa uma, tão apertada que parece prestes a rebentar dum momento para o outro.

Tem, dependurados, amarrados pelos cabelos como escalpes, uma meia dúzia de objectos secos e muito usados.

Leva qualquer coisa num pequeno frasco que chupa para conservar a garganta em condições de poder falar, e um lenço impregnado de cânfora que leva ao nariz, de vez em quando, para evitar o mau cheiro. Um grupo de professores e alunas segue-o

apressadamente. Usam botas azuis e têm os cabelos presos com ganchos.

Ouvem-no dissertar acerca da visita.

Ele lembra-se de qualquer coisa engraçada e tem que parar de falar para tomar um golo do frasco com a finalidade de acabar com o riso. Entretanto, uma das alunas olha sonhadoramente em redor e depara com o cadáver esventrado do Crónico pendurado pelo calcanhar. Engasga-se e dá um salto para trás. O Relações Públicas volta se, vê o cadáver e corre para ele, pegando numa daquelas mãos moles e fazendo-o girar. As estudantes inclinam-se para a frente, examinando o corpo, com uma expressão de pasmo nos rostos.

— Estão a ver? Estão a ver? — Ele berra, rola os olhos nas órbitas e baba-se. De tanto rir, escorre-lhe pelo queixo o líquido do frasco. Penso que vai explodir.

Quando por fim se domina, regressa à fila de máquinas e continua a dissertação. Subitamente, pára e bate com a mão na testa. «Oh! Distraído que eu sou!» e volta, a correr, junto do Crónico pendurado pelo calcanhar, arrancando-lhe o escalpe que põe junto dos outros troféus, na cintura,

Acontecem também à direita e à esquerda coisas terríveis — coisas horríveis e loucas, demasiado paté-

ticas e irreais para provocarem o choro, mas, também, demasiado reais para que se possa rir delas — mas o nevoeiro já está a ficar suficientemente espesso e não sou obrigado vê-las. Alguém está a puxar-me pelo braço. Já sei o que vai acontecer. Puxar-me-ão para fora do nevoeiro, estaremos novamente na enfermaria, onde não haverá nenhum sinal do que se passou esta noite, e se eu fosse doido ao ponto de contar o que vi, dir-me-iam, «Idiota, tiveste um pesadelo, coisas tão incríveis, como uma enorme sala de maquinas nas entranhas duma barragem onde as pessoas são esquartejadas por trabalhadores autómatos não existem.»

Mas, se não existem, como pode um homem vê-las?

É o sr. Turkle que me puxa pelo braço para fora do nevoeiro, sacudindo-me e sorrindo. Diz-me: «Está a ter um pesadela, senhor Bromden». Ele é o auxiliar que trabalha sozinho no longo turno das vinte e três às sete, um velho gordo negro, com um grande e ensonado sorriso sobre um pescoço comprido e oscilante.

Pelo cheiro, parece que estive a beber um bocado.

«Agora, volte a dormir, senhor Bromden.»

As vezes, durante a noite, ele desamarra as correias que me prendem quando estão muito apertadas e me obrigam a contorcer-me. Não o faria se suspeitasse que a turno de dia pudesse descobrir que tinha sido ele, porque, provavelmente, o despediriam, mas pensa que julgarão que fui eu que me desamarrei.

Parece-me que, na realidade, o faz para ser agradável, para ajudar — mas procura certificar-se que não corre nenhum risco.

Desta vez não me desamarra as correias e afasta-se para dar uma ajuda a dois auxiliares, que nunca vi antes, e a um jovem médico, que levantam o velho Blas-tic para uma maca e o levam, coberto por um lençol

— segurando-o com mais cuidado do que jamais lhe tinha sido dispensado em toda a sua vida.

Esta manhã N Murphy levantou-se antes de mim: é a primeira vez que alguém está a pé antes de mim desde que o tio Jules, o Passeia-nas-Paredes, esteve cá.

Jules era um negro matreiro de cabelos brancos com uma teoria que afirmava que o mundo estava a ser desviado da sua vertical e que eram os pretos, à noite, que o faziam. Ele costumava sair da cama muito cedo para os tentar surpreender. Eu levanto-me, de manhã, muito cedo, como o Jules, para observar a maquinaria que estão a esconder na enfermaria ou a instalar na barbearia, e, normalmente, durante quinze minutos, até sair da cama o próximo

doente, só estamos no átrio os pretos e eu. Mas esta manha, ouço McMurphy lá fora na latrina, quando saio para fora dos lençóis.

Ouço-o a cantar. De tal maneira que se diria que não tem nenhuma preocupação. A sua voz é clara e forte e estrondeia no cimento e no aço.

«Os teus cavalos têm fome, foi o que ela disse».

Diverte-se com a maneira como o som vibra na latrina.

«Vem sentar-te junto a mim e dá-lhes um pouco de feno». Respira fundo e a voz sobe uma oitava, ganhando timbre e força, fazendo estremecer os fios nas paredes.

«Os meus cavalos não têm fome e não comem o teu fece-no». Mantém a nota alta, brinca com ela e depois

baixa-a, dizendo o resto do verso para terminar. «Então adeus, minha querida. Continuo o meu caminho».

Ele canta! Estão todos pasmados. Durante anos ninguém ouvira nada semelhante, e nunca nesta enfermaria. No dormitório, a maioria dos Agudos, apoiados nos cotovelos, escutam atentamente. Olham uns para os outros e levantam as sobrancelhas. Como é que os pretos, lá fora, ainda não o fizeram calar? Até hoje nunca tinham deixado ninguém fazer tanto barulho.

Porque razão tratam este recém-chegado duma forma diferente? E um homem de carne e osso, como qualquer outro, acabará por ficar fraco e pálido e, que, como nós, morrerá. Está sujeito às mesmas leis, tem que comer, esbarra com os mesmos obstáculos, tudo isto o torna tão vulnerável ao Sistema como qualquer outro.

Mas ele é diferente, e os Agudos bem o podem ver, diferente de quantos têm entrado nesta enfermaria nos últimos dez anos, diferente de todos os que eles conheceram lá fora. Talvez seja igualmente vulnerável, mas o Sistema não o conseguiu apanhar.

- Tenho a carroça carregada - continua a cantar — e o chicote na mão.

Como conseguiu ele evitar a canga? Talvez o Sistema não lhe tivesse adaptado os controlos quando era novo, tal como aconteceu ao velho Pete. Ou talvez tivesse crescido em tal liberdade, por esse país fora, borboleteando de um lugar para outra, sem permanecer

numa cidade mais do que alguns meses, que a escola nunca tivesse tido mão nele. Viajando muito e sem se prender a nada, trabalhando como madeireiro, ou em barracas de feira, ou jogando o Sistema nunca teve a oportunidade de lhe instalar nenhum dispositivo. Talvez seja isso: talvez ele nunca tivesse dado ao Sistema uma oportunidade, tal como não a deu ao

preto que lhe queria pôr o termómetro ontem de manhã. E difícil acertar num alvo móvel.

Nenhuma esposa a querer umi-lo ssadeira nova.

Nenhum parente querendo conduzi-lo com os olhos lacrimejantes. Ninguém com quem se preocupar. E isto permite-lhe ser suficientemente independente para poder ser um homem livre. A razão porque os pretos não correm para a latrina e não o fazem acabar com a sua cantoria é talvez por saberem que ele não é controlável e lembrarem-se do problema que tiveram com o velho Pete e do que é capaz de fazer um tipo que não controlam. E vêm que McMurphy é bastante maior e mais forte do que o velho Pete. Se chegarem a vias de facto vão ser necessários os três e ainda a enfermeira-

-chefe, com uma injeção pronta, ao lado. Os Agudos acenam uns aos outros. Sabem que é esta a razão porque os pretos não fizeram com que McMurphy acabasse de cantar, o que já teria acontecido se se tratasse de qualquer outro.

Saio do dormitório para o átrio no momento em que McMurphy sai da latrina. Traz o gorro na cabeça e pouco mais: apenas uma toalha que segura com uma mão, à volta dos quadris. Na outra tem uma escova de dentes. Pára no átrio, olhando para um e outro lado, rodando sobre o dedos dos pés para evitar, tanto quanto possível, o frio dos azulejos. Descobre um dos pretos, o mais pequeno, dirige-se para ele e põe-lhe a mão no ombro como se fossem amigos de longa data.

— Eh, parceiro, não há possibilidades de arranjar pasta de dentes para escovar estes meus mastigadores?

A cabeça de anão do preto balança e ele fica com o nariz junto dos nós dos dedos daquela mão. Faz uma carranca, procura ver onde estão os outros pretos para



caso de necessidade e diz a McMurphy que não abrem o armário antes das seis e quarenta e cinco. Acrescenta:

- São os regulamentos.

— De certeza? Quero dizer, é lá que guardam a pasta de dentes? No armário?

—E verdade, esta fechada no armário.

O preto tenta recomeçar a polir o chão, mas aquela mão continua a agarrar-lhe no ombro como um enorme grampo vermelho.

— Com que então,, está fechada no armário! Porque pensas tu que eles guardam a pasta de dentes fechada à chave? Quero dizer, não é por ser perigoso, ou é? Não se pode envenenar um tipo com pasta de dentes, ou pode? Nem partir uma cabeça com a bis-naga? Que razão achas que terão eles para ter uma coisa tão inofensiva como uma pequena bisnaga de pasta de dentes fechada à chave?

— São os regulamentos da enfermaria, sr. McMur-phy, é essa a razão.

E quando vê que este último argumento não age sobre McMurphy como seria de esperar, lança um olhar rancoroso para aquela mão no seu ombro e acrescenta:

—E que julga que aconteceria se todos pudessem lavar os dentes quando lhes apetecesse?

McMurphy larga-lhe o ombro, brinca com aquele tufo de cabelos no seu pescoço e medita sobre o que acabou de ouvir.

— Sim, sim, penso ter percebido onde queres che-gar: os regulamentos da enfermaria são para os que não podem lavar os dentes depois de cada refeição.

— Meu Deus, não está a perceber?

- Sim, agora percebo. Dizes que as pessoas escovariam os dentes sempre que lhes apetecesse.

— Isso mesmo, e é por essa razão que nós...

—Deus do Céu, imaginem a confusão: tipos a lavarem os dentes às seis e meia, as seis e vinte

— sabe-se lá? Talvez às seis horas. Sim, estou a ver o teu ponto de vista.

Continuo de pé, encostado à parede, e ele pisca-me o olho por cima do preto.

- Tenho que limpar o chão, McMurphy.

-Oh, não quero impedir-te de fazer o teu tra-balho.

Afasta-se enquanto o preto se inclina para diante para retomar a limpeza. Então, volta-se e abaixa-se para olhar para dentro da lata que está ao lado do preto.

— Bem, olha-me isto. Que temos aqui?

• preto olha para baixo.

- Onde ?

— Para isso, nesta lata velha, escarumba. Que é isso que está aí dentro?

-E... sabão em pó.

- Bom, normalmente uso pasta de dentes, mas

— McMurphy passa a escova de dentes pello pó, dá-lhe uma volta puxa-a e bate com ela na borda da lata - mas isso vai-me fazer jeito. Muito obrigado. Mais tarde voltaremos a esse problema dos regulamentos da enfer-maria.

E volta para a latrina onde torno a ouvir aquela canção cujo ritmo é adulterado pelo movimento de vai-vém, como um pistão, da escova de dentes. O preto, imóvel, segue-o com os olhos, o esfregão pendente da mão cinzenta. Passa-se um minuto. Ele pisca os olhos, dá uma olhadela em redor e conclui que eu observei tudo. Segura nos cordões do meu pijama e arrasta-me para o outro lado do átrio, para o sítio que eu tinha lavado antes.

— Aqui, meu estupor, aqui mesmo. E aqui que eu te quero a trabalhar. Nada de andares para aí a vadiar como uma estúpida vaca. Aqui! Aqui!

Baixo-me e começo a esfregar o chão, de costas para ele para que me não veja rir. Estou satisfeito por ver McMurphy levar a melhor sobre o preto, como poucos seriam capazes de fazer. O papá também o costumava fazer — estou a vê-lo, pernas afastadas, rosto impassível, fitando o céu e pestanejando, da primeira vez que os delegados do governo apareceram para negociar o tratado. «Gansos canadianos lá em cima» diz ele.

Os delegados do governo olham, fazendo barulho com os papéis. «O que está a... em Julho? Hum, nesta altura do ano não ...uh.. gansos, Não ...uh... gansos». Falam como turistas do Leste

que pensam que têm que falar assim para os índios os compreenderem. O papa finge não perceber. Continua a olhar para o céu. «Gansos lá em cima, homem branco. Vocês sabem. Gansos este ano. E no ano passado. E no anterior e no outro».

Os homens olham uns para os outros e pigarreiam, limpando a garganta.

— Sim. Talvez tu certo, Chefe Bromden. Esquecer gansos. Tomar atenção a contrato. O que oferecemos pode ser um grande benefício para você — para o vosso povo — uma mudança de vida para homem vermelho.

Papa continuou:

-...e no ano anterior e no ano anterior e no ano anterior...

Quando os homens do governo se deram conta de que estavam a ser gozados, todo o conselho que estava sentado à porta da nossa cabana, pondo e tirando cachimbos do bolso das suas camisas de la em xadrez vermelho e preto, sorrindo uns para os outros e para o papá — todos eles - desataram a rir a gargalhada.

Meu tio Lobo-Que-Corre rolava no chão às gargalhadas e dizia: — Vocês saber, homens brancos.

Foram bem gozados. Retiraram-se, sem dizer palavra, dirigindo-se para a auto estrada com os pescoços rubros e nós às gargalhadas atrás deles. As vezes esqueço-me o que o riso pode fazer.

A chave da enfermeira-chefe entra na fechadura e o preto vai logo ter com ela, apoiando-se ora num pé ora noutro, como um miúdo a pedir para ir mijar. Estou suficientemente perto e consigo ouvir o nome de McMur-phy metido um par de vezes na conversa e percebo que ele lhe está a contar a história dos dentes e que se esqueceu por completo de a informar do velho Vegetal que mas esta caite. Gesticulando, tentava dizer-lhe o que o doido do ruivo já tinha feito, tão cedo, de manhã

- alterando tudo e contrariando os regulamentos da enfermaria. Não poderia ela fazer qualquer coisa?

Fita o preto até ele parar de se remexer e depois volta-se para o local, na latrina, donde sai o vozeirão de McMurphy, cantando mais

alto do que nunca: — Os teus pais não gostam de mim, dizem que sou muito po-o-o-o-

-bre: dizem que não sou digno de entrar na tua porta.

Parece perplexa. Tal como nós. Há tanto tempo que não ouve cantar que demora uns segundos para descobrir o que é aquilo.

— Gosto de vida dura, o meu dinheiro é me-e-e-eu e os que não gostarem de mim que me deixem em paz.

Ela escuta ainda durante uns momentos para ter a certeza que não está a ouvir coisas e, depois, explode.

As narinas abrem-se-lhe e ela vai crescendo, à medida que respira, e fica enorme e dura como nunca a vi ficar com nenhum outro doente depois que Tabor cá esteve.

Estica os braços e os dedos. Ouço um ligeiro estalido.

Ela começa a mover-se e encosto-me à parede quando

passa por mim, já do tamanho dum camião, rebocando aquela cesta de vime atrás do tubo de escape, com um atrelado atrás de uma carrinha. Tem os lábios entreabertos e leva à frente, como a grelha dum radiador, o seu sorriso habitual. Parece-me cheirar o óleo queimado e as faíscas do magneto, quando passa por mim, e cada vez que toca com um pé no chão aumenta de tamanho, soprando e bufando, esmagando tudo o que lhe aparece à frente. Assusto-me ao pensar no que ela vai fazer.

Então, quando atinge o tamanho máximo e toma o aspecto mais assustador, McMurphy sai da latrina, mesmo à sua frente, segurando uma toalha a volta dos quadris — ela pára, paralisada. Inclina-se para observar aquela toalha, e McMurphy sorri-lhe do alto. O sorriso dela vai desaparecendo e cerra os lábios.

- Bom dia, miss Rat-ched! Como vão as coisas no exterior?

—Você não pode andar por aí metido numa...

toalha!

— Não? — Olha para baixo para o sitio onde ela tem a cara, mesmo à frente da toalha que esta molhada e colada à pele. — As toalhas também são contra os regulamentos da enfermaria? Bem, acho que não há nada a fazer senão...

—Páre! Não se atreva! Volte para o dormitório e vista o seu fato imediatamente.

Parece uma professora a gritar para um aluno, pelo que McMurphy, com a cabeça baixa e com uma voz como se estivesse quase a chorar, diz: — Não posso.

Algum gatuno fanou-me a roupa esta noite enquanto dormia. Dorme-se muito bem nos colchões que cá têm.

- Alguém fanou...?

— Roubou, tirou, levou, furtou! - diz alegremente. — Está a perceber? Um tipo como qualquer outro fanou a minha roupa.

Vai ficando excitado enquanto fala e inicia, des calço, uma dança à frente dela.

- Roubaram-lhe a roupa?

— E tudo quanto sei.

— Mas... roupas de presidiário... para quê?

Ele pára a sua dança e levanta novamente a cabeça.

—Só sei que estavam lá quando me deitei e que tinham desaparecido quando me levantei. Desapareceram como que por encanto. Sim, bem sei que eram roupas de presidiário, baratas, gastas e grosseiras, e roupas de presidiário podem não ser grande coisa para quem tem mais, mas, para um homem nu...

— A sua roupa — diz ela, caindo em si — deve ter sido guardada e você deveria ter recebido esta manhã um uniforme verde de convalescente.

Ele acena com a cabeça e suspira, sem levantar os olhos.

—Não, não recebi nada. Não encontrei nada esta manhã senão o gorro que tenho na cabeça e...

—Williams! - grita ela para o preto que está ainda à porta da enfermaria como que preparado para fugir. — Williams, pode chegar aqui um momento?

de apanhar uma sova.

Ele quase rasteja para ela, como um cão à espera

— Williams, porque não deram a este doente um uniforme de convalescente?

O preto parece aliviado. Endireita-se, levanta aquela mão cinzenta e aponta para o outro lado do átrio, para um dos pretos matulões.

-O sinhô Washington, ali adiante, é que está encarregado do serviço da lavandaria esta manhã. Hoje não sou eu.

- Sr. Washington - ela fita-o intensamente, imobilizando-o, a vassoura suspensa sobre o balde. - Venha aqui num instante.

Sem o menor ruído, a vassoura escorrega para o balde e, com um gesto lento e cuidadoso, ele encosta o cabo à parede. Volta-se e olha para McMurphy, para o preto anão e para a enfermeira. Vira-se depois para outro lado, como se a enfermeira estivesse a chamar mais alguém.

— Venha cá já!

Mete as mãos nos bolsos e dirige-se para ela, no fundo do átrio, arrastando os pés. Ele nunca anda muito depressa, mas, agora, pressinto que se não se apressar ela o petrifica e esmaga com o alhar. Todo o ódio, fúria e frustração que gostaria de descarregar sobre McMurphy, esta agora dirigido para aquele preto no fundo do átrio. Ele bem o sente, como um vento frio que o está a gelar, o que o faz tornar-se ainda mais vagaroso.

Tem que se inclinar para diante para vencer essa força, apertando o corpo com os braços. Parece que se está a formar gelo no seu cabelo e nas sobrancelhas. Inclina-se mais ainda para a frente, mas os passos são cada vez mais lentos. Nunca mais lá chega.

Então, McMurphy começa a assobiar o «Sweet Georgia Blown», mesmo a tempo, pois a enfermeira deixa de fitar o preto. Está agora mais furiosa e frustrada que nunca, como nunca a vi antes. O sorriso de boneca desapareceu, como um arame ao rubro naqueles lábios apertados e finos. Se algum dos doentes estivesse cá fora e a visse neste momento, McMurphy poderia começar a receber o pagamento das apostas.

Finalmente, o preto chega junto dela. Demorou duas horas. Ela respira fundo.

- Washington, porque não deram a este homem uma muda de roupas verdes esta manhã? Não via que ele tinha apenas uma toalha?

-E o gorro - segreda McMurphy levando a mão à cabeça.

- Sr. Washington?

O preto matulão olha para o anão que o acusou e este recomeça a tremer. Fita-o durante muito tempo com aqueles olhos que parecem válvulas de rádio, planeando resolver o assunto com ele mais tarde, gira a cabeça para observar McMurphy de alto a baixo, avaliando os ombros duros e robustos, o sorriso gozão, a cicatriz do nariz e a mão que mantém a toalha no seu lugar, e, depois, olha para a enfermeira.

- Calculo... - começa.

— Calcula? Vai ter que fazer mais do que calcular!

Vai dar-lhe um uniforme imediatamente, sr. Washin-gton, ou então vai passar as duas próximas semanas a trabalhar na Enfermaria de Gerontologia. Sim. O que está a precisar é de passar um mês a limpar bacias de cama e dar banho aos velhos sujos, para lhe fazer recordar o pouco trabalho que os auxiliares têm nesta enfer-maria. Se esta fosse uma enfermaria como as outras quem pensa que passaria o dia todo a esfregar o chão?

O ST. Bromden? Não! Sabe muito bem quem o faria.

Nós dispensámo-vos da maior parte do serviço de limpeza para que possam cuidar dos doentes. E isto significa também evitar que eles andem por aí nus. O que acham que teria acontecido se uma das enfermeiras mais novas viesse cedo e encontrasse um doente a correr no átrio sem uniforme? O que acham?

• matulao nao tem bem ideia do que aconteceria,

mas percebe a sua intenção e dirige-se à arrecadação das roupas onde levanta uma muda de verdes pare

McMurphy — provavelmente muito apertados - e re-

gressa, entregando-a com o olhar mais rancoroso que jamais vi. McMurphy parece atrapalhado, como se não soubesse como haveria de segurar na muda que o preto lhe entrega. Tem numa mão a escova de dentes e com a outra está a segurar na toalha. Finalmente, dá uma piscadela à enfermeira, encolhe os ombros e retira a toalha pendurando-a no ombro dela, como se fosse um cabide.

Verifico que durante todo este tempo tinha os calções por baixo da toalha.

Dá-me a impressão que ela preferiria que ele não os tivesse vestido, que estivesse completamente nu. Fita intensamente, sem dizer palavra, aquelas grandes baleias brancas que lhe brilham nos calções. O ultraje deixa-a muda. Excede tudo o que ela poderia suportar. Passa-se um longo minuto antes que consiga recompor-se suficientemente para se conseguir dirigir ao preto, tão furiosa esta.

- Williams... julgo... você já devia ter as janelas da Sala das Enfermeiras lavadas e limpas quando cheguei esta manhã. — Ela afasta-se como um percevejo preto e branco. — E você, Washington, você... - Washington regressa ao seu balde, arrastando os pés. Torna a olhar em redor, procurando mais alguém que possa agredir. Descobre-me, mas nesta altura saem do dormitório alguns doentes que se juntam ao nosso grupo no átrio. Ela fecha os olhos e concentra-se. Não pode permitir que a vejam com a cara assim branca e desfigurada pela raiva. Faz uso de todo o poder de autodomínio que possui. Gradualmente os lábios vão voltando ao normal, debaixo do pequeno nariz branco, como se o arame em brasa tivesse aquecido até se fundir, estremecendo durante um segundo quando o metal fundido solidifica bruscamente, arrefecendo e ficando estra-

nhamente baço. Abre os lábios e a língua aparece entre eles como um bocado de escória. Toma a abrir os olhos, que têm também aquele aspecto estranho, baço e frio, dos lábios, mas retoma a sua rotina dos bons dias como se nada de anormal se tivesse passado com ela, concluindo que os doentes estavam ainda demasiado ensonados para terem reparado no que acontecera.

—Bom dia sr. Sefelt, está melhor dos dentes?

Bom dia sr. Fredrickson, você e o sr. Sefelt passaram bem a noite? Dormem um ao lado do outro, não é?

A propósito, chamaram-me a atenção que vocês fizeram os dois um arranjo qualquer com os vossos medicamentos — O sr. Fefelt está a dar ao Bruce os seus remédios, não é? Bem, discutiremos isso depois. Bom dia, Billy. Vi a sua mãe quando cheguei e ela lembrou-me para não me esquecer de lhe dizer que pensa sempre em si e que sabe que não a desapontará. Bom dia st.



Harding... mas, tem as pontas dos dedos vermelhas e esfoladas. Esteve outra vez a roer as unhas?

E antes que eles lhe pudessem responder, antes mesmo que lhe pudessem fazer alguma pergunta, voltou-se para McMurphy, ainda de pé, em calções, ao seu lado. Harding olhou para os calções e deu um assobio apreciativo.

—E você, sr. McMurphy - diz-lhe com um sorriso doce como mel — se já acabou de exhibir o seu físico másculo e os seus espalhafatosos calções, julgo que o melhor que tem a fazer é voltar para o dormitório e vestir os seus verdes.

Ele leva a mão ao gorro, cumprimentando a enfermeira e os doentes que troçam dos seus calções com as baleias brancas, e vai para o dormitório sem dizer palavra. Ela volta-se e parte em sentido contrário com o seu estereotipado sorriso vermelho estampado no rosto. Antes de fechar a porta da sua sala envidraçada já a canção dele rola pelo átrio vinda do dormitório.

— Ela levou-me para a sala e refrescou-ou-ou-ou-me com o leque — ouço as palmadas que dá na barriga nua

e segredou à mamã: eu a-a-a-amo este batoteiro.

Logo que o dormitório fica vazio, varro-o. Quando estou a limpar a porcaria dos ratos debaixo da sua cama, chega-me um cheiro qualquer que me faz repa-rar, pela primeira vez desde que estou no hospital, que este grande dormitório cheio de camas onde dormem quarenta tipos adultos esteve sempre cheio de mil outros cheiros - germicida, óxido de zinco, o cheiro do mijo e do excremento fedorento dos velhos, dos alimentos e do colírio, dos calções e das peúgas bafientas, mesmo quando acabam de chegar da lavandaria, o odor intenso da goma na roupa branca, o hálito ácido das bocas, de manhã, o aroma a banana do óleo das máquinas e, algumas vezes, o cheiro de cabelo chamuscado - mas nunca, até agora, antes dele chegar, tinha sentido um homem a cheirar a poeira e a sujidade dos campos abertos e a suor e trabalho.

Durante todo o pequeno-almoço, McMurphy não parou de falar e rir esfusiamente. Depois do que se passou esta manhã, pensa que a enfermeira-chefe já está no papo. Não sabe que apenas a

apanhou de surpresa e que, na melhor das hipóteses, ela ficou mais fortalecida que antes.

Está a fazer de palhaço, procurando fazer com que alguns dos doentes riam. Aborrece-o verificar que o melhor que conseguem fazer é sorrir levemente e dar uma risadinha de vez em quando. Espicaça Billy Bibbit, sentado do outro lado da mesa, e segreda-lhe: - Eh, Billy, meu rapaz, lembras-te quando engatámos aque-Jas duas pegas em Seattle? Um dos melhores picanços que já fiz!

Os olhos de Billy Bibbit deixam de fitar o prato.

Abre a boca, mas não consegue dizer nada. McMurphy volta-se para Harding.

— Nunca as teríamos levado assim, por menos dum fósforo, se elas não tivessem ouvido falar do Billy Bibbit. O Billy «Moca» Bibbit, como era conhecido naquele tempo. As miúdas estavam quase a sair quando uma delas olha para ele e diz: «Tu é que és o famoso Billy «Moca» Bibbit? O dos espantosos trinta e cinco centímetros?» Billy baixou a cabeça e corou, tal como está a fazer agora, e ganhámos a partida. Lembro-me, quando as levámos para o hotel, de ouvir a voz da que estava

na cama com ele dizer: «Sr. Bibbit, estou desapontada consigo, ouvi dizer que você tinha trinta... trinta... trin... meu Deus!»

Ri às gargalhadas, dá palmadas nas coxas e espeta o polegar no peito de Billy que parece prestes a desmaiar de tanto corar, com aquele sorriso amarelo.

McMurphy diz que, na realidade, a única coisa que falta neste hospital é um par de pegas jeitosas como aquelas. Diz que as camas são as melhores que um tipo poderia ter e que a comida tem categoria. Não percebe porque diabo estão todos carrancudos por estarem aqui fechados.

- Olhem para mim - pede, levantando o corpo para a luz - estou a tomar o meu primeiro copo de sumo de laranja em seis meses. Caramba, sabe bem! Vocês sabem o que me davam para o pequeno-almoço no campo de trabalho? Sabem o que me serviam? Bem, posso descrever o aspecto que aquilo tinha, mas não lhe posso dar um nome: de manha, ao meio-dia e a noite, estava sempre preto de queimado, havia batatas metidas lá dentro e parecia grude. De

uma coisa estou certo: não era sumo de laranja! E agora, olhem para mim... pre-sunto, torradas, manteiga, ovos e café, que aquela pequena adorável da cozinha me pergunta se quero claro ou escuro, muito obrigado, e um grande, enorme, copo de sumo de laranja bem fresco. Bem, nem que me pagassem eu saia daqui!

Pede repetições de todos os pratos e marca um encontro com a rapariga que serve o café na cozinha, para quando ela sair de serviço, e cumprimenta o cozinheiro negro por ter dado um brilho de sol aos melhores ovos que jamais comeu. Há bananas para acompanhar com corn-flakes e ele serve-se duma mão-cheia delas, dizendo ao preto que lhe vai dar uma porque

está com um ar esfomeado e o preto levanta os olhos para o fundo do átrio, onde a enfermeira está sentada na sua sala envidraçada, e diz que os auxiliares não podem comer com os doentes.

— É contra os regulamentos da enfermaria?

— Isso mesmo!

— Pouca sorte!

Descasca três bananas, que come a frente do preto, e diz-lhe que quando quiser uma basta pedir-lhe, pois irá faná-la ao refeitório.

Quando acaba de comer a última banana, dá uma palmada na barriga, levanta-se e dirige-se para a porta, onde o preto lhe impede a passagem dizendo que, de acordo com o regulamento, os doentes devem ficar sentados no refeitório até às sete e meia, saindo depois todos juntos. McMurphy fita-o, espantado, como se não acreditasse no que ouvia, volta-se e olha para Harding.

Este confirma com um aceno de cabeça, McMurphy encolhe os ombros e torna a sentar-se na cadeira.

— Não quero ir contra esses malditos regulamentos.

O relógio ao fundo do refeitório marca sete e um quarto, mas mente, dizendo que estamos aqui apenas há quinze minutos, pois bem sabemos que já estamos cá dentro pelo menos há uma hora. Já todos acabaram de comer e estão recostados nas cadeiras, vendo o ponteiro dos minutos mover-se até chegar às sete e meia.

Os pretos levam os tabuleiros dos Vegetais todos salpicados de restos e empurram as cadeiras de rodas dos dois velhos, levando-os

para o seu banho de mangueira.

No refeitório, cerca de metade dos doentes apoia a cabeça nos braços, procurando dormir um pouco antes do regresso dos pretos. Nada mais podem fazer: sem cartas, nem revistas, nem quebra-cabeças. Apenas dormir ou olhar para o relógio.

Mas McMurphy é incapaz de permanecer inactivo, tem que fazer qualquer coisa. Depois de passar dois minutos a empurrar com a colher os restos de comida no prato, esta pronto para qualquer coisa mais exci-tante. Enfia os polegares nos bolsos, inclina-se para trás e fixa, um olho fechado, aquele relógio na parede, esfregando o nariz.

— Vocês sabem? Aquele relógio faz-me lembrar os alvos na carreira de tiro de Forte Riley. Foi onde ganhei a minha primeira medalha, a medalha de atirador especial. McMurphy Olho-de-Lince. Quem quer arriscar um miserável dólar em como sou capaz de pôr este pedaço de manteiga mesmo no meio do mostrador daquele relógio? Ou, mesmo que não seja bem no meio?

Há três que aceitam a aposta e ele coloca a manteiga na ponta da faca, puxando-a e largando-a de repente, de forma a projectá-la. Fica espalmada na parede, uns dez centímetros à esquerda do relógio, e todos troçam dele até pagar as apostas. Estão ainda a troçar, insinuando se ele não querer dizer Olho-

-Vesgo em vez de Olho-de-Lince, quando regressa o preto mais pequeno, depois de ter lavado os Vegetais à mangueirada, e ficam todos muito quietos a olhar para o prato. O preto sente que há qualquer coisa no ar, mas não consegue descobrir o quê. Provavelmente nunca descobriria se o velho coronel Matterson não tivesse esgazeado o olhar em redor, começando, quando depara com a manteiga, uma das suas lições na sua voz profunda e paciente, como se o que dizia fizesse sentido.

- A man-tei-ga... é o partido Re-pu-bli-ca-no...

O preto olha para o sitio que o coronel está a apontar e vê a manteiga escorregando pela parede

abaixo como uma lesma amarela. Pisca os olhos mas não diz palavra, nem mesmo olha à volta para saber quem atirou a manteiga à parede.

McMurphy está conversando em voz baixa e gesticulando com os Agudos que estão à sua volta e, a certa altura, todos fazem gestos de assentimento, ele põe três dólares em cima da mesa e recosta-se. Endireitam-se todos nas cadeiras e observam a manteiga a escorregar pela parede abaixo, primeiro devagar, depois mais depressa, parando e tomando a escorregar rapidamente, deixando um rasto lúcido na pintura. Ninguém fala.

Olham para a manteiga, depois para o relógio e novamente para a manteiga. Agora, os ponteiros movem-se.

A manteiga chega ao chão meio minuto antes das sete e meia e McMurphy recupera todo o dinheiro que tinha perdido.

O preto acorda, deixa de olhar para o risco gorduroso e diz que podemos sair. McMurphy sai do refeitório, dobrando as notas que mete no bolso. Põe os braços em volta do preto, arrastando-o, mal o deixando tocar com os pés no chão, pelo átrio até à sala-de-estar.

—Já o dia vai a meio, velho amigo escarumba, e ainda não recuperei tudo o que perdi. Tenho que apressar-me para poder ficar em casa. Que tal se fosses buscar o baralho de cartas que fechas à chave naquele armário? Depois encarregar-me-ei de tentar fazer-me ouvir por cima do barulho daquele alto-falante.

Passa a maior parte da manhã procurando recuperar o perdido numa banca de sete e meio, mas agora jogam com vales em vez de cigarros. Muda a mesa de jogo duas ou três vezes para tentar fugir ao barulho

do alto-falante. Vê-se que aquilo o está a pôr nervoso.

Finalmente, dirige-se à Sala das Enfermeiras e bate na vidraça até a enfermeira-chefe se voltar na cadeira e lhe abrir a porta, para lhe pedir que desligue aquele barulho infernal durante um pedaço. Ela está novamente sentada na sua cadeira, mais calma que nunca, agora que não tem nenhum espírito maligno a correr à sua volta, semi-nu e fazendo-lhe perder a calma.

O sorriso está inalterável e sólido. Fecha os olhos, abana a cabeça e diz, muito amavelmente, a McMurphy que

NÃO.

—E não pode ao menos baixar o volume? Julgo que não é preciso que todo o estado do Oregon ouça Lawrence Well a tocar o

«Cha para dois» três vezes por hora, durante todo o dia. Se estivesse suficientemente baixo para se ouvir, do outro lado da mesa, um tipo a fazer as suas apostas, eu podia organizar uma partida de póquer...

- Você já foi avisado, sr. McMurphy, que os regulamentos da enfermaria proíbem que se jogue a dinheiro.

— Está bem, então, tão baixo que nos permita, pelo menos, jogar a fósforos ou a botões — mas baixe essa maldita coisa!

- Sr. McMurphy -antes de prosseguir, ela faz uma paragem para pôr em evidência o seu tom calmo de professora, pois sabe que todos os Agudos a estão a escutar — quer saber o que eu penso? Penso que está a ser egoísta. Ainda não reparou que há mais gente no hospital a não ser você? Temos aqui alguns que não ouviriam a rádio se estivesse mais baixo, temos velhos que não podem ler ou fazer paciências - ou jogar cartas, para ganhar os cigarros dos outros. Velhos como Matterson e Kittling, para os quais a música que vem do alto-falante é tudo o que têm. E até disso você

os quer privar! Gostamos de ouvir sugestões e pedidos, sempre que podemos, main ponte tes de voce

os formular devia pensar um pouco nos outros.

Ele vira-se, olha para o lado dos Crónicos e conclui que há algo de verdade no que ela diz. Tira o gorro, passa a mão pelos cabelos e, finalmente, volta-se para ela. Sabe, também, que todos os Agudos estiveram a ouvir atentamente o que disseram.

—Tem razão... nunca tinha pensado nisso.

- Bem me pareceu.

Ele enrola nos dedos aquele tufo de cabelos ruivos que lhe saem da gola da camisa verde e diz:

—Bom. E o que me diz a levarmos a mesa de jogo para qualquer outro sítio? Para outra sala qualquer?

Por exemplo, para a sala para onde levamos as mesas quando há sessão? Durante o resto do dia não há nada lá dentro. Podia deixar a sala aberta e os que quisessem jogar as cartas iam para lá. Os velhos ficariam cá fora com a sua rádio - seria um bom negócio para todos.

Ela sorri, torna a fechar os olhos e sacode ligeiramente a cabeça.

- Poderá, certamente, apresentar essa sugestão na próxima sessão, mas creio que todos serão da minha opinião: não temos pessoal suficiente para a vigilância nas duas salas. O pessoal é pouco. E gostaria que fizesse o favor de não se encostar a essa vidraça: tem as mãos oleosas e está a sujar a janela. Isso significa trabalho extra para os outros.

Ele retira a mão e vejo-o começar a dizer qualquer coisa, mas pára, quando verifica que ela não lhe dou qualquer possibilidade de responder, a não ser que a injuriasse. Ficou com o rosto e o pescoço vermelhos.

Respira profundamente e concentra toda a sua força de vontade, tal como ela fizera de manhã. Diz-lhe quanto lamenta tê-la aborrecido e volta para a mesa.

Todos na enfermaria sentem que a coisa começou. As honze horas o médico aparece na porta da sala-de-estar e chama MaMurphy, dizendo-lhe que gostaria que fosse ter ao seu consultório para uma entrevista.

— Costumo entrevistar todos os Ingressos no segundo dia de estadia.

McMurphy larga as cartas, levanta-se e dirige-se para o médico. Este pergunta-lhe como passou a noite, mas McMurphy limita-se a mastigar uma resposta.

- Você parece estar hoje, sr. McMurphy, com pensamentos desagradáveis.

—Oh, eu sou mesmo um pensador. - Responde, quando vão ambos a sair do átrio. Quando regressa, o que nos parece ser vários dias depois, estão ambos a conversar sobre qualquer coisa, sorridentes e felizes.

O médico está a limpar algumas lágrimas dos óculos.

Parece que esteve a rir. McMurphy segue-o, falando alto e cheio de genica e gingando como sempre. Man-tem-se assim, durante o almoço, e à uma hora é o primeiro a sentar-se na sua cadeira para a sessão e os seus olhos azuis, trocistas, observam tudo do seu lugar, lá no canto.

A enfermeira-chefe entra na sala-de-estar, com o seu cortejo de estudantes de enfermagem e com o seu cesto das notas. Pega no caderno que está sobre a mesa e examina-o durante um minuto, os lábios e a testa franzidos (ninguém deu nenhuma informação acerca de ninguém durante todo o dia) e dirige-se depois para a sua cadeira junto à porta. Retira umas pastas do cesto que tem no colo e folheia-as até encontrar a de Harding.

— Se bem me lembro, estávamos ontem a fazer progressos com o problema do st. Harding...

— Ah... antes de entrarmos nesse assunto - intervém o médico — gostava de interromper por um momento, se me é permitido. E a propósito duma conversa que tive esta manhã com o sr. McMurphy, no meu consultório. Estivemos a reavivar recordações, a falar dos velhos tempos. Sabem que eu e o sr. McMurphy descobrimos que temos uma coisa em comum? Frequen-támos o mesmo colégio.

As enfermeiras olham umas para as outras e perguntam-se o que terá acontecido àquele tipo. Os doentes viram-se para observar McMurphy no seu canto, sorridente, e esperam que o médico continue.

— Sim, no mesmo colégio - repete, confirmando com um aceno de cabeça. - Ao recordarmos aqueles tempos, aconteceu lembrarmos das festas que o colégio costumava organizar - maravilhosas, excitantes festas de gala, com decorações, fitas de papel colorido, barracas, jogos — eram sempre um dos grandes acontecimentos do ano. Eu — como já mencionei a McMurphy — era o presidente da comissão de festas do colégio nos anos em que lá estive... maravilhosos anos, sem cuidados...

Na sala-de-estar o silêncio é total. O médico levanta a cabeça e olha em redor para ver se está a fazer uma figura ridícula. A enfermeira-chefe lança-lhe um olhar que não lhe deixaria quaisquer dúvidas, mas ele não tem os óculos postos e o olhar não o atinge.

- Bem.. para pôr fim a esta sentimental exibição de nostalgia, durante a nossa conversa pusemo-nos a imaginar como seria recebida a ideia da organização dum Carnaval aqui na enfermaria...

Põe os óculos e volta a olhar à volta. A ideia não conseguiu pôr ninguém aos saltos. Alguns de nós lembramo-nos ainda do que



aconteceu aqui há uns anos, quando Taber tentou organizar uma festa. E enquanto o médico espera, começa a crescer um silêncio inquietante, vindo da enfermeira-chefe, cobrindo-nos a todos, desafiando-nos a quebra-lo. McMurphy não o pode fazer porque foi um dos que tiveram a ideia, e quando penso que já ninguém terá coragem para romper o silêncio, Cheswick, que está sentado ao lado de McMurphy, levanta-se com um grunhido, esfregando as costelas, antes mesmo de saber o que esta a acontecer.

- Hum... eu pessoalmente acho que... — e lança uma olhadela ao punho de McMurphy, no braço da cadeira ao seu lado com aquele enorme polegar espetado para cima, como o chifre de uma vaca — que uma festa é mesmo um boa ideia. Qualquer coisa que vai quebrar a monotonia.

— Isso mesmo, Charley — agradece o médico, apreciando o apoio de Cheswick — e não é destituído de interesse terapêutico.

- Com certeza que não - respondeu Cheswick, agora com um ar mais satisfeito. - Não. Uma festa tem montes de terapêutica. Bem pode apostar nisso!

— Seria en-en-engraçado - arrisca Billy Bibbit.

— Sim, seria engraçado - diz Cheswick — nós po-díamos fazê-lo, doutor Spivey, com certeza que podia-mos. Scanion pode fazer a sua representação da bomba humana e eu posso fazer cadeias de anéis de papel colorido na Terapia Ocupacional.

— Eu leio as sinas - afirma Martini piscando os olhos na direcção duma mancha por cima da cabeça.

—Eu também sou bom a fazer diagnósticos pela leitura das palmas das mãos - intervém Harding.

-Bom, bom — alegra-se Cheswick, esfregando as mãos, pois é a primeira vez que alguém consorda cora uma sugestão sua.

— Eu - começa McMurphy vagarosamente - terei muita honra em montar uma roda da sorte. Tenho uma certa experiência...

-Oh, há muitas possibilidades — vaticina o médico endireitando-se na cadeira, muito entusiasmado. - Pois eu tenho um milhão de ideias.

Durante cinco minutos fala a todo o vapor. Vê-se que muitas das ideias já ele as discutiu com McMurphy.

Descreve jogos, barracas, venda de bilhetes e pára, repentinamente, como se a expressão da enfermeira o tivesse atingido mesmo no meio dos olhos. Vira-se para ela, piscando, e pergunta:

— O que acha da ideia, miss Ratched? Uma festa?

Aqui na enfermaria?

- Concordo que possa ter um certo número de vantagens terapêuticas - diz aguardando. Deixa que o seu silêncio torne a crescer. Quando está certa que ninguém o vai quebrar, continua - mas também me parece que uma ideia como esta deve ser discutida primeiro numa sessão da direcção, antes de se tomar uma decisão. Não era isso que tinha em mente, doutor?

- Naturalmente, apenas queria saber o que os homens pensavam sobre o assunto, compreende? Mas, com certeza, primeiro uma sessão da direcção. Então, continuaremos os nossos planos.

Todos sabem que isto foi o funeral da festa.

A enfermeira-chefe tem novamente todos os cor delinhos na mão e consulta a pasta que segura.

- Bem, se não há mais nenhum assunto e se o ex. Cheswick se quiser sentar, julgo que poderemos continuar a nossa discussão. Temos ainda — consulta o

relógio que tira do cesto — quarenta e oito minutos.

Como eu ia...

- Ah! Eh, espere. Lembrei-me que há outro assun-to. — McMurphy levanta o braço e faz estalar os dedos.

Ela fixa longamente aquela mão, antes de falar.

- Sim, sr. McMurphy?

—Não sou eu, é o doutor Spivey. Doutor, diga-lhe o que resolveu acerca da radio e dos tipos que são duros de ouvido.

A cabeça da enfermeira tem um leve estremeci-mento, que mal se vê, mas o meu coração começa a bater como um cavalo a galope. Ela põe a pasta no cesto e volta-se para o médico.

— Sim —diz este — quase me esqueci. Recosta-se na cadeira, cruza as pernas e junta as pontas dos dedos. Vê-se que ainda está satisfeito com a sua festa.

— Sabe, McMurphy e eu estivemos a falar do velho problema que temos na enfermaria, o problema da população mista, o facto de os jovens e os velhos terem que ficar juntos. Não é este o ambiente ideal para uma Terapêutica Comunitária, mas a Administração afirma não ter, estando o edifício da Gerontologia superpo-voadado, outra solução. Sou o primeiro a admitir que é uma situação desagradável para todos. Contudo, na nossa conversa, McMurphy e eu, chegámos a uma conclusão que deve tornar as coisas mais agradáveis para os dois grupos etários. Ele mencionou que tinha reparado que alguns dos mais idosos pareciam ter dificuldade em ouvir a rádio e sugeriu que o volume do alto-falante fosse aumentado mais ainda para que os Cró-nicos com deficiências auditivas a pudessem ouvir. Uma sugestão muito humana, julgo eu.

Ne Murphy faz um aceno de ma, estia com a mão e o médico confirma com a cabeça, continuando.

Disse-lhe que já há mua trário ebo queixas dos mais novos acerca do volume da rádio ser tão alto que ditiuta a conversação e a leitura. McMurphy dise que não tinha pensado nisso, mas que era uma pena que os que quisessem ler o não pudessem fazer num sítio sossegado, deixando a rádio para os que o quisessem ouvir. Concordei com ele, que era de facto uma pena, e ia pôr de lado a questão, quando aconteceu lembrar-me da velha sala das tinas onde guardamos as mesas durante as sessões da enfermaria. Não usamos a sala para mais nada e já não é necessária a hidro-terapia, a que ela se destinava, agora que já temos outras soluções, com os novos metodos de tratamento.

Que dirá o grupo quanto ao facto de ter aquela salla como uma espécie de segunda sala-de-estar, uma sala de jogo, digamos?

O grupo não diz nada. Sabem bem a quem pertence a palavra a seguir. Ela dobra a pasta de Harding, põe-na no regaço, cruza as mãos sobre ela e olha em redor como que para ver se há alguém que se atreva a dizer qualquer coisa. Quando não the restam dúvidas de que ninguém vai falar antes dela, torna a virar-se para o médico.

— Parece um excelente plano, doutor Spivey, e aprecio o interesse de McMurphy pelos outros doentes, mas julgo que

infelizmente não temos pessoal para a vigilância de uma segunda sala-de-estar.

18 está tão certa que isto porá ponto final no assunto que começa novamente a abrir a pasta de Har-ding, Mas o médico tinha estudado o problema mais profundamente do que ela esperava.

- Também pensei nisso, miss Ratched. Mas aten-

dendo a que os que ficam na sala do alto-falante serão principalmente os doentes Crónicos - a maioria dos quais permanecem nas suas cadeiras de rodas ou nos sofás —um auxiliar e uma enfermeira serão suficientes para dominar qualquer desordem ou rebelião que possa ocorrer, não acha?

Ela não responde e não lhe agrada a piada sobre a desordem ou rebelião, mas o seu rosto continua impassível. O sorriso lá está.

— Assim, os outros dois auxiliares e as restantes enfermeiras poderão vigiar os que estiverem na sala das tinas, talvez melhor que aqui, em que a área é muito maior. O que acham, rapazes? Não vos parece praticável? Estou muito entusiasmado e creio que devemos experimentar durante uns dias e ver como tudo corre. Se a ideia não for bem sucedida, ainda continuamos com as chaves para fechar novamente a porta, não é assim?

- Optimo - diz Cheswick e dá um soco na palma da mão. Continua de pé, como se tivesse receio de se aproximar daquele polegar de McMurphy. - Optimo, doutor Spivey, se não correr bem, temos ainda a chave para voltar a fechá-la. Pode apostar nisso.

O médico olha à volta da sala e vê os Agudos todos concordando, entusiasmados, sorrindo e parecendo tão satisfeitos com o que ele julga ser uma ideia sua, que cora, como Billy Bibbit, e tem que limpar os óculos uma ou duas vezes antes de prosseguir. Alegra-me muito ver o homenzinho tão satisfeito consigo próprio. Olha para todos os tipos que manifestam com acenos de cabeça a sua concordância e ele próprio acena e diz:

— Muito bem. Agora que solucionámos esta questão... parece que me esqueci o que estava na agenda para esta manhã.

A cabeça da enfermeira estremece novamente, como há pouco, e curva-se sobre o cesto donde tira a pasta.

Folheia os papéis e as suas mãos parecem tremer. Retira um deles, mas, uma vez mais, antes que possa começar a lê-lo, McMurphy está de pé, de braço levantado, apoiando-se ora num ora noutro pé, e solta um longo e pensativo «diiiiliga-me», e ela pára, petrificada, como se fosse o som da voz dele que o tivesse feito, tal como ela fizera esta manhã ao preto. Torna a sentir a mesma intensa sensação de alegria, quando ela se imobiliza.

Observo-a atentamente, enquanto McMurphy fala.

-Diniiga-me, doutor, estou morto por saber o significado daquele sonho que tive naquela noite. Bem vê, era como se fosse eu que estivesse no sonho, depois era como se eu não fosse eu... como se fosse alguém parecido comigo... como... como o meu papá! Sim, era mesmo ele! Era o meu papá porque, algumas vezes, quando me via a mim... a ele, digo... vi aquele parafuso de aço no maxilar como o papá tinha...

—O seu pai tem um parafuso de aço a atraves-sar-lhe o maxilar?

—Bem, agora já não, mas quando eu era miúdo tinha. Andou cerca de dez meses com aquele grande parafuso de metal que entrava por aqui e saía por aqui. Meu Deus, parecia o Frankenstein! Apanhou uma pancada no queixo com o cabo dum machado quando andava à porrada com aquele homenzarrão na estância de madeiras... Eh! Deixe-me contar-lhe em pormenor como aquilo aconteceu...

O rosto da enfermeira continua calmo, como se tivesse uma máscara fundida e pintada com a expressão que deseja. Confiante, paciente e calmo. Sem o mínimo estremecimento, apenas aquela face fria e inex-pressiva, um sorriso calmo estampado, como que a

esmalte vermelho, uma testa branca e lisa, sem a mínima ruga a denotar fraqueza ou aborrecimento e aqueles olhos verdes, largos e frios, pintados com uma expressão que diz: eu posso esperar, posso atrasar-me um metro, de vez em quando, mas posso esperar e ser paciente e calma e confiante, porque sei que para mim não pode haver derrota.

Durante um minuto julguei vê-la vencida. E talvez assim fosse. Mas vejo agora que aquilo pouca importância teve. Um a um, os

doentes observam-na para ver como reage à forma como McMurphy está a dominar a sessão, e todos vêem o mesmo. Ela é demasiado grande para ser vencida. Ela sozinha ocupa todo um lado da sala, como se fosse um Buda japonês. Não há qualquer possibilidade de a empurrar, nem de lhe resistir. Hoje, aqui, perdeu uma pequena batalha de uma grande guerra em que tem vencido sempre e que sempre continuará a vencer. Não podemos deixar que McMurphy nos incute esperanças ilusórias e nos leve a tomar uma atitude desastrosa. Ela continuará a vencer, tal como a Esperança, porque tem a apoia-la todo o seu poder. As suas derrotas não a destruirão, mas as nossas serão vitórias para ela. Para a vencer não é suficiente derrotá-la duas em cada três, ou três em cada cinco batalhas, é necessário vencê-la em todas.

Se baixarmos a guarda, se formos derrotados uma única vez, ela vencerá. E a longo prazo, todos perderemos.

Nada nem ninguém podem roubar-lhe a vitória.

Acabou agora de ligar a máquina de nevoeiro e põe-na a funcionar com tal velocidade que apenas consigo ver um rosto. O nevoeiro torna-se cada vez mais denso e sinto-me tão desesperançado e morto, como feliz me sentia há um minuto, quando ele teve aquele estremecimento — mesmo mais desesperançado do que

nunca, porque agora sei que nada se pode fazer contra ela ou contra o Sistema. MaMurphy não pode dar uma ajuda maior do que aquela que eu daria. Ninguém pode fazer tal. E quanto mais penso que nada pode mudar, mais rápido e denso entra o nevoeiro.

E sinto-me feliz quando ele se torna tão denso que nos podemos perder nele e deixar de pensar, estando novamente em segurança.

Está a decorrer na sala-de-estar um jogo de mono-pólio. Já estão nisto há três dias: vêm-se apartamentos e cinemas por toda a parte. Juntaram duas mesas para poderem dispor os títulos de propriedade e as pilhas de dinheiro fingido. Para tornar o jogo mais interessante, McMurphy propôs que se pagasse um tostão por cada dólar entregue pela banca: a caixa do monopólio está cheia de trocos.

— É a tua vez, Cheswick.

— Espera um instante. Não jogues ainda. O que é que é preciso para um tipo comprar um cinema?

— E preciso ter quatro apartamentos em cada terreno da mesma cor, Martini. Pronto, agora joga, por amor de Deus!

— Aguenta um bocado.

Naquele lado da mesa aquilo é uma barafunda de dinheiro: notas vermelhas, verdes e amarelas, voando em todas as direcções.

— Vais comprar um cinema ou estás à espera da passagem do ano, valha-me Deus?

— Raios, é a tua vez, Cheswick.

— Dois ases. Boa, Cheswick! Onde é que ficas?

Não será por acaso na minha rua? Ora, isso significa que tens que me pagar, deixa ver... trezentos e cinquenta dólares.

—Ora bolas!

-O que são esses coisões aí? das aera um instante. o que são esses coisões aí, por toda a parte, em cima do tabuleiro?

Martini, já há dois dias que andas a ver esses malditos coisões no tabuleiro. Não admira que eu esteja a ser depanado! McMurphy, não sei como te podes concentrar com o Martini para ali a ter alucinações a todo o momento?

—Ô Cheswick, não te importes com o Martini. Ele está a jogar mesmo bem. Paga é os trezentos e cinquenta que deves, que o Martini toma conta de si.

Sempre que o «coiso» dele cai na nossa propriedade ele paga a renda, não paga?

- Espera aí. Há demasiados desses...

- Está bem, Mart. Vai-nos avisando em que propriedades eles vão caindo. Continua ainda com os dados, Cheswick. Tiraste um

doble, por isso, joga outra vez. Bravo! Pumba! Seis.

-Ora, isso leva-me à... Sorte: «Você foi eleito Presidente do Conselho de Administração. Pague a cada jogador...» Bolas e mais bolas!

— De quem é aquele hotel ali na Estação?

— Caro amigo, aquilo, como todos estão a ver, não é um hotel: é uma estação de caminho de ferro.

- Eh! Esperem aí.

McMurphy aproxima-se do seu canto da mesa, arruma os cartões e as pilhas de dinheiro e alinha os seus hotéis. Tem uma nota de cem dólares enfiada na vira do gorro, como um cartão de imprensa: dinheiro maluco, chama-lhe ele.

-Scanlon? Parece-me que é a tua vez, parceiro.

3 Passa-me os dados. Vou mandar o tabuleiro on ares. Cá vou eu. Estou na Quinta Avenida. Cont pelos ares. Cá vou eu. Estou na Quinta Avenida. Coale onze por mim, Martini.

- Está bem.

—Não é essa, seu filho da mãe! Não é essa a minha marca. Isso é o meu apartamento.

— E da mesma cor.

—O que é que faz aquele apartamento na Companhia da Electricidade?

— Aquilo é uma central eléctrica!

— Martini, isso não são os dados que estás a bara-lhar...

— Deixa-o. Qual é a diferença?

— Mas, aquilo são dois apartamentos!

— Pumba! Tirou... deixa ver... um dezanove. Boa Mart. Vais para... onde está a tua marca, parceiro?

- Hã? Ah, está aqui.

— Ele tem-na na boca, MaMurphy, na boca. Exce-lente. Ora, são duas casas para ires do segundo para o terceiro molar, mais quatro para saltares para o tabuleiro, e ficas... na Avenida das Américas, Martini. Já é tua. Há tipos com sorte, hã? O Martini já está a jogar há três dias e cai quase sempre em casa.

— Cala-te e joga, Harding. É a tua vez.



Com os seus dedos compridos, Harding apanha os dados, apalpando-lhes as superfícies, como um cego.

Os dados são da mesma cor dos dedos e parecem ter sido esculpidos da sua outra mão. Baralha-os, fazem-do-os chocalhar, e lança-os. Eles rolam e param diante de McMurphy.

— Pumba! Cinco, seis, sete. Pouca sorte, parceiro.

Em cheio numa das minhas vastas propriedades. Deves-me... hum.. digamos que duzentos dólares chegam para pagar.

— Paciência!

E o jogo continua, com o chocalhar dos dados e o ruído das notas fingidas passando de mão em mão.

Existem longos períodos — três dias, três anos - em que não se vê nada. Só sabemos onde estamos graças ao barulho do alto-falante, soando sobre as nossas cabeças como o sino de uma boia, tocando no meio do nevoeiro. Quando começo a distinguir as coisas, costumo ver os rapazes andando dum lado para o outro, despreocupadamente, como se vissem apenas uma neblina flutuando no ar. Creio que o nevoeiro afecta as suas memórias dum modo que não me atinge a mim.

Até mesmo McMurphy parece não saber que esteve no nevoeiro. Ou se sabe, procura mostrar que isso não o incomodou. Ele quer ter a garantia de que ninguém do pessoal o veja incomodado seja pelo que for: sabe que não há nada neste mundo melhor para exasperar alguém que nos esteja a querer tornar a vida difícil do que fingir que não nos incomodamos.

Continua a manifestar a maior cortesia para com a enfermeira, e os pretos, sempre que eles lhe dirigem a palavra ou quando lhe pregam uma partida para o fazer perder as estribeiras. Por duas ou três vezes, alguma regra estúpida pô-lo quase louco, mas continuou a agir mais cortês e delicadamente que dantes.

Começou até a achar piada àquela história toda: 25 regras, os olhares desaprovadores para as reforçar e a maneira como nos falam, como se fôssemos crianças

de três anos. E quando repara como tudo isto é cómico, desata a rir, o que os exaspera a mais não poder. Pensa que enquanto puder rir está seguro, e o processo lá vai resultando. Só uma vez

perdeu a calma e deixou antever que estava furioso, mas não foi por causa dos pre-tos, nem da enfermeira-chefe, mas sim por causa dos doentes e de algo que eles não tinham feito.

Foi numa das Sessões de Grupo. Ficou furiosa porque os tipos estavam a ser demasiado cautelosos

— demasiado merdinhas, como ele lhes chama. Tinha feito apostas com todos para as finais do campeonato de beisebol, que era na sexta-feira seguinte. A sua ideia era assistirem aos jogos pela televisão, mesmo que a transmissão não fosse às horas regulamentares do hospital. Na sessão, uns dias antes, propôs que fizessem a limpeza à noite, durante o período destinado à tele-visão, para poderem ver os jogos à tarde. A enfermeira recusou, o que alias ele já esperava. Explicou-lhe que o horário tinha sido estabelecido por delicadas razões de equilíbrio, a qual poderia ser destruído pela alteração da rotina.

Isto, vindo da enfermeira, não o surpreendeu. O que o surpreendeu foi a reacção dos Agudos quando lhes perguntou o que pensavam da ideia. Ninguém disse nada. Estavam todos escondidos nas suas pequenas bolsas de nevoeiro. Eu mal os conseguia ver.

- Prestem atenção — pediu, mas eles não ligaram.

Esperou que alguém dissesse alguma coisa, que respondessem à sua pergunta. Ninguém parecia tê-lo ouvido.

Ao ver que não se mexiam, chamou :

- Olhem para mim, raios! Sei que há pelo menos uma dúzia de vocês que têm interesse em saber quem vai ganhar. Não estão com vontade de assistir aos jogos?

-Não sei, Mack — acaba por dizer Scanlon - já estou tão habituado a ver o noticiário das seis... • se a troca das horas provoca uma confusão tão grande no horário, como afirma miss Ratched...

— Que se lixe o horário! Podemos retomá-la para a semana, quando o campeonato acabar. Que dizem, parceiros? Vamos proceder à votação para assistimos à emissão à tarde, em vez de ser à noite. Quem é a favor?

— Eu — exclama Cheswick, pondo-se de pé.

—Todos os que são a favor levantem as mãos.

Certo? Todos os que são a favor.

A mão de Cheswick levanta-se. Alguns dos outros olham à volta para ver se há mais algum louco. McMur-phy não pode crer no que vê.

— Então? Que merda é esta? Pensava que vocês podiam votar na política do serviço da enfermaria e coisas semelhantes. Não é assim, doutor?

O médico confirma, sem o fitar.

— Optimo! Bem, quem quer assistir aos jogos?

Cheswick levanta o braço mais alto ainda e lança um olhar inflamado em redor. Scanlon abana a cabeça e levanta a mão, sem contudo tirar o cotovelo do braço da cadeira. E mais ninguém. McMurphy não consegue pronunciar palavra.

- Bom, então está decidido - interrompe a enter-meira — podemos, talvez, prosseguir a sessão.

- Sim — responde MaMurphy, deixando-se deslizar na cadeira até a vira do gorro quase lhe tocar no peito. — Sim, continuemos com esta filha-de-puta desta sessão.

— Sim — repete Cheswick, lançando aos outros um olhar severo e sentando-se. — Sim, continuemos com esta maldita sessão.

Faz um aceno irado e apoia o queixo no peito, carregando o sobrolho. Está satisfeito por estar sentado ao lado de MaMurphy e por se sentir tão corajoso. E a primeira vez que tem alguém do seu lado, lutando pelas suas causas perdidas.

Depois da sessão, McMurphy sente-se tão furioso e aborrecido que não dirige palavra a ninguém. E Billy

Bibbit que vai ter com ele.

— Alguns de nós já es-es-estamos aqui há c-c-cinco anos, Randel — explica. Tem uma revista enrolada na mão e vai-a torcendo; podem ver-se as marcas de queimaduras de cigarros nas costas das suas mãos. — E alguns ficarão por cá talvez m-m-muito tempo depois de te ires embora, muito tempo depois destes ca-ca-

-campeonatos. E... não vês... — atira a revista ao chão e afasta-se. — Oh, de qualquer modo, de que serve isto?

McMurphy observa-o com a testa franzida, juntando as sobrancelhas descoloridas.

Passa o resto do dia a tentar discutir com alguns dos Agudos acerca das razões que os levaram a não votar, mas eles não querem falar do assunto e ele parece desistir. Até à véspera do dia dos campeonatos, não torna a falar nisso.

— Cá estamos na quinta-feira — murmura, abanando tristemente a cabeça.

Está sentado numa mesa, na sala das tinas, com os pés sobre uma cadeira, fazendo girar o gorro no dedo. Alguns Agudos que estão a varrer ali à volta procuram não lhe prestar atenção. Já ninguém joga póquer ou blackjack a dinheiro com ele: depois dos tipos se terem recusado a votar, ele ficou tão furioso que os depenou de tal modo ao jogo e eles ficaram tão endividados que têm medo de continuar. E também não podem jogar a cigarros porque a enfermeira os fez guardar

o tabaco na secretaria da Sala dum maga meiras: Agona ela raciona-os e dá-lhe a saúde deles. Mas por dia, só para dar um jeito à saúde deles. Mas todos sabem que é para evitar que Mouray, os sanhe às cartas que não, sem póquer nem blackjack, a sala das tinas está silenciosa, apenas se ouvindo o som do auto-falante na sala de estar, escoando-se pela porta. Está tão silenciosa que se pode ouvir um tipo lá em cima, na enfermaria dos Violentos, trepando pela parede e dando ocasionalmente um grito, um berro de aborrecimento e desinteresse, como o choro de um bebé antes de pegar no sono.

— Quinta-feira — repete McMurphy.

O tipo lá em cima berra.

—E o Rawler — explica Scanlon, olhando para o tecto. Não quer prestar atenção a McMurphy. —Rawler, o chorão. Veio há uns anos para esta enfermaria. Não era capaz de estar calado, nem sequer para contentar miss Ratched, lembra-te Billy? Passava o tempo a berrar, e de tal modo que eu quase dava em doido.

Deviam era atirar umas granadas para o dormitório daquele bando de chorões lá em cima. Não fazem falta a ninguém...

— E amanhã é sexta-feira - continua McMurphy.

Não permite que Scanlon mude de assunto.

— Sim — repete Cheswick, franzindo o sobrolho - amanhã é sexta-feira.

Harding vira uma página da revista que está a ler.

— Vai fazer quase uma semana que o nosso amigo

McMurphy está connosco e não conseguiu ainda derrubar o governo, como nos tinha prometido. E isso que querias dizer, não é, Cheswick? Meu Deus! Só pensar na pasmaceira em que caímos... uma desgraça, uma verdadeira desgraça.

- Vai-te lixar com isso - protesta McMurphy. -

O que Cheswick quer dizer é que dá amanhã na televisão o primeiro jogo do campeonato. E, entretanto, que estaremos nós a fazer? A varrer outra vez esta maldita creche.

- Sim — acrescenta Cheswick - A Creche Terapêutica da Mamã Ratched.

Tenho a impressão de ser um espião, aqui encostado à parede: o cabo da vassoura que tenho na mão é de metal em vez de madeira (o metal é melhor condu-tor) e é oco. Tem espaço suficiente para lá ter dentro, escondido, um microfone miniaturizado. Se a enfer-meira-chefe está a ouvir isto dá cabo do Cheswick. Tiro um pedaço de pastilha elástica do bolso, arranco-lhe uma linha que estava colada, e meto-a na boca até amolecer.

-Vamos lá a ver outra vez - insiste McMurphy. — Se eu levantar, amanhã, na sessão, a questão da troca dos tempos de televisão, quantos votarão comigo?

Cerca de metade dos Agudos, muitos mais do que os que realmente votarão, acenam afirmativamente com a cabeça. McMurphy volta a enfiar o gorro na cabeça e pousa o queixo nas mãos.

—Há uma coisa que ainda não consegui perceber.

Que se passa contigo, Harding, para andares por aí a criticar a ideia? Tens medo que aquela pulha te corte a mão quando a levatares?

- Talvez... talvez tenha medo que ela me corte a mão quando a levantar. — E ergue uma delgada sobran-celha.

—E tu, Billy? E isso também que receias?

-Não. Não me p-p parece que ela faça alguma coisa, mas...

Encolhe os ombros, engole em seco e sobe coro um macaco, para o enorme painel de controlo da re são dos chuveiros.

- Mas não me parece longo prazo tetra alguma vantagem. Pelo menos a longo prazo. Não serve de nada, Mack.

2— Não serve de nada? Ah, sim! Pelo menos será um exercício para os vossos braços.

- E arriscado, meu amigo. Ela continua a ter a possibilidade de nos tornar a vida mais difícil. Um jogo de beisebol não vale esse risco.

— Quem diz que não? Há anos que não perco estas finais. Houve até uma vez em que estava na gaiola e nos levaram um aparelho para podermos ver o jogo: arranjariam um bom sarilho se o não fizessem. Se for preciso deito aquela porta abaixo e vou ver o jogo a uma tasca da cidade, eu e aqui o meu parceiro Cheswick.

—Aí está uma excelente sugestão! — exclama

Harding, atirando a revista ao chão. - Por que não apresentas essa proposta amanhã na sessão de grupo?

«Miss Ratched, proponho que a enfermaria se desloque en masse 1 à cervejaria para beber uns copos e para ver a televisão.»

— Vai-te lixar com essa história do «em massa.

Já estou farto de olhar para vocês. Parecem um bando de velhotas. Quando eu e o Cheswick nos pusermos ao fresco, palavra que prego a porta atrás de mim. E me-hor vocês ficarem: provavelmente a mamã não vos deixaria atravessar a rua sozinhos.

— Ah, sim ? Ele é isso? Fredrickson colocou-se atrás de McMurphy. — Vais limitar-te a levantar uma

---

1 Em frances no original.

dessas botarronas e deitar a porta abaixo? Um duro, hã ?

McMurphy não se preocupa. Sabe que Fredrickson pode armar-se em valente uma vez por outra, mas sabe também que ao menor temor se fecha em copas.

—Não, Fred, acho que não. Não quero estragar as botas.

- Sim? Ja que estás para aí a gabar-te, diz-me como te piravas daqui para fora...

McMurphy olha à sua volta.

— Bem, se realmente me apetecesse sair, rebentava as grades duma dessas janelas com uma cadeira...

— Sim? Achas que sim? Rebentavas com as gra-des? Experimenta lá para nós vermos. Vá lá, valentão!

Aposto dez dólares em como não consegues.

—E melhor não te incomodares a experimentar

- advertiu Cheswick. - Fredrickson sabe bem que apenas conseguirias partir a cadeira e que acabarias na enfermaria dos Violentos. Quando cá chegámos fizeram uma demonstração com aquelas grades. Foram especialmente fabricadas. Um técnico pegou numa cadeira como essa em que tens os pés e bateu com ela na grade até ficar reduzida a aparas. E a grade nem sequer ficou com uma arranhadela.

— Bom. Então é preciso algo mais pesado. Uma mesa, talvez...

McMurphy olha em redor. Vejo que está a ficar mais interessado. Só espero que a enfermeira-chefe não esteja a ouvir isto: em menos de uma hora ele estaria na enfermaria dos Violentos.

—E a mesma coisa que uma cadeira. A madeira é a mesma e o peso também.

- Bom, deixem-me ver o que é que eu teria de atirar à janela se me quisesse pirar daqui... E se vocês

julgam que se precisasse mesmand o aazer, não ceria capaz, então podem ir que come cadeir a pensar nouta capa. Uma coisa maior que una acadeira ou uma aes.. coisa, se fosse de noite, podia atirar o preto matulão. Ele é suficientemente pesado.

—Mas é demasiado mole — Observa Harding. - Quando batesse na grade ficava todo cortado aos qua-dradinhos. Como se faz a uma beringela.

— E que tal uma cama,?

-E grande de mais, supondo que a conseguisses levantar. Não passaria pela janela.

— Levantar, levantava-a de certeza. Raios, claro!

Mesmo aí onde vocês estão: essa coisa em que o Billy está sentado. Esse enorme painel de controlo, com as alavancas, as

manivelas e tudo. Não é preciso que seja mais duro, hã? E o peso também deve chegar.

- Decerto - troça Fredrickson. — Isso é o mesmo que deitares aquela porta de aço abaixo a pontapés.

— Não haveria problema em usar o painel, hã?

Parece estar preso ao chão.

— Não, não está aparafusado... provavelmente não tem nada a prendê-lo a não ser um outro fio... mas, olha para ele, pelo amor de Deus.

Olham todos. E de aço e cimento, com metade do tamanho de uma mesa e deve pesar uns duzentos quilos.

— Pronto, estou a vê-lo, mas não me parece maior que os fardos de feno que eu costumava carregar para as camiões.

— Receio, meu amigo, que este aparelho seja um bom pedaço mais pesado que os teus fardos de feno.

— Aposto que pesa um quarto de tonelada, ou mais — alvitra Fredrickson.

— Ele tem razão, Mack — diz Cheswick - aquilo deve ser pesadíssimo.

— Que diabo, estarão vocês a insinuar que não sou capaz de levantar aquele aparelhómetro insignificante?

— Meu amigo, não me lembro de ter ouvido dizer que os psicopatas, para além dos notáveis dons que possuem, tivessem ainda a faculdade de mover mon-tanhas.

— Certo, dizes que não o consigo levantar. Bem, pelo amor de Deus...

Salta da mesa e despe a camisa verde. Fica com uma camisola interior vestida e vêem-se-lhe as tatuagens nos músculos dos braços.

— Quem entra com cinco dólares? Ninguém me convence de que não sou capaz de fazer uma coisa sem primeiro experimentar. Cinco dólares...

- McMurphy, isso é tão imprudente como a tua aposta acerca da enfermeira.

— Quem quer perder cinco dólares? E pegar ou largar..



Os tipos vão todos preencher os papéis. Ele já lhe ganhou tantas vezes ao póquer e ao blackjack que não resistem a tirar a desforra. E desta vez jogam pelo seguro. Não vejo o que poderá ele pretender: mesmo sendo assim forte como é, são precisos três como ele para mover aquele painel. E bem o sabe. Basta que ele olhe para o painel para ver que não o conseguirá mover, quanto mais levantar. Só um gigante seria capaz de o fazer. Depois de todos os Agudos terem preenchido as declarações de dívida dirige-se para o painel, tira Billy Bibbit de lá de cima e cope nas mãos calejadas, batendo uma na outra e rolando os ombros.

— Pronto, afastem-se. Às vezes, quando faço exercício, respiro todo o ar das redondezas e mesmo os adultos desmaiam sufocados. Para trás. É possível que

voem pedaços de cimento e aço. Pestemam as mulheres e as crianças em segurança. Va, afastem-se...

— Meu Deus! Ele é capaz de conseguir - murmura Cheswick.

-Sim, talvez o faça desaparecer — troça Fredrick-son.

-O mais provável é que arranje uma bela hérnia - diz Harding - Já chega, McMurphy, deixa de te portares como um tolo. Não há ninguém que seja capaz de levantar essa coisa.

- Afastem-se, maricas. Estão a gastar o meu oxigénio.

Procura a melhor posição para os pés, para encontrar a base de apoio, torna a esfregar as mãos nas coxas, inclina-se para diante e agarra nas alavancas, de ambos os lados do painel. Quando começa a fazer força, os tipos apupam-no e caçoam com ele. Pára, endireita-se e volta a procurar a melhor posição para os pés.

Fredrickson desenha um sorriso.

— Desistes?

força.

— Estava só a aquecer. Agora é que vou fazer

Volta a agarrar nas alavancas.

De repente, todos pararam de caçoar. Os braços começam a inchar-lhe e as veias ficam marcadas à superfície da pele. Pisca os olhos e os lábios arregam-se-lhe. Inclina a cabeça para trás e os tendões esticam-se, como cordas amarradas do seu pescoço forte aos braços e às mãos. Todo o seu corpo começa a tremer com o

esforço quando tenta levantar uma coisa que sabe que não consegue levantar, uma coisa que todas sabem que não consegue levantar.

Mas por um segundo, quando sentimos o cimento a ranger sob os nossos pés, pensamos: Meu Deus! Talvez consiga!

Então, os seus pulmões expulsam o ar, como uma explosão, e ele cai para trás, extenuado, de encontro à parede. No sítio onde as segurava, as alavancas têm sangue. Durante um minuto fica encostado à parede, ofegante, os olhos fechados. Ouve-se apenas o som da sua respiração entrecortada; ninguém diz nada.

Abre os olhos e olha para nós. Observa-nos a todos, um por um - finalmente, olha para mim. Depois, tira dos bolsos todas as notas de dívida que ganhou ao póquer nestes últimos dias. Inclina-se na mesa e tenta separa-las, mas tem as mãos cheias de cortes vermelhos e não consegue mexer os dedos.

Por fim, atira o monte de papéis para o chão —talvez uns quarenta ou cinquenta dólares de cada um de nós — e volta-se, para abandonar a sala das tinhas. Quando chega à porta, pára e dirige-se para nós.

— Mas tentei, caramba. Com mil raios! Fiz os possíveis, não é verdade?

Sai e deixa os papéis no chão. Quem quizer que os va buscar.

Um médico de fora, com o crânio amarelo coberto de teias de aranha cinzentas, dá uma conferência 20s internos na sala da direcção.

Estou a varrer perto dele.

—Oh! O que é isto?

Olha para mim como se eu fosse algum micróbio.

Um dos internos aponta para os ouvidos fazendo-lhe sinal que sou surdo e ele continua a falar.

Aproximo-me com a vassoura do grande quadro que o Relações Públicas trouxe, certa vez, num dia em que o nevoeiro era tão espesso que não o conseguia distinguir. O quadro representa um tipo a pescar com mosca, algures nas montanhas. Parecem ser os choccos perto de Paineville. Vêm-se os picos cobertos de neve, por

cima dos pinheiros, os compridos troncos brancos dos choupos ao longo do riacho e as tímidas azedas crescendo em retalhos por trás duma rocha. Não é um lugar bom para pescar com mosca: ele devia usar um anzol seis e isco de ovo. A mosca seria boa, sim, mas nos rápidos do riacho, mais lá para baixo.

Há um caminho serpenteado por entre os choupos e pego na vassoura e meto-me nele. Sento-me numa rocha e olho para trás, através da moldura, para aquele médico falando com os internos. Vejo-o sublinhando as suas ideias com pancadinhas do dedo na palma da mão, mas, devido ao barulho da corrente fria do riacho por entre as pedras, não consigo ouvir o que diz. Sinto o cheiro da neve no vento que vem dos picos. Vejo buracos de toupeira na erva e no pasto dos búfalos. E, de facto, um sítio excelente para estender as pernas e passar um bom pedaço.

Quase me faz esquecer — se não me esforço por tentar recordar — como era a vida no hospital antigo.

Lá não havia, nas paredes, sítios bonitos e agradáveis como este para um tipo se refugiar. Não havia televisão nem piscina, nem galinha duas vezes por mês. As únicas coisas que havia eram paredes e cadeiras e uns casacos de presidiário que levávamos horas para conseguir des-pir. Desde então, eles aprenderam muito. «Foi um longo caminho», como diz o cara-de-lua cheia do Relações Públicas. Com os seus quadros e decorações e os cromados na casa de banho, tornam-nos a vida muito mais agradável. «Um tipo que queira fugir de um sítio tão agradável como este não deve ser bom da cabeça», acrescenta o Relações Públicas.

Na sala da direcção, o médico visitante cruza os braços e treme, como se tivesse frio, enquanto vai respondendo às perguntas dos internos. E esguio e descarnado e a roupa flutua-he nos ossos. Está ali de pé, esfregando os braços e tremendo. É possível que, tam-bem ele, esteja a sentir o vento frio que desce daqueles picos.

À noite, tenho dificuldade em encontrar a minha cama: sou obrigado a andar de gatas, procurando debaixo das molas do colchão os pedaços de pastilha elástica que deixei lá colocados. Ninguém se queixa de todo aquele nevoeiro. Agora, sei porquê: por pior que aquilo seja, um tipo pode esconder-se e sentir-se em segurança. E isto que McMurphy não consegue com-preender: que nos queiramos sentir em segurança. Continua a tentar arrastar-nos para fora do nevoeiro, para campo aberto, onde seremos uma presa fácil.

Lá em baixo, estão a proceder ao carregamento de vísceras congeladas: corações, rins, cérebros e coisas do género. Ouço-as, deslizando pela calha do carvão, até à câmara-frigorífica. Um tipo, que eu não consigo ver, sentado algures na sala, fala de alguém da enfermaria dos Violentos que se teria matado. O velho Rawler. Cortou os tomates e sangrou até morrer, sentado numa retrete, na latrina. Estavam lá uma meia dúzia de tipos que não deram por nada, senão quando o ouviram cair no chã, já morto.

Não consigo perceber o que torna as pessoas tão impacientes. Aquele tipo só tinha uma coisa a fazer: esperar.

Sei como se trabalha com a máquina de nevoeiro.

Nos aeroportos, por toda a parte, havia pelotões destacados para trabalharem com máquinas dessas. Sempre que os serviços secretos pensavam que pudesse haver um bombardeamento aéreo,

ou quando os generais queriam fazer alguma coisa no maior segredo - fora das vistas de todos e, inclusivamente, dos espiões da base — enchiam o campo de nevoeiro.

E uma brincadeira de crianças: só é preciso um compressor vulgar, que aspira água de um reservatório e um óleo especial de outro e que comprime a mistura. De um cano preto, numa das extremidades da máquina, sai uma nuvem branca que em noventa segundos pode cobrir todo o aeroporto. A primeira coisa que vi quando aterrei na Europa foi o nevoeiro que aquelas máquinas produziam. Iam uns caças de interceptação atrás do nosso avião de transporte e, mais tarde, o nevoeiro começou a sair das máquinas. Pelas janelas redondas, todas rabiscadas, do avião vimos os jeeps, rebocando as máquinas até junta de nós e vimos o nevoeiro a sair, enchendo o campo e colando-se às janelas como algodão molhado.

Para nos orientarmos à saída do avião tínhamos que nos guiar pela corneta que o temente soprava, com um som parecido ao grasnar de um ganso. Logo que nos

afastámos da escotilha, deixámos de poder ver a mais de um metro de distância. Era como se não estivesse mais ninguém naquele aeroporto. Os sons desvaneciam-se e morriam e já não se ouvia o resto da tripulação: apenas o grasnar da corneta no meio daquela espécie de penugem branca, tão espessa que do cinto para baixo não se via nada. À excepção da camisa castanha e da fivela de latão, tudo o mais que se via era branco, como se, da cintura para baixo nos estivessemos a dissolver no nevoeiro.

E aparecia, repentinamente, mesmo à frente dos olhos, a cara de um tipo, errando, perdido como nós.

Uma cara maior e mais nítida do que jamais tinha-mos visto em toda a vida. Os olhos faziam um tal esforço para distinguir qualquer coisa naquele nevoeiro que quando deparavam com qualquer pormenor este aparecia dez vezes mais nítido do que seria normal, tão nítido que éramos obrigados a desviar a vista.

Quando deparávamos com algum tipo, não lhe queríamos olhar para o rosto, nem ele para o nosso, porque era penoso ver alguém com tamanha nitidez, como se o víssemos por dentro, mas, por outro

lado, também não o queríamos perder de vista. Era preciso escolher: ou nos esforçávamos por fixar o que nos aparecia, ou deixávamos andar e perdíamos-nos no nevoeiro.

Quando, pela primeira vez, usaram na enfermaria aquela máquina — que tinham comprado nos excedentes do exército — e a esconderam nos respiradouros daquele edifício novo, antes de nos mudarmos para lá, continuei a tentar fixar o mais esforçadamente possível tudo o que pudesse aparecer, tal como costumava fazer quando enchiam de nevoeiro aqueles aeroportos da Europa. Não havia ninguém que tocasse uma corneta

nem havia nenhuma condada que tinha se agaran, por isso, a única possibilidade de não me perder era tentar fixar ali a mão. Mesmo assim às vezes, perdia-me; ia para onde o nevoeiro era mais denso, tentando esconder-me, e ia dar sempre ao mesmo sítio — aquela porta de metal com uma fiada de rebites como uma imensidão de olhos. Parecia que a sala por detrás dela me atraía, por mais que tentasse afastar-me, como se a corrente gerada pelos espíritos malignos que lá estavam fosse conduzida por um raio, através do nevoeiro, puxando-me como a um autómato.

Durante dias, vagueei no nevoeiro temendo nunca mais voltar a ver outra coisa. Depois, dei de caras com aquela porta que se abriu para me mostrar a parede acolchoada, no outro lado, para abafar os sons, e os homens alinhados, como cadáveres, entre fios de cobre brilhantes, luzes piscando e o ruído dos arcos voltaicos.

Tomo lugar na fila e espero pela minha vez de ir para a mesa. Esta tem forma de cruz e marcas de milhares de assassinios: silhuetas de pulsos e de tornozelos, escapando-se pelas correias de cabedal enverdecidas pelo suor, a silhueta de um pescoço e de uma cabeça com uma ligadura prateada à volta da testa. O técnico que está aos controlos, ao lado da mesa, desvia os olhos dos mostradores e baixa-os para a fila, apontando-me uma luva de borracha. «Esperem. Conheço esse bastardo desse matulão — o melhor é darem-lhe uma cacetada na nuca, ou então, irem buscar reforços. Ele dá cabo de tudo quanto vê.»

E por isto que tento não me embrenhar demasiado no nevoeiro: porque receio perder-me e desembocar na porta da Câmara de

Choque. Observo com a máxima atenção tudo o que avisto e agarro-me firmemente, tal como um tipo numa tempestade de neve se agarra a

uma cerca. Mas eles tornam o nevoeiro cada vez mais cerrado e parece-me que, por mais que lute contra isso, dou comigo, duas ou três vezes por mês, com aquela porta a abrir-se à minha frente, atirando-me à cara o cheiro das descargas eléctricas e do ozónio. A despeito de tudo o que eu pudesse fazer, tornava-se cada vez mais difícil evitar perder-me.

Então, descobri uma coisa: não iria ter àquela porta se me mantivesse quieto quando o nevoeiro me envolvesse e me deixasse ficar assim. O maior problema é que eu tinha um tal pavor de estar tanto tempo perdido, que começaria a gritar e eles localizar-me-iam e acabariam por levar-me para a porta. Dum certo modo, gritava para que eles me apanhassem: pensava perdido. Mesmo a Câmara de Choque. Agora, já não que qualquer coisa seria melhor do que estar para ali sei. Estar perdido não é assim tão mau.

Durante toda a manhã, estive à espera que eles lançassem o nevoeiro. Nos últimos dias têm-no feito com maior frequência. Penso que é por causa de McMurphy. Ainda não o têm sob controlo e tentam apanhá-lo desprevenido. Sabem que ele vai tornar-se um problema: já por uma meia dúzia de vezes quase conseguiu instigar Cheswick, Harding e alguns outros Agudos a virarem-se contra os pretos. Mas sempre, na altura exacta, entrou em cena o nevoeiro, como é agora o caso.

Há alguns minutos, quando se estavam a retirar as mesas da sala-de-estar, preparando-a para a sessão terapêutica, ouvi o compressor a entrar em funcionamento. A neblina já se está a espalhar pelo chão, tão espessa que já tenho as calças húmidas. Estou a limpar os vidros da porta da sala envidraçada e ouço a enfermeira-chefe levantar o auscultador e chamar o médico

pare lã. dizer que estamos que talvez tos para imitar a sessão. Diz-lhe, também, que talvez fosse melhor ele arranjar uma hora livre à tarde para uma reunião da direcção. «Porque penso que já é teleo de termos uma discussão acerca do paciente Rande McMurphy, para

decidirmos se ele deve ou não continuar nesta enter-maria.» Escuta, durante um momento, e responde-lhe:

«Parece-me que não será sensato permitir que ele continue a perturbar os doentes como tem feito nos últimos dias.»

E por isso que ela está a inundar a enfermaria de nevoeiro para a sessão. Hoje, vai tomar uma decisão acerca de McMurphy; provavelmente mandá-lo-á para a enfermaria dos Violentos. Largo o trapo de lavar os vidros e dirijo-me para a cadeira, no fim da fila dos Crónicos. Mal distingo os tipos a sentarem-se e o médico a passar a porta, limpando os óculos por pensar que a névoa é provocada pelo vapor condensado nas lentes e não pelo nevoeiro.

Nunca antes tinha visto o nevoeiro tão cerrado.

Ouço-os, tentando dar início à sessão, dizendo uns disparates quaisquer acerca da gaguez de Billy Bibbit e de como a adquiriu. As palavras chegam até mim como através de água, tão espesso está o nevoeiro.

De facto, parece-se tanto com a água que me sinto flutuar acima da cadeira e, por um momento, não sei qual é o lado de cima e qual é o de baixo. Flutuar, assim, dá-me, a princípio, uma sensação de enjoo. Não consigo distinguir nada. Nunca o nevoeiro esteve tão espesso que me fizesse pairar desta maneira.

Enquanto flutuo, as palavras chegam-me altas, depois distintas, depois deixo de as ouvir. As vezes soam muito alto, tão alto que sei que estou mesmo ao Lado do lipo que está a falar. Mas continuo a não ver nada.

Reconheço a voz de Billy, gaguejando mais do que nunca. Está nervoso, «...f-f-fui expulso da faculdade po-po-porque tinha desistido do ROTC1. Não po-po-dia continuar. Sem-sem-sempre que o oficial fazia a cha-mada, quando dizia, 'Bibbit', eu não conseguia responder. De-de-devia dizer p-p-p-p-...» Engasga-se com a palavra como se ela fosse um osso que lhe ficasse atravessado na garganta. Ouço-o engolir em seco e reco-meçar. «Devia dizer, 'presente', mas nunca o c-c-con-segui.»

A sua voz torna-se indistinta. Então a enfermeira-chefe, num tom cortante, à minha esquerda, interrompe.



- E capaz de se lembrar, Billy, quando começou a ter problemas com a fala? Quando gaguejou pela primeira vez?

Não sei dizer se ela está a rir ou quê.

— Quando co-comecei a gaguejar? A primeira palavra que pronunciei a gaguejar foi: m-m-m-mamã.

De repente, todas as vozes se desvanecem. Nunca tal tinha acontecido. Talvez Billy tenha resolvido esconder-se no nevoeiro, também. Talvez se tenham, final-mente, escondido todos.

Vejo uma cadeira que, pairando, como eu, se cruza comigo. É a primeira coisa que distingo. Emerge do nevoeiro à minha direita e, por uns segundos, queda-se ao lado do meu rosto e quase lhe posso tocar. Última-mente, acostumei-me a deixar estar as coisas que aparecem do meio do nevoeiro: deixo-me ficar quieto e não tento agarrá-las. Mas desta vez tenho medo, aquele medo que me costuma assaltar. Faço todos os possíveis para

---

<sup>1</sup> Reserve Officer's Training Corps. O correspondente ao nosso COM (Curso de Oficiais Milicianos). (N. do T.)

agarrar a cadeira e para me por em cima dela, mas não tenho nada onde me apoiar e a única coisa que consigo é apanhar uma mão-cheia de ar. Vejo-a tornar-se cada vez mais nítida: tão nítida que posso distinguir uma dedada deixada pelo operário que a fez quando o verniz ainda estava fresco. Fica ali, durante uns segundos, depois desaparece. Nunca tinha visto as coisas a pairar desta maneira. Nunca tinha visto o nevoeiro assim tão cerrado, tão cerrado que nem posso pôr os pés no chão, se me apetecer, e dar uma volta. É isso que me assusta: tenho a impressão que vou ficar a pairar, sabe-se lá por onde, para sempre.

Vejo um Crónico flutuando por baixo de mim.

E o velho coronel Matterson. Está a decifrar o que tem escrito nas linhas da sua comprida mão amarela. Obser-vo-o atentamente porque me convenço que é a última vez que o vejo. O seu rosto é enorme, demasiado grande para que eu o possa suportar. Os cabelos e as rugas são enormes, como se os estivesse a observar ao micros-cópio. Vejo-o tão nitidamente que abarco toda a sua vida.

Aquele rosto esta marcado por sessenta anos de acampamentos militares no Sudoeste, pelos sulcos das rodas com aros de ferro das carretas de munições e tem pele colada aos ossos pelos esforços de milhares de exercícios de marcha.

Estende aquela mão comprida, coloca-a mesmo à frente dos meus olhos e observa-a de soslaio. Estende também a outra e, com um dedo de madeira envernizada, da cor de um coronha, amarelecido pela nicotina, sublinha as palavras. A sua voz cavernosa é lenta e paciente e vejo as palavras tomando forma, pesadas e escuras, quando saem dos seus lábios frágeis como vidro.

- Agora... a bandeira é... a América. A América é... as ameixas. Os pêssegos. As me-lan-cias.

A América é... as pastilhas elásticas. As pevides de abóboda. A América é... a be-le-visão.

E verdade. Está tudo escrito naquela mão ama-rela. Leio com ele.

—A cruz é... o Mé-xi-co.

Olha para mim, para ver se estou a prestar aten-ção, e, vendo que sim, sorri e continua.

-O México é... as no-zes. As avelãs. O milho.

• México é ... insi-pido.

Vejo onde ele quer chegar. Desde que cá está, ha seis anos, que passa a vida a dizer estas coisas, mas nunca lhe liguei. Era como se ele fosse uma estátua falante, uma coisa feita de ossos e artrite, despejando sempre aquelas suas tolas definições que não faziam o mínimo sentido. Agora, finalmente, percebi o que ele tem andado a dizer. Tento retê-lo, olhando pela última vez para o poder recordar. E esse esforço que me leva a compreender. Faz uma pausa e estuda-me pormenorizadamente, como que para se certificar que o estou a perceber. Quero gritar-lhe que sim, que estou a ver: o México é como os nozes, castanho e duro, podemos senti lo com os olhos e o seu sabor é o sabor da noz! Isso faz sentido, velhote, um sentido muito teu.

Não é o louco que eles imaginam. Sim... Estou a ver...

Mas o nevoeiro entope-me a garganta, impedindo-me de pronunciar qualquer som. Ele vai-se afastando è vejo-o curvado

sobre aquela mão.

- Agora... o carneiro verde é... o Ca-na-dá. O Canadá é... os abetos. Os campos de trigo. O Ca-len-dá-rio...

Esforço-me por vê-lo a afastar-se. Esforço-me tanto, que os olhos me doem e sou obrigado a fechá-los.

Quando os tomo a e sozinho, mais pesapareceu. Boston

Agora é que é, digo de mim para mim. Agora you de vez.

Lá está o velho Pete. A cara como um farol. Está a cerca de cinquenta metros à minha esquerda, mas vejo tão claramente como se não houvesse nevoeiro.

A menos que esteja ali junto de mim, mas muito pe-queno. Não tenho a certeza. Diz-me apenas que está cansado, mas é o suficiente para me fazer ver o que foi a sua vida no caminho de ferro. Vejo-o, esforçando-se por adivinhar como se lêem as horas no relógio, suando as estopinhas para abotoar os botões do seu macacão de ferroviário, fazendo o impossível para conservar o emprego, que para outros seria tão simples que não teriam que refastelar-se na cadeira forrada de papelão, lendo romances policiais e livros pornográficos. Não que pensasse que seria capaz de o conservar - sabia desde o princípio que não o conseguiria - mas tinha que tentar, quanto mais não fosse, para não perder o contacto com os outros. E, assim, conseguiu sobreviver durante quarenta anos, se não no mundo dos homens, pelo menos a sua margem.

Vejo tudo isto e sofro, tal como sofria quando via estas coisas no Exército, durante a guerra. Tal como sofri ao ver o que aconteceu ao papá e ao resto da tribo. Pensava que isso já tinha acabado: que já não sofreria nem me afligia ao ver estas coisas. Não faz sentido. Não há nada a fazer.

— Estou cansado!

E tudo o que me diz.

— Sei que estás cansado, Pete, mas de nada serve eu afligir-me com isso. Sabes bem que não.

Afasta-se na mesma direcção do velho coronel.

Aí vem Billy Bibbit, da mesma maneira. Vêm todos em fila para uma última visita. Sei que ele não pode estar a mais do que um ou

dois metros de distância, mas vejo-o tão pequenino que parece estar a um quiló-metro. O seu rosto afigura-se-me ao dum mendigo que precisasse de muito mais do que lhe poderiam dar.

Os seus lábios mexem-se como os lábios de um boneco.

- E, mesmo quando me declarei, deitei tudo a perder. Disse: «Que-querida, queres ca-ca-ca-ca...» E ela desatou a rir a gargalhada.

A voz da enfermeira. Não consigo saber donde vem.

— A sua mãe falou-me nessa rapariga, Billy. Ela era, aparentemente, de um meio muito inferior ao seu.

Porque é que, na sua opinião, ela o assustava tanto, Billy?

— Eu estava ap-p-paixonado por ela.

Também não posso fazer nada por ti, Billy. Sabe-lo bem. Nenhum de nós pode. Tens que compreender que quando um homem vai em socorro doutro fica completamente vulnerável. E preciso ser prudente, Billy. Deves sabê-lo melhor que ninguém. Que poderia eu fazer?

Não posso curar a tua gaguez. Não posso apagar as cicatrizes dos golpes da lâmina de barbear nos pulsos, nem as queimaduras de cigarros das costas das tuas mãos. Também não te posso dar outra mãe. E quanto ao facto da enfermeira andar a fazer troça de ti, como costuma, esfregando-te o nariz nas tuas próprias fraquezas até perderes o pouco da dignidade que ainda conservas e reduzindo-te a nada com humilhações, também nada posso fazer contra isso. Em Anzio, vi um dos meus camaradas amarrado a uma árvore a cinquenta metros de mim, gritando por água, a cara empolada pelo sol. Queriam que eu tentasse ajudá-lo. Mas se eu tivesse saído daquela quinta cortavam-me ao meio.

- Afasta a cara, Billy.

Eles continuam a desfilar à minha frente.

E como se cada rosto de Portland treino. Como aqueles que os acordeonistas de Souliand têm dependu-

ou to thom de ou camento o o a armen

de ser constantemente empurrado por máquinas e por pessoas.» Por mais pequenas que sejam as letras, consigo ler todos os letreiros. Alguns dos rostos olham em redor para os outros e

podiam ler-les os letreiros, mas que significado poderá isso ter? Depois, espalham-se pelo nevoeiro como confettis.

Estou mais longe do que nunca. Estar morto deve ser como isto. Julgo que é como ser um Vegetal: um tipo perdendo-se no nevoeiro. Não se mexe. Alimen-tam-lhe o corpo até ele deixar de poder comer: depois queimam-no. Não é assim tão mau. Não há dor. A única coisa que sinto é uma sensação de frio, que julgo irá passar com o tempo.

Vejo o papá saltar de um barranco e, depois, parar para fazer pontaria a um veado que foge aos saltos por entre os cedros. O cano da espingarda vai expe-lindo, uma após outra, as balas, que levantam nuvens de poeira à volta do animal. Saio também do barranco e acerto no veado ao segundo tiro, mesmo quando ele começava a subir o paredão rochoso. Sorrio ao papá.

— Nunca pensei que falhasses um tiro destes, papó!

- Os olhos já não são o que eram, filho. Já não vejo o ponto de mira. Ainda agora, ao fazer pontaria, a vista tremia-me como um cão a cagar caroços de pêssego.

— Papá, estou a avisar-te: aquela aguardente de cacto do sid vai fazer-te velho antes do tempo.

— Quando um homem bebe aquela aguardente de cacto do sia, filho, é porque já está velho antes do tempo. Vamos estripar o veado antes que as moscas o façam desaparecer.

Isto nem sequer aconteceu agora. Vêem? Não há nada a fazer com acontecimentos como este, que se produziram no passado.

— Olha lá, meu velho...

Ouço murmúrios. Os pretos.

— Repara, o maluco do velho Vassoura, já preparado para dormir.

— Bem, Chefe Vassoura, muito bem. Dorme e não te metas em sarilhos.

Já não tenho frio. Penso que estou quase a con-seguir. Aqui onde estou o frio não me atinge. Posso ficar cá o tempo que quiser. Já não tenho medo. Eles não me podem apanhar .Só as palavras chegam até mim, e, mesmo essas, estão a desvanecer-se.

- Bem... já que Billy decidiu afastar-se da discussão, alguém tem algum problema a pôr ao grupo?

— Na realidade, miss Ratched, aconteceu algo...

E McMurphy. Está distante. Continua a tentar puxar as pessoas para fora do nevoeiro. Porque não me larga ele?

- ... lembra-se daquela votação que fizemos um ou dois dias atrás - acerca da emissão da televisão?

Bom, é que hoje é sexta-feira e pensei que talvez pudesse levantar outra vez a questão, só para ver se mais alguém arranjou coragem para votar.

- Sr. McMurphy, o objectivo destas sessões é a terapia, a terapia de grupo, e não me parece que esses problemas triviais...

— Sim, sim. Que se lixe isso! Já conheço a história. Eu e alguns dos outros doentes decidimos...

-Um momento, sr. McMurphy. Deixeme fazer uma pergunta ao grupo: ninguém tem sentido que o

97. McMurphy está, talvez, a querer impor excessivamente os seus desejos pessoais? Tenho andado a pensar que talvez vocês ficassem satisfeitos se ele fosse transferido para outra enfermaria...

Durante um minuto ninguém diz nada. Então, alguém observa:

— Deixe-o fazer a votação, porque não deixa? Porque razão o há-de mandar para a enfermaria dos Violentos só por causa duma proposta de votação? O que há de tão grave na mudança do horário?

- O que há, sr. Scanlon, é que vocês fizeram greve da fome durante três dias até autorizarmos que o período destinado à televisão começasse às seis em vez das seis e meia.

- Um homem precisa de saber as notícias do mundo, não precisa? Meu Deus, podiam ter bombardeado Washington e só o saberíamos daí a uma semana...

- Sim? E renuncia ao seu noticiário internacional para ver um grupo de homens jogarem beisebol?

— Não podemos ver as duas coisas, há? Não, penso que não. Mas, que diabo! Não me parece que nos bombardeiem esta semana.

— Deixemo-los votar, miss Ratched.

— Está bem. Mas creio que tivemos a prova da acção nefasta dele sobre alguns dos dentes. Que pro-põe, sr. McMurphy?

— Proponho uma nova votação sobre a alteração do período da televisão para a parte da tarde.

— Lem a certeza que mais uma votação o deixara satisfeito? E que temos coisas mais importantes...

— F'icarei satisfeito. Só quero ver quais são os gajos que têm um bocadinho de coragem.

— Está a ver, doutor Spivey? E esta a linguagem que me faz pensar se os doentes não ficariam mais contentes se o sr. McMurphy fosse transferido.

— Deixe-o fazer a votação, porque não deixa?

- Certamente, sr. Cheswick. O grupo vai votar.

Contenta-se com uma votação de braço no ar, sr. McMurphy, ou quer um escrutínio secreto?

—Quero ver as mãos que se levantam. E quero também ver as que ficam em baixo.

—Quem é a favor da alteração da emissão para a tarde, levanta o braço.

A primeira mão a levantar-se foi a de McMurphy: posso afirmá-lo por causa da ligadura que tem no sítio onde se cortou ao tentar levantar aquele painel de controlo. Então começo a vê-las, às outras mãos, aparecendo por cima do nevoeiro. E como... como se aquela enorme mão vermelha de McMurphy mergulhasse no nevoeiro e puxasse as mãos dos outros tipos, como se as puxasse para onde ficassem bem visíveis. Primeiro uma, depois outra, a seguir ainda outra. A fila dos Agudos, levantando os braços para fora do nevoeiro e pondo-se de pé, vinte ao todo, vota, não só para ver a televisão, mas, principalmente, contra a enfermeira-chefe, contra as suas tentativas de mandar McMurphy para a enfermaria dos Violentos, contra o modo como ela lhes tem falado e como os tem tratado e esmagado ao longo dos anos.

Ninguém diz nada. Sinto a estupefação tanto dos doentes como do pessoal. A enfermeira não consegue imaginar o que terá acontecido. Ontem, antes dele ter levantado aquele painel, apenas

quatro ou cinco teriam votado. Mas ela não deixa transparecer na voz a sua surpresa.

- Só conto vinte, sr. McMurphy.

—Vinte? E então? Vinte somos nós todos aqui...

quer dizer.

Cala-se, compreendendo subitamente o que ela

— Espere só um minuto, raios!

— Receio que a proposta tenha sido recusada.

— Espere só um maldito minuto!

- Há quarenta doentes na enfermaria, sr. McMurphy. Quarenta.

E só vinte votaram. E preciso a maioria para provar uma alteração à política interna da enfermaria. Lamento, mas a votação está encerrada.

As mãos começam a descer. Os rapazes, sabendo-se derrotados, tentam esconder-se na segurança do nevoeiro. Mc. Murphy levanta-se.

— Raios me partam! Pretende insinuar que isto vai ficar assim?

Contou também os votos daqueles tipos?

— Doutor, não lhe explicou o processo de votação?

- Lamento, McMurphy, mas é necessária a maioria.

Miss Ratched tem razão, toda a razão.

— A maioria, sr. McMurphy. Está estipulado nos estatutos da enfermaria.

—E decerto que para alterar os estatutos é necessária uma maioria... Aposto! Tenho visto muita merda, mas, caramba, isto leva a palma!

— Lamento, sr. McMurphy, mas se se tivesse mostrado interessado em conhecer as regras da casa eu ter-lhe-ia mostrado os regulamentos...

— Então, é assim que dirige este democrático cagalhão... Bolas!

— Parece aborrecido, sr. MaMurphy. Não parece, doutor? Quero que tome nota disso.

— Não me venha com essa cantiga, senhora. Quando um tipo está a ser quilhado tem o direito de gritar.

E nós estamos a ser bem quilhados!



- Talvez, doutor, em vista à condição do paciente, seja melhor darmos por terminada a sessão mais cedo, hoje...

- Espere! Espere um minuto. Deixe-me falar com aqueles tipos.

— A votação está encerrada, sr. McMurphy.

— Deixe-me falar com eles.

Vem para o meio da sala, para junto de nós. Torna-se maior, cada vez mais, e tem a cara vermelha, a arder. Procura no nevoeiro e tenta trazer Ruckley, porque ele é o mais novo, para a superfície.

— Então e tu, parceiro? Não queres ver as finais?

Beisebol? Jogos de beisebol? Basta levatares a mão...

— Que se fffffoda a mulher.

— Está bem, não liguês. E tu, parceiro, hã, e tu?

Como te chamas?... Ah, Ellis. Então que dizes, Ellis, à ideia de veres um jogo de beisebol na televisão?

Levanta a mão...

As mãos dele estão pregadas à parede, não podem valer um voto.

— Já disse que a votação está encerrada, sr. McMurphy. Esta a fazer uma linda figura!

Não lhe presta atenção. Percorre a fila dos Crónicos.

— Vamos lá, rapazes, vamos lá. Um voto vosso.

E só levantar o braço. Mostrem-lhe que ainda o podem fazer.

- Estou cansado - diz Pete e abana a cabeça.

— A noite é... o Oceano Pacífico. - O coronel esta a decifrar a mão e não pode ser incomodado para votar.

— Um de vocês. Que o grite bem alto. Estao encostados à parede, não vêem isso? E absolutamente necessário — senão somos derrotados! Não sabem do que

estou a falar? guge Não? Tu, Chefe, dar uma mãos?

Tu, Gabriel? George? Não? Tu, Chefe, que dizes?

Está ali de pé, à minha frente no nevoeiro. Porque não me deixará ele tranquilo?

— Chefe, tu és a nossa última hipótese.

A enfermeira-chefe dobra os seus papéis. As res tantes rodeiam-na. Finalmente, Levanta-se. Ouço-a dizer:

— A sessão fica adiada. Quero que o pessoal se reúna daqui a uma hora lá em baixo na sala. Portanto, se não há mais na...

Já é demasiado tarde para parar. No dia da sua chegada ele fez-lhe qualquer feitiço, à minha mão, com a sua, e agora já não a consigo controlar. Isto não faz sentido, qualquer tolo pode ver isso. Nunca o teria feito se dependesse da minha vontade. Pela maneira como a enfermeira me olha, espantada, a boca aberta, sem poder dizer palavra, vejo que me meti num bom sarilho. Mas não consigo parar. McMurphy tem fios invisíveis ligados a esta mão e vaia levantando, deva-gar, fazendo-a sair do nevoeiro, onde me torno uma presa fácil. E ele que o está a fazer, com fios...

Não, isto não é verdade. Fui eu mesmo que a levantei.

McMurphy solta um grito de alegria, obriga-me a levantar e dá-me uma palmada nas costas.

— Vinte e um! Com o voto do Chefe faz vinte e um. E, Deus do Céu, se isto não é uma maioria como o meu gorro.

—Viva! - grita Cheswick. Os outros Agudos dirigem-se para mim.

—A sessão já estava encerrada - diz ela.

Continua a sorrir, enquanto abandona a sala-de-estar, dirigindo-se para a Sala das Enfermeiras, mas o pescoço está a ficar vermelho e a inchar, como se fosse explodir dum momento para o outro.

Mas não explodiu. Pelo menos por agora. Isso fica para daqui a uma hora. Do outro lado do vidro o seu sorriso transforma-se num rito que nunca lhe tínhamos visto. Permanece sentada, imóvel. Vejo-lhe os ombros subindo e descendo ao ritmo da respiração.

McMurphy olha para cima, para o relógio, e anuncia que está na hora do jogo. Está ajoelhado à beira do bebedouro, polindo-lhe a base, justamente com outros Agudos. Eu estou a varrer pela décima vez o cubículo das vassouras. Scanlon e Harding empurram a encedradora para cá e para lá, no átrio, desenhando reluzentes oitos na cera fresca. McMurphy repete que já está na hora do jogo e levanta-se, deixando no chão o trapo de polir. Mais ninguém pára o trabalho. Dirige-se para a janela onde ela está, olhando-a fixamente, e sorri-

-le, sabendo que, por agora, a venceu. Quando a saúda e lhe pisca o olho, ela tem um estremecimento.

Continuam todos o seu trabalho, mas observam-no pelo canto do olho, puxando uma poltrona, ligando a televisão e sentando-se diante dela. Aparece no écran a imagem de um papagaio, sobrepondo-se ao campo de jogo, cantando um anúncio de uma lâmina de bar-bear. McMurphy levanta-se e aumenta o volume do som da televisão para abafar a música que vem do alto-

-falante, no tecto. Puxa outra cadeira, que põe à sua frente, volta a sentar-se, repousando os pés nela, recosta-se e acende um cigarro. Coça a barriga e solta um bocejo.

—Viva! Só me falta agora uma cerveja e um cachorro quente.

Vemos a enfermeira ficar vermelha ao ver o que ele está a fazer. Os seus lábios movem-se. Dá uma olhadela em redor e repara que todos a observam. Mesmo os pretos, as enfermeiras e os internos, que vão entrando para a sessão do pessoal, lhe dirigem olhares furtivos.

Os seus lábios cerram-se firmemente. Torna a olhar para McMurphy e espera que o anúncio da lâmina de barbear acabe. Então, levanta-se e vai até junto da porta de aço onde estão os controlos. Desliga um interruptor e a imagem da televisão desaparece no cinzento visor. A única coisa que fica é um pontinho luminoso apontado para o sítio onde McMurphy está sentado.

Aquele olho luminoso não o incomoda nada. Para dizer a verdade, ele nem sequer dá sinal de ter reparado que a imagem desapareceu: segura o cigarro com os dentes e enfia o gorro para baixo, até ter que se inclinar para trás para poder ver por baixo da vira.

Permanece assim, sentado, as mãos entrelaçadas atrás da cabeça e os pés fincados na outra cadeira, um cigarro fumegando por baixo da vira do gorro - olhando para o visor da televisão.

A enfermeira tolera-o até ao limite. Depois, aparece na porta da Sala das Enfermeiras e chama-o, dizendo que seria melhor ir ajudar os outros nos trabalhos caseiros. Ele ignora-a.

— Eu disse, sr. McMurphy, que, a esta hora, devia estar a trabalhar.

A voz dela soa como uma serra eléctrica, cortando um tronco de pinheiro.

— Sr. McMurphy, estou a avisá-10!

Todos páram o que estavam a fazer. Ela olha em redor e dá um passo em direcção a McMurphy.

— Não se esqueça que está sob tutela. Você, esta.. sob a minha jurisdição... sob a jurisdição do pessoal.

Levanta um punho fechado e aquelas unhas alaranjadas queimam-lhe a palma da mão.

— Sob a jurisdição e controlo...

Harding desliga a enceradora, deixa-a no átrio, pega numa cadeira, coloca-a ao lado de McMurphy e senta-se, acende também um cigarro.

- Sr. Harding! Volte para o seu trabalho.

A sua voz soa, agora, como se a serra tivesse encontrado um prego, e acho tanta piada à ideia que quase desato a rir.

- Sr. Har-ding!

Então, Cheswick pega também numa cadeira, depois

Billy, Scanlon, Fredrickson e Sefelt. A seguir, todos largam as vassouras, os esfregões e os trapos de polir e fazem o mesmo.

— Párem! Párem com isso!

E lá estamos nós, todos, sentados em fila em frente do aparelho desligado, olhando para o visor cinzento, como se estivéssemos a assistir ao jogo de beisebol, enquanto ela berra e grita por detrás de nós.

Se alguém aparecesse e visse esta cena, uma fila de homens, olhando para uma televisão apagada e uma matrona de cinquenta e cinco anos, gritando com eles, falando de disciplina, ordem e recriminações, pensaria que estava diante de um bando de maluquinhos.

## II PARTE

Pelo canto do olho vejo aquele rosto de esmalte branco na Sala das Enfermeiras. Vejo-o mover-se sobre a secretária, contrair-se e distender-se, à procura do seu aspecto normal. Todos os outros o observam tam-bém, embora procurem escondê-lo. Fingem estar ainda a olhar para o écran em branco da televisão à nossa frente, mas vê-se que estão, como eu, a espreitar a enfermeira-chefe atrás da vidraça. Pela primeira vez ela experimenta a sensação de estar a ser vigiada e desejaria, mais do que qualquer outra coisa, colocar uma cortina verde entre o seu rosto e aqueles olhares a que não pode fugir.

Os internos, os pretos, todas as enfermeiras subal-ternas, todos a observam, esperando que se dirija para o átrio. Já está na hora para a sessão que ela própria convocou. Todos querem ver como ela reage, agora que se sabe que também perde a calma. Sabe que está a ser vigiada mas não faz o mínimo movimento. Nem mesmo quando o pessoal começa a entrar para a sala da direcção, sem ela. Noto que todas as máquinas nas paredes pararam, como se estivessem também à espera

Já não há nevoeiro.

De repente, lembro-me que tenho de limpar a sala da direcção. Habitualmente, limpo-a quando eles têm reuniões. Faço-o há anos. Mas, agora, estou assustado

demais para me conseguir levantar da cadeira. A direc-ção sempre me deixou fazer a limpeza da sala durante as remiões porque me julgavam surdo, mas, agora, que me viram levantar o braço quando MeMurphy me pediu para o fazer, não terão ficado a saber que ouço?

Não compreenderão que sempre, durante todos estes anos, ouvi os segredos que eram destinados apenas aos seus ouvidos? Que me farão lá na sala da direcção, sabendo isto? Apesar de tudo, esperam que eu lá esteja e se não for ficarão com a certeza que não sou surdo.

— Estão a ver! Ele não veio fazer a limpeza, está desmascarado. Só temos uma coisa a fazer...

Meço, agora, a gravidade do perigo a que ficamos sujeitos ao permitirmos que MoMurphy nos retirasse do nevoeiro.

Um dos pretos está encostado a parede, junto da porta, os braços cruzados, a ponta da língua rosada passando pelos lábios e observa-nos, sentados à frente da televisão. Os seus olhos, tal como a língua, passeiam de um lado para outro, páram, fixando-me, e noto que levanta um pouco as palpebras coriáceas. Observa-me longamente e sei que está a pensar na forma como procedi na sessão de grupo. Afasta-se da parede, com um movimento brusco, desfazendo o contacto, e vai para o cubículo das vassouras, donde traz um balde com água e sabão e uma esponja, levanta-me o braço e, como se fosse um cabide, pendura nele o balde.

— Vamos Chefe. Toca a levantar e a fazer o teu serviço.

Não me mexo. O balde baloiça no meu braço. Não dou qualquer sinal de ter ouvido. Ele está a querer levar-me. Torna a dizer para me levantar e, como não me movo, levanta os olhos para o tecto e suspira.

Agarra-me pelo colarinho, faz uma ligeira pressão e levanto-me. Enfia-me a esponja no bolso e aponta-me o local do átrio onde fica a sala da direcção, e lá vou eu.

Dirijo-me para a sala com o balde, quando, zuuum, passa por mim a enfermeira-chefe com toda a sua velha força, velocidade e calma, e entra na sala. Aquilo espanta-me.

Cá fora, sozinho no átrio, vejo como tudo está nitido - não há nevoeiro em parte alguma. A enfermeira deixou atrás de si um rasto frio, os tubos brancos no tecto espalham uma luz fria, como cilindros de gelo reluzente, como se fossem tubos gelados de um frigorífico que tivessem sido alterados para poderem emitir aquela luz branca. Os cilindros estendem-se até à porta da sala da direcção, onde a enfermeira acabou de entrar, ao fundo do átrio — uma pesada porta de aço, como a da Câmara de Choque, no Edifício Um, apenas com a diferença que esta tem números pintados e uma pequena fresta envidraçada à altura da cabeça para permitir aos membros da direcção espreitar e ver quem bate à porta. Quando me aproximo, vejo sair da fresta uma luz verde e azeda como bilis. A reunião deve estar a começar e é por isso que já escorre para o exterior aquela luz verde. Já se terá espalhado pelas paredes e pelas janelas, quando a reunião for a meio, e terei que limpá-la com a esponja, espremê-la

para dentro do balde e despejar tudo, depois, nas latrinas, para as desentupir.

E sempre desagradável limpar a sala da direcção.

Ninguém acreditaria nas coisas que lá encontrei, quando a limpava, depois das reuniões. Coisas horrendas, venenos extraídos dos poros da pele e ácidos suficientemente corrosivos para derreterem um homem. Eu vi.

Assisti já a reuniões em que os pés das mesas se torciam, como se estivessem com câimbras, em que as

cadeiras davam ós e as pareae su arrastavam umas o euniões onde falaram tanto de ai da sala. ate em reuniões onde falaram tanto de algum doente que ele se materializava, em carne e osso, mu, na mesa do café à frente deles, vulnerável às suas intenções infer. nais. E antes que a reunião terminasse, eles destruíam-

-no e os seus restos conspurcavam toda a sala.

Era por isso que me queriam nas reuniões da direcção, porque tinham necessidade de alguém para limpar os imundos restos das vítimas torturadas e des-truídas. Como a sala só era utilizada para as reuniões, esse alguém teria que ser incapaz de contar o que se passava. Teria que ser eu. Há tanto tempo que limpo o pó e que lavo com trapos e com a esponja esta sala, e a outra, de madeira, no Hospital antigo, que normalmente a direcção nem sequer dá pela minha presença.

Ando por ali a fazer o meu serviço e eles passam através de mim como se eu lá não estivesse — talvez notassem a falta da esponja e do balde, a flutuar pela sala, se eu não aparecesse.

Mas, desta vez, quando bato à porta e a enfermeira-

-chefe espreita pela fresta, olha-me nos olhos e demora mais do que o costume para a abrir e deixa-me entrar.

O seu rosto voltou ao normal, com a força e a energia de sempre. Pelo menos é o que me parece. Como habi-tualmente, todos se servem de café e de açúcar e pedem cigarros emprestados, mas há no ar uma tensão dife-rente. Julgo, a princípio, que é por minha causa. Depois, noto que a enfermeira-chefe nem sequer se sentou, nem mesmo se serviu duma chávena de café.

Deixa-me entrar e volta a apunhalar-me com os olhos quando passo por ela. Fecha a porta e dá a volta à chave, vira-se e torna a fixar-me. Vejo que suspeita de mim. Tinha esperanças que estivesse demasiado preo-

cupada com a forma como McMurphy a desafiara, para se preocupar comigo, mas não parece estar perturbada.

Raciocina calmamente e pergunta-se como terá podido o sr. Bromden ouvir aquele Agudo, o McMurphy, para levantar a mão na votação. Como soube ele largar o esfregão e ir sentar-se com os outros Agudos em frente da televisão? Nenhum dos outros Crónicos o fez. Pensa se não será oportuno examinar em pormenor o sr. Chefe Bromden.

De costas para ela, limpo cuidadosamente com a esponja um canto da sala. Levanto-a bem acima da minha cabeça para que todos vejam como a parede está coberta de muco e lodo verde e como me estou a esforçar. Baixo-me e esfrego com mais força que nunca. Mas por mais esforçadamente que trabalhe, por mais que tente fingir que não noto a presença dela, atrás de mim, sinto-a ainda de pé junto da porta furado-me a nuca e podendo trespassá-la de um momento para o outro, levando-me a fraquejar, a gritar e a contar-lhe tudo, se não afastar de mim aqueles olhos.

Então, ela repara que toda a direcção a está também a fixar curiosamente. Assim como ela se está a perguntar a meu respeito, os outros estranham o seu comportamento e perguntam-se o que irá ela fazer com aquele ruivo que ficou lá fora na sala-de-estar. Esperam para ver o que ela lhes dirá acerca dele e não se preocupam nada com aquele índio idiota que está a um canto, de joelhos e mãos no chão. Esperam e ela deixa de me fixar, serve-se de uma chávena de café, senta-se e mexe o açúcar tão cuidadosamente que a colher não toca nas bordas da chávena.

E o médico que começa:

- Bem, meus senhores, vamos começar?

Sorri aos internos que tomam café e procura imi-

tar a expressão da enfermeira-chefe. Ela está tão silenciosa e imóvel na sua cadeira que isso o põe nervoso e inquieto. Pega nos bous e coloca-os, para ver as horas, dá corda ao relógio e diz:



— Já passam quinze minutos, é mais que tempo de começarmos. Vamos. Como todos sabem, foi miss Ratched que convocou esta reunião. Ela telefonou-me antes da sessão da Terapêutica de Grupo e disse-me que, na sua opinião, McMurphy iria provocar distúrbios na enfermaria. Depois do que se passou há alguns minutos, isso é evidente, não acham?

Pára de dar corda ao relógio. Ela já está tão enrolada que se continuasse o relógio estoirava. Continua sentado, sorrindo para o relógio, tamborilando com os dedos pequenos e rosados das costas da mão, esperando. Neste ponto da reunião, ela teria normalmente tomado a palavra, mas mantém-se silenciosa.

— A partir de hoje - continua o médico - ninguém poderá dizer que estamos a lidar com um homem normal. Não, com certeza que não. Ele é, obviamente, um factor de perturbação. Portanto... hum... estou convencido que o que devemos fazer nesta reunião é decidir como iremos lidar com ele daqui para o futuro. Creio que a enfermeira convocou esta reunião — corrija-me se estou errado, miss Ratched - para discutir a situação e uniformizar a opinião da direcção quanto ao que deve ser feito acerca do sr. McMurphy.

Lança-lhe um olhar suplicante, mas ela continua muda. Levantou o rosto para o tecto, aparentemente à procura de qualquer sujidade, e parece não ter ouvido nada do que ele disse.

O médico volta-se para a fila de internos, do outro lado da sala. Têm todos a mesma perna cruzada e a chá-vena de café sobre o mesmo joelho.

— Quanto a vocês, colegas, presumo que não tiveram ainda tempo suficiente para fazer um diagnóstico correcto do paciente, mas tiveram oportunidade de o observar em acção. Qual é a vossa opinião?

A pergunta fa-los levantar as cabeças. Habilmente-samente, leva-os também ao tapete. Simultaneamente, todos deixam de o olhar e fitam a enfermeira-chefe.

Não se sabe como terá ela recuperado, em tão poucos minutos, o seu antigo poder. Sorrindo para o tecto, sentada naquela cadeira, sem pronunciar uma palavra, ela tomou novamente as rédeas e mostra a todos que é ainda a força com que têm que contar. Se

estes rapazes não fizeram o seu jogo, arriscam-se a terminar o estágio em Portland, no hospital de desintoxicação de alcoólicos. Começam, com o médico, a sentir-se nervosos e inquietos.

—Ele exerce realmente uma influência nefasta

- arrisca o primeiro, na defensiva.

Tomam todos um golo de café e pensam no assunto.

Depois, outro diz: — E pode constituir um perigo real.

— E verdade, é verdade - concorda o médico.

O rapaz julga que descobriu a solução e continua.

- Um perigo real, de facto — diz, movendo-se ligeiramente para a frente, na cadeira. — Não se esqueçam que este homem praticou actos de violência unicamente para deixar o campo de trabalho e entrar no ambiente comparativamente luxuoso deste hospital.

-Planeou actos de violência — diz o que falou primeiro.

Um terceiro interno murmura: - Naturalmente, a própria natureza deste plano parece indicar que ele não é mais do que um condenado diabolicamente ma-nhoso, sem qualquer espécie de doença mental.

Olha à volta para ver qual a impressão que causou e verifica que ela me brota da direcção, qualquer sinal.

Mas os restantes membros da direcção, olham-no como se tivesse dito qualquer coisa demasiado vulgar. Conclui que meteu o pé na poça e tenta emendar, como se estivesse apenas a gracejar, e, como «A curta gargalhada, acrescenta: — Vocês, sabem como «Aquele Que Marcha Sem O Passo Certo Esta A Ouvir Outro Tambor...

Mas é demasiado tarde. O interno que falara primeiro volta-se para ele, depois de colocar a chávena de café em cima da mesa e de tirar do bolso um cachimbo do tamanho de um punho.

— Francamente, Alvin. Estou desapontado contigo.

Mesmo que não tivéssemos lido a história dele, a única coisa que precisávamos era ter tomado atenção ao seu comportamento na enfermaria para ver como essa sugestão é absurda. Este homem não só está muito, muito doente, como é, sem qualquer espécie de dúvida, potencialmente, um Violento. Julgo que miss Ratched convocou esta reunião por suspeitar disso. Não és capaz de

reconhecer o arquétipo de um psicopata? Nunca vi um caso tão característico. Este homem é um Napo-leão, um Gengis Cão, um Atila.

Entra um outro na discussão. Recorda os comentários da enfermeira sobre os Desequilibrados.

- O Robert tem razão, Alvin. Não viste como ele se comportou hoje, lá fora? Quando um dos seus pro-jectos falhou, saltou da cadeira, à beira dum ataque de violência. Diga-nos, doutor Spivey, o que consta nos registos dele sobre violência?

— Há um nítido desprezo pela disciplina e pela autoridade respondeu o médico.

— Certo. A sua história mostra, Alvin, que ele sempre dirigiu a sua agressividade contra os símbolos da autoridade — na escola, no exército e na prisão. E acho

que o comportamento dele naquela furiosa votação de hoje é concludente como indicação do que podemos esperar no futuro.

Pára, a testa franzida, olha para o cachimbo, volta a pô-lo na boca, acende um fósforo e aspira a chama para a fornalha do cachimbo com um ruidoso som de sucção.

Quando o consegue acender, deita, através da nuvem de fumo amarelado, uma espreitadela à enfermeira-

-chefe e convence-se que o seu silêncio é de concor-dância, pois continua, mais entusiasmado e seguro que até então.

— Alvim, pensa um minuto e imagina - diz com a voz velada pelo fumo — imagina o que poderá acontecer a um de nós quando estiver sozinho com o sr. McMurphy na Terapêutica Individual. Imagina que estás a tratar de uma falta que ele cometeu, uma falta particularmente desagradável, e que ele decide não te aturar mais — como diria ele? — a tua «estu-porada e idiota maneira de fazer perguntas, à menino da escola!» Dir-lhes-ás que não deve manifestar hostilidade e ele responde «para o inferno com isso» e tu pedes-lhe, numa voz autoritaria, naturalmente, que se acalme, e lá vem ele com os seus noventa e cinco quilos de irlandês psicopata ruivo por sobre a mesa da entrevista cair-te em cima. Estarás, tu ou qualquer um de nós, preparado para enfrentar o sr. McMurphy, quando chegar um momento destes?

E torna a pôr o seu cachimbo número dez no canto da boca, coloca as mãos sobre os joelhos e fica à espera.

Estão todos a pensar nos musculosos braços vermelhos e nas mãos escalavradas de McMurphy, e no modo como o seu percoço, qual poderosa e ferrugenta alavanca lhe sai da camisola. O interno chamado Alvin empalideceu com a ideia, como se o fumo amarelado do cachimbo que o calega lhe sopra para a cara le tivesse tirado a cor.

— Então, acredita que o mais indicado - pergunta o médico - será mandá-lo para a enfermaria dos Vio-lentos?

—Creio que será, pelo menos, o mais seguro - respondeu o rapaz do cachimbo, fechando os olhos.

—Eu acho que devo retirar a minha sugestão e apoiar a de Roberto - diz Alvin — quanto mais não seja para me pôr em segurança.

Todos riem. Estão agora mais à vontade, com a certeza que já descobriram a solução que ela queria.

Tomam todos uns golos de café, à excepção do tipo do cachimbo que está atarefado com aquilo a apagar-se de vez em quando e procura tornar a acendê-lo com mais fósforos, sugadelas, sopradelas e chupadelas que lhe deformam os lábios. Finalmente, fica aceso a seu gosto e diz com uma certa vaidade: — Sim, terá que ser a Enfermaria dos Violentos para McMurphy, bem o receio.

Sabem a que conclusão cheguei depois de o ter observado durante estes últimos dias?

— Reacção esquizofrénica? - pergunta Alvin.

O cachimbo e a cabeça discordam, simultaneamente.

—Homossexualidade Latente com Formação de Reacção? - atira o terceiro.

Cabeça e cachimbo tornam a discordar.

—Não — diz, fechando os olhos e sorrindo para o grupo, vaidoso. — Complexo de Edipo Negativo.

Todos o congratulam.

—Sim, acho que tudo o parece indicar. Mas seja qual for o diagnóstico final, não podemos esquecer uma coisa: não estamos a lidar com um homem vulgar.

-O sr. está enganado, completamente enganado, sr. Gideon.  
E a enfermeira-chefe.

Todas as cabeças se viram para ela. A minha tam-bém, mas domino-me a tempo e continuo o movimento como se estivesse a tentar limpar uma mancha que descobri na parede, por cima da minha cabeça. Ficam todos atónitos, completamente aparvalhados. Julgavam estar a propor precisamente o que ela queria, precisamente o que ela acabaria por propor na reunião. Também eu pensava assim. Já a vi mandar para a enfermaria dos Violentos homens com metade do físico de McMurphy, por razões tão insignificantes como existir a possibilidade de cuspirem em alguém. Agora, tem aquele, que parece um touro e que ostensivamente a contrariou e à direcção, um tipo que, ao princípio desta tarde ela dissera que devia sair da enfermaria, e, agora, acha que deve ficar.

—Não. Eu não concordo. De forma nenhuma.

- Distribui sorrisos por todos. - Não estou de acordo que o mandemos lá para cima para os Violentos, pois isso seria simplesmente uma maneira fácil de passar o nosso problema para outra enfermaria e, além disso, não concordo que ele seja um ser extraordinário - uma espécie de «super» psicopata.

Faz uma pausa, aguardando que alguém discorde, mas ninguém a interrompe. Pela primeira vez, toma um golo do seu café e a chávena fica com os bordos manchados com aquela cor vermelho-alaranjado dos seus lábios. Espantado, e embora faça um esforço em con-trário, fito o bordo daquela chávena. É impossível que ela esteja a usar um bâton daquela cor. Deve ser do calor: quando tocou com os lábios na chávena, fundiu-

-lhe os bordos.

— Admito que o meu primeiro pensamento, quando comecei a verificar a força do sr. McMurphy como ele-

mento provocador de desordem, por o de que ele deveria ser mandado lá para cima, para os Violentos. Mas acho que agora já não é oportuno. A sua saída remediaria o mal que ele causou na nossa enfermaria? Não acredito que sim, especialmente depois dos acontecimentos desta tarde. Penso que se ele fosse mandado para os Violentos agora, isso seria exactamente o que os doentes

esperariam. E fariam dele um mártir. Nunca lhes seria dada a oportunidade de verificarem que este homem não é um indivíduo extraordinário, como afirmou o sr. Gideon.

Toma mais um golo de café e coloca a chávena na mesa com um som como o de um martelo de juiz.

Os internos ficam hirtos.

—Não, ele não é extraordinário. É apenas um homem, nada mais, e está sujeito a todos os medos, a toda a cobardia, a toda a timidez, a que estão sujeitos todos os outros homens. Dentro de alguns dias ele irá provar isso, tenho a certeza, e nós e os doentes tes-temunhá-lo-emos. Se o mantivermos na enfermaria, estou certa que a sua impertinência vai diminuir e que o seu espirito de revolta se reduzirá e nada e — sorri por saber algo que mais ninguém sabe — que o nosso herói de cabeça ruiva ficará reduzido a qualquer coisa que os doentes reconhecerão e pela qual não terão o mínimo respeito: um fala-barato, um fanfarrão do tipo dos que sobem para uma caixa de sabão e gritam que o sigam, como temos visto o sr. Cheswick fazer, e se encolhem todos quando o menor perigo os ameaça.

—O doente McMurphy — o rapaz do cachimbo sente que tem necessidade de defender a sua posição e o pouco que resta do seu prestígio — não me parece que seja um cobarde.

Espero vê-la enfurecida, mas não. Limita-se a fitá-lo com aquela expressão — aguardemos-e-vamos-ver — e diz-lhe:

— Não afirmei que ele era exactamente um cobarde, sr. Gideon, oh, não. Ele é, simplesmente, muito amigo de alguém. Como psicopata que é, é muito amigo dum certo sr. Randle Patrick McMurphy e não o deixa à mercê de qualquer perigo que possa evitar.

Dirige ao rapaz um sorriso que, desta vez, o obriga a guardar definitivamente o cachimbo.

— Se esperarmos algum tempo, o nosso herói - como se diz no vosso calão académico — vai ao ar. E isso!

- Mas isso pode durar semanas... - começa o rapaz.

-Nós temos semanas.

Levanta-se, parecendo que nunca a vi tão satisfeita consigo própria, desde a chegada de McMurphy, na semana passada.

- Temos semanas ou meses ou mesmo anos, se tal for necessário. Recordem-se que McMurphy esta sob tutela. O tempo que passar neste hospital depende exclusivamente de nós. Agora, se não há mais nada...

A forma como a enfermeira chefe actuara naquela reunião da direcção, tão confiante, e durante algum tempo, não influenciou em nada o procedimento de McMurphy. Durante o fim-de-semana e em toda a semana seguinte, ele continuou a ser, como dantes, o mais desagradável possível para ela e para os pretos, e os doentes estavam a gostar daquilo. Ganhou a sua aposta.

Como tinha prometido, conseguiu que ela se descontrolasse e recebeu as apostas. Mas isso não o impediu de continuar a proceder como antes, berrando duma ponta a outra do átrio, rindo-se dos pretos, aborrecendo todo o pessoal e chegou mesmo ao ponto, certa vez de parar à frente da enfermeira-chefe, pergun-

tando-lhe se não se importava de o informar quanto mediam, em centímetros, aquelas enormes mamas que ela se esforçava, sem o conseguir, por esconder. Ela continuou a andar, ignorando-o, tal como tinha decidido ignorar o facto de a natureza a ter dotado com aqueles enormíssimos símbolos de feminilidade, mostrando-se superior a ele e ao sexo e aos desejos da carne e a tudo o que fosse sinal de fraqueza.

Quando divulgou no quadro dos avisos a distribuição das tarefas e ele verificou que ela lhe tinha atribuído a limpeza das latrinas, dirigiu-se ao gabinete dela, bateu naquela janela e agradeceu-lhe pessoalmente a honra com que o tinha distinguido, dizendo-lhe que não se esqueceria de pensar nela sempre que estivesse a limpar um urinol. Ela respondeu que isso não seria necessário: que bastaria que se limitasse a cumprir a tarefa, obrigado.

A única coisa que ele fazia era passar uma ou duas vezes a escova em cada bacia, cantarolando uma canção qualquer, tão alto quanto podia, ao ritmo das esco-vadelas, depois espalhava um pouco de Clarim e era tudo. «Já está bem limpo», dizia ao preto que

o seguia e reprovava por estar a executar o trabalho demasiado depressa, «talvez não esteja tão limpo como certas pessoas desejariam, mas como eu tenciono mijar-lhes para dentro e não comer lá o almoço...» E quando a enfermeira chefe acedeu às súplicas do frustrado preto e foi verificar pessoalmente a obra de McMurphy, levou consigo um espelho de mão que segurava debaixo das bordas das bacias. Foi andando, abanando a cabeça e dizendo, a cada bacia que examinava, «realmente, isto é um ultraje... um ultraje...» ao que McMurphy, que seguia a seu lado, respondia, franzindo a nariz, «Não, isso é uma bacia... uma bacia...»

Mas, uma vez mais, ela não perdeu a calma, nem mesmo deixou antever que isso pudesse acontecer: continuaria a massacrá-lo com a latrina, servindo-se daquela horrível, calma e paciente pressão que utilizava com todos, enquanto ele fivava ali, diante dela, como um miúdo a ser repreendido, cabisbaixo, um pé em cima do outro, dizendo, «eu tentei, fiz os possíveis, minha senhora, mas receio que nunca poderei vir a ser um chefe de equipa de limpeza.»

Uma vez, ele escreveu qualquer coisa num pedaço de papel, numa letra esquisita que parecia um alfabeto estrangeiro, e colou-o debaixo da borda de uma das bacias com um pedaço de pastilha elástica. Quando ela foi examinar aquela bacia com o espelho e leu o que nele se reflectia, ficou sem respiração e deixou cair o espelho. Mas não perdeu a calma. Aquela face e aquele sorriso de boneca haviam sido forjados numa imperturbável confiança em si própria. Endireitou-se e diri-giu-lhe um olhar e disse-lhe que o trabalho dele consistia em limpar a latrina e não em sujá-la ainda mais.

Neste momento, não se está a trabalhar quase nada na limpeza da enfermaria. Esta hora da tarde, que o horário consignara para os trabalhos caseiros, era também a hora da emissão dos jogos de beisebol na televisão e todos pegaram nas cadeiras e se puseram em fila diante do aparelho e lá ficaram até à hora do jantar.

Pouco importava que a corrente tivesse sido desligada na Sala das Enfermeiras e que não pudéssemos ver nada além daquele visor cinzento, porque McMurphy entreter-nos-ia durante horas, ali sentado, conversando e contando todo o género de histórias, como aquela em que tinha ganho mil dólares por mês num emprego tem-



porário, conduzindo camiões, e como os perdeu, até ao último cêntimo, em benefício de um canadiano, num

concurso de arremesso de machados, ou aquela outra em que ele e um amigo convenceram um tipo a montar um touro, num rodeo em Albany, com os olhos vendados: «Não, não era o touro. Quem devia estar com os olhos vendados era o tipo.» Disseram-lhe que a venda o impediria de ficar tonto quando o touro comesse às voltas. Então, taparam-lhe os olhos com um lenço grande e colorido, impedindo-o de ver fosse o que fosse, e puseram-no em cima do touro, virado para trás. McMurphy repetiu isto várias vezes e batia com o gorro na coxa, rindo-se sempre que se lembrava daquilo. «De olhos vendados e virado para trás... e eu seja um gran-decíssimo filho da puta se ele não se aguentou até ao limite e não ganhou o prémio. E eu fiquei em segundo lugar: se ele tivesse caído eu teria ficado em primeiro e arrecadaria aquele belo prémio. E juro que da próxima vez que fizer um golpe daqueles ponho a venda mas é no raio do touro».

Deu uma palmada na perna, atirou a cabeça para trás e desatou a rir, enterrando o polegar nas costelas dos que lhe estavam mais chegados, tentando forçá-los também a rir.

Esta semana, houve algumas vezes em que, ao ouvir aquele riso tonitruante, ao vê-lo coçar a barriga, espreguiçar-se e bocejar, recostar-se na cadeira para piscar o olho àqueles com quem estava na risota, tudo tão natural como a sua própria respiração, deixei de me preocupar com a enfermeira-chefe e com o Sistema que estava por detrás dela. Pensava que ele era suficientemente forte, sendo ele próprio, para não se render, como ela esperava que ele fizesse. Eu pensava que ele era realmente um ser extraordinário. Ele era o que era, eis tudo. Talvez fosse isso, o facto de ser ele próprio, que o tornava tão forte. Em todos estes

anos, o Sistema ainda não o tinha apanhado: o que levará a enfermeira a pensar que ela sozinha o conseguirá e apenas nalgumas semanas? Não, ele não permitirá que o manipulem.

E mais tarde, escondendo-me dos pretos na latrina, vi-me ao espelho e fiquei a imaginar como seria possível que alguém pudesse manipular uma massa tão grande, se ela fosse igual a si própria. Lá

estava a minha cara no espelho, escura e rude, com grandes malares e enormes maçãs do rosto, como se tivessem sido talhadas a machado, os olhos pretos com uma expressão humilde, como os do papá ou os desses índios rijos e humildes que se vêem na televisão. E penso: aquilo não sou eu, aquela não é a minha cara. E, de facto, não era eu, mesmo quando tentava ser aquela cara. Realmente, não era eu: eu estava a ser aquilo que parecia, aquilo que os outros queriam que eu fosse.

Não me parece que alguma vez eu tenha sido eu próprio. Como pode McMurphy ser ele mesmo?

Via-o agora de um modo diferente do que o via quando chegou: já não eram só aqueles enormes mãos, as patilhas ruivas e o sorriso encimado pelo nariz partido. Via coisas que não condiziam com o seu rosto nem com as suas mãos, coisas tais como fazer uma pintura nas sessões de Terapêutica Ocupacional, com tintas verdadeiras num papel em branco sem linhas nem números a indicarem onde se deveria pintar, ou como escrever cartas numa bela caligrafia. Como era possível que, um tipo como ele, pudesse pintar quadros ou escrever cartas ou estar aborrecido e preocupado, como o vi uma vez que recebeu uma carta de fora?

Seriam coisas que poderíamos esperar de tipos como Billy ou Harding. Este último tem mãos que parecem ter sido feitas para pintar, embora nunca o tivesse feito.

Ele prende-as e força-as a serrar Muas para casotas de cães. McMurphy não é assim. Não chegou ao que é deixando-se ir na onda, assim como não permite que o Sistema lhe diga o que tem que fazer.

Via muitas coisas dum modo diferente. Penso que a máquina do nevoeiro se avariou quando a puseram a funcionar ao máximo naquela sessão de sexta-feira e que agora não são capazes de enevoar e turvar as coisas como faziam antes. Pela primeira vez há muitos anos, eu via as pessoas sem aquele contorno negro que costumavam ter e, uma noite, consegui mesmo ver para além das janelas.

Como já expliquei, a maior parte das noites, antes de me meterem na cama, dão-me uma pílula e põem-me a dormir. Se

alguma coisa corre mal com a cápsula e acordo, sinto uma crosta nos olhos e vejo o dormitório cheio de fumo, fios nas paredes, com a carga máxima, despejando a morte e o ódio no ar — é demasiado para mim, por isso meto a cabeça debaixo da almofada e tento adormecer. Se desse mais uma espreitadela sentiria o cheiro de cabelo queimado e a ruído de carne a ser grelhada.

Mas uma destas noites, alguns dias depois da famosa sessão, acordei e deparei com o dormitório claro e silencioso: excepta pela respiração ligeira dos doentes e pelo chocalhar das costelas quebradiças e folgadas dos dois velhos Vegetais, reinava um silêncio de morte. Havia uma janela aberta e o ar no dormitório estava claro e tinha um sabor que me fazia sentir tonto e embriagado e que, subitamente, me deu um desejo irresistível de sair da cama e fazer qualquer coisa.

Deslizei do meio dos lençóis e passei, descalço, pelos ladrilhos frios do chão, entre as camas. Senti as ladrilhos nos pés e pus-me a imaginar quantas vezes,

quantos milhares de vezes, tinha passado o esfregão por este mesmo chão sem nunca o ter sentido. E esse trabalho pareceu-me como que um sonho, como se me recusasse a acreditar que durante todos estes anos isso tivesse realmente acontecido. Só aquele chão frio debaixo dos meus pés, só aquele momento única, eram reais.

Andei pelo meio dos rapazes, amontoados em compridas filas brancas, como montes de neve, com cuidado para não chocar com nenhum deles, até chegar à parede que tinha as janelas. Dirigi-me para aquela em que a cortina se agitava suavemente para dentro e para fora com a brisa e apoiei a testa na rede. O arame estava frio e aspero e esfreguei nele a cabeça, de um lado e do outro, sentio com as faces e aspirei a brisa.

E a chegada do Outono, pensei. Sinto o cheiro de melaço-azedo da silagem enchendo o ar como um sino

— o cheiro de folhas de carvalho queimadas, ardendo lentamente durante toda a noite porque as folhas estão demasiado verdes.

E o Outono que vem aí, continuei a pensar, o Outono que vem aí, como se fosse a coisa mais estranha que jamais acontecera. O

Outono. Ainda há pouco era Primavera ali fora, depois Verão e agora é o Outono

— como é estranho.

De repente,, compreendi que tinha ainda os olhos fechados. Tinha-os fechado quando encostei a cara à rede, como se estivesse com medo de olhar lá para fora.

Agora tinha que os abrir. Olhei para lá da janela e vi pela primeira vez que o hospital estava situado no campo. A lua estava baixa no céu, para lá dos campos: tinha a face arranhada e cheia de cicatrizes, ferida pela ramagem dos carvalhos e dos abetos no horizonte.

As estrelas eram pálidas junto à lua e tornavam-se bri-

lhantes e majestosas à medida que se arastavam do círculo de luz irradiado pela enorme lua. Lembro-me que senti precisamente o mesmo quando fui a uma caçada com o papá e os meus tios, enrolado nos cobertores tecidos pela avá, um pouco atastado da fogueira à volta da qual eles estavam, acocorados, passando de mão em mão, num círculo silencioso, um pote de aguardente de cacto. Observava aquela enorme lua das pradarias do Oregon, lá em cima, envergonhando todas as estrelas à sua volta. Permaneci acordado para ver se a luz da lua se tornava mais baça ou se seriam as estrelas que aumentariam o brilho, até que o orvalho começou a cair-me nas faces e tive que tapar a cabeça com o cobertor.

Algo se movia lá em baixo, na direcção da janela onde eu estava, projectando na relva uma sombra alongada como uma aranha, enquanto corria por detrás de uma sebe, fora do meu campo de visão. Quando apareceu na zona em que pude distinguir melhor, verifiquei que era um cão, um rafeiro novinho, magro e escan-zelado, que tinha fugido de casa para ver como eram as coisas à noite. Farejava as tocas dos esquilos, não com a intenção de ir atrás de algum, mas para ter uma ideia do que andariam eles a fazer a uma hora destas.

Meteu o focinho num dos buracos, levantou a cabeça, a cauda a abanar, e saltou impetuosamente para outro.

A lua resplandecia à sua volta na relva molhada e quando corria deixava marcas, como nódoas de tinta escura, borrifando o brilho

azul da relva. Galopando de um buraco particularmente interessante, para o seguinte, ele ficava aturdido com o que descobria - a lua, lá em cima, a noite, a brisa cheia de odores tão selvagens que fazem um cãozito ficar completamente embriagado - era obrigado a deitar-se de costas no

chão e a rebolar-se. Torciase e agitava-se como um peixe, todo curvado, de barriga para cima, e quando se pôs de pé e se sacudiu, saltou dele, brilhando à luz da lua, uma nuvem de escamas prateadas.

Tornou a farejar todos os buracos para ficar com os cheiros bem impregnados e, subitamente, estacou, imobilizado, uma pata levantada e a cabeça inclinada, escutando. Também eu me pus à escuta, mas não conseguia ouvir nada além do sussurro da cortina da janela.

Fiquei ali durante muito tempo a escutar. Então, muito distante, ouvi uma espécie de tagarelice e risota, aumentando cada vez mais. Eram gansos do Canadá em busca do Sul para passarem o Inverno. Lembro-me de todas as caçadas e do que tive que rastejar para tentar matar um ganso, e nunca o consegui.

Olhei na mesma direcção do cão, para tentar descortinar o bando, mas estava demasiado escuro. A gritaria aproximou-se cada vez mais até quase parecer que os gansos voavam mesmo por cima do dormitório, mesmo por cima da minha cabeça. De repente, vi-lhes as silhuetas contra a lua — um colar preto desenhando um V, com o ganso no vértice. Por um instante aquele ganso esteve mesmo no centro do círculo luminoso, muito maior que os restantes, como uma cruz negra, abrindo e fechando as asas, e, depois, conduziu o V para fora de vista, novamente para a escuridão do céu.

Ouvi o barulho desvanecendo-se até que a única coisa que podia escutar era a recordação da gritaria.

O cão pôde ouvi-la ainda durante muito tempo. Estava quieto, de pé, com a pata levantada: não tinha ladrado nem feito nenhum movimento desde que os gansos tinham aparecido. Assim que deixou de os ouvir, começou a trotar na mesma direcção em que eles tinham desaparecido, para lá da colina, num trote impertur-

bável e solene, como se tivesse ouvido marcado.

Sustive a respiração e consegui ouvir o barulho que faziam as suas grandes patas batendo na erva. Bintão, ouvi o ruído de um carro a acelerar à saída de uma curva. Os faróis assomaram na subida e dirigiam-se para a colina. Observei o cão e a carro seguindo o mesmo caminho.

O cão estava quase a chegar à vedação do caminho de ferro, quando senti alguém deslizar atrás de mim. Eram duas pessoas. Não me virei mas sabia que era o preto chamado Geever e a enfermeira com o sinal de nascença e o crucifixo. Senti um zumbido de medo subir-me à cabeça. O preto pegou-me no braço e levou•

-me com ele.

—Eu encarrego-me dele — disse.

- Está frio aqui na janela, sr. Bromden - diz-me a enfermeira. — Não acha que é melhor voltar para a sua linda e quentinha cama?

—Ele não ouve — informa-a o preto. - Eu levo-o.

Está sempre a sair dos lençóis e a deambular por aí.

— Sim, trate disso - pede ao preto.

Brinca com o fio que tem ao pescoço. Em casa, ela fecha-se na casa de banho, sem ninguém ver, despe-se e esfrega aquele crucifixo no sinal, traçando uma linha que vai do canto da boca, passando pelos ombros e pelos seios. Esfrega-o e torna a esfregar e roga à Virgem Maria que faça um milagre, mas o sinal continua lá. Olha para o espelho e vê-o, mais escuro que nunca.

Finalmente, pega numa escova de arame, daquelas que se usam para raspar a tinta dos bascos, e apaga o sinal.

Veste a camisa de noite por cima da ferida e enfia-se na cama.

Mas já está farta deste tratamento. Enquanto está adormecida, o sinal volta a subir-lhe pela garganta e

pela boca, sai-lhe pelo canto dos lábios, como saliva púrpura, e segue, pelo pescoço, para todo o corpo. De manhã, ela verifica que o estigma continua lá e pensa que de algum modo daquilo vem realmente das suas entranhas — mas como poderia vir? Uma boa católica como ela... — e conclui que será por causa de trabalhar noites inteiras numa enfermaria cheia de pessoas como eu. A culpa é toda nossa e ela ainda nos há-de fazer pagar caro por isso, nem que

seja a última coisa que faça. Bem gostava que McMurphy acordasse e me viesse ajudar.

- Amarre-o na cama, sr. Geever, que eu vou preparar o medicamento.

Nas sessões de grupo eram apresentadas queixas há tanto tempo enterradas que aquilo que se censurava já há muito havia sido modificado. Agora que MoMur-phy andava à volta deles, espicaçando-os, os rapazes começaram a deixar sair tudo o que tinha acontecido na enfermaria e que não lhes tinha agradado.

—Porque razão as enfermarias têm que ser fechadas aos fins-de-semana? - perguntaria Cheswick ou qualquer dos outros. — Um tipo já não pode ter os fins de semana só para si?

-Sim, miss Ratched — apoiaria McMurphy - porquê?

— Já aprendemos, por experiência, que se os dormitórios fossem deixados abertos vocês voltariam para a cama depois do pequeno-almoço.

— Será isso um pecado mortal? Quero dizer, as pessoas normais dormem até mais tarde nos fins-de-semana.

— Rapazes, vocês estão neste hospital — diria ela como se o estivesse a repetir pela milésima vez — por causa da vossa incapacidade para se adaptarem à sociedade. O doutor e eu acreditamos que todos os minutos passados na companhia uns dos outros, salvo raras

excepções, são benéficos para a terapia, enquanto que os momentos passados em meditação solitária só contribuem para aumentar essa incapacidade.

—E por isso que é preciso formar um grupo de pelo menos oito tipos para ir à terapêutica ocupacional ou à fisioterapia ou para outra qualquer dessas terapias?

- Precisamente.

—Quer dizer que é um sintoma de doença querer-se ficar sozinho?

- Não disse isso...

-Quer dizer que se eu for à latrina aliviar-me tenho que levar comigo pelo menos mais sete parceiros para evitarem que eu medite na retrete?

Antes que ela pudesse responder, Cheswick pôs-se de pé de um salto e gritou:

— Sim, é isso que quer dizer?

Os restantes Agudos perguntariam, permanecendo sentados:

— Sim, sim, é isso que quer dizer?

Ela espera que eles se acalmem e que a sessão possa prosseguir e diz, serenamente:

—Se vocês não se sabem conduzir como adultos na discussão, se se portam como crianças no recreio, terei de perguntar ao doutor Spivey se ele não pensa que talvez seja benéfico proceder a uma alteração nos regulamentos da enfermaria. Doutor?

Já todos sabiam qual seria a resposta dele e, antes mesmo de o poder fazer, Cheswick apresenta outra queixa.

— E quanto aos nossos cigarros, miss Ratched?

— Sim, o que há acerca disso? - resmungam os Agudos.

McMurphy volta-se para o médico e põe-lhe a questão a ele, antes que a enfermeira tenha tempo para responder.

-Sim, doutor, quanto dos cogas cigarros? Que direito tem ela de ficar com os cigarros - os nossos cigarros — empilhados na sua secretaria, como se lhes pertencessem, distribuindo-nos um maço uma vez por outra, quando lhe dá na veneta. Não me agrada muito a ideia de comprar um pacote de cigarros e ter alguém a dizer-me quando os devo fumar.

O médico inclinou a cabeça para poder olhar para a enfermeira através dos óculos. Não tinha sido informado que ela guardava os cigarros para evitar o jogo.

— Que história é esta dos cigarros, miss Ratched?

Não creio ter ouvido...



- Acho, doutor, que três, quatro, e às vezes, cinco maços por dia, são cigarros demais para um homem fumar. É isso que parece ter estado a acontecer na última semana — desde a chegada do sr. McMurphy — e que me levou a decidir que talvez fosse melhor guardar os volumes que os rapazes compram na cantina e distribuir-lhes apenas um maço por dia.

McMurphy inclinou-se para a frente e murmurou, alto para Cheswick:

—Ouvi dizer que a próxima resolução dela diz respeito à idas à retrete: um tipo não só tem que levar consigo para a latrina sete gajos, como ainda fica limitado a duas idas por dia, a marcar quando ela entender.

Torna a recostar-se e ri-se tão alto que durante um minuto ninguém consegue dizer nada.

McMurphy estava-se a divertir a valer com o tumulto que provocara, mas pareceu-me surpreendido por o pessoal não reagir como ele esperava e surpreen-dido, especialmente, pelo facto da enfermeira-chefe não ter mais nada a dizer do que aquilo que disse. «Pensei que a velha bruxa fosse mais dura», declarou a Harding no fim da sessão. «Talvez o que ela esteja a pre-

cisar para espreitar seja uma boa esfregadela. O que é um facto», diz, franzindo as sobrancelhas, «é que ela continua a reagir como se tivesse ainda todos os trun-fos na manga».

Ele continuou a divertir-se com aquilo até à quarta-feira da semana seguinte. Então, compreendeu a razão porque a enfermeira-chefe estava tão segura de si pró-pria. A quarta-feira era o dia em que levavam para a piscina os tipos que não estavam ainda completamente apodrecidos, quer eles quisessem quer não. Quando havia nevoeiro na enfermaria, eu costumava-me esconder para não ir. A piscina sempre me assustou: tinha medo de meter a cabeça dentro de água e de me afogar e de ser sugado pelo escoadouro e atirado para o mar.

Quando eu era miúdo, em Columbia, costumava ser muito corajoso na água: arrastando-me, com a água verde e branca que me rodeava por todos os lados e que fazia aparecer arco-íris, mesmo

sem as botas cardadas que os homens usavam. Mas quando comecei a ver o papa a ter medo das coisas, fiquei também assustado que nem podia chegar à beira de uma piscina rasa.

Saímos do vestiário. A piscina estava cheia de homens nus que nadavam e chapinhavam. O tecto alto, como acontece em todas as piscinas, devolvia os gritos e as conversas. Os pretos conduziram-nos lá para dentro como a um rebanho. A temperatura da água era agra-davel, quente, mas eu não me queria afastar da borda (os pretos iam e vinham com compridos bambus empurrando os que se tentavam agarrar às bordas) por isso, deixei-me ficar perto de McMurphy pois sabia que eles não o obrigariam a ir para a parte mais funda se não o desejasse. Ele falava com o salva-vidas e eu estava a cerca de um metro, com pé. McMurphy devia estar num buraco pois tinha que nadar enquanto que eu tinha

os pés no fundo. O salva-vidas ostava na borda: tinha um apito e uma camisola condifeseu número de ordem da enfermaria. Falavam das diferenças entre o hospital e a prisão e MoMurphy dizia que o hospital era muito melhor. O salva-vidas não estava muito convencido disso. Ouvi-o dizer que, pelo menos por uma razão, estar sob tutela era muito diferente de estar a cumprir pena.

—Quando se está na prisão, há uma data marcada para a libertação e sabe-se quando se sai.

M.Murphy parou de chapinhar. Nadou lentamente para a borda da piscina e agarrou-se, fitando o salva-

-vidas. Depois de uma pausa, perguntou:

— E quando se está sob tutela?

O salva-vidas encolheu os ombros e pegou no apito, pendurado ao pescoço. Foi jogador profissional de futebol e tem marcas de agafos na testa. Quando estava fora da sua enfermaria, acontecia frequentemente aparecer-lhe um sinal nos olhos, um sinal de táctica, e ele imediatamente começava a recitar uma série de números. Punha-se em posição, com as mãos no chão, pronto para placar a primeira enfermeira que aparecesse, metendo-lhe os ombros nos rins mesmo a tempo de permitir ao médio que rematasse. Foi por isso que o mandaram para a enfermaria dos Violentos: quando não

estava a fazer de salva-vidas, era muito capaz de voltar a repetir aquilo.

Tornou a encolher os ombros e olhou para um lado e para o outro, procurando ver se os pretos estavam por perto e ajoelhou-se à beira da piscina. Levantou o braço para que McMurphy o pudesse ver.

— Vês este caroço?

McMurphy olhou para o enorme braço.

—Não tens nenhum caroço nesse braço, parceiro.

O salva-vidas limitou-se a sorrir.

- Este caroço que está aí foi provocado por uma fractura grave que tive no último jogo com os Browns.

Não posso voltar a jogar enquanto os ossos não se unirem e o caroço não desaparecer. A enfermeira disse-me que está a tratar do braço, em segredo. Sim, ela disse-me que o conseguirá curar, disse-me que, se não o esforçar muito, fara desaparecer o caroço e poderei voltar à equipa.

Apoiou os nós dos dedos nos azulejos molhados e pôs-se em posição de defesa para verificar como estava indo o braço. McMurphy observou-o durante um minuto e perguntou-lhe há quanto tempo estava à espera que lhe dissessem que o braço já estava curado, para poder sair do hospital. O salva-vidas ergueu-se, lentamente, esfregando o braço. Pareceu ofendido por McMurphy ter perguntado aquilo, como se pensasse que ele o estava a acusar de ser maricas e de se mostrar servil.

— Estou sob tutela. Já teria saído daqui há muito tempo se isso dependesse da minha vontade. Podia ser que não me pusessem a jogar na primeira linha, por causa do braço, mas poderia, pelo menos, os servir para dobrar toalhas, não achas? Podia fazer alguma coisa.

Aquela enfermeira da minha enfermaria está sempre a repetir ao médico que ainda não estou bom. Nem sequer para dobrar toalhas no raio do baneário, nem sequer para isso estou bom.

Virou-se e dirigiu-se para a sua cadeira de salva-

-vidas, subiu a escada como um gorila drogado e olhou para nós, fazendo beicinho.

—Fui caçado por embriaguez e distúrbios e já aqui estou há oito anos e oito meses.

McMurphy deu um impulso com os pés na borda da piscina e foi para águas mais fundas, pensando

naquilo: ele tinha sido condenado em seis meses, já cumprira dois no campo de trabalho e faltavam quatro e não queria ficar fechado em lugar nenhum mais tempo do que isso. Já estava encerrado nesta casa de doidos há mais de um mês e, embora fosse muito melhor que o campo de trabalho (tinha boas camas e sumo de laranja ao pequeno almoço) não era tão bom que desajasse passar aqui mais um par de anos.

Nadou para os degraus na parte menos funda da piscina e deixou-se ficar ali sentado durante o resto da sessão, testa franzida, brincando com aquele pequeno tufo de cabelo no pescoço. Vendo-o ali sentado, absorto nos seus pensamentos, franzindo a testa, lembrei-me do que a enfermeira-chefe tinha dito na reunião da direcção e comecei a ficar com medo.

Quando apitaram para sairmos da piscina e nos dirigimos para o vestiário, cruzámo-nos com os tipos de outra enfermaria que vinham para a sua sessão e deparámos, no lava-pés, debaixo do chuveiro, com aquele garoto. Tinha uma enorme cabeça esponjada e rosada e os quadris e as pernas inchados - como um balão cheio de água que alguém apertasse ao meio - e estava deitado de lado no lava-pés, fazendo um barulho como o de uma foca adormecida. Cheswick e Harding ajudaram-no a levantar-se, mas ele voltou a cair no lava-pés com a cabeça a bambolear-se no desinfec-tante. McMurphy observou-os a levantarem-no nova-mente.

—Quem diabo é aquilo?

—E um hidrocéfalo - respondeu Harding - tem uma espécie de desequilíbrio linfático, creio. A cabeça cheia de líquido. Dá-nos aqui uma mão para o ajudarmos a pôr-se de pé.

Quando o largaram, ele tornou a cair, ficando estendido no lava-pés: a expressão do seu rosto era paciente, desamparada e obstinada e da boca saía-lhe saliva, formando na água bolhas cor-de-leite. Harding tornou a pedir a McMurphy que lhe desse uma mão, e ele e Cheswick tornaram a curvar-se junto do garoto.

McMurphy empurrou-o e deu um passo na direcção do miúdo.

- Deixem-no estar -disse enquanto se lavava no chuveiro — talvez ele não goste de águas mais fundas.

Eu já adivinhava o que ia acontecer. No dia seguinte, ele surpreendeu toda a gente na enfermaria, levantando-se cedo e limpando a latrina até ela ficar a reluzir. Depois, quando os pretos lhe pediram, foi limpar o chão do átrio, surpreendeu todos menos a enfermeira-chefe: ela procedia como se aquilo não tivesse nada de surpreendente.

E, nessa tarde, na sessão, quando Cheswick afirmou que todos concordavam em que teria que ser encontrada uma solução para a questão dos cigarros, dizendo. «Não sou nenhum garoto para que me confisquem os cigarros, como se fossem bombons! Queremos que se faça alguma coisa, não é assim, Mack?» e esperando que McMurphy o apoiasse, a única resposta que obteve foi o silêncio.

Olhou para o canto onde ele estava. Todos olha-ram. Lá estava ele, contemplando o baralho de cartas que aparecia e desaparecia entre as suas mãos. Nem sequer levantou os olhos. Reinava um silêncio abso-luto: só se ouvia o sussurro das cartas ensebadas e a respiração pesada da Cheswick.

-Quero que se faça qualquer coisa! — gritou subitamente — não sou nenhum miúdo!

Bateu o pé e olhou à volta, como se estivesse perdido e fosse romper num berreiro de um momento para o outro. Cerrou os punhos e apertou-os contra o peito gordo: pareciam duas bolas cor-de-rosa soire o verde da camisa e estavam cerradas com tanta força que ele tremia.

Ele nunca parecera grande: era baixo, demasiado gordo e tinha uma coroa de padre, como uma moeda lde dólar, no alto da cabeça. Mas ali, sozinho, de pé no meio da sala-de-estar, parecia minúsculo. Olhou para McMurphy sem receber resposta e depois percorreu a fila dos Agudos, procurando auxílio. Todos eles desviavam os olhos, recusando-se a apoiá-lo, e o pânico, estampado no seu rosto, redobrou. Finalmente, os seus olhos fixaram-se na enfermeira-chefe. Recomeçou a bater o pé.

— Quero que se faça qualquer coisa! Está a ouvir?

Quero que se faça qualquer coisa! Qualquer coisa!  
Qualquer coisa! Qualquer...

Os dois pretos matulões seguraram-lhe os braços atrás das costas e o outro amarrou-o com uma correia.

Cedeu, como se o estivessem a perfurar, e os dois pretos rebocaram-no lá para cima, para a enfermaria dos Violentos. Quando regressaram e se sentaram, a enfermeira-chefe voltou-se para a fila de Agudos e obse-rou-os. Desde que Cheswick saíra ninguém dissera nada.

— Alguém quer acrescentar mais alguma coisa a respeito do racionamento dos cigarros?

Olhando para aquela fila de rostos fechados, os meus olhos detiveram-se finalmente em McMurphy, na sua cadeira do canto, concentrando-se em aperfeiçoar o seu corte com uma só mão... As lâmpadas tubulares do tecto começaram a lançar a sua luz refrigerada...

Sinto-a no estômago: os raios trespassando-o por todos os lados.

Depois de McMurphy ter desistido de nos defender, alguns dos Agudos conversam e dizem que ele está a enganar a enfermeira-chefe e que lhe tinha chegado aos ouvidos que ela o queria mandar para a enfermaria dos Violentos e que por isso decidiu, por algum tempo, ser mais cuidadoso, para não lhe fornecer qualquer pretexto. Outros, pensam que ele a está a querer adormecer para depois lhe atirar com algo de novo, algo mais diabólico e extravagante que nunca. Pode-se ouvi-los conversando, em grupos, divagando.

Mas eu, eu sei a razão. Ouvi a sua conversa com o salva-vidas. Ele está, simplesmente, a tornar-se prudente, é tudo. Tal como o papá fez quando finalmente compreendeu que não podia vencer aquele grupo da cidade que queria que o governo construísse a barragem por causa do dinheiro e dos postos de trabalho que ela forneceria e também porque se viam livres da aldeia: deixem aquela tribo de índios fedorentos pegarem nos duzentos mil dólares que o governo lhes paga e que vão para onde quiserem com eles! O papá tinha feito o mais razoável, assinando os papéis. O governo tê-lo-ia conseguido de qualquer modo, mais cedo ou mais tarde: assim, a

tribo ainda recebeu a indemnização. Foi a melhor maneira. McMurphy estava a ser razoável. Eu bem o via. Desistia porque era a coisa mais razoável a fazer e não pelas razões que os Agudos alvitavam.

Não o confessou, mas eu sabia, e disse para mim mesmo que era o melhor a fazer. Repeti-o vezes sem conta: é a seguranga. É como um tipo esconder-se. Era a

melhor coisa a fazer e ningum podia afirmar o contrário. Eu sei o que ele está a fazer.

Então, uma manhã, todos os Agudos ficaram tam-bóm a saber a verdadeira razão pela qual ele tinha desistido e souberam também que as razões que tinham inventado eram apenas mentiras para se enganarem a si próprios. Ele nunca mencionou a conversa que teve com o salva-vidas, mas eles sabem. Pelo modo como tomaram conhecimento disso, todos ao mesmo tempo, calculo que tenha sido a enfermeira que difundiu a notícia durante a noite, por intermédio daqueles fios no pavimento do dormitório. Posso afirmá-lo pela maneira como todos olham para McMurphy esta manhã, quando ele entra na sala de estar. Não como se estivessem zangados com ele, nem sequer desapontados, porque compreendem tão bem como eu que o único modo de conseguir sair da tutela da enfermeira-chefe é fazer o que ela quer, mas, mesmo assim, olham para ele como se desejassem que as coisas não tivessem que seguir este rumo.

Até Cheswick o compreende e não lhe guardou rancor por não ter avançado e feito um grande estardalhaço a respeito do problema dos cigarros. Ele voltou da enfermaria dos Violentos no mesmo dia em que a enfermeira transmitiu a informação aos tipos nas camas e disse ao próprio McMurphy que compreendia a razão do seu comportamento e que, atendendo às circunstâncias, aquela era, com certeza, a melhor coisa a fazer e que, se soubesse que Mack estava sob tutela, nunca o teria posto na berlinda como fez no outro dia.

Disse-lhe isto enquanto estávamos a ser conduzidos para a piscina. Mas, assim que lá chegámos, disse que, apesar de tudo, gostaria que qualquer coisa fosse feita e mergulhou para dentro de água. Fincou de tal modo

os dedos na grelha do escoadouro, no fundo da piscina, que nem o salva-vidas, nem McMurphy, nem os dois pretos matulões o conseguiram soltar e, quando arranjaram a chave de fendas, e desaparafusaram a grelha, trazendo-a para cima, sempre com a grelha agarrada aos dedos redondos, azuis e rosados, já ele estava morto. Afogado.

Na bicha para o almoço vejo ser arremessado pelos ares, mesmo por cima de mim, um tabuleiro que provoca uma chuva de leite, ervilhas e sopa de legumes.

Saindo da fila, Sefelt agita-se, com os braços e uma das pernas levantadas, e cai para trás, o corpo formando um arco rígido, e vejo-lhe apenas o branco dos olhos. A sua cabeça bateu no chão de azulejos, fazendo um barulho como o de pedras chocando-se debaixo de água, e ele continua arqueado lcomo uma ponta, torcendo-se e contorcendo-se com espasmos. Fredrickson e Scanlon saltam para a frente para o ajudarem, mas o preto matulão empurra-os e tira do bolso de trás um pedaço de madeira lisa envolvido por fita adesiva, cheia de nódoas castanhas. Abre à força a boca de Sefelt, mete-lhe o pedaço de madeira entre os dentes e nuceo a partir-se com as dentadas dele. Sinto o gosto das lascas de madeira. Os espasmos são agora espaçados, mas mais violentos, ela dá pontapés e o corpo. toma-lhe a forma de arco de uma ponte e depois cai

— levanta-se e torna a cair, cada vez mais lentamente, até a enfermeira-chefe aparecer e ficar ali, ao pé, vendo-o tomar-se flácido, uma poça cinzenta espalhada pelo chão.

Ela coloca uma mão por cima da outra, como se estivesse a segurar uma vela, e olha para baixo, para o que resta de Sefelt, escoando-se pelas calças e pela camisa.



Pergunta ao preto:

-• senhor Sefelt?

— Sim, o sinhô See-fel' - responde ele, enquanto tenta recuperar o pedaço de madeira.

—E ele que asseverava que não precisava de mais tratamentos!

Abanou a cabeça e recuou uns passos para evitar que ele the sujasse os sapatos brancos. Levantou a cabeça e olhou em redor, para o círculo de Agudos que se tinham aproximado para ver melhor. Tornou a abanar a cabeça e repetiu, «...não precisava de mais tratamentos.» O seu rosto adquire, simultaneamente, uma expressão de riso, de pena, de paciência e de repugnância — uma expressão estudada.

McMurphy nunca tinha visto uma coisa assim.

— Que é que lhe aconteceu?

Ela continua a olhar para a poça, sem se virar para ele.

—O sr. Sefelt é um epiléptico, sr. McMurphy. Isso significa que está sujeito a ter, de um momento para o outro, ataques como este, se não seguir as prescrições médicas. Ele sabe-o melhor que nós. Avisámo-lo que isto aconteceria se não tomasse os remédios.

Mesmo assim, insistiu em agir imprudentemente.

Fredrickson destacou-se da fila, as sobrancelhas eriçadas. E um tipo seco e exangue, com cabelo louro e sobrancelhas finas e louras e um queixo enorme, e comporta-se frequentemente como se fosse um duro, tal como Cheswick costumava fazer — arengava e gritava e amaldiçoava as enfermeiras, afirmando que haveria de sair deste lugar fedorento. Deixavam-no, sempre gritar e agitar o punho até se acalmar e perguntavam-

-lhe, se já acabou, sr. seda spoí vamos passar a máquina a ordem da sua saída. Depois, vai para a sala das Enfermeiras, batendo no vidro com ar de culpado, pedindo desculpa e perguntando que tal passar um pano por cima daquelas coisa que disse sen pensar e arquivar aqueles impressos por um dia ou dois, hã?

Dirige-se para a enfermeira, bocejando.

-E assim, hã? E assim? Vai torturar o velho

Seef como se ele fizesse aquilo só para a magoar?

Ela conforta-o, pondo-lhe uma mão no braço, e a mão dele abre-se.

—Não há problema, Bruce. O seu amigo vai ficar bom. A primeira vista dá a impressão que ele não tem tomado o seu Dilantin. Simplesmente, não sei o que tem feito com ele.

Sabe-o tão bem como qualquer outro: Sefelt esconde as cápsulas na boca e depois dá-as a Fredrickson. Não gosta de as tomar por causa daquilo a que chama os «desastrosos efeitos secundários» e Fredrickson gosta de tomar a dose dobrada porque tem medo de morrer de um ataque. A enfermeira sabe disso, podemos adi-vinha-lo pelo tom da sua voz, mas quem a visse ali, tão simpática e amável, diria que ela ignorava tudo o que se passava entre Fredrickson e Sefelt.

- Sim - prossegue Fredrickson, sem, contudo, conseguir concluir o seu ataque. — Sim. Mas não é preciso agir como se se tratasse, simplesmente, de tomar ou não tomar a droga. Bem sabe como Sefelt se preocupa com a sua aparência, com o facto de as mulheres o poderem achar feio e tudo isso e sabe bem o que ele pensa que o Dilantin...

—Eu sei — diz, tornando a pôr-lhe a mão no braço — e ele queixa-se também que a droga lhe faz cair o cabelo. Pobre velhote!

—Não é tão velho como isso!

—Eu sei, Bruce. Mas, porque fica tão enervado?

Nunca percebi o que haverá entre si e o seu amigo que o faz pôr-se assim na defensiva.

— Raios, tanta pergunta! — exclama, metendo as mãos nos bolsos.

A enfermeira baixa-se e limpa uma parte do chão, onde põe um joelho e começa a massajar Sefelt, tentando reanimá-lo. Diz ao preto para tomar conta do pobre velhote enquanto ela manda buscar uma maca:

«Leve-o para o dormitório e deixe-o dormir o resto do dia.» Quando se levanta, dá uma tapinha no braço de Fredrickson que resmunga.

- Sim, eu também tenho que tomar Dilantin, sabe?

E por isso que sei que o Seef tem que fazer. Quero dizer, é por isso... bolas!...

— Eu bem conheço as provações por que vocês ambos têm que passar, Bruce, mas não lhe parece que qualquer coisa é melhor que aquilo?

Fredrickson vira-se para o sítio para onde ela está a apontar. Sefelt já está com um aspecto quase normal, o peito subindo e descendo ao ritmo da respiração cavernosa. Está-lhe a nascer um galo no sítio onde bateu com a cabeça no chão, sai-lhe da boca, onde tem ainda o pedaço de madeira do preto, uma espuma vermelha, e o branco dos olhos começa a dar lugar às pupilas. As suas mãos estão como que pregadas, as palmas viradas para cima e os dedos abrindo-se e fechando-se convulsivamente, como vi fazer a alguns tipos na Câmara de Choque, amarrados àquela mesa em forma de cruz, o fumo saindo-lhes das palmas das mãos devido aos choques eléctricos. Sefelt e Fredrick-son nunca estiveram na Câmara de Choque. Foram especialmente fabricados para gerarem a sua própria

corrente, que armazenam na esptana e pode ser diri.

coda, por controlo remoto, da porta do a pode se dita gida, por controlo remoto, a porta de aço da Sala das Enfermeiras, sempre que saiam da linha. Por exemplo, quaaado estão no melhor de uma anedota porca, o choque atinge-os mesmo no meio das costas e ficam para. lizados. Isso poupa-lhes o trabalho de os levarem para a Câmara de Choque.

A enfermeira dá um abanão no braço de Fredrick-son, como que para o acordar, e repete:

— Mesmo tomando em consideração os efeitos perniciosos do medicamento, não lhe parece que é melhor do que aquilo?

Olhando para o chão, as sobancelhas louras de Fredrickson levantam-se, como se estivesse a ver pela primeira vez a figura que faz pela menos uma vez por mês. A enfermeira sorri, dá-lhe pancadinhas no braço e dirige-se para a porta. Olha para os Agudos, enver-gonhando-os por estarem para ali todos juntos a assistir a um espectáculo tão repugnante. Quando ela sai, Fredrickson arrepiase e tenta sorrir.

—Não sei porque razão fiquei furioso com a velhota? Ela não fez nada que o justificasse, pois não?

Não parece esperar resposta: é como se constatasse que não consegue arranjar nenhum motivo razoável. Toma a arrepiar-se e começa a afastar-se do grupo.

McMurphy interpela-o, perguntando-lhe em voz baixa que é que eles tomaram.

- Dilantin, McMurphy, um anti-espasmódico, já que estás interessado em saber.

- E não faz efeito esse remédio?

— Sim, acho que faz — quando o tomamos!

— Então porquê a dúvida se o devem tomar ou não?

—Olha, já que queres saber! A dúvida é esta

— levanta a cabeça e agarra no lábio inferior com o polegar e o indicador, puxando-o para baixo para mostrar as gengivas arrumadas, cor-de-rosa e sem sangue, sob os compridos dentes brilhantes.

— As gengivas, o Dilantin faz apodrecer as gengivas. E um abaque faz um tipo partir os dentes. E um...

Ouve-se um barulho no chão. Todos se voltam para o sítio onde Sefelt se está a lamentar e a resfolgar, precisamente na altura em que o preto lhe arranca dois dentes ao retirar o seu pedaço de madeira.

Scanlon pega no tabuleiro e afasta-se do grupo, lamentando-se.

— Porca de vida! Um tipo está lixado se fizer uma coisa e está lixado se não a fizer. Que há-de um tipo fazer, pergunto eu?

— Sim, estou a ver onde queres chegar - diz McMurphy olhando para baixo para o rosto franzido de Sefelt. A sua face adquire também a expressão per-turbada, surpreendida e aflita daquela outra que está ali no chão.

Fosse o que fosse que tivesse acontecido ao mecanismo, já o conseguiram arranjar. O movimento cíclico, regular e perfeito, voltou: às seis e meia, levantar, às sete, o pequeno-almoço, às oito, vêm os quebra-cabeças para os Crónicos e as cartas para os Agudos...

Na Sala das Enfermeiras, vejo as mãos brancas da enfermeira-chefe manobrando os controlos.

Umás vezes, levam-me com os Agudos, outras não.

Uma vez, levaram-me com eles à biblioteca e dirigi-me logo para a secção dos livros técnicos, ficando para ali a olhar para os títulos dos livros de electrónica, livros que eu reconhecia daquele ano em que frequentei a faculdade: lembrava-me que no interior estavam cheios de desenhos esquemáticos, equações e teorias — coisas sólidas, seguras e inofensivas.

Queria ver um daqueles livros, mas tinha medo.

Tinha medo de fazer fosse o que fosse. Sentia-me como se estivesse a pairar na atmosfera amarelada e poeirenta da biblioteca, a meio caminho entre o tecto e o chão. As estantes cheias de livros oscilavam por cima de mim, ziguezagueando, endiabradas, formando ângulos diferentes umas com as outras. Uma prateleira inclinava-se ligeiramente para a esquerda, outra para a direita. Algumas pendem sobre mim e não vejo o que impede os livros de caírem. Vão subindo cada vez mais, a perder de vista, as fracas estantes, pregadas umas as outras por ripas, escoradas por estacas, encostando-se às escadas, à minha volta, por toda a parte. Se eu tirasse um livro do lugar, sabe Deus que catástrofe não aconteceria.

Ouçó alguém falar. É um dos pretos da nossa enfermaria que traz consigo a mulher de Harding. Fala-

van e sorriam um para o outro quando estraram na biblioteca.

-Olha, Dale - o preto chama Harding, lá onde ele está a ler um livro - olha quem te veio visitar.

Disse-lhe que não era a hora da visita, mas, com a sua conversa, conseguiu convencer-me a trazê-la aqui.

Deixa-a ali, em frente de Harding, e sai, dizendo misteriosamente:

— Agora, não se esqueça, ouviu?

Ela atira-lhe um beijo e vira-se para Harding, lan-gando as ancas para a frente.

—Olá, Dalle.

- Querida - responde ele.

Mas não faz nenhum movimento para cobrir o espaço que os separa. Olha em redor e vê que todos os observam.

Ela é tão alta como ele. Calça sapatos de salto alto e tem uma bolsa preta que pega não pela alça, mas como se estivesse a agarrar num livro. As suas unhas são vermelhas como gota de sangue no cabedal preto e reluzente da bolsa.

-Ei, Mack - chama Harding a McMurphy, que está sentado na sala lendo um livro de anedotas.

—Se não te importas de interromper as tuas actividades literárias por um momento, apresento-te à minha sócia, à minha Nemesis. Podia ser vulgar a dizer «à minha cara-metade», mas penso que essa frase indica basicamente uma espécie de divisão em partes iguais, não te parece?

Tenta sorrir e aqueles dois delgados dedos de marfim mergulham no bolso da camisa, à procura de cigar-ros, revolvem-se impacientemente, tirando o último do maço. O cigarro treme quando o coloca nos lábios. Ele

e a mulher ainda não fizeram um movimento para se aproximarem.

McMurphy ergue-se na cadeira e tira o gorro quando se dirige para eles. A mulher de Harding olha para ele e sorri, levantando uma sobrancelha.

- Boa tarde, senhora Harding.

O seu sorriso alarga-se quando diz:

- Detesto que me chamem senhora Harding, Mack, porque não me trata por Vera?

Sentam-se os três no sofa em que Harding estava instalado e ele conta à mulher tudo acerca de McMurphy e de como ele tinha levado a melhor sobre a enfermeira-chefe e ela ri e diz que isso não a surpreende nem um bocadinho. Enquanto vai contando a história, Harding entusiasma-se e esquece-se das mãos que volteiam no ar, a sua frente, desenhando claramente a figura que descreve, ao ritmo das modulações da sua voz, como duas belas e alvas bailarinas. Aquelas mãos podem ser tudo. Mas, assim que chega ao fim da história, repara que McMurphy e a mulher lhe estão a dhar para as mãos e prende-as entre os joelhos. Ri-se disso e a mulher pergunta-lhe:

— Dale, quando aprenderás tu a rir, em vez de soltares esse guinchinho de rato?

Foi o mesmo que McMurphy lhe disse no dia em que chegou, mas com uma diferença: quando era McMurphy a dizê-lo, acalmava-o, mas, se era ela, ficava ainda mais nervoso.

Ela pediu um cigarro e Harding tornou a mergulhar os dedos no bolso e encontrou-o vazio. «Estão a racionar-nos o tabaco, informou, metendo os ombros para dentro como se estivesse a tentar esconder o cigarro meio fumado que tinha na mão, «só nos dão

ual antarias, minha querida Vera,» muita margem para

—Oh, Dale, tu nunca tens que chegue, pois não?

O olhar adquiriu aquela sua expressão maliciosa e febrilmente caprichosa quando o pousou nela e lhe sorriu.

— Estamos a falar por símbolos ou estamos ainda a referir-nos ao caso concreto dos cigarros? Não interessa: gabem bem a resposta, seja o que for que tivesses pretendido dizer.

—Não pretendi dizer nada a não ser aquilo que disse, Dale...

— Não pretendeste insinuar nada<sup>1</sup> com isso, dogura.

O teu uso do «não» e do «nada» constitui uma dupla negativa. McMurphy, o inglês da Vera rivaliza com o teu, em ignorância. Olha, querida, debes compreender que entre o «não» e...

— Está bem! Já chega! Quis dizer as duas coisas.

Interpreta como quiseres. Apenas quis dizer que tu nunca tens nada que chegue, ponto parágrafo!

—Nada que chegue, minha brilhante boneca.

Ela fita intensamente Harding por um segundo e vira-se para McMurphy, sentado ao seu lado no sofa.

—E você, Mack? É capaz de fazer uma coisa tão simples como seja oferecer um cigarro a uma rapariga?

Ele tem o maço no colo. Observa-o como se desejasse que ele não estivesse ali e diz:

- Com certeza, eu tenho sempre cigarros. Sou um crava. Sempre que se me depara uma oportunidade, cravo-os e é por isso que o meu maço dura mais do que

---

1 Trocadilho intraduzível a propósito da utilização da negativa na língua inglesa. (N. do T.)

aqui o do Harding. De só fuma dos seus. Portanto, bem vê que ele mais depressa fica sujeito a acabarem-

-se-lhe os cigarros do que...

—Não tens que te desculpar pelas minhas insuficiências, meu amigo. Isso não condiz com a tua personalidade nem se integra na minha.

—Não, pois não — aprova a rapariga — tudo o que tens a fazer é acender-me o cigarro.

E inclinou-se tanto para a frente, para o fósforo, que lhe vi nitidamente, do outro lado da sala, o decote da blusa.

Ela fala ainda um pouco de alguns amigos de Harding que gostaria de ver deixar de rondar a casa à procura d'elle.

- Conhece o género, Mack? Rapazinhos travessos com bonitas cabeleiras compridas, muito bem penteadas, e pulsos frageis que se movem graciosamente.

Harding perguntou-lhe se era só ele que eles queriam ver e ela respondeu que qualquer homem que andasse a rondar a casa o fazia mais para a observar a ela nos seus meneios excitantes do que para ver os malditos pulsos dele.



Subitamente, levantou-se e disse que já era tempo de ir andando. Apertou a mão de McMurphy, disse-lhe que esperava tornar a vê-lo e afastou-se na direcção da porta da biblioteca. McMurphy não consegue pronunciar palavra. Ao som do estrépito dos seus saltos altos, todas as cabeças se voltam e a observam a atravessar o atrio, até desaparecer de vista.

— Então, que pensas? perguntou Harding.

— Tem um par de mamas que não é brincadeira

— é tudo o que ele pensa - grandes como as da velha senhora Ratched.

— Não me estava a referir ao físico, meu amigo, queria dizer o que...

— Raios te partam, Harding! Não sei o que pensar!

Que é que queres de mim? que seja um conselheiro matrimonial? Tudo o que sei é que ninguém se porta decentemente e dá-me a impressão que passam todos a vida inteira a tonturar quem apanham à mão. Sei o que diga que ela é mesmo quare que tenha pena de ti, que diga que ela é mesmo uma puta. Pois bem, tu também não a tratas lá muito bem. Não me venhas para cá chatear com o teu «que pensas?». Tenho as minhas próprias preocupações, sem precisar de me meter nas vossas. Portanto, acabem com isso - vira-se para os outros. — Vocês todos! Deixem de me chatear, raios partam isto!

Volta a pôr o gorro na cabeça e regressa ao seu lugar, para ler o livro de anedotas. Os Agudos olham para os outros, as bocas abertas. Porque razão lhes terá ele gritado? Ninguém o tem chateado. Desde que souberam que ele estava a tentar portar-se bem para evitar que o período de tutela fosse alargado, ninguém lhe pediu nada. Ficaram surpreendidos com a maneira como ele se irritou com o Harding e ao verem-no levantar o livro da cadeira, sentar-se e pôr o livro fechado diante da cara, não sabem se o faz para impedir que os outros o vejam ou para não os ver.

Nessa noite, ao jantar, pediu desculpa a Harding® e disse que não sabia o que lhe tinha acontecido na biblioteca para ter ficado tão irritado. Harding alvitrava que talvez tivesse sido a mulher: ela

costuma irritar as pessoas. McMurphy senta-se, olhando fixamente para o seu café.

- Não sei. Só a encontrei esta tarde. De certeza que não é ela que tem provocado os pesadelos que tenho tido nesta última semana.

— Então, senhor McMurphy - grita Harding, ten-tendo imitar o intermo que vai às sessões — tudo o que tem a fazer é contar-nos esses sonhos. Oh, espere que eu vá buscar o bloco e o lápis.

Tenta fazer-se engraçado para aliviar a tensão.

Pega num guardanapo e numa colher e finge que está a tomar notas.

— Agora, diga. Quando, precisamente, começou a ter esses... hum... sonhos?

McMurphy não se ri.

—Sei lá! Só vejo rostos, parece-me... só rostos.

Na manhã seguinte, Martini põe atrás do painel de controlo da sala das tinas, fingindo que está a pilotar um avião a jacto. O jogo de póquer interrompe-se e todos se riem.

— Infinhhhooouuum miliirrr... terra chama, ar terra chama ar: foi assinalado um objecto... parece ser um míssil inimigo. Proceda imediatamente à intercep-ção... iiiiioooaarrrr.

Gira um botão, empurra uma alavanca e inclina-se, virando juntamente com o avião. Faz girar uma agulha para a posição MÁXIMO, num dos lados do painel, mas não sai água dos bocais da cabina quadrada de azulejos que está defronte dele. Já não utilizam a hidro-berapia e ninguém ligou a canalização da água. Aquele equipamento cromado, novinho em folha, do painel de aço nunca foi utilizado. Excepto pelos cromados, o painel e os chuveiros parecem os mesmos da hidroterapia que usavam no hospital antigo, há quinze anos: mangueiras

capazes de atingir todas as partes do corpo de todos os ângulos; um técnico com um avental de borracha por detrás do painel manobrando os controlos, decidindo quais as mangueiras a usar, qual a pressão e a temperatura — ora abrindo o bocal e diminuindo a pressão, suave e agradável, ora fechando-o, tornando o

esguicho duro como picadas de agulha — e um tipo ali amarrado com correias de lona, encharcado, flácido e encarqui-lhado, enquanto o técnico se diverte com o seu brin-quedo.

- liliiaa000mmmmm... ar chama terra, ar chama terra: míssil à vista, vai agora entrar no meu campo de tiro...

Martini debruça-se e faz pontaria por entre o anel dos bocais. Fecha um olho e pisca o outro, alhando pelo anel.

—Esta na mira! Preparar... apontar... fog...

As mãos saltam-lhe do painel e ele endireita-se, assustado, o cabelo em pé e os olhos esbugalhados fixos na cabina do chuveiro, uma expressão tão aterrorizada que todos os que estão a jogar às cartas se voltam nas cadeiras para também tentarem ver o que o tera assus-tado. Mas não vêem ali nada, além das fivelas das duas correias de lona dependuradas no meio dos bocais.

ele.

Martini volta-se e olha para MoMurphy. Só para

—Não os viste? Não os viste?

— Não vi quem, Mart? Não vejo nada.

— No meio de todas aquelas correias, não viste?

McMurphy vira-se e dá uma olhadela ao chuveiro.

—Não. Não vejo nada.

—Espera um instante. E preciso que os vejas.

—Raios te partam, Martini, já te disse que não os consigo ver.

Percebeste? Não vejo nada!

-Oh! - faz Martini. Acena e vira-se para a cabina.

— Pois bem, eu também não os vi. Estava só a entrar contigo.

McMurphy corta as cartas e baralha-as, com um ruído sussurrante.

- Sim? Não gosto muito desse género de piadas, Mart.

Torna a cortar e a baralhar as cartas e elas espalham-se por todos os lados, como se o baralho lhe tivesse explodido entre as mãos trementes.

Lembro-me que era outra vez sexta-feira, três semanas depois de termos feito a votação acerca da questão da televisão, e todos os que podiam andar foram conduzidos ao Edifício Um, para o que eles nos diziam ser uma radiografia à caixa torácica, para prevenção da tuberculose. Mas, eu sabia que era para verificar se as nossas maquinarias estavam a funcionar bem.

Sentaram-nos num átrio, numa longa fila que conduzia a uma porta com a inscrição RAIOS-X. Perto desta, há uma outra, com as letras ORL (otorrino-larincolo-gia) onde, no Inverno, nos examinam a garganta.

A nossa frente, no outro lado do átrio, há outro banco que desemboca naquela porta de metal. A que tem uma fileira de rebites, sem nenhuma inscrição. Dois tipos dormitam naquele banco, entre dois pretos, enquanto ouço gritar uma outra vítima que está lá dentro a receber o tratamento. A porta abre-se para dentro com um sussuro e vejo os tubos cintilantes na sala. Retiram a vítima ainda a fumar e eu seguro-me no banco em que estou sentado para não ser sugado por aquela porta.

Um dos pretos, ajudado por um tipo branco, põe um dos outros de pé e ele vacila e oscilla sob o efeito da droga. Normalmente, antes de um tipo ir para a Câmara de Choque dão-lhe cápsulas vermelhas. Empurram-no através da porta e os técnicos seguram-no por baixo dos braços. Por um segundo, vejo que o tipo se aper-

cebe do sítio para onde o conduzem e finca os calcanhares no cimento do chão para evitar que o levem para a mesa. Então, a porta fecha-se com um som abafado de metal a bater num colchão e não vejo mais nada.

—Que fazem eles ali dentro, rapaz? - pergunta

McMurphy a Harding.

— Ali dentro? Porquê... ah, é verdade, ainda não tiveste o prazer de experimentar. É pena. É uma experiência por que todos os homens deviam passar.

Harding enlaça os dedos atrás do pescoço e recosta-se para olhar para a porta.

—Aquilo é a Câmara de Choque, de que te falei aqui há uns tempos, meu amigo, a TEC, terapia de eletrochoque. As felizes almas que entram ali é-lhes concedida uma viagem grátis à lua. Não, pensando melhor, não é inteiramente grátis. Em vez de dinheiro, paga-se o serviço com células do cérebro e todos têm em depósito biliões de células dessas. Apenas se perdem algumas.

Lança um olhar ao tipo que ficou sozinho no banco.

— Hoje parece não haver muito clientela. Nada como as multidões do ano passado. Enfim, c'est la vie<sup>1</sup>, as modas vêm e vão. Receio que estejamos a testemunhar o crepúsculo da TEC. A nossa querida enfermeira-chefe é uma das poucas pessoas com coragem para defender a velha e boa tradição faulkneriana<sup>2</sup> do tratamento dos dejectos da sanidade mental: a Combustão do

Cérebro.

A porta abre-se. Sai uma maca de rodas, chiando,

---

<sup>1</sup> Em francês no original.

<sup>2</sup> Willam Faulkner tornou-se conhecido do grande público, especialmente, com «Sanctuary», uma novela de terror dell-berado. (N. do T.)

sem ninguém a empurrar, do o a a esquima sobre duas rodas e desaparece, enchendo o atrio de fumo. Mediur-phy observa-os levando para dentro o último tipo o fechando a porta.

— Eles levam um tipo lá para dentro — escuta durante um momento — e aplicam-lhe uma descarga eléctrica no crânio?

— Sim, resumindo, é isso.

— Mas, que diabo, para quê?

-Ora essa! Para bem dos doentes, com certeza.

Tudo o que se faz aqui é para bem dos doentes. Podes às vezes ficar com a impressão, pelo facto de estares sempre na nossa enfermaria, que este hospital é um vasto e eficiente mecanismo que funcionaria na perfeição se os doentes não interferissem, mas essa é uma ideia falsa. A terapia de eletrochoque não é utilizada sempre com fins punitivos, como faz a nossa enfer-meira, nem tão pouco por sadismo da parte do pessoal.

Muitos pretensos Irrecuperáveis tiveram melhoras gra-gas aos choques, tal como outros beneficiaram da lobotomia e da leucotomia. O tratamento por choque oferece algumas vantagens: é barato, rápido e completamente indolor. Simplesmente, provoca ataques.

— Que vida — lamenta Sefelt — a uns dão pílulas para evitar os ataques, a outros dão choques para os provocar.

Harding inclina-se para diante e continua a explicar a McMurphy.

— Eis como tudo começou: dois psiquiatras estavam de visita a um matadouro, só Deus sabe por que perversas razões, e observam o gado a ser abatido com um golpe de marreta entre os olhos. Repararam que nem todos os animais morriam: alguns caíam no chão num estado muito semelhante ao de um ataque epi-

léptico. «Ah, disse um dos médicos, isto é precisamente o que precisamos para os nossos doentes: o ataque por indução.» O colega concordou, claro. Sabia-se que as pessoas que tivessem acabado de ter um ataque epiléptico tinham tendência para, durante uns tempos, ficarem mais calmas e pacíficas, e, ainda, que os casos mais agressivos, totalmente fora do controlo, eram capazes de tomar parte numa conversa racional depois de um ataque. Ninguém sabia porquê e ninguém ainda sabe. Mas, era óbvio que se um ataque pudesse ser induzido em não-epilépticos, poderiam advir daí grandes benefícios. E lá estava diante deles um homem que induzia ataques com muita frequência e com uma serenidade notável.

Scanlon disse que pensava que o tipo usava um martelo em vez de uma bomba, mas Harding declarou que preferia ignorar a referência e continuou a expli-cação.

- Um martelo é o que um carneiro usa e era aqui que residiam as reservas do colega. No fim de contas, um homem não era uma vaca. O martelo poderia escorregar e partir um nariz. Ou dar cabo de uma dentadura inteira. E, ao preço das próteses dentárias, não teriam muito futuro. Precisavam de algo mais seguro e de maior precisão do que um martelo: final-mente, decidiram-se pela eletricidade.

— Meu Deus, não pensaram nos danos que isso podia provocar? E a opinião pública não se levantou contra isso?

— Não me parece que tenhas compreendido a opi-não pública, meu amigo. Neste país, quando alguma coisa está mal, a melhor maneira de a remediar é a que for mais rápida.

McMurphy abana a cabeça.

—Chiça! Fazer passar eletricidade pela cabeça!

Isso é a mesma coisa que electroitar um tipo por assas-

- As razões que presidem a essas duas atividades são muito mais vizinhas do que tudo possas pensar:

ambas são curas.

— E dizes que não dói?

—Isso, posso-te garantir pessoalmente. Absolutamente indolor. Um clarão e um tipo fica logo incons-ciente. Nem gás, nem agulha, nem marreta. Inteiramente indolor. Mas o que acontece é que um tipo não quer repetir a dose. Fica... mudado. Esquece-se das coisas.

E como se — aperta as mãos nas têmporas, fechando os olhos — é como se o choque pusesse a rodopiar uma louca roda de Carnaval, cheia de imagens, emoções e recordações. Estas rodas, já as viste nas barracas das feiras: o tipo recebe a tua aposta e carrega num botão. Claque! Um turbilhão de luz e som e números, rodando, rodando, num furacão, e se ganhas saís do jogo e se perdes jogas outra vez. Pague mais uma rodada...

- Calma, Harding.

A porta abre-se, a maca de rodas sai com o tipo coberto por um lençol e os técnicos vão tomar um café.

McMurphy passa a mão pelo cabelo.

— Acho que não sou capaz de perceber tudo o que se está a passar na minha cabeça.

—O quê? O tratamento de choque?

- Sim. Não é bem isso. Toda esta... - faz um gesto circular com as mãos. - Tudo isto que está a acontecer.

Harding pousa a mão no joelho de McMurphy,

- Não te preocupes, meu amigo. Não é provável

— Não te preocupes, meu amigo. Não é provável que tenhas de te afligir com a terapia de eletrochoque.

Está praticamente fora de moda e só é usada em casos extremos, quando nada mais dá resultado. Como aliás a lobotomia.

— Isso da lobotomia, é quando nos cortam um pedaço do cérebro?

— Mais uma vez tens razão. Começas a conhecer bem o calão. Sim, é quando cortam o cérebro. A castração do lobofrontal. Acho que, já que ela não pode cortar abaixo da cintura, corta para cima dos olhos.

— Referes-te à Ratched?

- Precisamente.

—Não sabia que a enfermeira tinha voto neste género de coisas.

- Mas tem.

McMurphy parece estar satisfeito por deixar de falar dos choques e da lobotomia para falar na enfermeira-chefe. Pergunta a Harding qual pensa ser o problema dela. Este, Scanlon e outros, têm toda a espécie de opiniões a este respeito. Durante um bocado discutem se ela é ou não a principal causa de tudo isto e Harding afirma que sim, que ela é a maior culpada. Muitos dos outros têm a mesma opinião, mas McMurphy já não está tão certo disso. Afirmou que também houve uma altura em que pensava da mesma maneira, mas, agora, não sabia. Diz que o facto de se verem livres dela não faria grande diferença. Diz que há algo maior que provoca toda esta confusão e tenta explicar o que pensa ser essa coisa maior. Finalmente, quando verifica que não é capaz de o fazer, desiste.

McMurphy não o sabe, mas é precisamente isso que eu já há muito compreendi: que a enfermeira-

-chefe é apenas um oficial de alta patente do Sisbema, da verdadeira força de âmbito nacional que é o Sistema.

Os rapazes não concordam com McMurphy. Dizem que sabem qual é o problema e iniciam uma discussão a propósito disso. Discutem até McMurphy os inter-romper.

- Raios, reparem no que estão a dizer. A única coisa que ouço é regatear, regatear, regatear. Acerca da enfermeira e do pessoal e do hospital. Scanlon quer fazer ir tudo pelos ares. Sefelt acusa as drogas. Fre-dricksen culpa os seus problemas familiares. Bom, parece-me mas é que vocês estão a passar a batata-quente uns aos outros.



Diz que a enfermeira-chefe é uma velhota cruel de coração empedernido e que toda aquela história de o quererem atirar contra ela não passa de uma tolice

— não traria benefícios a ninguém, e muito menos a ele. Verem-se livres dela não significaria que se vissem livres da causa profunda do mal.

— Achas que não? - pergunta Harding. - Então, já que, repentinamente, ficaste tão lúcido acerca da questão da saúde mental, diz-nos qual é o problema?

Quais são as causas profundas do mal que tão inteligentemente apontaste?

— Digo-te apenas que não sei. Não faço a mínima ideia.

Permanece calado durante um minuto, escutando o zumbido da sala dos raios-X.

— Mas, se fosse apenas como vocês dizem, se fosse, suponhamos, simplesmente, aquela velhota e os seus problemas sexuais, então a solução para todos os problemas seria estendê-la no chão e acabar com as suas preocupações, não era?

Scanlon bate palmas.

— Raios! Isso mesmo! E ficas nomeado para o

fazer, Mack. Es mesmo o garanhão que precisamos para fazer o trabalho.

— Não, senhor, eu não. Enganaste-te nos cálculos.

— Porque não? Pensei que eras um super-gara-nhão, com todo aquele toma-já-está ?

— Parceiro, tenciono manter-me tão afastado quanto possível daquela velha bruxa.

— Já tinha reparado nisso — observa Harding, sor-rindo. — O que aconteceu entre vocês os dois? Durante um certo tempo tiveste-a nas palminhas, depois largaste as rédeas. Seria uma súbita onda de compaixão pelo nosso anjo de virtudes?

— Não. Apenas aconteceu que descobri umas certas coisas. Andei por aí a fazer perguntas. Compreendi a razão porque vocês todos a estão sempre a bajular e porque deixam pôr-vos o pé em cima. Percebi para que é que vocês se estavam a querer servir de mim.

— Sim? Isso é interessante.

— Bem o podes dizer. É interessante para mim saber que vocês, seus sacanas, não me avisaram do risco que corria ao tentar fazer-lhe o ninho atrás da orelha. Só pelo facto de não gostar dela não lhe vou dar pretextos para que me prolongue a estadia por mais um ano ou dois. As vezes é preciso engolir o amor-próprio e ter presente o Edifício Um.

— Ei, amigos, vocês pensam que há algum fundamento naquele rumor que dizia que o sr. McMurphy se tinha conformado com a política da enfermaria simplesmente para tentar ser libertado mais cedo?

— Tu sabes do que estou a falar, Harding. Porque não me disseste que ela podia manter-me aqui sob tutela até lhe apetecer?

— Ora, porque me esqueci que estavas sob tutela.

O rosto de Harding dobra-se numa careta.

— Sim. Estás a tornar-te esperto. Como todos nós.

— Bem podes apostar que me estou a tomar es-perto. Porque havia de ser eu a levantar nas sessões aquelas queixinhas triviais acerca de deixar a porta do dormitório aberta e acerca dos cigarros na Sala das Enfermeiras? A princípio, não percebia porque razão vocês vinham ter comigo como se eu fosse uma espécie de salvador. Depois, aconteceu ter descoberto que são as enfermeiras que têm a última palavra sobre quem está apto para ir embora e quem não está. E tornei-me, rapidamente, esperto. Disse para mim: «Mas que raio, estes bastardos levaram-me bem, fizeram-me carregar os seus fardos. Isto é o máximo, o anjinho R. P. McMur-phy!»

Inclina a cabeça para trás, sorrindo, e olha para nós, ali sentados no banco.

— Vocês compreendem, parceiros, isto não é nada de pessoal. Mas mudemos de conversa. Estou tão interessado como vocês em sair daqui para fora. Tenho tanto a perder em andar a irritar aquela velha bruxa como vocês.

Sorri, franze o nariz e espeta o polegar nas costelas de Harding, como se tivesse acabado a discussão sem rancores. Harding replica:

— Não, meu amigo. Tu tens mais a perder que nós.

Torna a sorrir, com aquela expressão de égua a transpor um obstáculo, fazendo um movimento rápido para levantar a cabeça. Todos avangam um lugar. Martini sai do aparelho de raios-X, abotoando a camisa e resmungando.

—Se não visse, não acreditava.

Billy Bibbit toma o lugar de Martini defronte do vidro preto.

- Tu tens mais a perder que eu - repete Har-ding —, eu sou voluntário, não estou sob tutela.

McMurphy não diz nada. O seu rosto toma aquela expressão perplexa, como se houvesse alguma coisa que não batesse certo, algo que não consegue definir.

Fica ali sentado, olhando para Harding e o sorriso deste desvanece-se e ele remexe-se, inquieto com aquela expressão tão esquisita de McMurphy que não o larga.

Engole em seco e diz:

—Na realidade, ha poucos tipos na enfermaria que estejam sob tutela. Apenas Scanlon e... bem, julgo que alguns dos Crónicos. E tu. Aliás, em todo o hospital não há muitas tutelas. Não, realmente não há muitas.

Então, para de falar, a sua voz vacila, mesmo debaixo dos olhos de McMurphy. Após um curto silêncio, McMurphy pergunta suavemente:

— Vocês estão a gozar comigo?

Harding abana a cabeça. Parece assustado. McMurphy levanta-se e diz:

— Estarão vocês a gozar comigo?

Ninguém diz nada. McMurphy anda de um lado para outro diante daquele banco, passando a mão pelo cabelo espesso. Vai até ao fim da fila, depois volta ao princípio, ao aparelho de raios-X que assobia e funga, troçando dele.

- Tu, Billy... tu estás decerto sob tutela, c'os dia-bos!

Billy vira-se de costas para nós, o queixo levantado, apoiado no écran negro, de bicos de pés. Não responde, de lá de dentro da maquinaria.

— Mas, então porquê? Porquê? Es um tipo novo!

Devias andar lá fora numa carripa, à caça de miúdas.

Tudo isto - faz um movimento circular com a mão,  
à sua volta — porque razão estas aqui a aturar tudo isto?  
Billy não responde e McMurphy volta-se para os  
outros.

— Diz-me porquê. Tu queixas-te, passas semanas a dizer que  
não suportas este lugar, que não podes ver a enfermeira nem nada  
que lhe diga respeito e, afinal de contas, nem sequer estás sob  
tutela. Ainda o posso compreender da parte de alguns dos tipos mais  
velhos da enfermaria: eles estão pilulas. Mas tu, não serás  
precisamente o homem comum que se encontra na rua, mas não  
estás pílulas.

Não discutem com ele. McMurphy dirige-se para  
Sefelt.

—E tu, Sefelt? À excepção dos ataques, es um tipo normal.  
Inferno! Eu tive um tio que tinha acessos duas vezes piores que os  
teus e que tinha visões do Diabo, mas nunca se fechou numa casa  
de doidos. Podias sair daqui para fora, se tivesses coragem...

— Com certeza!

E Billy. Vira-se para nós, no aparelho de raios-X, a cara  
banhada de lágrimas.

— Com certeza! — volta a gritar. — Se tivesse-mos co-  
ragem! Podia sair daqui hoje se t-tivesse coragem. A minha m-m-  
mãe é amiga de m-miss Ratched e eu podia ter ainda hoje um  
boletim de saída, se tivesse coragem.

Agarra na camisa que está no banco e tenta enfiá-la, mas  
treme demasiado. Finalmente, acaba por a atirar ao chão e vira-se  
para McMurphy.

— Pensas que q-q-quero ficar aqui? Pensas que eu não  
gostaria de ter uma c-c-carripana e uma p-p-peque-na? Mas, já  
alguma vez as pessoas se r-r-riam de ti? Não. Não, porque tu és  
matulão e duro. Ora bem,

mas eu não sou matulão nem duro. Nem Harding. Nem F-f-  
fredrickson. Nem S-s-sefelt. Oh... oh... falas como se nós  
permanecêssemos aqui por gosto. Oh... não vale  
a pena...

Chora e gagueja tanto que não consegue dizer mais nada e esfrega os olhos com as costas das mãos para que ele não o veja. Ao esfregar, arranca a crosta de uma ferida e quanto mais a esfrega mais espalha o sangue pela cara e pelos olhos. De repente, começa a correr às cegas, indo de encontro às paredes de um lado e doutro do átrio, a cara transformada numa mancha de sangue e um preto a segui-lo.

McMurphy vira-se para os outros e abre a boca para perguntar qualquer coisa, mas, quando vê como eles o olham, torna a fechá-la. Fica ali durante um minuto com aquela fila de olhos fixandoo, como uma fieira de rebites.

— Que merda! — diz, com a voz insegura, e põe o gorro na cabeça, puxando-o bem para baixo, e retoma o seu lugar no banco. Os dois técnicos regressam àquela sala depois de terem bebido o café. Quando a porta se abre, sussurrando, sente-se no ar um cheiro de ácido, como quando se carrega uma bateria. McMurphy sente-se, olhando para aquela porta.

— Não sou capaz de meter isso na cabeça...

Atravessando os relvados de regresso à enfermaria, McMurphy deixa-se atrasar para o fim do grupo, com as mãos nos bolsos, o gorro enterrado na cabeça e um cigarro apagado na boca, em profunda meditação. Conseguiram acalmar Billy que segue à frente do grupo com um preto de um lado e o outro tipo branco da Câmara de Choque do outro.

Deixei-me ficar para trás até estar lado a lado com McMurphy e queria dizer-lhe que não se afligisse, que não aconteceria nada, porque bem via que ele estava preocupado por uma ideia qualquer, como um cão fica preocupado quando depara com um buraco e não sabe o que está por baixo, uma voz a dizer-lhe, «Cão, este buraco não é da tua competência: é muito grande e escuro e tem rastos por

toda a parte, digamos que de ursos ou coisa pior». Mas uma outra voz, vinda de muito longe, do seu instinto de raça, uma voz que não será muito esperta, nada prudente, sussurra desafiadora,

«Busca, cão... busca!»

Queria dizer-lhe para não se preocupar, e estava quase a fazê-lo, quando ele levantou a cabeça e puxou o gorro para cima, apressou o passo para apanhar o preto, deu-lhe uma palmada no ombro e perguntou:

— Escarumba, que dizes a fazermos ali uma paragem na cantina, um instante, para eu levar um ou dois volumes de cigarros?

Tive que andar mais depressa para o apanhar e a corrida fez-me ficar com o coração a bater ao máximo, como se tivesse um diapasão a soar dentro da cabeça.

Mesmo na cantina, ainda ouvia aquele som a ressoar-me nas têmporas, embora a pulsação já estivesse normal.

Fazia-me lembrar o que eu sentia naquelas noites frias das sextas-feiras de Outono, no campo de futebol, esperando que o jogo começasse e que dessem o pontapé de saída. A vibração aumentava cada vez mais até que parecia que já não me conseguia aguentar de pé: nessa altura, davam o pontapé de saída e ficava bom.

Senti agora a mesma vibração que nessas sextas-feiras, o mesmo frémito, o crescendo e decrescendo da impaciência. E via tudo com uma extrema nitidez, como quando olhei para fora, através daquela janela do dormitório: tudo se apresentava nítido, claro e sólido, como se já me tivesse esquecido que era assim a realidade.

Linhas de pasta de dentes e de atacadores de sapatos, filas de óculos de sol e de canetas de aparo redondo, com a garantia de escreverem uma vida inteira, mesmo em manteiga e debaixo de água, tudo protegido dos ladrões por uma força de vigilantes ursos de peluche, sentados no alto de uma prateleira, por cima do balcão.

McMurphy dirigiu-se ao balcão, ao meu lado, enganchou os polegares nos bolsos e pediu à empregada que The desse dois volumes de Maliboros.

- Não, dê-me antes três — disse-lhe sorrindo - tenciono fumar como uma chaminé.

A vibração só parou na sessão desta tarde. Em parte, escutava-os a convencerem Sefelt a encarar a realidade dos seus problemas para que se pudesse adaptar «E por causa do Dillantin», grita ele, finalmente.

«Vamos, Sefelt, se quer que o ajudem tem que ser honesto», diz ela. «Mas tem que ser o Dillantin o eul-

pado disso. Não é ele nu e ocê tem quantas gengivas moles? Ela sorri. «Jim, você tem quarenta e cinco anos..» Então, por acaso, dei uma olhadela a MoMur-play, sentado no seu canto. Não estava a manusear o baralho de cartas, nem a folhear, sonolento, uma revista, como costumava fazer nas sessões das últimas duas semanas. Também não estava recostado, desleixadamente. Estava sentado, muito direito na sua cadeira, com uma expressão excitada e estouvada, quando olhava ora para Sefelt, ora para a enfermeira-chefe. Enquanto eu o observava, a vibração tornou-se mais forte. Os seus olhos, debaixo daquelas sobrancelhas brancas, eram duas tiras azuis que se viravam atentamente de um lado para outro, como ele costumava fazer para seguir as cartas numa mesa de póquer. Tinha a certeza que, de um momento para o outro, ele iria fazer algum disparate que o levaria forçosamente à enfermaria dos Violentos. Já tinha visto aquela mesma expressão noutros tipos, momentos antes de se atirarem a um preto.

Agarrei-me ao braço da cadeira e esperei, com medo que aquilo acontecesse, mas comecei a compreender, um pouco assustado, também, que não aconteceria nada.

Ele manteve-se calmo, observando tudo, até terem acabado de discutir o problema de Sefelt, e torceu-se na cadeira para olhar para Fredrickson que tentava de algum modo desculpar os camaradas por terem torturado o amigo, queixando-se durante alguns segundos do facto de os cigarros serem guardados na Sala das Enfermeiras. Depois de ter falado, Fredrickson, como sempre, corou, pediu desculpa e sentou-se. McMurphy não tinha ainda feito o mínimo movimenta. Descon-

traí-me, afrouxando a pressão no braço da cadeira, pensando que me tinha enganado.

Faltavam poucos minutos para acabar a sessão.

A enfermeira-chefe dobrou os seus papéis, meteu-os no cesto, tirou o cesto do regaço e pô-lo no chão, e, então, deixou que os alhos se virassem para McMurphy, durante um segundo, como se quisesse certificar-se que ele estava acordado e a ouvir o que se dizia. Cruzou as

maios nos joelhos, olhou para os dedos e inspirou profundamente, abanando a cabeça.

- Rapazes, pensei muito no que vos vou dizer.

Discuti o caso com o médico e com o resto do pessoal e, por muito que o lamentemos, chegámos todos à mesma conclusão: que tem que ser aplicado um castigo pelo vosso inqualificável comportamento nos trabalhos caseiros, há três semanas. - Levantou a mão e olhou à volta. — Esperámos este tempo todo para o divulgar, porque confiávamos que vocês tomassem a iniciativa de pedir desculpa pelo modo rebelde como procederam. Todavia, nem um único mostrou o menor sinal de remorso.

A sua mão tornou a levantar-se para impedir qualquer possível interrupção - o movimento de uma cartomante no seu guichet de vidro.

- Por favor, compreendam: nós só impomos certas regras e restrições depois de pensarmos muito no seu valor terapêutico. Muitos de vocês estão aqui porque não se puderam adaptar às regras da sociedade no Mundo Exterior, porque se recusaram a encará-las de frente, porque as rodearam e evitaram. Numa determinada altura — talvez na vossa infância - foi-vos permitido que desprezassem as normas da sociedade.

Quando infringiram uma lei, vocês sabiam-no. Queriam ser castigados, precisavam de o ser, mas o castigo nunca vinha. Essa insensata indulgência por parte dos vossos pais pode ter sido o germe que se transformou na vossa actual enfermidade. Digo-vos isto na espe-

rança que compreendam que citeiramente para vosso benefício que reforçamos a disciplina e a ordem.

Deixou que a cabeça girasse, olhando em redor de si. O pesar que sentia em ter que fazer aquilo estava-the estampado no rosto. O



silêncio, à exceção desta vibração febril e delirante na minha cabeça, era total.

—No vosso caso, é difícil reforçar ainda mais a disciplina. Vocês devem ser capazes de o compreender.

Que vos poderemos fazer? Vocês não podem ser presos.

Não podem ser postos a pão e água. Têm que compreender que o pessoal está perante um problema: que vos poderemos fazer?

Ruckly tinha uma ideia acerca disso, mas ela não prestou atenção. O seu rosto moveu-se, com um pequeno estalido, e as suas feições adquiriram uma expressão diferente. Finalmente, respondeu à sua própria pergunta.

— Temos que vos retirar um privilégio. E depois de um cuidadoso estudo das circunstâncias desta revolta, decidimos que haveria uma certa justiça em retirar o privilégio da sala das tinhas, que vocês têm utilizado para os vossos jogos de cartas, durante o dia.

Isto parece-vos injusto?

A sua cabeça não se moveu. Não olhou para ele.

Mas, um por um, todos se viraram para ele, sentado no seu canto. Até os velhos Crónicos, perguntando-se porque razão estariam todos a olhar na mesma direcção, esticaram os pescoços esqueléticos de pássaros e viraram-se para olhar para McMurphy — rostos cheios de uma esperança assustada e primitiva.

Aquela nota monocórdica do diapásão, na minha cabeça, parecia um barulho de pneus de uma viatura acelerando no pavimento.

Ele estava sentado, muito direito na sua cadeira, um enorme dedo vermelho coçando preguiçosamente os pontos da cicatriz do nariz. Envolveu todos os que o observavam num sorriso, tirou o gorro, pegando-lhe pela beira, fazendo uma delicada saudação, e, depois, virou-se para a enfermeira.

— Portanto, se ninguém se quer pronunciar sobre esta decisão, penso que esta quase na hora...

Fez uma pausa e lançou-lhe, também ela, uma olhadela. Ele encolheu os ombros e, com um sonoro suspiro, bateu com ambas as mãos nos joelhos e levantou-se da cadeira. Espreguiçou-se, bocejou, tornou a coçar o nariz e começou a atravessar lentamente a sala de

estar, dirigindo-se para o sítio onde ela estava sentada, levantando as calças com os polegares enquanto andava. Vi que era demasiado tarde para evitar que ele fizesse a loucura que tinha em mente e limitei-me a observar, como, aliás, todos os outros. Andava com passadas compridas, demasiado compridas, e tinha novamente os polegares enganchados nos bolsos. Os protetores de ferro das suas botas faziam saltar faíscas nos azulejos. Era outra vez o lenhador, o jogador fanfarrão, o enorme Irlandês ruivo e brigão, o coroboy das séries da TV, dirigindo-se pelo meio da rua para o duelo.

Os olhos da enfermeira-chefe dilatavam-se à medida que ele se aproximava. Não esperava que ele reagisse. Esta devia ser a sua vitória final, devia ser a imposição da sua vontade de uma vez por todas. Mas, lá vinha ele, grande como uma casa.

Os seus lábios começavam a tremer-lhe e ela olhava para os pretos, morta de medo, mas ele parou antes de chegar junto dela. Ficou ali, diante do vidro, e explicou na sua mais calma e pachorrenta voz, como

achava que poderia utilizar um dos pacotes de tabaco que comprara nessa manhã. Depois, enfiou a mão para trás do vidro.

O vidro partiu-se, como água a ser salpicada, e a enfermeira atirou as mãos aos ouvidos. Ele pegou num dos pacotes de tabaco que tinha o seu nome e tirou uma maço, voltou a pôr o pacote no sítio e virou-se para o lugar onde a enfermeira estava sentada, como uma estátua de giz, e, muito ternamente, removeu os pedaços de vidro da sua touca e dos ombros.

—Lamento imenso, minha senhora. Palavra que lamento. Esse vidro era novinha em folha e esqueci-me completamente que estava aí.

Tudo se passou em dois ou três segundos. Ele virou-se e deixou-a ali, com o rosto estremecendo convulsivamente, atravessou a sala de estar e sentou-se na cadeira acendendo um cigarro.

A vibração na minha cabeça tinha desaparecido.

### III PARTE

Depois dista, as coisas correram ao gosto de McMurphy durante muito tempo. A enfermeira aguardava a sua vez, procurando outra ideia que a pusesse novamente na mó de cima. Sabia que tinha perdido uma grande batalha e estava a perder outra, mas não tinha pressa. Ela não proporia que McMurphy fosse posto em liberdade, por uma razão: o combate poderia durar o tempo que ela quisesse, até que ele cometesse um erro irremediável ou cedesse, ou até que ela, com uma nova tática, pudesse voltar à sua posição anterior de vértice da cúpula, aos olhos de todos.

Muita coisa aconteceu até ela começar a por em prática a sua nova tática. Depois de McMurphy ter saído do que poderemos chamar um retiro e nos ter anunciado, partindo a vidraça da janela privativa dela, que voltava ao combate, tornou as coisas na enfermaria muito mais interessantes. Tomou parte em todas as reuniões e discussões - tentando com a sua voz arrastada, as suas piscadelas e os gracejos, arrancar uma tímida gargalhada dos Agudos, que, desde os doze anos, até tinham medo de sorrir. Ele reuniu os elementos necessários para formar uma equipa de basquetebol e, não sei como convenceu o médico a deixá-lo trazer do ginásio uma bola para que o grupo se familiarizasse com ela. A enfermeira não gostou, disse que a seguir iriam jogar futebol na sala-de-estar e pólo

no átrio, mas o médico desta ia manteve-se firme e disse-lhe que os deixasse continuar.

— Alguns jogadores têm mostrado nítidas melhoras desde a organização da equipa de basquetebol, miss Ratched. Acho que isso prova o seu valor terapêutico.

Ela olhou para ele, durante um momento, pasmada.

Com que então, ele também estava a querer sair da casca! Anotou o tom de voz dele, para a primeira oportunidade, cumprimentou-o com um aceno de cabeça e foi sentar-se na Sala das Enfermeiras apalpando os controlos do seu equipamento. Os encarregados das reparações do edifício tinham colocado uma placa de cartão na moldura, à frente da sua secretária, até que chegasse o vidro cortado à medida, e lá estava ela todo o dia sentada por detrás do cartão como se ele não existisse, como se pudesse ver a sala de estar através dele.

Por trás daquele quadro de cartão ela parecia um quadro voltado para a parede.

E ela esperava, sem fazer comentários, enquanto

McMurphy continuava a correr por todo o edifício, todas as manhãs, nos seus calções com as espalhafatosas baleias brancas, ou enquanto jogava no dormitório com moedas, ou então corria de uma ponta a outra do átrio, soprando o seu niquelado apito de árbitro, ensinando os Agudos como fazer uma avançada rápida, desde a porta da enfermaria até ao Isolamento, no lado oposto, a bola a bater no chão como tiros de canhão e McMurphy a gritar como um sargento, «Genica, seu meninos da mamã, genica!»

Quando falavam um com o outro, faziam-no com a maior das delicadezas. Ele pedir-lhe-ia, com a maior das amabilidades, se ela podia fazer o favor de lhe permitir usar a sua caneta para preencher um pedido de Saída Não Acompanhado do hospital. Escreve-o na

secretária dela, à sua frente, e entrega-o, juntamente com a caneta e um amável «Muito obrigado» e ela olha para o pedido e diz-lhe com idêntica amabilidade que «vou levá-lo à Direcção» - no que leva cerca de três minutos — e regressa dizendo-lhe que tem muita pena mas que o passe fora considerado não aconselhável terapeuticamente neste momento. Ele torna a agradecer e sai da Sala das Enfermeiras. Sopra o apito com tanta força que parece que

vai partir os vidros num raio de quilómetros e berra, «Vamos praticar, anjinhos, peguem nessa bola e vamos suar um bocado.»

Há já um mês que ele chegou à enfermaria, o tempo necessário para poder assinar no Caderno do átrio um pedido de consulta numa reunião de grupo sobre uma autorização de Saída Acompanhado. No caderno, a seguir a pergunta ACOMPANHADO POR, escreveu: uma parceira que conheço, de Portland, chamada Candy Starr — e estoitou o aparo no ponto final.

O pedido de passe foi levado à sessão de grupo alguns dias depois, por acaso, no mesmo dia em que o opera-rio colocou uma nova vidraça à frente da secretária da enfermeira-chefe. Depois de lhe ter sido negada a autorização, com o argumento de que miss Starr não parecia ser a pessoa mais indicada para acompanhar um doente,, encolheu os ombros e disse que devia ser pela forma como ela se maneava e dirigiu-se para a Sala das Enfermeiras, para a vidraça que ainda tinha colada uma etiqueta do fornecedor num canto de baixo e atravessou-a novamente com o punho, explicando à enfermeira enquanto o sangue lhe escorria da mão, que julgava que tinham retirado a placa de cartão e que não havia ainda vidraça.

—Quando é que puseram esta estuporada vidraça aqui? Raios, esta coisa é uma ameaça, um perigo permanente.

A enfermeira fez-lhe o curativo à mão, enquanto Scanlon e Harding foram buscar o cartão à lixeira e o colocaram novamente na janela, utilizando o mesmo

adesivo que a enfermeira estava a usar no pulso e nos dedos de McMurphy. Este, sentado num banco, fazia caretas horríveis enquanto lhe tratavam os golpes, piscando o olho a Harding e Scanlon por cima do ombro da enfermeira. A expressão dela era calma e fria como esmalte, mas a tensão começava a mostrar-se doutras formas. Pela maneira como colocava o adesivo, tão apertado quanto podia, mostrava que a sua paciência já não era a que fora.

Fomos para o ginásio ver a nossa equipa de basquetebol - Harding, Billy Bibbit, Scanlon, Fredrick-son, Martini e McMurphy, se a mão deixasse de sangrar a tempo de poder entrar no jogo —

defrontar uma equipa de auxiliares. Os nosso dois pretos matulões jogavam pelos auxiliares. Eram os melhores jogadores em campo, correndo-o de ponta a ponta, como um par de sombras de calções vermelhos, e fazendo um cesto após outro com uma precisão mecânica. Os nossos jogadores eram demasiado baixos e lentos, Martini passava a bola a tipos que só ele via e os auxiliares venceram-

-nos por uma diferença de vinte pontos. Mesmo assim, aconteceu uma coisa que nos fez sentir como se tivessemos alcançado uma espécie de vitória: quando um grupo saltou a uma bola, o nosso preto matulão, o que se chama Washington, apanhou uma cotovelada no nariz e os seus companheiros de equipa tiveram que o agarrar para evitar que ele se atirasse a McMurphy, que estava sentado em cima da bola — não fazia caso do preto furioso, com o sangue vermelho a escorrer-lhe

do nariz o preto, e grita dito, como tinta atirada para um quadro preto, e gritando para os rapazes que o segu-ravam, «Ele está a pedir! O filho da puta está mesmo

a pedir!

M.Murphy compôs mais notas para a enfermeira

Jer com o espelho na latrina. Escreveu longas histórias estranhas a seu respeito no caderno e assinava Anó-nimo. As vezes, ficava a dormir até às oito horas. Ela censurava-o sem se encolerizar e ele escutava-a, não se movendo até que acabasse, e, então, anulava completamente o efeito da admoestação perguntando qualquer coisa como se ela usava soutien número 38 ou talvez 40, ou se não usava sequer soutien.

Os outros Agudos começavam a seguir o seu chefe.

Harding começou a namorar todas as estudantes esta-giárias, Billy Bibbit não voltou a escrever no caderno, o que ele costumava chamar as suas «observações», e, quando colocaram uma nova vidraça na janela, à frente da secretária dela, com um grande X pintado a tinta branca para evitar que McMurphy se desculpasse novamente dizendo que não sabia que o vidro estava lá, Scanlon partiu-o, atirando-lhe acidentalmente a bola de basquetebol, ainda antes da tinta do X ter secado.

A bola esvaziou-se por se ter furado num pedaço do vidro e Martini apanhou-a como a um pássaro morto e levou-o à enfermeira-chefe na Sala das Enfermeiras, onde ela olhava para o tampo da sua secretária coberto de cacos de vidro, e pediu-lhe se podia fazer o favor de tapar o furo com adesiva ou de qualquer outra maneira, se a podia pôr como nova. Sem uma palavra, ela tirou-lhe a bola da mão e deitou-a no lixo.

Com a época de basquetebol obviamente terminada, McMurphy decidiu que a pesca seria a melhor solução.

Pediu um outro passe, depois de dizer ao médico que tinha uns amigos na Baía de Oitav, em Florenco, que tontam muito gosto em levaresão com nove doentes a tema pescaria do alto, se a direcção concordasse. Escrever que desta vez seria acompanhado por «duas velhas tes muito meigas de uma loião da Dios arredores da cidade de Oregon». Na reunião da Direcção, o passe foi autorizado para o fim-de-semana seguinte. Quando a enfermeira acabou de registar oficialmente o pedido no livro, tirou da sua cesta de vime um recorte de jornal da manhã desse dia e leu alto que, embora ao largo da costa a pesca este ano estivesse boa, a época dos salmões ainda estava atrasada e o mar estava mexido e perigoso. E sugeriu aos doentes que pensassem bem no caso.

-Boa ideia - disse McMurphy fechando os olhos e inspirando profundamente por entre os dentes. - Sim senhor! O cheiro salgado de um mar agitado, o estouro da proa a cortar as ondas — a luta contra os elementos, quando os homens são homens e os barcos são barcos.

Miss Ratched, agora entusiasrou-me. Vou telefonar ainda esta noite a reservar o barco. Não quer que dê a seu nome?

Em vez de responder, ela dirigiu-se ao quadro da parede onde prendeu o recorte do jornal com um alfinete.

No dia seguinte, ele começou a recolher as assinaturas dos tipos que queriam ir e que tinham dez dólares para escavar no aluguer do barco e a enfermeira começou a colocar no quadro

recortes com notícias de tempestades súbitas e naufrágios na costa. McMurphy troçou dela e dos seus recortes dizendo que as suas

duas tias tinham passado a maior parte das suas vidas baloiçando-se nas ondas, num ou noutro porto, com este ou com aquele marinheiro, e que ambas garantiam que

a viagem era segura e num mar-de-rosas e que não

havia nada a recear. Mas a enfermeira ainda conhecia os seus doentes. Os recortes assustaram-nos mais do que McMurphy esperava. Contava com uma bicha de tipos a querer assinar a inscrição, mas teve que falar muito e lisonjea-los para convencer os poucos que assinaram. Na véspera da viagem, ainda precisava de dois tipos para completar o preço do aluguer do barco.

Eu não tinha dinheiro, mas sentia crescer em mim a vontade de assinar a lista. E quanto mais ele falava de pescar o salmão Chinook<sup>1</sup>, mais eu desejava ir.

Sabia que era um disparate alimentar esperanças: se assinasse era o mesmo que convocar uma reunião para lhes dizer que não era surdo. Se mostrasse ter ouvido todas aquelas conversas sobre barcos e pescarias, saberiam que eu tinha ouvido tudo quanto fora dito em segredo à minha volta nos últimos dez anos. E se a enfermeira-chefe o descobrisse, se soubesse que eu ouvira todas as intrigas e maquinações que ela organizara quando julgava que ninguém a estava a escutar, perseguir-meia com uma serra eléctrica e punha-me de modo que soubesse que eu ficava mesmo surdo e mudo. Por maior que fosse a minha vontade de ir, pensar nisso ainda me conseguia fazer sorrir. Tinha que continuar a fingir-me surdo, se queria continuar a ouvir.

---

<sup>1</sup> O mesmo que «Quinat Salmon». Nome atribuído pelos índios norte-americanos a uma variedade de salmão que existe no Oceano Pacífico. Comercialmente, a variedade mais importante. (N. do T.)

Deitado na cama, na noite anterior à pescaria, eu pensava nela, na minha muia dos anos que passaram sem dar a entender que ouvia o que eles diziam e se poderia alguma vez proceder de um modo diferente.



E então lembrei-me. Não fora eu que começara aquela farsa. Foram os outros, aqueles que principiaram a olhar-me como se eu fosse demasiado estúpido para ouvir ou ver ou dizer fosse o que fosse...

Nem sequer foi quando vim para o hospital. Começaram a olhar-me como se eu não fosse capaz de ouvir ou falar, muito antes disso. Na tropa, todos os que eram mais graduados do que eu o faziam. Era assim que achavam que deviam tratar os que tinham o meu aspecto. E, mesmo, há muito tempo, na escola primária, recordo-me de me dizerem que não acreditavam que eu os estivesse a ouvir e deixaram de escutar o que eu dizia. Ali deitado na cama, tentava recordar-me da primeira vez que dera conta disso. Julgo que foi uma vez quando vivíamos na aldeia, na margem do Colum-bia. Era no Verão...

...e tenho cerca de dez anos e estou em frente do barracão a salgar salmões para pôr a secar no estendedouro atrás da casa, quando vi um carro sair da auto-estrada e vir com grandes solavancos, a saltar sobre as raízes, atravessando o mato e trazendo a reboque uma carga de poeira tão sólida como um atre-lado.

Vi o carro subir a colina e parar logo abaixo da cerca da nossa casa e a poeira esmagando-se na sua traseira e espalhando-se em todos os sentidos, caindo, finalmente, no mato e nas acácias à volta, fazendo-as parecer pedaços vermelhos e fumegantes de um nau-frágio. O carro pára e a poeira pousa, brilhando ao sol.

Sei que não são turistas com máquinas fotográficas porque eles nunca trazem os carros para tão perto da aldeia. Se querem comprar peixe, fazem-no mesmo na auto-estrada. Nunca vêm à aldeia porque, provavel-mente, pensam que nós ainda escapamos e queimamos as pessoas, atadas a um poste. Não sabem que alguns da nossa raça são advogados em Portland, e é provável que não acreditem se eu lhes disser. Na realidade, um dos meus tios formou-se em direito e o papá diz que ele o fez só para provar que era capaz, mas que prefere pescar salmões nas cataratas a qualquer outra coisa.

O papá diz que, se não temos cuidado, nos obrigam, de uma maneira ou de outra, a fazer o que eles pensam que devemos fazer

e que temos que ser teimosos como mulas e fazer precisamente o contrário, para os ensinar.

As portas do carro abrem-se simultaneamente e saem três pessoas, duas do banco da frente e uma do de trás. Sobem a encosta em direcção à nossa aldeia e vejo que os dois primeiros são homens e têm fatos azuis e o outro, o que saíu da porta de trás, é uma mulher idosa de cabelos brancos com um fato tão teso e pesado que parece uma armadura. Quando saem do mato e entram na nossa cerca de terra batida, estão a soprar e alagados em suor.

O primeiro homem pára e observa a aldeia. É baixo e gordo e usa um chapéu Stetson branco. Abana a cabeça ao ver a desordem e fragilidade dos nossos estendedouros de peixe, os carros em segunda-mão, os galinheiros, os motociclos e os cães.

—Ja alguma vez na vossa vida viram alguma coisa parecida com isto? Já viram? Deus do céu, já alguma vez viram?

Tira o chapéu e seca, com um lenço, a cabeça, que parece uma bola de borracha vermelha, muito cuidado-samente, como se receasse estragar a madeixa de cabelos escorridos ou o lenço.

—São capazes de acreditar que haja quem queira viver desta maneira? Diz-me habitu, acreditas? — Fala muito alto porque não esta habituado ao rugido das cataratas.

John, junto dele, tem um espesso bigode grisalho que levanta, apertando-o contra as narinas como que para evitar o cheiro do salmão que eu estou a salgar.

O suor escorre-lhe pelas faces e pelo pescoço e atravessa as costas do seu casaco azul. Toma nota num livro e continua a andar em círculo, olhando para a nossa barraca, para o nosso pequeno jardim, para os vestidos das noites de sábado da mama, vermelhos, verdes e amarelos, que estão a secar ao fundo, numa corda esticada - continua a andar até completar o círculo e ficar mesmo à minha frente. Olha-me como se me visse pela primeira vez, quando estou a menos de dois metros dele. Inclina-se para mim, olhando-me de lado com um certo desdém e levanta novamente o bigode para as narinas como se agora fosse eu, e não o peixe, que estivesse a cheirar mal.

—Onde pensas que poderão estar os pais dele?

— pergunta a John — dentro de casa ou lá fora, nas cataratas? Podíamos bem tratar do assunto com o homem enquanto estamos aqui.

—Eu, pelo menos, não vou entrar naquela bar-raca! — diz o homem gordo.

— Aquela barraca - informa John através do seu bigode — é onde vive o Chefe-Breckenridge, o homem que nos fez vir aqui para negociar com ele, o nobre

chefe deste povo.

— Negociar com ele Eu não, não é esse o meu serviço. Pagam-me para avaliar e não para confrater-nizar. Isto provoca uma gargalhada de John.

— Sim, é verdade. Mas alguém tem que informá-los dos planos do governo.

— Seria muito fácil entrar e falar com ele.

- Entrar naquela porcaria? Raios, aposto contigo o que quiseses em como aquilo está cheio de viúvas negras. Dizem que estas barracas de adobe têm sempre viveiros de bicharada nas paredes, entre as raízes.

E quentes, Deus misericordioso, nem te digo! Eu garantiria que lá dentro aquilo é um verdadeiro forno. Olha, olha como o pequeno Fiawatha<sup>1</sup> está queimado. Completamente queimado.

Ri, limpa a cabeça e, quando a mulher olha para ele, pára de rir. Limpa a garganta, cospe para o pó do chão e dirige-se para o baloiço que o papá fez para mim, na árvore, e senta-se nele, balançando-se para trás e para diante e abanando-se com o Stetson.

Quanto mais penso no que ele disse, mais furioso fico. Ele e John continuam a conversar acerca da nossa casa e da aldeia e da propriedade e de quanto valem e fico com a impressão que estão a falar destas coisas junto de mim porque pensam que não sei falar inglês.

São, provavelmente, de qualquer lugar no Leste, onde as pessoas não sabem nada sobre os índios, senão o que vêem no cinema. Imagino como ficarão envergonhados quando descobrirem que percebo o que estão a

dizer.

Deixo-os dizer mais uma ou duas coisas sobre a

---

1 Chefe Indlo Mohawk que efectivou a contederação conhecida como as Claco Nações ou Liga dos Toqueses. (N. do T.)

casa e sobre o calor, depois, sela to-ue e digo ao gordo no meu melhor ingles deses que que a nossa cabana é provavelmente mais fresca! Sui qualquer das casas da cidade, muito mais fresca! Sei por experiência que 6 mais fresca que a escola que frequento e mesmo mais fresca que a sala de cinema em Dallas, que anuncia naquele cartaz, desenhado com letras que imitam pingentes de gelo, que «o interior está fresco»!

Vou dizer-lhes que entrem e que vou chamar o papá aos andaimes das cataratas, quando reparo que parece que não ouviram nada do que eu disse. Nem sequer estão a olhar para mim. O gordo continua a baloiçar-se, para trás e para diante, olhando, pelo cume de lava, para o sítio onde os homens estão nos andaimes das cataratas, silhuetas de camisas na neblina distante. De vez em quando, vemos alguém atirar um braço para a frente e avançar um pe, como um espa-dachim, e, depois, levantar a sua lança de cinco metros com um arpão na ponta, para que alguém no andaime superior retire o salmão saltitante. O gordo observa os homens, firmes no seu lugar, na cortina de quinze metros de água e pisca os olhos e solta grunhidos sempre que um deles tenta arpoar um salmão.

Os outros dois, John e a mulher, estão imóveis, ao seu lado. Nenhum dos três dá sinal de ter ouvido alguma coisa do que eu disse; voltam-me as costas como se desejassem que eu não existisse.

E tudo pára e fica assim suspenso durante um longo minuto.

I'enho a estranha sensação que o sol se toma mais brilhante diante daqueles três. Tudo o resto tem o aspecto normal: as galinhas a esgaravatar à volta na orva do telhado das casas de adobe, os gafanhotos sal. tando de moita para moita, as moscas em nuvens negras

zumbindo à volta dos estendedouros do peixe e os garotos que as tentam afugentar com ramos de arbustos

— como em qualquer dia de Verão. Excepto o sol naqueles três, muito mais brilhante do que normalmente, e, vejo... as costuras com que eles ligam os seus revestimentos e quase vejo, dentro deles, os aparelhos que

recebem as minhas palavras e as tentam colocar aqui

e ali, neste ou noutro local, e que, quando vêem que as palavras não têm qualquer lugar preparado, que não se adaptam, a aparelhagem rejeita-as e elas são expelidas como se nunca tivessem sido pronunciadas.

Enquanto isto se passa, estão os três imóveis. Até o baloiço parou, fixo, mas fora da vertical, com o homem gordo sentado nele, petrificado, como um boneco de borracha. Então, a galinha indiana do papá, que está nos ramos de zimbro, acorda, vê que temos estranhos nas proximidades e começa a ladrar-lhes como um cão e o feitiço desfaz-se.

O homem gordo dá um berro, salta do baloiço e desvia-se para o lado entre a poeira, segurando o chapéu à frente do sol para poder ver o que está ali no zimbro fazendo tal barulheira. Quando repara que é apenas uma galinha pintada, cospe para o chão e põe o chapéu.

- Eu, pela minha parte, sinto sinceramente - diz ele — que seja qual for a oferta que façamos por esta... metrópole, será mais do que suficiente.

—Talvez. Mas continuo a pensar que devíamos fazer o possível por falar com o Chefe...

A mulher idosa interrompe-o, dando um enérgico passo em frente.

—Não — foi a primeira vez que falou - Não.

- repete ela com uma expressão que me fez lembrar a enfermeira-chefe. Levanta as sobrancelhas e observa

o local, Os olhos saltam investidos da eros numa caixa registadora. Olha para os de e abana mamã, cuidado samente estendidos na corda e abana a cabeça.

- Não. Não falamos hoje com a Chefe. Ainda não.

Acho que... desta vez concorao com Breckenridge. Mas por uma razão diferente. Lembra-se que no relatório que temos consta que a mulher dele não é índia mas branca? Branca. Uma mulher da cidade. Chama-se Bromden. Ele é que recebeu o nome dela e não ela o dele. Sim, julgo que se partirmos já e voltarmos à cidade e, naturalmente, espalharmos a notícia dos la-nos do governo de forma que eles percebam as vantagens de terem uma barragem hidroelétrica e um lago, em vez de um amontoado de barracas junto às cata-ratas, e depois dactilografamos uma proposta e a enviarmos pelo correio à mulher, estão a ver, por engano, julgo que tornaremos o nosso trabalho muito mais fácil.

Olha para os homens nos frágeis andaimes em ziguezague, que têm aumentado ao longo de centenas de anos, na parede rochosa das cataratas.

— Ao passo que, se encontrarmos agora o marido e lhe fizermos qualquer proposta inesperada, arriscamo-nos a ter que lutar contra essa incrível teimosia dos Navajos e o seu amor pelo... receio que temos de chamar a isto um lar.

Começo a dizer-lhe que ele não é Navajo, mas para quê, se não me ouvem. Nem se interessam em saber qual é a tribo.

A mulher sorri e acena aos dois homens, um sorriso e um aceno para cada um, e, com os olhos, chama-os e dirige-os rapidamente para o carro, falando alegremente e com uma voz jovem.

— Como o seu professor de sociologia costumava acentuar, «Há sempre alguém em todas as situações cuja força não se deve subestimar.»

Regressam do carro e partem e fico ali a pensar se eles ao menos me viram!

Eu estava como que espantado por me lembrar de tudo isto. Foi a primeira vez, no que me parece serem séculos, que fui capaz de recordar-me pormenorizadamente da minha infância. Fascinou-me descobrir que ainda era capaz de o fazer. Estava na cama, acordado, recordando outros acontecimentos, quando, mesmo na altura em que estava meio a sonhar, senti um ruído debaixo da

minha cama, como um rato a brincar com uma noz. Inclinei-me na beira da cama e vi o brilho de metal a cortar pedaços de pastilha elástica que eu tão bem conhecia. O preto chamado Geever descobriu onde eu as escondia e estava a retirá-las todas para um saco de papel, com uma comprida tesoura com as hastes abertas como bocarras.

Meti-me rapidamente por baixo dos cobertores. antes que ele me visse a espreitar. O coração batia-me nos ouvidos com me dee ele me tivesse visto. Queria dizer-lhe que desaparecesse, que se metess na sua vida que deixasse as minhas pastilhas elásticas, mas não podia sequer dar-lhe a entender que o tinha ouvido.

Permaneci imóvel, para verificar se ele me tinha apanhado a espreitar debaixo da cama, mas ale nao deu qualquer sinal. A única coisa que ouvi foi o zzzt-zzzt da tesoura, e os pedaços caindo no saco faziam-me lembrar o granizo a cair no telhado revestido de papel alcatroado da nossa casa. Deu um estalo com a língua e começou a falar sozinho.

— Umm-ummm. Deus todo-poderoso. Hiii. Quantas vezes este gajo não teria mascado algumas destas par eMurphy ouviu o preto a falar sozinho e acon. dou, soerguendo-se sobre a horas de o para ver o que esta a ele a fazer a esta hervou o noite, de Joelhos, debaixo da minha cama. oitovou a preto durante um longo minuto, esfregou os cotes para ter a cortez que estava a ver bem, como costumamos ver as crianças a fazer, e pôs-se completamente sentado.

— Eu seja um filho da puta se ele não anda aqui a brincar às escuras com uma tesoura e um saco de papel, às onze e meia da noite — o preto deu um salto e dirigiu o feixe de luz da lanterna para os olhos de McMur-phy — diz-me lá, escarumba, que diabo andas a colec-cionar a coberto da noite?

—Volte a deitar-se, McMurphy. Isto só a mim diz respeito.

McMurphy abriu os labios num sorriso mas não fugiu com os olhos à luz. Depois de manter a lanterna apontada para os olhos de McMurphy para aquela cicatriz baça, para aqueles dentes e para a pantera tatuada no ombro, durante meio minuto, o preto ficou enervado e desviou-a. Voltou a dobrar-se recomeçando o trabalho,

resmungando e bufando, como se aquilo, retirar as pastilhas elásticas secas, fosse um trabalho muito violento.

— Um dos deveres dos auxiliares da noite - explicou entre as resmungadelas, tentando mostrar-se amigável — é conservar a área das camas limpas.

— No pino da noite?

— McMurphy, temos um papel no quadro a que chamam Descrição dos Trabalhadores que diz que a limpeza é um trabalho de vinte e quatro horas por dia!

— Podias fazer o teu trabalho de vinte e quatro horas antes de nos deitarmos, não achas? Por exem-

plo, se tu ficasses lá fora a ver televisão até às dez

e meia. A velha senhora Ratched sabe que vocês vêm televisão durante a maior parte do turno? O que achas que ela faria se ficasse a saber? Batia ao de leve com a lanterna nos dentes, sorrindo e dando umas garga-

Thadas abafadas. A luz iluminando-lhe a cara, fa-la parecer uma lanterna de abóbora oca.

-Bem, deixe-me contar-lhe o que se passa com estas pastilhas elásticas — disse e inclinou-se para McMurphy, como se fossem velhos amigos. - Está a ver, durante anos que me venho interrogando onde consegue o Chefe Bromden arranjar as suas pastilhas elásticas — nunca teve dinheiro para gastar na cantina, nunca ninguém, que eu visse, lhe deu uma pastilha, nunca as pediu ao Relações Públicas. Por isso, vigiei-o e esperei. E olhe agora para aqui — voltou a ajoelhar-se, levantou a colcha e com a lanterna iluminou a cama por baixo. — Que me diz a isto? Aposto que há aqui pastilhas elásticas que já foram usadas mil vezes.

McMurphy achou piada. Começou a rir-se com o que via. O preto levantou o saco e sacudiu-o para se ouvir o ruído das que estavam lá dentro e tornaram a rir-se. O preto deu boa-noite a McMurphy, enrolou a parte superior do saco, como se fosse o seu almoço, e saiu para escondê-lo em qualquer parte.

- Chefe - segredou McMurphy — quero que me digas uma coisa. - E principiou a cantar uma pequena canção de lenhadores



que fora bastante popular ha muito tempo. - Oh, a hortelã-pimenta perde o sabor durante a noite colada ao pé da cama?

A princípio, comecei a ficar mesmo zangado. Pensei que ele estava a gozar como todos os outros.

— Quando a meteres na boca da manhã, — canta. rolava ele, baixinho — não estará muito dura para ser mascada ?

Mas, quanto mais pensava naquilo, mais piada lhe achava. Tentei dominar-me, mas sentia que ia rebentar a rir — não da canção de MoMurphy, mas de mim próprio.

— Esta dúvida apoquentame, não quererá ninguém dar-me uma explicação? A hortelã-pimenta perde a sabor colada ao pé da cama durante a noiiite?

Ele sustem a última nota durante uns momentos e faz-me cócegas com ela como com uma pena. Não consegui evitar e comecei a rir-me abafadamente e recei desatar às gargalhadas e não ser capaz de parar. Mas, nesse momento, McMurphy saltou da cama e começou a procurar qualquer coisa na mesa de cabeceira e eu calei-me. Cerrei os dentes, perguntando-me o que deveria fazer agora. Passara-se muito, muito tempo desde que alguém me ouvira emitir qualquer som que não fossem uns grunhidos ou rugidos. Ouvi-o fechar a mesa de cabeceira, com um som como o de uma porta de caldeira e ouvi-o dizer, «Toma», e qualquer coisa caiu na minha cama. Uma coisa pequena, do tamanho de uma cobra ou de um lagarto...

— Sumo de Frutas é o melhor que te posso arranjar agora, Chefe. Ganhei esta caixa ao Scanlon a atirar moedas. — E voltou a meter-se na cama.

E, sem reparar no que estava a fazer, eu disse-lae, «Muito obrigado».

Ele não disse nada na altura. Estava apoiado no cotovelo a observar-me, coma olharia para os pretas, a espera que eu dissesse mais alguma coisa. Apanhei

a caisa de pastilhas elásticas, levantei-a e repeti, «Obri-gado».

Não soava grande coisa porque a minha garganta estava enferrujada e a língua presa. Ele disse-me que eu parecia estar destreinado e riu-se. Tentei rir com ele, mas saiu-me um som falso,

como um frango a tentar cantar de galo. Soava mais a choro do que a riso.

Disse-me que não tivesse pressa, que podia estar ali até às seis e meia da manhã a ouvir-me se eu qui-zesse praticar. E acrescentou que um homem que tinha estado calado tanto tempo, havia com certeza de ter muito que dizer. E encostou-se no travesseiro, espe-rando. Durante um minuto, andei à procura de alguma coisa para lhe dizer, mas só me vinham à cabeça aquela espécie de ideias que um homem não pode dizer a outro porque soam mal postas em palavras. Quando viu que eu não era capaz de dizer nada, cruzou as mãos atrás da cabeça e começou ele a falar.

- Sabes, Chefe, estava a recordar-me de uma vez, la em baixo, no vale Willammette — andava a apanhar feijões nos arredores de Eugene e considerava-me feliz como um raio por ter conseguido o emprego. Estávamos no princípio dos anos trinta e, nessa altura, poucos garotos eram capazes de arranjar trabalho. Consegui-o, provando ao dono dos feijões que os podia colher tão depressa e tão bem como qualquer adulto. De qualquer modo, eu era o único miúdo nas filas de empregados.

À minha volta só haviam adultos. Depois de tentar uma vez ou duas falar com eles, vi que não estavam dispostos a conceder-me a mínima atenção — era apenas um miúdo magricela, sardento e ruivo. Não voltei a dirigir-lhes a palavra. Fiquei tão irritado com eles por não me prestarem atenção que permaneci mudo durante as quatro semanas em que apanhei feijões naquele campo,

lado a lado com eles, ouvindo-os falar deste tio ou daquele primo, ou, quando algum faltava ao trabalho, cortarem-lhe na casaca. Quatro semanas, sem que da minha boca saísse um pio. Até que meu Deus, pensei que eles se tivessem esquasede-eles tiu podia falar, os bastardos dos velhos botas delimico. Esperei pla mitha vez. Quando chegou lhes mu dia de trabalho, falei pelos cotovelos e disse-lhes que espécie de tipos nojentos eles eram. Disse a cada um o que os outros disseram deles quando tinham faltado ao trabalho. Ena!

Como eles me ouviram com atenção! No fim, começaram a discutir uns com os outros e armaram um tal pé-de-vento que eu

perdi os dois tostões por quilo de bónus que me eram devidos por não ter faltado «um único dia» ao trabalho. E isto porque eu já tinha má reputação na cidade e o dono do campo de feijões atribuiu-me as culpas da zaragata, embora não o pudesse provar. Também o insultei. Não ter ficado com a boca fechada, daquela vez, custou-me pelo menos vinte dólares. Mas valeu a pena.

Riu-se para si próprio, baixinho, recordando, depois, virou a cabeça no travesseira e olhou para mim.

- Estava a pensar, Chefe, se te estás a preparar para o dia em que decidires cair-lhes em cima.

— Não - respondi. — Não serei capaz.

- Não podem dizer-lhes o que sabes e o que pen-sas?!! E mais fácil do que julgas.

- Iu és... muito maior e mais duro do que eu  
m murmurei.

— Como é isso, Chefe? Não te percebo.

Engoli com certa dificuldade um pouco de saliva.  
fazê-lo.

—Tu és maior e mais duro do que eu. Tu podes fazê-lo

—Eu? Estás a brincar? Com um raio, olha para ti! Ninguém na entermaria chega com a cabeça ao teu queixo. Não há homem nenhum na enfermaria que não sejas capaz de dobrar e fazer em pedaços. Isto é um facto!

—Não! Sou muito, muito pequeno. Dantes, era grande, mas agora não. Tu tens o dobro do meu tama-nho.

— Rapaz, estás louco, não estás? A primeira coisa que vi quando ca entrei, foste tu, sentado naquela cadeira, grande como uma danada montanha. Estou-te a dizer que vivi em Klamath no Texas, em Oklahoma e em toda a parte em redor de Gallup, e juro-te que és o maior índio que vi até hoje.

— Sou das gargantas do Columbia - expliquei-lhe e ele esperou que eu continuasse. - O meu pai era um Chefe autêntico e o seu nome era Tee Ah Millatoona.

Significa O-Pinheiro-Mais-Alto-Da-Montanha, e nós não vivíamos numa montanha. Ele era mesmo grande quando eu era miúdo. E a minha mão tinha o dobro do tamanho dele.

- Tiveste uma senhora mae que devia ser maior que um alice. Qual era a altura dela?

-Oh... grande, grande.

— Quero dizer, quantos metros e centímetros?

— Metros e centímetros? Numa feira houve um tipo que a avaliou em um metro e setenta e cinco e Sessenta quilos de peso, mas ele só a viu uma ver. Ela continuou sempre a crescer.

— Sim? Quanto mais?

— Mais do que o meu papá e eu juntos!

— Cresceu de um dia para o outro, hem? Bem, essa é nova para mim, nunca ouvi falar de uma índia que fizesse nada parecido.

—Ela não era índia. Era uma mulher da cidade, de Dales.

—E como se chamava ela? Bromden? Sim, estou a ver, espera um instante. — Pensa durante algum tempo e diz. — Quando uma mulher da cidade casa com um índio está a casar com alguém que lhe é infe-rior, não é assim? Sim, agora já percebi.

- Não. Não foi bem ela que o fez pequeno. Todos se esforçaram por destruí-lo, porque ele era grande e não cedia e fazia o que the agradava. Procuraram todos destruí-lo, como fazem agora contigo.

- Eles, quem, Chefe? — perguntou em voz baixa, subitamente sério.

-O Sistema. Esforçou-se durante anos por des-truí-lo. Ele era tão grande que resistiu ainda algum tempo. O Sistema queria que vivêssemos em casas desenhadas por eles e que eles inspecionariam. Queriam tomar conta das cataratas. O Sistema actuava também dentro da tribo, havia alguns que trabalhavam para ela e que ajudavam a destruir o meu papá.

Uma vez, na cidade, deram-lhe uma sova e cortaram-

-lhe o cabelo rente. Oh, o Sistema é poderosa... muito poderosa. Ele resistiu durante muito tempo até que a minha mãe o tornou demasiado pequeno para poder continuar a luta e ele desistiu.

McMurphy manteve-se silencioso durante muito tempo depois disto. Então apoiou-se num cotovelo, olhou para mim e perguntou-me porque razão lhe tinham dado uma sova naquela ruela e eu expliquei-lhe que eles the quiseram mostrar que lhe aconteceria muito pior se não assinasse os papéis dando tudo ao governo.

— Que queriam que ele desse ao governo?

— Tudo. A tribo, a aldeia, as cataratas...

-Já me lembro: estás a falar das cataratas onde os índios costumavam arpoar o salmão - há muito, muito tempo. Mas parece-me que a tribo recebeu em troca um monte de dinheiro.

— Isso foi o que eles lhe disseram. E ele respondeu,

«Como podem vocês pagar a maneira como um homem vive?». E disse, «Como podem vocês pagar o que um homem é?». Eles não perceberam. Nem sequer a tribo percebeu. Ficaram todas à frente da nossa porta, segurando aqueles cheques, e queriam que ele lhes dissesse o que deviam fazer. Insistiam para que ele investisse o dinheiro por eles, que lhes dissesse para onde deviam ir e se deviam comprar uma herdade. Mas ele estava já demasiado pequeno. E estava bêbado, também. Eles não podem permitir que alguém tão grande como o papá ande por aí, a não ser que se trate de um deles.

Estas a perceber, agora?

- Sim, acho que percebi.

- Por isso, não devias ter partido a janela. Agora sabem que és grande. Agora têm que destruir-te.

— Como se rebenta com um cavalo, hem?

- Não, não. Ouve. Eles não te vão destruir assim, usarão processos contra os quais não te podes defender!

Instalam coisas. Começam logo que vêem que vais ser grande e continuam o trabalho instalando a sua nojenta maquinaria para te tornarem pequeno e continuam, sem-pre, sempre, sempre, até estares destruído!

— Tem cuidado, parceiro, Shhhhh.

— E se resistires, eles fecham-te em qualquer sitio e fazem-te parar...

— Cuidado, Chefe, cuidado. Acalma-te um pouco.

Eles ouvem-te.

Deitou-se e ficou imóvel. Notei que a minha cama estava quente. Ouvi o ruído das solas de borracha

quando o preto se aproximou sorva manterna eléctrica, a ver o que era o barulho. Conservamo-nos imóveis at, ele se ir embora.

—Para o fim, a única coisa que ele fazia era beber — segredei. Agora não conseguia parar, até acabar de dizer-lhe o que pensava de tudo isto. — E, a última vez que o vi, no bosque de cedros, já a bebida o tinha cegado, e cada vez que levava a garrafa à boca não era ele que a esvaziava, mas sim a garrafa que o sugava a ele, até que ficou tão enrugado, esquelético e amarelo, que nem os seus próprios cães o conheciam, e tivemos que o levar do bosque de cedros numa carri-nha, para um lugar em Portland, para morrer. Não estou a dizer que eles o mataram. Não o mataram.

Fizeram qualquer coisa mais.

Sentia-me terrivelmente ensonado. Não me apetecia falar mais e tentei recordar-me do que acabara de dizer e não me pareceu que era aquilo que queria dizer.

— Tenho estado a dizer disparates, não é?

— Sim, Chefe — ele virou-se na cama — tens estado a dizer disparates.

—Não era isto que eu queria dizer. Não consigo explicar tudo. Não faz sentido.

— Não disse que não fazia sentido, Chefe, apenas disse que eram disparates.

Conservou-se tanto tempo calado que julguei que tivesse adormecido. Gostava de lhe ter dado boa-noite.

Olhei para ele e vi que estava de costas para mim.

Tinha um braço fora da colcha e via-lhe os ases e oitos tatuados. E grande, pensei, grande como grandes eram os seus braços quando jogava futebol. Apetecia-me tocar naquele braço em que ele tinha a tatuagem para ver se ele ainda estava vivo. Está tão quieto, disse para

mim mesmo, tenho que tocar-lhe para ver se ainda está vivo...

E uma mentira. Sei que ele ainda está vivo. Não é por isso que quero tocar-lhe.

Quero tocar-lhe porque ele é um homem.

É também uma mentira. Há por aí outros homens.

Podia tocar-lhes.

Quero tocar-lhe porque sou também um desses pervertidos!

Mas, também isto é mentira. Há um medo a esconder-se dentro de outro medo. Se eu fosse um prevertido também queria fazer outras coisas com ele. Quero tocar-lhe apenas por ele ser quem é.

Mas, quando estava quase a tocar naquele braço, ele disse, «Diz-me, Chefe», rola para o meu lado, com os cobertores, encarando-me, «diz-me, Chefe, porque não vens amanhã connosco à pescaria?»

Não respondi.

- Vamos, que dizes. Acho que nos vamos divertir à grande. Sabes, aquelas duas tias que nos vêm buscar, bem, não são nada tias, não! Estão ambas a trabalhar como coristas e prostitutas em Portland, donde as conheço. Que dizes a isto?

Finalmente, informei-o que era um dos Indigentes.

-Es o quê?

—Sou um teso.

-Ah, -disse - sim, não tinha pensado nisso.

Calou-se novamente por algum tempo, esfregando com um dedo a cicatriz do nariz. O dedo parou. Levantou-se sobre o cotovelo e olhou para mim.

— Chefe - começou vagarosamente, olhando-me de alto a baixo. — Quando tinhas o teu tamanho todo, quando tinhas, digamos, dois metros, e pesavas à volta de cento e trinta quilos, eras suficientemente forte para,

supormos, levantar uma coisa do tamanho daquele painel de controlo da sala das tinas?

Pensei no painel. Provavelmente, não pesaria muito mais que os bidões que eu levantava no Exército. Disse que, possivelmente o faria, nesse tempo.

—Se tornares a ser novamente assim grande, poderás levantá-lo?

Disse-lhe que achava que sim.

—Para o Inferno com o que pensas. Eu quero saber se me prometes levanta-lo, no caso de eu te tornar grande como eras dantes. Se me prometeres isso, não só consegues o meu curso especial para a constituição de um corpo musculoso, de borla, como ainda apanhas uma pescaria de trezentos paus, grátis. Passou a

língua pelos lábios e deitou-se. - Trar-me-á, também a mim, boas possibilidades, aposto.

E ficou a rir de qualquer projecto que tinha. Quando lhe perguntei como me iria fazer grande outra vez, fez-me calar pondo um dedo na sua boca.

— Homem, não se pode espalhar um segredo destes.

Eu não te disse que te explicava como, disse? Bem, rapaz, soprar um homem até ele ficar do seu verdadeiro tamanho, é um segredo que não se pode partilhar com ninguém, seria um perigo nas mãos de um inimigo. Tu próprio, na maior parte do tempo, não saberás o que está a acontecer. Mas, dou-te a minha solene palavra: tu segues o meu programa e isso acontece.

Atirou as pernas para fora da cama e sentou-se na beira com as mãos em cima dos joelhos. A luz fraca que vinha da Salla das Enfermeiras, por cima do sem ombro, fazia-lhe brilhar os dentes e um dos olhos reluzia observando-me por cima do nariz. E a cega-rega, com aquela voz de leiloeiro, espalhou-se silenciosamente pelo dormitório.

-Vejam! Vejam! E o grande Chefe Bromden que desce a avenida — homens, mulheres e crianças giram nos calcanhares para o ver. Bem, bem, bem, que gigante é este aqui dando passos de três metros e baixando-se para não tocar nas linhas dos telefones? Vem com os seus passos ressoando na cidade, só presta atenção às virgens, as pegadas nem vale a pena porem-se na fila, a não ser que tenham tetas como melões e boas e fortes pernas, suficientemente compridas para se enrolarem à volta das suas robustas costas e vaginas aper-tadinhas, quentes, sumarentas e doces como mel.

Ele continua, no escuro, contando como vai ser, os homens fugindo assustados e as lindas raparigas correndo atrás de mim. Então, disse que ia imediatamente pôr o meu nome da lista da malta para a pes-caria. Levantou-se, pegou na toalha que tinha na mesa-de-cabeceira, enbrulhou-a em volta dos rins, pôs o gorro e ficou de pé junto à minha cama.

— Rapaz, sou eu que te digo, sou eu que te digo, terás montes de mulheres atrás de ti, levando-te ao tapete.



Repentinamente, atirou a mão e pegou nos meus cobertores puxando-os para o lado, deixando-me ali deitado e completamente nu.

— Olha para ali, Chefe. Ena! O que te dizia eu?

Já cresceste um bom palmo.

E, a rir, dirigiu-se ao longo das filas de camas para o átrio.

Vêm duas putas de Portland para nos levarem num barco a uma pescaria do alto! Custou-me muito ficar na cama até às seis e meia, quando se acenderam as luzes do dormitório.

Fui o primeiro a levantar-me e a sair do dormitório para ver a lista afixada no quadro, junto da Sala das Enfermeiras, para verificar se o meu nome estava realmente lá. INSCREVA-SE AQUI PARA UMA PESCARIA NO ALTO, era o título em grandes letras no topo do papel, e, depois, vinha a assinatura de McMurphy, em primeiro lugar, e o número dois era Billy Bibbit, logo a seguir a McMurphy. O número três era Harding, o quarto Fredrickson, e assim por diante até à linha dez na qual não estava ninguém inscrito.

Lá estava o meu nome, em último lugar, preenchendo a linha nove. Não havia dúvida que eu ia sair do hospital com duas galdérias num barco de pesca: tinha que repetir isto para mim próprio vezes sem conta para acreditar.

Os três pretos meteram-se à minha frente, leram a lista, com os seus dedos cinzentos, deram com o meu nome e voltaram-se para mim com um sorriso.

— Quem é que calculas que tenha assinado pelo Chefe Bromden para esta maluquice? Os índios não sabem escrever.

—Que é que te leva a pensar que os índios são capazes de ler?

A goma dos uniformes ainda estava fresca e tesa

àquela hora da manhã e os braços dos pretos resto-lhavam nas fardas brancas, como asas de papel, quando se mexiam. Fiz de conta que não os ouvia rir de mim, como se fosse surdo, mas, quando eles me meteram na mão uma vassoura para fazer o seu trabalho no átrio, virei hes as costas e regressei ao dormitório, dizendo de mim para mim, «Vão para o raio que os parta».

Um homem que vai a pesca com duas putas de Portland não é obrigado a aturar aquela merda.

Fiquei um bocado assustado por lhes ter virado assim as costas, porque nunca antes tinha ido contra as ordens dos pretos. Olhei para trás e vi-os vir atrás de mim com a vassoura. Eles teriam provavelmente entrado no dormitório e ter-me-iam apanhado se não fosse McMurphy: ele estava lá dentro fazendo uma tal barulheira, berrando de um lado para o outro, por entre as camas, batendo com uma toalha nos rapazes que se tinham inscrito para sair esta manhã, que os pretos acharam talvez que o dormitório não era um lugar seguro para se atreverem, apenas para arranjam alguém para limpar uns salpicos no átrio.

McMurphy tinha o gorro de motociclista bem puxado para a frente sobre o cabelo ruivo para se parecer com o capitão de um barco e as tatuagens que as mangas da sua camisola deixavam ver tinham sido feitas em Singapura. Gingava à volta da sala como se ela fosse o convés de um barco, assobiando com uma mão na boca, a imitar o apito de um contramestre.

— Todos ao tombadilho, malta, todos ao tombadi-lho, ou façovos passar por baixo da quilha, da proa até à ré!

Pôs-se a tamborilar com os nós dos dedos na mesa-de-cabeceira da cama de Harding.

—Já são seis horas e tudo vai vem. Pimes no rumo. Todos ao convés. Vá, toca a mexer.

Deu por mim na porta e apressou-se para me dar uma paimada nas costas, como se fosse um tambor.

—Ohem aqui para o Grande Ohefe. Eis o exemplo de um bom marinheiro e pescador: a pé antes de nascer o sol, apanhando minhocas vermelhas para a isca.

Vocês, miserável bando de marujos de água doce, fariam melhor em seguir o seu exemplo. Todos ao tombadilho.

Hoje é o grande dia! Toca a sair da cama e vamos para o mar!

Os Agudos resmungaram e queixaram-se dele e da sua toalha e os Crónicos acordaram e olharam em redor, as cabeças azuis, devido à falta de circulação de sangue causada pelos lençóis estarem demasiado apertados no peito, concentrando em mim os olhares frouxos e lacrimejantes, os rostos tristonhos e curiosos.

Ficaram ali a ver-me vestir roupas quentes para o pas-seio, fazendo-me sentir pouco à vontade e um tanto culpado. Pressentiam que eu era o único Crónico que tinha sido escolhido para o passeio. Olhavam-me — velhotes grudados há anos em cadeiras de rodas, com cateteres ao longo das pernas, como cepas que criaram raízes para o resto das suas vidas, ali mesmo onde estavam, observavam-se e sabiam, instintivamente, que eu ia à pescaria. E ainda se podiam sentir um pouco ciumentos por não serem eles a ir. Eles sabiam-no porque muito do que tinham de instintos humanos já havia sido substituídos pelos velhos instintos animais (às vezes, à noite, os velhos Crónicos acordam subitamente, antes que mais alguém saiba que morreu um tipo no dormitório, deitam as cabeças para trás e começam

a uivar), mas sentiam-se ciumentos porque ainda lhes restava um pouco de instinto humano para se conseguirem lembrar.

McMurphy saiu para dar mais uma olhadela à lista e regressou tentando convencer mais algum Agudo a assinar, seguindo pela fila de camas e dando pontapés nas que ainda estavam ocupadas com tipos que tinham as cabeças debaixo dos lençóis, dizendo-lhe que coisa boa era estarem lá fora mesmo no meio do tem-poral, o mar rugindo à volta, as ondas fazendo dançar o barco, e uma garrafa de rum.

—Vamos, vadios, preciso de mais um imediato para completar a tripulação. Preciso de mais um maldito voluntário...

Mas não conseguia convencer ninguém. A enfermeira chefe tinha assustado os restantes com as suas histórias acerca de o mar estar muito mexido ultimamente e de muitos barcos se terem afundado, e não parecia que conseguíssemos arranjar este último

membro da tripulação, até que, meia-hora depois, George Sorensen veio ter com McMurphy na bicha para o pequeno almoço na qual estávamos à espera que abrissem a porta do refeitório.

O velho e enorme Sueco, desdentado e anguloso, a quem os pretos chamavam o George Esfrega-Esfrega, por causa da sua mania da limpeza, atravessou o átrio arrastando os pés, inclinándose bem para trás para que os pés estivessem sempre à frente da cabeça (man-tém-se assim inclinado para a retaguarda para ficar com a cara o mais possível afastada do tipo com quem falia), parou à frente de McMurphy e murmurou qualquer coisa, pondo as mãos na boca. George era muito tímido. Não se lhe podiam ver os olhos porque estavam muito encovados por baixo da testa e tapava quase o casto da cara com minho de corvo, da mão. A banana a cabeça como um ninho de ovo, oscilando no cimo do seu pescoço que parecia um mastro. Segredou até McMurphy se ter finalmente aproximado e afastado a mão para as palavras poderem passar.

— Bem, George, que estavas a dizer?

- Minhocas vermelhas — estava ele a dizer - não me parece que te sirvam de alguma coisa... pelo menos com o Chin-nook 1.

— Sim? - respondeu McMurphy. - Minhocas vermelhas? Pode ser que concorde contigo, George, se me disseres o que é que há com essas minhocas vermelhas de que estás a falar.

- Pareceu-me que te ouvi dizer, há pouco, que o sr. Bromden estava lá fora à procura de minhocas vermelhas para isca.

— E verdade, Pop, lembro-me de o ter dito.

—E por isso que te estou a dizer que não deves ter muita sorte com essas minhocas. Este mês costuma soprar um Chin-nook forte...é verdade. O que precisas é de arenques. É verdade. Arranja arenques e usa-os como isca e então terás a sorte pelo teu lado.

Levanta a voz no fim de cada frase - la-do — como se estivesse a fazer uma pergunta. O queixo grande, tão escanhado esta manhã que tinha a pele arrancada, moveu-se para baixo e para cima, para McMurphy, uma ou duas vezes, depois voltou-se em direcção ao fim da bicha no fundo do átrio. McMurphy chamou-o.

---

1 (Nome tirado de uma tribo de índios norte-americanos), Vento quente e seco que se faz sentir nalguns pontos da costa Oeste dos Estados Unidos. (N. do T.)

—Espera um instante, George. Falas como se percebesses um bocado deste negócio da pesca.

George virou-se e arrastou-se novamente para junto de Mourplay, tão inclinado para trás que até parecia que os pés lhe fugiam debaixo do corpo.

-Bem podes apostar que sim. Durante vinte e cinco anos trabalhei com os arrastões de Chinook, por toda a parte desde Halli Moor Bay até Puget Sound.

Durante vinte e cinco anos pesquei — antes de ter ficado tão sujo.

Levantou as mãos para nós lhes vermos a sujidade.

Todos os que estavam próximos se inclinaram para olhar. Não lhe vi a porcaria, mas vi as cicatrizes profundas marcadas nas palmas brancas, de puxar milhares de quilómetros de linha de pesca. Deixou-nos olhar para elas durante um minuto, depois, fechou-as, reti-rou-as e meteu-as no casaco do pijama, como se as pudessemos sujar com a vista, e ficou ali a rir-se desajeitadamente para McMurphy com as gengivas cor de carne de porco em salmoura.

- Eu tinha um bom arrastão, de doze metros de comprimento e três e meio de calado, feito de uma sólida teca e de um bom carvalho. - Inclina-se para trás e para diante para nos fazer crer que o soalho estava a baloiçar. — Era um belo barco, meu Deus!

Começou a voltar-se, mas, novamente, McMurphy reteve-o.

— Mas que raio, George, porque não nos disseste que tinhas sido pescador? Tenho andado a falar deste passeio como se eu fosse o Velho Lobo do Mar, mas, aqui só para nós, o único barco em que pus os pés foi o couragado Missouri e a única coisa que sei de peixes é que gosto mais de os comer que de os amanharr.

— Amanhar é fácil, qualquer pessoa te pode enenhar.

-Por amor de Deus, George, vais ser o nosso capitão. Nós seremos a tua tripulação.

George recuou uns passos, abanando a cabeça.

— Aqueles barcos são horivelmente sujos... é tudo horivelmente sujo.

—Que se lixe isso! Arranjamos um barco especialmente esterilizado da proa à popa, esfregado e limpo como a dentadura de um galgo. Não te sujarás, George, porque serás o capitão. Nem sequer terás que iscar um anzol: serás apenas o nosso capitão e darás ordens a este grupo de estúpidos marujos de água doce — que dizes a isto?

Pela maneira como remexia as mãos dentro da camisa, eu via que ele estava tentado a ir, mas continuou a dizer que não podia correr o risco de se sujar.

McMurphy fez o possível para o convencer, mas George estava ainda a abanar a cabeça quando a chave da enfermeira-chefe entrou na fechadura da porta do refeitório e ela apareceu, com a sua cesta de vime das sur-presas, distribuindo, automaticamente, a cada homem porque passava o seu sorriso e os bons-dias. McMurphy reparou na maneira como George se afastou dela, carregando o sobrolho. Depois da enfermeira passar, McMurphy inclinou a cabeça e deitou a George uma olhadela de entendimento.

— George, aquela conversa da enfermeira sobre o mar mau e o terrível perigo em que se pode transformar este passeio... que há acerca disso?

— Aqueles mares podem ser terrivelmente maus, claro, terrivelmente mexidos.

McMurphy olhou para a enfermeira, desaparecendo no seu gabinete, e, depois, virou-se para George. Este começou a retorcer as mãos em volta da camisa, mais do que nunca, passeando o olhar pelos rostos silenciosos que o observavam.

— Jesus! - exclamou, subitamente. - Julgam que ela me assustou com aquilo do mar? E isso que pensam?

—Não, acho que não. George. No entanto, estava cá a pensar que se tu não vens connosco e se apanharmos uma dessas pavorosas tempestades, arriscamo-nos todos a perdermo-nos no

mar, sabes? Já disse que não percebo nada de navegação e vou-te dizer mais uma coisa: aquelas duas mulheres que nos vêm buscar, que eu disse ao médico que eram minhas tias, viúvas de pescadores, bem, o único cruzeiro que qualquer delas fez foi em terra firme. Numa emergência não serão mais úteis que eu. Precisamos de ti, George. - Puxou uma fumaça do cigarro e perguntou: — A proposito, tens dez notas?

George abanou a cabeça.

— Não, já esperava que não. Bem, que diabo, já ha alguns dias que me habituei à ideia de sair daqui.

Olha. — Tirou um lápis do bolso do seu casaco verde, limpou-o à fralda da camisa e estendeu-o a George.

- Tu vais comandar-nos e deixamos-te ir por cinco dólares.

George tornou a correr o olhar para nós, franzindo a enorme testa, pensando na proposta. Finalmente, abriu a boca num sorriso, mostrando as gengivas e pegou no lápis. «Com mil diabos!», exclamou e dirigiu-se com O lápis para o quadro para assinar o último lugar da lista. Depois do pequeno-almoço, passeando pelo átrio, McMurphy parou junto ao quadro e, atrás do nome de George, escreveu CAPITÃO.

As pritas estavam atrasadas quios começavam a pensar que elas não apares come un M u,

na janela, deu um grito e todos somemos para ver. Disso que eram elas, mas só viamos um carro, em vez dos dois com que estávamos a contar, e apenas uma mulher.

MaMurphy chamou-a através da rede quando ela parou no parque de estacionamento e ela dirigiu-se para a nossa enfermaria, cortando caminho por cima da relva.

Era mais nova e bonita do que esperávamos. Já todos sabiam que as raparigas eram putas e não tias, e estavam à espera de tudo. Alguns dos rapazes, religio-sos, não estavam muito satisfeitos com isso. Mas, ao vê-la atravessar a relva, num passo ligeiro, os olhos verdes sempre fixados na enfermaria, e o cabelo, enrolado numa comprida trança, caindo-lhe pelas costas, subindo e descendo a cada passo, como fios de cobre brilhando ao sol, a única coisa em que pensávamos era que ela era uma rapariga, uma fêmea que não

estava vestida de branco da cabeça aos pés, como se estivesse coberta de gelo, e a maneira como ela ganhava dinheiro não fazia grande diferença.

A rapariga correu para a janela onde se encontrava McMurphy e enganchou os dedos na rede, puxando-se para cima. Estava ofegante do esforço da corrida e a cada suspiro parecia ir passar através do entrançado da rede. Choramingava.

-McMurphy, oh, meu danado McMurphy...

—Deixa lá isso. Onde está Sandra?

— Foi apanhada, homem, não pôde vir. Mas tu, meu danado, estás bom?

—Foi apanhada?

— Para dizer a verdade - limpou o nariz e soltou uma risada — a velha Sandy casou-se. Lembras-te do Artie Gilfillian, de Beaverton? Aquele que costumava

aparecer nas festas com umas coisas estúpidas: cobras, ratos brancos, e outras coisas que tais, que tirava dos bolsos? Um verdadeiro maníaco...

—Oh, meu doce Jesus! — remungou McMurphy.

— Como é que eu consigo meter dez tipos numa merda dum Ford, Candy querida? Como é que Sandra e o seu domador de cobrar de Beaverton pensam que eu me vou safar desta?

A rapariga parecia estar a pensar numa resposta quando o alto-falante do tecto deu sinal de si e a voz da enfermeira-chefe disse a McMurphy que se queria falar com a sua amiga seria melhor que ela se dirigisse à porta principal em vez de perturbar todo o hospital. A rapariga largou a rede e dirigiu-se para a entrada principal e também McMurphy se afastou da janela e deixou cair numa cadeira, no canto, a cabeça pendendo sobre o peito. «Que grande chatice!», mur-murou.

O preto mais pequeno deixou entrar a rapariga na enfermaria e esqueceu-se de fechar a porta atrás dela (vai dar sarilho, aposto), e ela entrou, meneando-se, passou pella Sala das Enfermeiras, onde todas as enfermeiras tentavam gelar os seus meneios, dirigindo-lhe olhares glaciares, e entrou na sala-de-estar, alguns passos a frente do médico. Este dirigia-se para a Sala das Enfermeiras com alguns



papéis e olhou para ela, depois para os papéis e, finalmente, para ela e pegou desajeitadamente nos óculos com ambas as mãos.

Ela parou no meio da sala de estar e verificou que estava rodeada por quarenta homens de olhar esga-zado vestidos de verde e o silêncio era tal que se podia ouvir os barulhos das barrigas, e, na fila de Crónicos, os cateteres dando estalidos.

Ela teve que estar ali durante um bom minuto d procura de MoMurphy, por isso to os observavam bern.

Havia uma nuvem de fumo azul pairando no teoto por cima da sua cabeça: penso ando os aparelhos arderam por toda a enfermaria, tentando ajustar-se a ela e ao seu aparecimento espectacular - fizeram-lhe leituras electrónicas e calcularam que não tinham sido fabricados para aguentar algo como isto na enfermaria e arderam, pura e simplesmente, como máquinas, suici-dando-se.

A rapariga vestia uma camisola como a de McMur-phy, mas muito mais pequena, sapatos de ténis brancos e calças Levis em franjas acima do joelho para dar circulação aos pés e aquilo não parecia ser roupa suficiente, se considerarmos o que tinha de cobrir. Ela já deve ter sido vista com muito menos roupa por muitos homens, mas, na circunstância, começou a sentir-se pouco à vontade, como uma colegial no palco.

Ninguém falou enquanto a observavam. Martini segredou que se podia ler as datas das moedas nos bolsos das Levis, tão apertadas estavam, mas ele estava mais perto e conseguia ver melhor que nós.

Billy Bibbit foi o primeiro a pronunciar qualquer coisa audível, não exactamente uma palavra, mas um assobio, baixo, quase penoso, que a descrevia como tendo muito melhor aspecto que qualquer outra pessoa.

Ela riu-se e agradeceu-lhe e ele ficou tão vermelho que ela corou com ele e voltou a rir-se. Isto pôs tudo em movimento. Os Agudos dirigiam-se para ela tentando falar-lhe todos ao mesmo tempo. O médico puxava o casaco de Harding, perguntando quem era aquilo.

McMurphy levantou-se da cadeira e atravessou a pequena multidão, dirigindo-se a ela e quando a rapariga o viu atirou-lhe os

braços ao pescoço, dizendo:

«Oh, meu danado MaMurphy», e sentiu-se embaraçada e corou novamente. Quando ficava vermelha, não parecia ter mais de dezasseis ou dezassete anos, juro que não parecia.

McMurphy apresentou-a e ela apertou as mãos de todos. Quando chegou a vez de Billy, tornou a agradecer-lhe o assobio. A enfermeira-chefe saiu, silencio-samente, do seu gabinete, sorrindo, e perguntou a McMurphy como é que ele ia conseguir meter-nos, os dez, num carro e ele perguntou se podia pedir emprestado um carro do pessoal e ele próprio conduziria um carregamento e a enfermeira citou uma norma do regulamento que proibia isso, como aliás, todos sabiam que ela faria. Acrescentou que, a não ser que houvesse outro condutor para assinar o Termo de Responsabilidade, metade das pessoas tinham que ficar em terra.

McMurphy disse-lhe que isso lhe custaria cinquenta dólares para perfazer a diferença: teria que devolver o dinheiro aos tipos que não pudessem ir.

- Então, talvez - contrapôs a enfermeira - a viagem tenha que ser cancelada... e todo o dinheiro devolvido.

— Já aluguei o barco: o tipo já tem no bolso, neste momento, setenta dólares meus!

— Setenta dólares? Tanto? Pensei que você tivesse dito aos doentes que precisava de recolher cem dólares a juntar aos seus dez para financiar o passeio, sr. McMurphy.

— Era para a gasolina dos carros para a ida e a volta.

— Mas, isso não chegaria a trinta dólares, pois não?

Sorria amavelmente para ele, aguardando a resposta. Ele atirou os braços para o ar e fitou o tecto.

—Bolas, não perde nenhuma oportunidade, pois não, miss Promotora de Justiça? Claro, eu ficava Dora o que sobrade. Pensei que tinha direito dos rapazes não concorde. Pensei que tinha direito a algum pelo trabalho que tive para...

— Mas os seus planos não resultaram — disse ela, sorrindo-lhe, com a maior simpatia. — As suas pequenas especulações financeiras não podem ser todas êxitos, Randle, e, realmente, agora

que estou a pensar nisso, você já teve mais que a sua parte de vitórias. - Ela cismava, pensando nalguma coisa que eu sabia que ainda ouviríamos mais tarde. — Sim. Todos os Agudos da enfermaria preencheram notas de dívida para algum dos seus «negócios», uma vez por outra; por isso, não lhe parece que pode suportar perfeitamente esta pequena derrota?

Então, calou-se. Verificou que McMurphy já não a escutava. Estava a olhar para o médico. E este não tirava os olhos da camisola da rapariga, como se nada mais existisse. O rosto de McMurphy abriu-se num sorriso ao notar o êxtase do médico, e, puxando o gorro para a nuca, dirigiu-se lentamente para junto dele, assustando-o quando lhe pôs a mão no ombro.

—Por amor de Deus, doutor Spivey, nunca viu um salmão Chinook apanhado na linha? Um dos espec-táculos mais aterradores dos sete mares. Candy que-ridinha, porque não falas aqui ao médico acerca da pesca do alto e outras coisas mais...

Trabalhando em conjunto, McMurphy e a rapariga não precisaram de mais que dois minutos e o médico estava lá em baixo a fechar o seu gabinete, regressando logo a seguir, enchendo uma pasta de papéis.

—Este trabalho de papelada, bem o posso fazer no barco — explicou à enfermeira, e passou por ela tão

depressa que nem lhe deu possibilidades de responder, e o resto da tripulação seguiu-o, mais devagar, sorrindo para ela, ali, na porta da sala das Enfermeiras.

Os Agudos que não iam, juntaram-se na porta da sala-de-estar, dizendo-nos para não trazermos o peixe senão amanhã, e Ellis retirou as mãos dos pregos que as prendiam à parede e apertou a mão de Billy Bibbit e disse-lhe para ser um pescador de homens.

E Billy, olhando para os botões de latão das Levis da rapariga, que saía da sala, piscou-lhe o olho e disse-lhe para ir para o diabo com a sua história do pescador de homens. Veio juntar-se-nos na porta e o preto mais pequeno deixou-nos passar e fechou-a por trás de nós. E cá estávamos nós na rus. No Exterior.

O Sol espreitava por entre as nuvens e iluminava os tijolos dos canteiros de rosas do hospital. Soprava uma brisa ligeira, arrancando

as últimas folhas dos cas-tanheiros, amontoando-as, muito certinhas, junto à cerca de arame. Pousavam, uma vez por outra, pássaros castanhos na cerca: quando uma rajada de vento atirava as folhas contra a cerca, os pássaros voavam com o vento. Parecia, à primeira vista, que as folhas iam de encontro à cerca, transformando-se em pássaros e levantando vôo.

Estava um lindo dia de Outono, a cheirar a madeira queimada, cheio do barulho de crianças jogando futebol e lançando pequenos aviões e todos se deviam sentir felizes pelo simples facto de o desfrutarem. Mas nós mantivemo-nos num grupo silencioso, com as mãos enfiadas nos bolsos, enquanto o médico foi buscar o carro. Um grupo silencioso, observando as pessoas da cidade que passavam, de carro, para o seu trabalho, afrouxando a marcha para olharem estupidamente para os maluquinhos nos uniformes verdes. McMurphy notou

como estávamos embaranado e gracionou pôr-mos de melhor disposição, brinca na neira, esando com a rapar risi, mas, de uma certa maneira essa ainda nos 10. sentir pior. To votar para trás e diria fácil regressar a enfermaria, voltar para trás e dizer que tínhamos decidido que a enfermeira tinha razão: com um vento destes o mar devia estar muito mau.

O médico chegou e entrámos para os carros: eu, George, Harding e Billy Bibbit num carro, com MoMur-phy e a pequena Candy e Fredrickson, Sefelt, Scan-lon, Martini, Tadem e Gregory, seguindo-nos no carro do médico. Íamos todos terrivelmente calados. A uma milha do hospital, parámos numa bomba de gasolina, imitados pelo médico. Foi o primeiro a descer do carro e o empregado da estação de serviço apareceu, gin-gando, sorrindo e limpando as mãos a um trapo. Então, parou de sorrir e passou pelo médico para ver o que havia naqueles carros. Recuou uns passos, limpando as mãos ao trapo sujo de óleo, franzindo o sobrolho.

O médico segurou-lhe nervosamente na manga, puxou de uma nota de dez dólares e meteu-a na mão do homem, como se estivesse a plantar um tomateiro.

—Hum, pode encher os dois depósitos com normal? - perguntou. Estava tão nervoso por se encontrar fora do hospital

como nós. — Hum, pode ou não?

— Aqueles uniformes —disse o homem da estação de serviço, — são do hospital à beira da estrada, não são? — Olhava à volta a ver se havia alguma chave inglesa ou outra coisa em que pudesse pegar. Final-mente, dirigiu-se para uma pilha de garrafas vazias.

— Vocês são daquele manicómio!

O médico procurou desajeitadamente os óculos e olhou também para nós, como se só agora tivesse reparado nos uniformes.

—Sim. Quero dizer, não. Nós... eles são do mani-cómio, mas são empregados, não são internados, evi-dentemente. E uma equipa de trabalho.

O tipo estudou-nos atentamente e ao médico e afastou-se para segredar qualquer coisa ao colega que estava atrás, entre a maquinaria. Falaram durante um minuto e o segundo tipo gritou, perguntando ao médico que eramos nós e ele repetiu que eramos uma equipa de trabalho e desataram ambos à gargalhada. Pelo riso eu podia dizer que eles tinham decidido vender-nos a gasolina - provavelmente seria da pior, da mais suja e aguada e ao dobro do preço normal — mas isso não me fazia sentir melhor. Bem via que todos estavam aborrecidos. A mentira do médico fez-nos sentir pior que nunca — não por causa da mentira em si, mas da verdade.

O segundo tipo abeirou-se do médico, sorrindo.

—Disse que queria su-per, cavalheiro? Pois, tê-la-á. E não quer que verifiquemos os filtros do óleo e os limpa-pára-brisas? - Ele era maior do que o colega. Inclinou-se para o médico como se estivesse a partilhar um segredo. «Acredita, se eu lhe disser que oitenta por cento dos carros que andam nas estradas, segundo rezam as estatísticas, estão precisados de substituir os filtros de óleo e os limpa-pára-brisas?

O seu sorriso estava coberto de carvão de anos de tirar as velas com os dentes. Continuou inclinado para o médico, fazendo-o contorcer-se com aquele sorriso e esperando que ele admitisse que estava nas suas mãos.

«E como está a sua equipa de trabalha no que diz respeito a óculos de sol? Nós temos uns bons Polaroides.» O médico sabia que

ele o tinha nas mãos. Mas, no instante em que abriu a boca, pronto para desistir e responder com um «Sim, qualquer coisa», ouviu-se a chiadeira da capota va com as dobras drando-se para trás MeMurphy lutava com ad dobras da capota, Ben. trado puxá-las para trás mais depressa do que permita a velocidade do dispositivo. Todos podiam ver como ele estava furioso pela maneira como batia na capota e a empurrava no seu movimento lento: quando ela ficou no seu lugar, bem arrumada, ele saltou por cima da rapariga e da porta e dirigiu-se para os dois, colocando-se entre o médico e o empregado da estação de serviço, e, com um olho, fitou aquela boca preta.

—Pronto, Hank, levamos normal, como o doutor pediu. Dois depósitos cheios de normal. E é tudo. Que se lixe o resto da tralha. E temos um desconto de três cêntimos porque vamos num raio de uma expedição patrocinada pelo governo.

—Sim? Pensei que aqui o professor tinha dito que vocês não eram doentes?

—Ouve lá, Hank, não vês que foi só uma simples precaução para evitar que vocês se assustassem com a verdade? O médico não diria uma mentira dessas se se tratasse de doentes vulgares, mas nós não somos malucos vulgares: somos todos tipos sanguinários saídos da enfermaria dos loucos criminosos a caminho de San Quentin onde eles têm maiores facilidades para lidar connosco. Vês aquele miúdo de cara sardenta?

Agora, pode ser que tenha o aspecto de ter saído da capa do Saturday Evening Post, mas é um louco, um verdadeiro artista com a navalha, que já matou três homens. O que está ao lado dele é conhecido como Maluco Chefe dos Loucos e é imprevisível como um porco selvagem. Vês aquele matulão? E índio e já matou seis brancos à pancada com o cabo de uma picareta quando o tentaram enganar num negócio de

peles de ratos almiscarados. Levanta-te para que eles te passam ver, Chefe.

Harding espicaçou-me com o polegar e eu pus-me de pé dentro do carro. O tipo protegeu os olhos da luz e olhou para cima, para mim, e não disse nada.

— Sim, admito que é um mau grupo - continuou

McMurphy — mas trata-se de uma excursão planeada, autorizada e legalmente patrocinada pelo Governo e temos direito a um desconto legal, precisamente como se fossemos do FBI

O tipo voltou-se para McMurphy, que enganchou os polegares nos bolsos, baloiçando-se para trás, olhando para ele por cima da cicatriz do nariz. O tipo virou-se para verificar se o colega ainda estava junto do monte de garrafas vazias e sorriu para McMurphy.

—Um grupo de clientes duros, é o que queres dizer, Ruivo? Tão duro que é melhor não pisarmos o risco e fazermos o que nos pedem, não é assim? Bem, diz-me cá, Ruivo, porque razão te engavetaram? Por tentativa de assassínio do Presidente?

-Ninguém podia provar isso, Hank. Apanha-ram-me numa briga de vadios. Matei um homem na rixa, estás a ver, e fui apanhado pelo coice.

— Um desses assassinos com luvas de boxe, é isso que queres dizer, Ruivo?

—Não disse isso, pois não? Nunca me poderia habituar a essas almofadas que vocês usam. Não, não foi um grande acontecimento televisionado do Palácio dos Desportos: sou mais aquilo a que vocês chamam um pugilista de bairro de lata.

O tipo enganchou os polegares nos bolsos para tro-gar de McMurphy.

— Tu és mais o que eu chamo um aldabrão de bairro de lata.

— Ouve lá, eu não disse que aldrabar também não era uma das minhas habilidades, pois não? Mas quero que olhes para aqui.

— Pôs as mãos à frente da cara dele, muito perto, rodanão-as lentamente para cima, palma da mão e nós dos dedos. — Já alguma vez viste um tipo com as mãos assim escalavradas só com conversa fiada? Já viste, Hank?

Manteve aquelas mãos em frente da cara do tipo durante muito tempo, esperando para ver se ele tinha mais alguma coisa a declarar. O tipo olhou para as mãos, depois, para mim, e, novamente, para as mãos.

Quando se tornou claro que ele não tinha realmente mais nada para dizer, McMurphy afastou-se dele e dirigiu-se para o outro,

encostado à geleira dos refrescos, arrancou-lhe da mão a nota de dez dólares do médico e dirigiu-se para a mercearia, junto a estação de ser-viço.

—Vocês passem um talão da gasolina e mandem a conta para o hospital - gritou-lhes. — Vou utilizar esta nota para arranjar refrescos para os rapazes. Acho que vamos ficar com isso em vez dos limpa-pára-brisas e dos oitenta por cento dos filtros de óleo.

Quando regressou da mercearia, todos se sentiam arrogantes como galos de luta e davam ordens aos tipos da estação de serviço, mandando-os verificar a pressão do ar do pneu de reserva, limpar os vidros das janelas e aquela cagadela de pássaro no capot, se faz favor, como se fossemos os donos do espectáculo.

E quando o matulão não limpou o pára-brisas ao gosto de Billy, este chamou-o de volta.

— Não limpaste esta m-mancha aqui onde o moscardo se es-esborrachou.

— Isso não era um moscardo - respondeu ele de mau humor, raspando a sujidade com a unha — era um pássaro.

Do outro carro, Martini berrou que não podia ser um pássaro.

—Haveriam penas e ossos, se fosse pássaro.

Um tipo montado numa bicicleta parou para perguntar qual era a ideia de todos aqueles uniformes ver-des: algum clube? Harding ficou logo a ferver e respondeu-lhe.

—Não, meu amigo. Somos lunáticos do hospital, ali para cima, psico-cerâmicos, os vasos partidos da Humanidade. Quer que eu lhe decifre um Rorschach1?

Não? Tem que ir andando? Oh, foi-se embora. Que pena! — Virou-se para McMurphy. - Nunca tinha imaginado que as doenças mentais pudessem ter o aspecto do poder, poder. Pensa nisto: talvez quanto mais louco seja um homem mais poderoso ele se possa tornar.

Hitler é um exemplo. A beleza dá a volta ao miolo, não dá? Alimento para o espírito.

Billy furou uma lata de cerveja para a rapariga e ela embaraçou-o de tal maneira com o seu sorriso aberto e o «Muito



obrigado, Billy», que ele foi obrigado a abrir latas para todos nós.

Os dois tolos iam para cá e para lá no passeio, furiosos, as mãos atrás das costas.

Deixei-me ficar ali sentado, sentindo-me feliz, beberricando uma cerveja: podia ouvi-la descendo-me até ao estômago — zzzzzt zzzt, assim. Já me tinha esquecido que havia gostos e sons agradáveis como os de

---

1 Teste psicológico que consiste na interpretação de diferentes borrões, para processos de análise intelectual, emocional, de personalidade, etc. (N. do T.)

uma cerveja descendo pelas ochar ao xo. Tomei outra smande golada e comecei aestes em redor para ver que mais tinha esquecido nestes vinte anos.

— Rapaz! — gritou McMurphy, enquanto empurrava a rapariga do lugar do volante, apertando-a contra Billy. — Reparem como o Grande Chefe emborca aquela aguardente! — e apitar atrás de a torrente do tráfego, com o doutor a apitar atrás de nós para não perdermos o contacto.

McMurphy tinha-nos mostrado o que um pouco de coragem e atrevimento podiam conseguir e pensávamos que nos tinha ensinado como utilizá-los. Em todo o caminho até à costa divertimo-nos, fingindo ser cora-jasos. Quando, num sinal vermelho, as pessoas nos olhavam com curiosidade, à vista dos nossos uniformes verdes, fazíamos tal como ele, sentávamo-nos direitos e de peito levantado com ar de duros, fitando-as com um grande riso trocista até que os seus motores se iam abaixo, fechavam as janelas e ficavam para trás quando se acendia a luz verde, assustados com a presença, a menos de três passos de distância, de um bando de tipos duros, e sem qualquer auxílio nas proximidades.

E assim McMurphy nos levou, aos doze, para o oceano.

Penso que McMurphy sabia melhor do que nós que as nossas expressões de duros eram só fogo de vista, porque ainda não nos conseguia arrancar uma verdadeira gargalhada. Talvez ele não compreendesse porque razão não éramos ainda capazes de rir, mas

sabia que só se pode ser forte quando se vê o lado alegre das coisas. De facto, ele esforçava-se tanto por nos mostra

o lado alegre da vida, que eu ficava a imaginar se ele seria cego para o outro lado, se ele seria capaz de classificar aquela gargalhada ressequida que nos saía do fundo do estômago. T'alvez também os outros não fossem capazes de ver isto, como se se limitassem a sentir as pressões de diterentes feixes e frequências vindos de todas as direcções, apostados em nos empurrar ou dobrar, de uma maneira ou de outra, e sentir o Sistema a trabalhar — mas eu, eu era capaz de ver.

Assim como quando vemos as mudanças numa pessoa de quem estivemos afastados durante muito tempo, e as pessoas que contactam com ela todos os dias, ou dia sim, dia não, nada notam porque a transformação é gradual. Em lodo o caminho até à costa pude ver os sinais do que o Sistema havia realizado desde a última vez que eu tinha percorrido esta região, coisas como por exemplo — um comboio parando numa estação e despejando uma torrente de homens crescidos em fatos iguais e chapéus feitos em série, homens despejados ali como uma ninhada de insectos todos iguais, coisas meio-vivas saindo da última carruagem, depois o comboio segue, lançando o seu assobio eléctrico, prosseguindo a sua marcha na terra árida para depositar, la mais adiante, mais uma ninhada.

Ou coisas como cinco mil casas, todas iguais, todas feitas em série por uma máquina, estendendo-se ao longo das colinas fora da cidade, saídas da fábrica há tão pouco tempo, como se fossem um cordão de salsichas ligadas por avisos que dizem «UM NINHO NO LAR DO OESTE - SEM ENTRADA PARA VETERANOS DE GUERRA», um parque de jogos no sopé da colina afastado das casas, por detrás de uma cerca de arame em xadrez e um outro aviso onde se lê, «ESCOLA ST. LUKE PARA RAPAZES» — viam-se ali cinco mil

miúdos, vestindo calças versalas e veludo e camisas brancas por baixo de camisoras verdes, brincando a «estalar--chicote» num hectare de terreno de cascalho miúdo. A linha retorcia-se, agitava-se, ondulava como uma cobra e a cada estalo sala um miúdo do fina, man-dando-o a rolar contra a cerca, como uma erva daninha ao ser

arrancada. A cada impulso. E era sempre o mesmo miúdo, sempre, sempre.

Todos aqueles cinco mil miúdos viviam naquelas cinco mil casas, que pertencem àqueles tipos que sai-ram do comboio. As casas eram tão parecidas umas com as outras que, não poucas vezes, os garotos se enganavam e entravam em casas e famílias diferentes.

Nunca ninguém deu pelo troca. Comiam e iam para a cama. O único em que reparavam era no rapazinho no fim do chicote. Estava sempre tão arranhado e cheio de nódoas negras que parecia deslocado onde quer que entrasse. Não era uma criança capaz de acamaradar nem de rir. E muito difícil uma pessoa rir-se quando sente a pressão dos faróis de cada carro novo que passa, ou de cada casa nova.

— Nós até podemos arranjar um lobby<sup>1</sup> em Washington — dizia Harding — uma organização NAAIP<sup>2</sup>

Grupos de pressão. Grandes cartazes ao longo das estradas mostrando um esquizofrénico tagarela, manobrando uma máquina demolidora de prédios, com um letreiro

---

<sup>1</sup> Pessoa ou grupo de pessoas que procuram influenciar os legisladores. (N. do T.)

<sup>2</sup> Por analogia com NAACP (National Association fOr the Advancement of Colored, People), NAATP, National Asso-clation for the Advancement of Insane People (Associação Naclonal para o Progresso dos Cidadãos Doldos). (N. do I.)

bem legível a verde ou vermelho: «Empregue os Lou-cos». Temos um futuro cor-de-rosa, cavalheiros.

Atravessámos uma ponte sobre o rio Siuslaw.

Havia tanta humidade no ar que eu podia pôr a língua de fora e sentir no vento o cheiro do mar antes de o podermos avistar. Todos sabiam que estávamos a chegar e ninguém falou durante todo o caminho até às docas.

O capitão que nos devia levar tinha a cabeça calva de um brilho metálico cinzento, colocada sobre um pescoço preto de tartaruga como a torre do canhão de um submarino: o charuto apagado dependurado na boca dançava por cima de nós. Estava ao lado de MaMurphy no cais de madeira e olhava para o mar enquanto falava. Por trás dele, no cimo de uns degraus, estavam seis ou oito homens envergando camisolões de la grossa, sentados num banco na frente de uma loja de iscos. O capitão falava alto, meio para os vagabundos, de um dos lados, e meio para McMurphy, do outro, numa voz metálica que apontava para um ponto intermédio.

-Não me interessa. Disse-o especificamente na carta. Você não tem uma autorização de saída assinada a ilibar-me perante as autoridades, portanto, não saio.

— A cabeça redonda girava na torre da camisola, alve-jando-nos com aquele charuto. — Escute. Um grupo como esse no mar podia ir pela borda fora como ratos.

As famílias podiam processar-me e levar-me tudo quanto possuo. Não posso correr esse risco.

McMurphy explicou que a outra rapariga arranJaria todos esses papéis em Portland. Um dos tipos que

estavam encostados à loja de iscos, perguntou: «Qual outra rapariga? Aí a louraça não chega para vocês todos?». McMurphy não deu atenção ao tipo e continuou a argumentar com o capitão, mas via-se como aquela observação tinha perturbado a pequena. Aqueles tipos encostados à loja observavam-na de soslaio maliciosamente e inclinavam-se uns para os outros a segre-dar. Toda a nossa tripulação, até mesmo o médico, via isto e estávamos a começar a sentir-nos envergonhados por não fazermos nada. Já não éramos o grupo atrevido da estação de serviço.

Quando viu que não conseguia convencer o capitão, McMurphy desistiu de argumentar e virou-se duas ou três vezes, passando a mão pelo cabelo.

—Qual foi o barco que alugámos?

— Esse aí. O Lark. Ninguém põe os pés lá dentro até eu ter o documento assinado, ilibiando-me de res-ponsabilidades. Nem um único.

—Não tenciono alugar um barco para ficarmos aqui sentados todo o dia vendo-o baloiçar para baixo e para cima na doca - disse McMurphy. - Não tem um telefone ali no seu barracão dos iscos? Vamos lá esclarecer isto.

Subiram ruidosamente os degraus até à loja dos iscos e entraram, deixando-nos entregues a nós pró-prios, com aquele bando de vadios a mirar-nos, fazendo comentários, rindo-se da chacota e dando toques nas costelas uns dos outros. O vento fazia baloiçar os barcos nos seus ancoradouros, empurrando-os de encontro aos pneus molhados que se alinhavam ao longo da doca, provocando um ruído como se estivessem troçando de nós. A água chapinhava debaixo das pranchas e a tabuleta pendurada por cima da porta da loja dos iscos, onde se lia, «SERVIÇO DE MARINHAGEM - CAP.

BLOCK, PROP.», gemia quando o vento o fazia baloiçar nos pregos ferrugentos. Os mexilhões agarrados aos pilares, um metro e vinte fora da água, marcando a linha das marés, assobiavam e estalavam ao sol.

O vento arrefecera e tornara-se desagradável e Billy Bibbit despiu o casaco verde e cedeu-o à rapariga que o pôs por cima da fina camisola. Um dos vadios continuava a gritar, «Eh! Tu aí, Louraça, gostas de tara-dinhos como esses?» Os lábios dele eram cor de rim e, debaixo dos olhos, a pele era púrpura, no sítio onde o vento lhe fizera sobressair as veias. «Eh, tu aí, Lou-raça», chamava ele constantemente, numa voz cansada e aguda, «Eh, tu aí, Louraça... tu aí, Louraça... tu aí, Louraça...»

Chegámo-nos uns para os outros por causa do vento.

- Diz-me, Louraça, como foi que eles te enga-taram?

—Brr, ela não foi engatada, Perce, faz parte da cura!

— Isso é verdade, Louraça? Foste contratada como parte da cura? Tu al, Louraça.

Ela levantou a cabeça e deitou-nos um olhar em que perguntava onde estava aquele grupo de duros cheios de genica que ela vira e porque razão não diziam nada para a defender. Ninguém respondeu ao olhar.

Toda a nossa genica acabara de subir aqueles degraus com o braço por cima dos ombros do capitão careca.

Ela levantou bem a gola do casaco à volta do pes-cogo, cruzou os braços e afastou-se de nós ao longo da doca para o mais longe possível. Ninguém a seguiu.

Billy Bibbit sentiu um arrepio de frio e mordeu os lábios. Os tipos na barraca dos iscos segredaram mais qualquer coisa e deram vivas, voltando-se a rir.

- Pergunta-lhe, Perce... vá.

-Eh, Louraça, não conseguiste que eles assinassem uma autorização ilibando-te de problemas com as autoridades? A família pode processar, disseram-me eles, se algum dos rapazes cair à água e se afogar quando estiver no barco. Já pensaste nisso? Talvez seja melhor ficares aqui connosco, Louraça.

-Sim, Louraça, a minha família não te processa.

Prometo. Fica aqui com a gente, Louraça.

Imaginei que estava a sentir os pés molhados quando a doca mergulhava envergonhada na baía. Não estávamos preparados para andar cá fora com as pes-soas. Gostava que McMurphy regressasse e dissesse das boas àqueles tipos e que nos conduzisse de volta aonde pertencíamos.

O tipo com os lábios cor de rim fechou a sua navalha e levantou-se, limpando do colo as aparas de ma-deira. Começou a dirigir-se em direcção aos degraus.

«Vamos, Louraça, para que é que te queres sujar com esses palhaços?

Ela voltou-se e olhou para ele, do fundo da doca, depois para nós, e tudo indicava que estava a considerar a proposta, quando a porta da loja dos iscos se abriu e McMurphy apareceu, empurrando os vadios para passar pelo meio deles, descendo a escada.

— Toca a embarcar, está tudo arranjado. Está tudo pronto e há cerveja a bordo.

Deu uma palmada nas costas de Billy, imitou o apito de um barco e começou a soltar as amarras.

—O velho capitão Block ainda está ao telefone, mas partimos logo que ele venha. George, vamos lá a ver se consegues pôr o

motor a aquecer. Scanlon, tu e Harding desamarrem aquela corda. Candy! Que

estás a fazer aí fora? Vamos a isto, querida, vamos largar.

Entramos no barco de roldão, satisfeitos com tudo o que nos afastasse daqueles tipos alinhados junto à loja dos iscos. Billy pegou na mão da rapariga e ajudou-a a entrar a bordo. George estava na ponte, junto ao painel de instrumentos e apontava botões que McMurphy devia rodar ou carregar.

- Sim, estas cascas-de-noz, estes baloiços, como nós lhes chamamos — disse McMurphy - são tão fáceis de conduzir como um automóvel.

O médico hesitava antes de entrar a bordo e olhou na direcção da loja, onde se encontravam os vadios, prontos para descer os degraus.

— Não acha, Randle, que seria melhor esperar...até o capitão...

McMurphy agarrou-o pelas lapelas e içou-o positivamente da doca para o barco, como se ele fosse um rapazinho. «Sim, doutor, esperar até o capitão o quê?»

Começou a rir-se como se estivesse bêbedo, falando de um modo excitado e nervoso. «Esperar que o capitão saia dali e nos diga que o número do telefone que lhe dei é uma casa de putas de Portland? Nem pensar. Ouve, George, abre-me esses olhos. Toma conta desta coisa e põe-nos a mexer daqui para fora! Sefelt! Pega nessa corda e mexe-te. George, vamos.

O motor pegou e foi-se logo abaixo, voltou a pegar como se estivesse a limpar a garganta, e roncou no máximo.

—Hurra! Cá vai ele. Acelera-o, George, e todos preparados para repelir qualquer abordagem!

Uma mistura de fumo branco e água saíu ruidosamente da popa e a porta da loja abriu-se repentina-mente, aparecendo a cabeça do capitão que se ati-

rou para fora e pelos degraus abaixo como se estivesse a carregar não só o seu corpo mas também os dos outros oito tipos. Vieram trovejando ao longo da doca e estacaram na nuvem de espuma fervente que lhes envolvia os pés, enquanto George fazia

deslizar o barco para fora dos ancoradouros e rumávamos para o largo.

Uma volta súbita do barco fez cair Candy de joelhos e Billy estava a ajudá-la a levantar-se, tentando pedir desculpa pela maneira como se tinha portado na doca. McMurphy desceu da ponte e perguntou-lhes se não queriam ficar sozinhos para falarem dos velhos tempos e Candy olhou para Billy e a única coisa que ele conseguia fazer era abanar a cabeça e gaguejar.

McMurphy disse que, nesse caso, seria melhor ir com Candy lá abaixo verificar se havia fendas no casco e o resto da malta ficava um bocado à vontade. Perfilou-se na porta da cabina, fez continência e piscou o olho, apontou para o capitão George e para o segundo-

-comandante Harding, dizendo, «Vamos a isto, cama-radas» e seguiu a rapariga para dentro da cabina.

O vento amainou e o Sol subiu no céu, tingindo de um tom cromado a parte leste das ondas verdes.

George apontou o barco rumo ao mar alto, a todo o vapor, deixando as docas e aquela loja de iscos cada vez mais para trás. Quando passámos o molhe e o último rochedo negro, eu sentia invadir-me uma grande calma que aumentava quanto mais nos afastávamos de terra.

Durante alguns minutos, os rapazes discutiram excitadamente o nosso acto de pirataria, mas, agora, estavam calados. A porta da cabina abriu-se uma vez, o tempo suficiente para uma mão pôr cá fora uma caixa de cervejas e Billy abriu-as, uma para cada um de nós, com o abre-latas que encontrou na caixa dos anzóis e

já passando as latas à sua volta. Bebemos e observámos a terra a desaparecer na nossa esteira.

Mais ou menos a uma milha de caminho, George reduziu a velocidade para o que ele chamou «velocidade de trabalho», dispos quatro tipos nas canas na ré do barco, e os restantes esticaram-se ao sol em cima da cabina ou na proa e tiramos as camisas, observando os tipos tentando armar as suas canas. Harding disse que a regra seria um tipa ficar a segurar numa cana até sentir o peixe morder e depois dar o lugar a outro que ainda não tivesse tido oportunidade de o sentir. George ficou ao leme, de vigia, através do



pára-brisas salpicado de sal, berrando instruções de como se devia fixar os carretos e as linhas, como meter os arenques no anzol e a que distância e profundidade estes deviam ficar.

—E pega nessa cana quatro e põe-lhe uma chumbada de doze onças e o carreto travado — ja te mostro como se faz — e vamos com essa cana atrás daquele peixão que está a passar lá em baixo, caramba!

Martini correu para a borda e debruçou-se na amurada e ficou a olhar para baixo, na direcção da sua linha. «Oh, obi, meu Deus», disse, mas o que quer que ele visse, estava demasiado fundo para nós podermos ver.

Havia mais barcos de recreio andando de um lado para o outro, ao longo da costa, mas George não fazia nada para se lhes juntar: continuava a manter o rumo, passando por eles, em direcção ao mar alto. «Caramba, vamos para a zona dos barcos comerciais, onde há peixe a sério.»

As ondas deslizavam, cor de esmeralda de um dos lados e cromadas do outro. O único barulho que se ouvia ora o do motor a crepitar e a zumbir, enquanto as ondas

passavam ora acima ora abaixo, do tubo de escape, o ca grito estranhos e perdidos, como que pedindo instruções uns aos outros, de pequenos pássaros negros, nadando à nossa volta. Tudo o mais estava silencioso.

Alguns dos rapazes dormiam e outros observavam a água. Estávamos a navegar há cerca de uma hora, quando a ponta da cana de Sefelt se curvou, mergulhando na água.

-George, Jesus, George, dá-nos uma ajuda!

George não tinha nada que ver com a cana: sorriu e disse a Sefelt para se acalmar e dar linha e para manter a ponteira para cima, para cima, e para se esforçar por apanhar esse peixão.

— Mas, e se eu tiver um ataque? — gritou ele.

-Ora, enfiemos-te num anzol e serves de engodo

— troçou Harding. - Agora, faz força para trazeres cá para fora esse peixe, como o capitão ordenou, e deixa de te preocupar com o ataque.

Trinta metros atrás do barco, o peixe deu um salto fora de água, fazendo brilhar ao sol uma chuva de escamas prateadas, e os olhos de Selfet ficaram esbugalhados e ele ficou tão excitado por ver o peixe que deixou tombar a ponta da cana e a linha bateu no barco como um elástico.

—Para cima, já te disse! Estás a deixá-lo puxar, não vês? Mantém a ponteira em cima... em cima! Fisgaste um enorme prateado, meu Deus!

O queixo de Sefelt estava branco e tremia quando ele passou, finalmente, a cana a Fredrickson. «Pronto... mas se apanhares um peixe com um anzol na boca, já sabes que é o meu abençoado peixe.»

Eu estava tão excitado como os outros. Não pensava em pescar, mas depois de ver aquela força extraordinária do salmão na ponta da linha, saltei de cima

da cabina e vesti a camisa para esperar pela minha vez na cana.

Scanlon organizou um prémio para o maior peixe e outro para o primeiro peixe pescado, recebendo meio dólar de cada tipo que quisesse entrar, e ainda não tinha metido o dinheiro no bolso quando Billy pescou uma coisa horrível que parecia um sapo de cinco quilos com picos como um porco-espinho.

-Isso não é um peixe — disse Scanlon- não podes ganhar com isso.

— Não é um p-p pássaro.

— Aquilo é um ling cod 1- informou-nos George.-E bastante bom para comer se lhe tirarmos as protuberâncias.

- Viste? É um peixe. P-p-paga já.

Billy passou-me a sua cana, recebeu o dinheiro e foi sentar-se junto à cabina onde estavam McMurphy e a rapariga, olhando para a porta com ar infeliz.

«Gg-gostava que houvesse canas para todos», disse, encostando-se à cabina.

Sentei-me, segurei na cana e fiquei a observar a linha a correr na esteira do barco. Aspirei o ar e senti o efeito das quatro latas de cerveja que tinha bebido, provocando curto-circuitos nas dezenas de

fios dos controlos que tinha instalado dentro de mim: por toda a parte, o brilho cromado das ondas tremia e refulgia  
20 sol.

George berrou-nos que olhássemos para a frente, que lá estava aquilo de que tínhamos vindo à procura.

Debrucei-me para olhar, mas a única coisa que vi foi um grande madeiro a boiar e aquelas gaivotas negras

---

1 Variedade de bacalhau. (N. do T.)

voando em círculo e mergulhas num redor do madeiro, como folhas pretas apanhadas de um rendinho de vento.

Corge aumentou a velocidade, rumando em direcção ao local onde as gaivotas estavam a circular e a velocidade do barco puxava-me a linha com mais força e não sei como seria possível saber se a isca já tinha sido mordida.

— Aqueles colegas, os corvos marinhos, vão atrás de um cardume de peixes-velas — informava-nos George da roda do leme. — São pequenos peixes brancos do tamanho de um dedo. Quando os secamos, ardem como uma vela. São uma boa isca, uns peixes compinchas.

E vocês podem ter a certeza que onde há um grande cardume desses peixes-velas, encontramos o salmão prateado a banquetear-se.

Conduziu-nos para os passaros, evitando o madeiro flutuante e, subitamente, por toda a parte à minha volta, as faldas polidas, cromadas, das ondas foram quebradas por passaros a mergulhar e por vairões desinquietos e os dorsos brilhantes, de um azul prateado, como torpedos, dos salmões, cortando por entre eles.

Vi um dos dorsos mudar de direcção e rumar a uma sombra a uns trinta metros na direcção da minha linha, onde devia estar o meu arenque. Fiquei tenso, o coração aos saltos, e, então, senti um esticção em ambos os braços, como se alguém tivesse acertado na cana com uma bola de baseball, e a linha começou a aquecer, saindo do carroto, debaixo do meu polegar, vermelha como sangue, «Usa o travão!», gritou-me George, mas eu não percebia nada de travões e

limitei-me a fazer pressão com o dedo até a linha ficar amarela, afrouxar e parar. Olhei à volta e vi os outros três que seguravam as canas, baloiçando como a minha, e o resto dos rapa-

res descendo apressadamente da cabina, excitados e fazendo todos os possíveis para se manterem de pé.

—Para cima! Para cima! Mantenham a ponteira levantada - gritava George.

- McMurphy! Vem cá ver isto.

- Bem dito sejas, Fred, apanhaste o meu abençoado peixe.

- McMurphy, precisamos de ajuda!

Ouvi-o rir e vi-o, pelo canto do olho, de pé, junto à porta da cabina, não fazendo o mínimo movimento e eu estava demasiado ocupado a segurar o meu peixe para lhe pedir ajuda. Todos lhe gritavam que fizesse qualquer coisa, mas ele não se movia. Até o médico, que tinha a cana do alto, lhe pedia que o ajudasse. E McMurphy limitavase a rir. Harding viu, finalmente, que McMurphy não ia fazer nada e pegou no arpão e, com um movimento rápido, puxou o meu peixe para bordo, como se nunca tivesse feito mais nada na vida.

E grande como a minha perna, pensei, grande como uma estaca de cerca. Maior que qualquer peixe que apanhamos nas cataratas. Pulava por todo o lado no fundo do barco, como um arco-íris maluco. Deitava sangue e espalhava escamas, como pequenas moedas de prata, e estava com medo que saltasse pela borda fora. McMurphy não mexeria um dedo para ajudar.

Scanlon agarrou no peixe e segurou-o para evitar que saltasse pela borda. A rapariga veio correndo de lá de baixo, gritando que era a sua vez, pegou na minha cana e picou-me três vezes com o anzol enquanto eu lhe arranjava a isca.

— Chefe, eu seja cega se já alguma vez vi uma coisa tão lenta! Ugh, tens o polegar a sangrar. Foi aquele monstro que te mordeu? Alguém venha tratar do polegar do Chefe... depressa!

- Cá vamos a linha a água, apo deles ertou George, e eu deitei a linha à água, na popa, e vi o brilho do arenque desaparecer na investida escura, azul-acinzentada, de um salmão, e a linha descer

ao ziguezagues debaixo de água. A rapariga abraçou-se com ambos os braços à cana, rangendo os dentes.

-Oh, não, não vais, maldito! Oh, não...

Está de pé, com a base da cana no meio das pernas, agarrando na cana com as duas mãos por baixo do carreto e a manivela a bater-lhe no corpo quando a linha desenrolava. «Oh, não vais!» Tinha ainda vestido o casaco verde de Billy mas o carreto tinha-o aberto e todos a bordo viram que a camisola tinha desaparecido - estavam todos aparvalhados, tentando concentrar-se nos seus peixes, o meu saltando no fundo do barco e a manivela daquele carreto a morder-lhe os peitos a uma tal velocidade que o mamilo se transtornou num borrão vermelho.

Billy deu um salto para a ajudar. A única coisa que ele pensou foi pôr-se por trás da pequena, ajudando-a a apertar a cana entre os seios até que o carreto finalmente parou, apenas com a pressão da carne dela. Nesta altura, ela estava tão tensa e tinha os seios tão firmes que pensei que Billy e ela podiam largar as mãos da cana, pois ela segurava-se-ia.

Esta movimentada cena durou dois segundos — os rapazes, gritando, lutando, rogando pragas e tentando manobrar as canas, olhando de esguelha para o rapariga; a batalha sangrenta entre Scanlon e o meu peixe ali aos nossos pés; as linhas todas entrelaçadas e espalhadas por todo o barco, os óculos com um cordel do médico, baloiçando-se numa das linhas a três metros do barco, os peixes atraídos pelos reflexos das lentes e a rapariga, praguejando o mais que podia, deparando

agora com os seus peitos nus, um branco e o outro vermelho vivo — e George desviando os olhos da caminho e deixando o barco embater contra o madeiro e o motor a ir-se abaixo.

Entretanto, McMurphy ria-se. Inclinando-se cada vez mais para trás, contra o topo da cabina, o riso a perder-se na imensidão das águas — rindo da rapariga, dos rapazes, de George, de mim a chupar o dedo a sangrar, do capitão no cais, do ciclista, dos tipos da estação de serviço, das cinco mil casas, da enfermeira-chefe e de tudo o mais. Porque ele sabe que é preciso as pessoas rirem-se das coisas que as magoam, para manter o equilíbrio, para evitar que o

mundo dê com elas em doidas. Ele sabe que existe um lado doloroso: sabe que tenho o polegar a arder, que a sua amiga tem um seio cheio de escoriações e nódoas negras e que o médico perdeu os óculos, mas não permite que a dor bloqueie o humor tanto como não permite que o humor se sobreponha à dor.

Reparo que Harding se deixou cair ao lado de McMurphy e que também está a rir. E Scanlon, lá no fundo do barco. Riem de si próprios, tal como nós. E a rapariga, com os olhos ainda lacrimejantes, olhando para o seio branco e para o vermelho, começa também a rir-se. E Sefelt e o médico e todos os outros.

O riso começou lentamente e foi aumentando, comunicando-se aos rapazes cada vez mais intenso. Eu obser-vava-os, sentindo-me parte deles, mas, por outro lado, sentia-me isolado. Eu não estava no barco, pairava sobre o mar, deslizando com o vento como aqueles pássaros negros, muito acima do meu corpo, e olhava para baixo e via-me, juntamente com os outros, via o barco que baloigava entre as aves que mergulhavam, via McMurphy rodeado pelos seus doze companheiros, e

hava para eles, para nós, les cada o em gargalhadas olhava para eles, para cirulos cada ve em gargalhadas que se espalhavas praias da costa, vez mais distantes até rebentarem nas praias da do sua, em praias de todas as costas, onda após onda, onda após onda.

O médico tinha fisgado qualquer coisa na cana de profundidade e todos a bordo, excepto George, tinham pescado um peixe, quando ele a puxou para onde a pudessemos ver: apenas uma forma esbranquiçada que tornou a mergulhar a despeito de todos os esforços do médico para a segurar. Loga que voltou a trazê-la para a superfície, rebocando-a e enrolando a linha, soltando pragas e grunhidos de teimosia e recusando qualquer ajuda que nós lhe oferecessemos, aquilo veria a luz e voltava a mergulhar.

George não se incomodou em voltar a pôr o motor a trabalhar e veio juntar-se-nos, mostrando-nos como se amanhava o peixe, tirando-lhe as guelras para a carne ficar mais saborosa. McMurphy amarrou um pedaço de peixe a cada uma das pontas de um cordel

com cerca de um metro e vinte de comprimento, lançando-o 20 ar e vieram dois pássaros a grasnar que ficaram a rodo-piar, «Até que a morte os separe.»

Toda a parte traseira do barco e a maior parte de nós estávamos salpicados de vermelho e prateado.

Alguns tiraram as camisas e mergulharam-nas no mar, tentando limpá-las. Assim fomos passando o tempo, pescando um pouco, bebendo a outra grade de cerveja, e alimentando os pássaros, até à tardinha, enquanto o barco deslizava preguiçosamente nas ondas e o médico lutava com o seu monstro das profundezas, Levantou-se um vento que partiu as ondas em nacos verdes e pra-

teados, como um campo de vidro e cromo, e o barco começou a baloiçar mais. George disse ao médico que tinha que puxar o peixe ou cortar a linha e deixá-lo ir porque o céu estava a começar a tomar um aspecto ameaçador. Ele não respondeu. Levantou a cana com mais força, inclinou-se para a frente e enrolou linha e tornou a levantar a cana.

Billy e a rapariga tinham subido para a proa e estavam a conversar e a olhar para a água. Billy gritou que tinha visto qualquer coisa e corremos todos para aquele lado, e começou a tornar-se definida, a três ou quatro metros de profundidade, uma mancha larga e esbranquiçada. Era esquisito vê-la crescer, a princípio uma corbaça, depois, uma forma branca como nevoeiro debaixo de água, tornando-se sólida, viva...

—Meu Deus — berrou Scanlon — isso é o peixe do médico!

Estava na lado oposto ao do médico mas poderíamos ver, pela inclinação da sua linha, que ela conduzia à mancha debaixo de água.

— Nunca conseguiremos trazer aquilo para bordo

- exclamou Sefelt — e o vento está a tornar-se mais forte.

—E uma enorme solha — explicou George. - As vezes chegam a pesar entre cem a cento e cinquenta quilos. Têm que ser içadas para bordo com o guincho.

— Temos que cortar a linha e deixá-la ir - disse Sefelt ao médico passando-lhe um braço pelos ombros.

Ele não respondeu: tinha o fato empapado de suor entre os ombros e as olhos vermelhos por estar há tanto tempo sem óculos. Continuou a levantar a cana até o peixe aparecer do seu lado do barco. Observámo-lo quase à superfície durante alguns minutos e começamos a preparar a corda e o arpão.

Mesmo depois de arpoado, precisámos de mais uma hora para içar o peixe para a popa do barco. Tivemos que o prender com as outras três canas e McMurphy debruçou-se e meteu a mão nas guelras e, com um impulso, fê-lo cair para dentro. Era de um branco trans parente, espalmado, e caiu dentro do barco juntamente com o médico.

Em todo o percurso até à costa, o barco dançou e gemeu e McMurphy contava histórias pavorosas de naufrágios e tubarões. As ondas cresciam à medida que nos aproximávamos de terra e das cristas de espuma branca voavam flocos que, levados pelo vento, se iam juntar às gaivotas. As ondas à entrada do quebra-mar subiam mais alto que o barco e George mandou-nos pôr os coletes de salvação. Reparei que já todos os outros barcos de recreio tinham recolhido.

Para três de nós não havia coletes e foi uma confusão para decidir quais seriam os três que enfrentariam a entrada do porto sem coletes. Ficou, finalmente, decidido que seriam Billy Bibbit, Harding e George, este último não o usaria de qualquer modo por causa da sujidade. Ficaram todos um pouco surpreendidos por Billy se ter oferecido voluntariamente, despindo imediatamente o seu quando verificou que faltavam três e ajudando a rapariga a vesti-lo, mas ficaram muito surpreendidos por McMurphy não ter insistido em ser um dos heróis: durante toda a discussão ele permaneceu encostado à cabina, tentando manter o equilíbrio, e Olhava para os rapazes sem dizer palavra. Observava, apenas, e sorria.

Batrámos na barra e caímos num defiladeiro de ondas, a proa do barco apontando à crista ameagadora da onda que seguia à nossa frente e a é metida no pro fundo cavado da que assomava por trás de nós e todos

os que estavam na popa se agarraram à amurada, olhando por cima da montanha de água que nos perseguia para as pedras



negras espumantes da rebentação do molhe, doze metros à nossa esquerda, e para George na roda do leme. Estava ali fincado como um mastro.

Olhava para trás e para a frente, regulando a pressão, aumentando a velocidade, diminuindo-a e tornando a aumentá-la, mantendo-nos firmemente a cavalgar a ladeira inclinada daquela onda à nossa frente. Tinha-

-nos dito, antes de começarmos a entrada, que, se ultrapassássemos a crista à nossa frente, flutuaríamos sem controlo logo que a hélice e o leme ficassem fora de água, mas, que se nos deixássemos ficar muito para trás, a onda que vinha atrás nos cairia em cima, atirando dez toneladas de água para dentro do barco.

Ninguém gracejou ou troçou da maneira como se ela estivesse montada num eixo giratório.

Dentro do ancoradouro, as águas acalmaram-se, voltando à pequena ondulação de superfície e podíamos ver, na nossa doca, junto da loja de iscos, o capitão acompanhado por dois chuis, à beira da água, esperando. Os vadios estavam amontoados por trás deles.

George rumou direito a eles a toda a velocidade, até o capitão começar a fugir escadas acima, aos berros e esbracejando, seguido pelos chuis e pelos vadios. No preciso momento em que a proa do barco ia desfazer a doca em pedaços, George virou o leme, meteu a marcha a ré e, com um rugido ensurdecedor, aconchegou o barco contra os pneus como se o estivesse a meter na cama. Já estávamos cá fora a atar as amarras, quando a onda que provocámos nos atingiu: pôs todos os barcos que estavam ancorados a baloiçar e inundou a doca, cobrindo-a de uma espuma branca, como se trouxéssemos o mar para casa, connosco.

O capitão, os chuis e os vadios desceram a escada de roldão na nossa direcção. O médico abriu as hostilidades, informando os chuis que não tinham jurisdição sobre nós, já que se tratava de uma excursão legal, patrocinada pelo Governo, e que, se havia alguém que quisesse levar o caso por diante, teria que ser uma agência federal. Acrescentou, também, que se deveria fazer uma investigação acerca do número de coletes de salvação existentes no barco, se o capitão estivesse mesmo decidido a levantar problemas.

Segundo a lei, não deveriam haver no barco coletes de salvação para todos os homens que iam a bordo? Como o capitão não dissesse nada, os chuis anotaram uns nomes e retira-ram-se, resmungando, confundidos, e, logo que desapareceram do cais,, McMurphy e o capitão começaram a discutir, empurrando-se mutuamente. McMurphy estava bastante bêbedo e cambaleava como se ainda estivesse no barco e escorregou na madeira molhada e caiu duas vezes ao mar antes de ter as pernas suficientemente firmes para assestar um murro na cabeça careca do capitão e acabar com a discussão. Todos se sentiam melhor agora que o problema estava resolvido e o capitão e McMurphy foram para a loja dos iscos beber mais umas cervejas enquanto nós retirávamos o peixe do porão. Os vadios estavam na parte de cima da doca, observando-nos e fumando cachimbos que eles próprios esculpiram. Estávamos à espera que eles voltassem a dizer qualquer coisa acerca da rapariga, queríamos mesmo que o fizessem, para dizer a verdade, mas,

quando um deles, finalmente, falou, na foi a respeito dela mas sim de que aquele peixe que trouxéramos era o maior hipoglosso que ele tinha visto ser pescado na costa do Oregon. Os outros confirmaram que era ver-dade. Aproximaram-se para o ver bem. Perguntaram

a George onde é que tinha aprendido a acostar o barco daquela maneira e ficámos a saber que ele não só pilotara barcos de pesca mas que também fora capitão de uma lancha-torpedeira no Pacífico e que fora distinguido com a Cruz da Marinha. «Devias ter ido para um emprego público», observou um dos vadios. «Dema-siado sujo», respondeu George.

Eles sentiram a transformação de que a maioria de nós apenas suspeitava: este não era o mesmo grupo de anjinhos do manicómio que lhes tinha suportado os insultos de manha, na doca. Não que tenham exacta-mente pedido desculpa à rapariga pelas coisas que lhe disseram, mas quando lhe pediram para ver o peixe que ela tinha pescado, fizeram-no delicadamente como meninos de coro. E, quando McMurphy e o capitão saíram da loja dos iscos, bebemos cerveja todos juntos, antes de nos irmos embora.

Já era tarde quando iniciamos a viagem de regresso ao hospital.

A rapariga dormia com a cabeça no peito de Billy e, quando ela se levantou, o braço dele estava dormente de a estar a segurar durante todo o caminho naquela posição tão incómoda, e ela deu-lhe uma massagem.

Dle disse que se tivesse um fim-de-semana livre gostaria de se encontrar com ela, e ela respondeu que o podia visitar daí a duas semanas se ele marcasse uma hora. Billy olhou para McMurphy, esperando por uma resposta. McMurphy passou-lhe os braços por cima dos ombros e decidiu, «Vamos assentar para as duas horas em ponto.»

— Sábado à tarde? — perguntou ela.

Ele piscou o olho a Billy e apertou a cabeça da rapariga na curva do braço.

— Não. As duas da noite de sábado. Vens sem fazer barulho e bates na mesma janela em que estavas esta manhã. Vou falar com o auxiliar de vigília para te deixar entrar.

Ela riu-se e concordou. «Seu danado McMurphy», disse.

Na enfermaria, alguns Agudos estavam ainda a pé, reunidos nas imediações da latrina para ver se nos tínhamos afogado. Observaram-nos, dirigindo-nos para o átrio, com respingos de sangue e queimados pelo sol, a cheirar a cerveja e a peixe, carregando os nossos salmões como se fôssemos heróis conquistadores. O médico perguntou-lhes se queriam sair para ver o seu hipo-glossos que tinha na mala do carro, e todos nós à excepção de McMurphy, voltámos a sair. Explicou que estava cansado e que se ia meter na cama. Quando ele se afastou, um dos Agudos, que não tinha ido à pescaria, perguntou porque razão McMurphy parecia tão estoirado quando o resto da malta estava tão corada e ainda tão excitada. Harding impingiu-lhes que era apenas a perda do tom bronzeado.

— Lembras-te que McMurphy chegou aqui cheio de vigor, vindo de uma vida dura no campo de traba-ho, rosto corado e impante de vigor físico. Nós, simplesmente, testemunhámos o declinar do seu magnífico bronzeado psicopático. E tudo. Hoje, ele passou horas

exaustivas, por acaso na obscuridade da cabina do barco, enquanto nós estávamos cá fora, abandonados à fúria dos elementos, absorvendo vitamina D. Olaro que, até certo ponto, isso o deve ter cansado, dado a dureza das condições do interior, mas pensem nisso, amigos. Quanto a mim, acho que preferia ter ficado com um pouco menos de vitamina D e um pouco mais daquela sua espécie de cansaço. Especialmente com

aquela pequena Candy a distribuir as tarefas. Estarei enganado?

Não o desmenti, mas fiquei a pensar que talvez ele não tivesse razão. Eu tinha reparado mais cedo no cansaço do que Harding, na viagem de regresso, depois de ele ter insistido em passar pela casa onde viveu em tempos. Tínhamos compartilhado a última cerveja e atirado a lata vazia pela janela num sinal de stop e estávamos recostados pensando no dia que passamos, mergulhados naquela espécie de saborosa sonolência que se segue a um dia de intensa actividade de qualquer coisa que gostamos de fazer — meios queimados pelo sal e meios bêbedos, mantendo-nos acordados apenas porque queríamos conservar este sabor o mais possível. Notei vagamente que era capaz de ver alguma coisa boa na vida que me rodeava. McMurphy esta-va-me a ensinar. Sentia-me melhor do que nunca, desde os meus tempos de criança, quando tudo era bom e a terra me cantava poemas infantis.

Em vez de irmos pela costa, tínhamos vindo pelo interior, para passarmos pela cidade onde McMurphy tinha vivido mais tempo. Descíamos a colina Cascade, pensando que estávamos perdidos, até que... chegámos a uma cidade que ocupava uma superfície duas vezes superior aos terrenos do hospital. Um vento poeirento tinha varrido o sol da rua em que ele parou. Estacionou junto a uma caniçal e apontou para o outro lado da rua.

— Ali. E aquela. Parece que brotou das ervas... a humilde residência da minha juventude desperdiçada.

Na estrada, ao lusco-fusco das seis da tarde, vi árvores desfolhadas, implantadas no passeio no meio de cercas como raios de madeira, o cimento rachado no sítio de onde tinham brotado. Ao

longo de um pátio havia uma linha de estacas de ferro espetadas na terra,

e, por trás, via-se ano que protendia on una alpendre, apoiada num frágil anco que preindia evitar que fosse levada pelo vento, alguns quarteirões, como uma caixa de cartão vazia de uma mercearia. O vento trazia alguns pingos de chuva e reparei que a casa tinha as janelas fechadas e os cadeados ma porta tilintavam contra a corrente a que estavam ligados.

E, no alpendre, pendurada, estava uma dessas coisas que os japoneses fazem, de vidro, enfiadas em cordões

—tilintam e ressoam à mais leve brisa — de que restavam apenas quatro contas. Aquelas quatro contas giravam e baloiçavam levantando pequenas lascas de madeira no chão do alpendre.

McMurphy fez marcha atrás.

- Em tempos, estive aqui... naquele ano dos diabos em que todos regressámos do inferno da Coreia.

Para uma visita. Os meus velhos ainda eram vivos. Era um bom lar.

Largou a embraiagem e começou a conduzir, mas, depois, parou.

— Meu Deus — exclamou. — Olhem para ali, vêem um vestido? - Apontou para trás. - No ramo daquela árvore? Um farrapo, preto e amarelo?

Eu era capaz de distinguir uma coisa, como uma bandeira, agitando-se ao vento no alto de um ramo, sobre um telheiro.

— A primeira pequena que me levou para a cama usava aquele vestido. Eu tinha uns dez anos e ela, pro-vavelmente, menos e o facto de me deitar com ela parecia-me uma coisa tão importante que lhe perguntei se não achava, se não sentia, que de um certo modo, fareviamos anunciar? Como, digamos, dizer à nossa família, «Mãe, ou e Judy ficamos noivos hoje.» E dis-seo muito convencido, tão ingénuo era: pensava que,

se o fizesse, ficávamos legalmente casados, quer quisessemos ou não e que não estaríamos a violar nenhuma norma. Mas aquela putazinha — que tinha no máximo oito ou nove anos — agarrou no vestido e atirou-o ao chão, dizendo que era meu. «Podes

pendurar isto em qualquer lugar. Vou para casa de cuecas e assim anuncio isto... eles compreenderão». Jesus, com nove anos!

-exclamou ele, beliscando o nariz de Candy. — E sabia muito mais que muitas prostitutas.

Ela mordeu-lhe a mão, sorrindo, e ele observou as marcas dos dentes.

- Então, depois de ela ir para casa de cuecas, eu esperei que escurecesse para ter a oportunidade de atirar aquele maldito vestido para o negrume da noite... mas, vocês sentem aquele vento? Tomou o vestido como um papagaio e atirou-o à volta da casa, fora da minha vista e, na manhã seguinte, meu Deus, lá estava ele pendurado naquela árvore para que toda a cidade, era o que eu pensava então, o visse.

Ele chupou a mão, tão desanimado que Candy deu uma gargalhada e beijou-o.

-E assim as minhas cores ficaram a flutuar e desde esse dia até hoje parece-me que vivi de acordo com o meu nome — amante dedicado — e esta é a verdade: aquela miudinha de nove anos de idade é que deve ser censurada.

A casa ficou para trás. Ele bocejou e piscou o olho.

— Ensinou-me a amar, abençoado seja o seu doce ralbo.

Então — enquanto ele falava — os faroline traseiros de um carro que nos ultrapassou iluminaram-lhe o rosto e o pára-brisas reflectiu uma expressão, que de assumiu porque pensava que estava demasiado escuro para alguém dentro do carro a poder ver, terri-

velmente cansada, contraída e furosa, como se não lhe sobrasse muito tempo para uma coisa que tinha que Quando se descontraíu, a sua voz bonacheirona ofereceu-nos a sua vida para nos vivermos, um passado galhofeiro cheio de graça infantil e malta dos copos e mulheres amadas e brigas nos bares por causa de escassas honras — para todos nos nos metermos no sonho.

## **IV PARTE**

No dia seguinte ao da pescaria, a enfermeira-chefe tinha preparada a sua próxima manobra. A ideia tinha-lhe surgido no dia anterior, quando estava a falar com McMurphy acerca de quanto dinheiro ele ia ganhar com a pescaria e outros pequenos empreendimentos do género. Durante a noite, ela estudou bem a ideia, observando-a de todos os ângulos, desta vez, até ter a certeza absoluta que não podia falhar e, durante todo o dia seguinte, andou a fazer insinuações para pôr a circular um boato e alimentou-o bem antes de se referir directamente ao assunto.

Ela sabia que as pessoas, sendo como são, come-cariam a querer tirar proveito de alguém que parecesse estar a dar mais do que seria normal, desde os Pais Natais aos missionários e aos homens que dão fundos para casas meritórias, e começariam a pensar: que pretendem eles com aquilo? Um sorriso no canto da boca quando, digamos, o jovem advogado traz um saco de nozes para as crianças da escola do seu distrito - mas antes da nomeação para o senado estadual, o malandro espertalhão — e diriam uns aos outros, «Ele não é parvo nenhum».

Ela sabia que, agora que o assunto tinha sido ventilado não demoraria muito para os rapazes se porem a imaginar o que é que fazia com que McMurphy passasse tanto tempo e gastasse tantas energias organi-

sando excursões de equipas de basquetebol do partidas do mingo e treinando equi viva, quando tool. Que motivo o faria andar num poda vitentao eo todos o outros na enfermaria se tinha conte to quem jogar pinochte e te revistas do ano anterior de que levaria este tipo, este irlandês turbulento, vindo de um campo de traba. ino onde estava a cumprir pena por jogo ilícito e agres-são, a enrolar um lenço à volta da cabeça, arrulhando como um adolescente, e passar duas horas inteirinhas pondo todos os Agudos da enfermaria aos vivas, enquanto ele fazia de rapariga, tentando ensinar Billy Bilbit a dançar? Ou como um cadastrado maduro como ele — um antigo profissional, um artista de feira, um jogador observador dedicado da tei da vantagem — se arriscaria a duplicar o tempo de permanência na casa de doidos por andar constantemente a acirrar a mulher que tinha a última palavra quanto aos que deveriam ou não receber alta?

A enfermeira pôs em movimento todas estas dúvi-das, afixando um relatório dos gastos dos doentes nos últimos meses: deve ter-lhe custado muitas horas de trabalho procurar todos aqueles dados nos registos.

Ele mostrava uma diminuição constante dos fundos de todos os Agudos, a excepção de um. Os fundos deste tinham aumentado desde que tinha chegado.

Deu aos Agudos para gracejarem com McMurphy sobre como parecia que ele os estava a levar à certa, e ele nunca o negou. Nem um bocadinho. De facto, gabou-se que, se ficasse no hospital um ano, mais ou menos, sairia economicamente independente e que se retiraria para a Florida para o resto dos seus dias.

Quando estava por perto, todos se riam, mas quando não estava na enfermaria, quando ia para a electro-terapia, para a terapia ocupacional e para a fisioterapia,

ou quando estava na Sala das Enfermeiras a apanhar alguma reprimenda acerca de qualquer coisa, contrapondo ao sorriso de plástico da enfermeira, o seu riso aberto e desdenhoso, eles não tinham exactamente von-

tade de rir.

Comegaram a perguntar-se uns aos outros porque razão andava ele numa tão grande azáfama ultima-mente, diligenciando vantagens para os doentes, como revogar a regra que obrigava os rapazes a estarem juntos em grupos terapêuticos de oito sempre que iam a algum lado («Aqui o Billy tem andado a falar em bor-nar a cortar os pulsos», disse numa sessão de grupo, argumentando contra a norma dos grupos-de-oito.

«Então, e se houvesse mais sete dentre vocês que lhe quisessem seguir o exemplo e tornar isso terapêutico? »), e o modo como manobrou o médico, que desde a pescaria estava mais ao lado dos doentes, para fazer assinaturas do Playboy, do Nugget e do Man, e para se verem livres de todos aqueles McCall's que aquele cara-

-de lua-cheia do Relações Publicas tem trazido de casa deixando-as num monte na enfermaria, os artigos que ele pensava que nos poderiam interessar particularmente assinalados a tinta



verde. McMurphy chegara mesmo a por no correio uma petição para alguém em Washington, pedindo-lhe que se debruçassem sobre as lobotomias e os eletrochoques que ainda eram utilizados nos hospitais governamentais. Imagino que os rapazes andavam a perguntar-se, «o que é que isso poderá interessar 20 velho Mack?»

Depois da ideia ter andado a germinar na enfermaria durante cerca de uma semana, a enfermeira-chefe tentou a sua jogada na sessão de grupo: da primeira vez que o fez, McMurphy estava também na sessão e deu-lhe para trás antes de ela ter oportuni-

dade de começar (ela começara por dizer ao grupo que se sentia chocada e des deimara pelo estado patético em que a enfermaria se deixara mergulhar. «Olhem a vossa alta, por amor de Delas: 80 se vêem fotografias pomográficas dessas revistas arscenas, coladas nas paredes» — ela estava a planear fazer como que do dificio Principal procedessem a uma inspecção à porcaria que tinha sido introduzida neste hospital. Estava sentada na sua cadeira, pronta para continuar, dizendo de quem era a culpa e por que razões, apoiando-se naqueles breves segundos de silêncio que se seguiram, como se estivesse sentada num trono, quando McMurphy the interrompeu o discurso, provocando uma gargalhada geral, ao dizer-lhe para que os do Edifício Principal trouxessem os seus pequeninos espelhos de mão quando viessem fazer a inspecção) - por isso, quando voltou a lançar a sua jogada, procurou certificar-se que ele não estaria na sessão.

Ele tinha recebido uma chamada interurbana de Portland e estava lá em baixo, na sala-de-espera dos telefones, com um dos pretos, aguardando que o interlocutor telefonasse outra vez. Quando estávamos perto da uma hora e começámos a preparar a sala-de-estar, o preto mais pequeno perguntou se ela queria que ele fosse lá abaixo buscar McMurphy e Washington para a sessão, mas ela disse que não, que estava bem assim, que o deixasse estar — «além disso, alguns dos rapazes podem gostar de ter a oportunidade de falar acerca do sr. Randle Patrick McMurphy, sem a sua presença domi-nadora».

Começaram a sessão contando histórias engraçadas acerca dele e do que ele fizera, e falaram um bom bocado, dizendo que

grande companheiro ele era e ela manteve-se silenciosa, esperando que eles acabassem de

expor as suas ideias. Então, começaram a aparecer as outras questões. O que é que se passava com McMurphy?

O que o fazia correr e fazer as coisas que fazia? Alguns dos rapazes pensavam que talvez aquela sua história de inventar brigas no campo de trabalho para ser mandado para aqui não passasse de mais uma das suas patranhas e que talvez ele fosse mais louco do que as pessoas pensavam. A enfermeira-chefe riu-se ao ouvir isto e levantou a mão.

— Ele é louco como uma raposa. Penso que é isto que vocês querem dizer acerca do sr. McMurphy.

-O que quer d-d-dizer com isso? - perguntou

Billy. McMurphy era o seu especial amigo e herói e ele não estava a gostar mesmo nada da maneira como ela misturou aquele elogio com outras coisas que não tinha dito alto. — O que quer d-d-dizer com isso do «como uma raposa»?

—É uma simples observação, Billy - respondeu a enfermeira com amabilidade. - Vamos a ver se alguns dos outros lhe sabem explicar o seu significado. Que me diz, sr. Scanion ?

—Ela quer dizer, Billy, que Mack esta longe de ser louco.

— Ninguém disse que ele e-e-e-era. — Billy deu um soco no braço da cadeira para fazer sair a última pala-vra. — Mas miss Ratched estava a in-insinuar...

— Não, Billy, eu não estava a insinuar nada. Estava simplesmente a observar que o sr. McMurphy não é daqueles que correm um risco sem uma razão. Concorde com isso, ou não? Não concordamos todos com

Ninguém disse nada.

-E, contudo, — continuou ela — ele parece fazer as coisas sem pensar em si próprio, como se fosse um

mártir ou um santo. Algum de vants so atreve a afirmar que o sr. McMurphy é um santo?

Ela sabia que podia dirigir-lhes um sorriso enquanto esperava por uma resposta.

— Não, nem santo nem mártir. Vejamos. Vamos dar uma vista de olhos pelos testemunhos de filantropia deste homem? — Tirou uma folha de papel amarelo do cesto. — Vejamos algumas dessas prendas, como os seus devotados admiradores lhes poderão chamar.

Primeiro, foi a prenda da sala das tinas. Terá ele oferecido alguma coisa? Terá ele perdido alguma coisa, transformando-a num casino? Por outro lado, quanto supõem vocês que ele ganhou no curto espaço de tempo em que foi croupier deste pequeno Monte Carlo, aqui na enfermaria? Quanto perdeu você, Bruce? Sr. Sefelt?

Sr. Scanion? Penso que têm uma ideia de quanto per-deram, mas saberão qual é o total dos ganhos dele, segundo os depósitos que tem feito nas Contas? Quase trezentos dólares!

Scanion soltou um assobio baixo, mas mais ninguém disse nada.

— Tenho aqui assinaladas muitas outras apostas que ele fez, se vocês estiverem interessados em ver, incluindo algo ligado com as suas deliberadas tentativas para tentar aborrecer o pessoal. E toda esta jogatina era, é, absolutamente proibida pelos regulamentos da enfermaria e todos vocês, que negociaram com ele, o sabiam.

Ela voltou a olhar para o papel e meteu-o novamente no cesto.

— E esta recente pescaria? Quanto pensam que o sr. McMurphy ganhou com a brincadeira? Façamos as contas: serviu-se do carro do médico, até mesmo com o dinheiro dele para a gasolina, e, disseram-me, teve

alguns outros benenos — sem pagar um tostão. Precisamente como uma raposa, devo dizer.

Levantou a braço para não permitir que Billy a interrompesse.

-Por favor, Billy, compreenda-me: não estou a criticar esta espécie de actividade por si mesmas. Apenas pensei que seria melhor que não tivéssemos ilusões acerca dos motivos dele. Mas, seja como for, talvez não seja correcto estarmos a fazer estas acusações sem a presença do indivíduo de que estamos a falar.

Voltemos ao problema que estávamos a discutir ontem... qual era ele? — Começou a remexer na sua certa.

- Qual era? Lembra-se, doutor Spivey?

O médico levantou repentinamente a cabeça.

- Não... espere... parece-me...

Ela tirou um papel da pasta.

—Cá está. O sr. Scanlon: o que ele pensa dos explosivos. Optimo. Vamos tratar disto agora e, em qualquer outra altura, quando o sr. McMurphy estiver presente, voltaremos a falar dele. Penso, contudo, que vocês devem meditar no que aqui foi dito. Agora, sr. Scanlon...

Mais tarde, naquele dia, havia oito ou dez tipos reunidos junto à porta da cantina, à espera que o preto acabasse de roubar óleo para o cabelo, e alguns deles trouxeram novamente o assunto à baila. Diziam que não concordavam com o que a enfermeira-chefe tinha estado a dizer, mas, que diabo, a velhota tinha razão nalguns pontos. E, também, raios, Mack ainda era um bom tipo... realmente.

aberto.

Finalmente, Harding trouxe a conversa para campo

— Meus amigos, vocês protestam demais para acreditar nos vossos protestos. Lá no fundo dos vossos

corações mesquinhos, rates ed tem que a nossa mias Conto da Misericórdia Racerca de toda a razão nas suposigões que tex hoje acerta bém Murphy. Vola bem sabem que sim, e eu também. Então, porque nega-lo? Sejamoss honestos icar smos fustiça ao tipo, em vez de estarmos a criticar secretamente os seus talentos financeiros. Que mal há que ele queira tirar uns lucros? Todos nós, certamente, extraímos o valor do nosso dinheiro sempre que elle nos depenou, não é verdade? Ele tem jeito para ganhar dinheiro facilmente.

Nunca tenta justificar as suas razões, pois não? Porque haveriamoss nós de o fazer? Tem uma atitudo honesta e saudável acerca das suas trapalhices, e eu estou inteiramente do seu lado, assim como estou pelo querido sistema capitalista de livre iniciativa, individual, cama-radas, por ele e pelo seu fraco e obstinado impudor e pela bandeira americana, Deus a abençoe, e pelo Memorial Lincoln e por tudo isso. Lembrem-se do Maine, de

P. T. Barnum e do Quatro de Julho. Como um bom vermelho, branco e azul, cem por cento americano, sinto-me compelido a

defender a honra do meu amigo.

E um bom tipo. McMurphy ficaria comovido até às lágrimas se fosse inteirado dos motivos, que segundo andam por aí a espalhar, estão por detrás dos seus negócios. Tomaria isso como uma afronta directa à sua arte.

Mergulhou as mãos nos bolsos à procura de cigar-ros: quando verificou que não tinha nenhum, pediu um emprestado a Fredrickson, acendeu-o com um movimento rápido do fósforo e continuou.

— Admito que, a princípio, me sentia confundido com as suas atitudes. Aquela história de partir a janela

— Senhor, pensei, aqui está um tipo que parece querer permanecer neste hospital, juntamente com os seus

parceiros e tudo o mais, até que compreendi que MoMur-phy o estava a fazer porque não queria perder uma coisa boa. Ele quer aproveitar o melhor possível a sua estadia aqui. Não se deixem enganar pelas suas maneiras de provinciano: e um manipulador muito astuto, sempre com a cabeça no seu lugar. Ora reparem: tudo o que ele fez, fê-lo com uma razão.

Billy não estava disposto a ceder tão facilmente.

—Sim. E aquilo de ele me ensinar a d-dançar?

Tinha os braços caídos e cerrava os punhos e vi que, mas costas das suas mãos, as queimaduras de cigarros estavam quase saradas e que na seu lugar ele tinha desenhado tatuagens retocando-as com um lápis inde-lével. — E acerca disso, Harding? Como é que ele está a fazer d-d-dinheiro ensinando-me a dançar?

—Não te aborreças, William - pediu Harding.

— Mas também não fiques impaciente. Vamos esperar para ver... e veremos o que ele irá fazer.

Parecia que Billy e eu eramos os únicos que acreditávamos em McMurphy. E, nessa mesma noite, Billy inclinou-se para o modo de Harding de ver as coisas, quando McMurphy, vindo de fazer outro telefonema, lhe disse que o encontro com Candy estava confirmado, acrescentando, enquanto lhe escrevia um endereço, que talvez não fosse má ideia ele mandar-lhe alguma massa para a viagem.

- Massa? D-dinheiro? Qu-qu-quanto? - Olhou para Harding, que se ria para ele.

-Oh, bem sabes, rapaz ...talvez dez dólares para ela e dez...

— Vinte dólares! O bilhete do autocarro até aqui não é tão c-c-caro.

McMurphy olhou para cima, por baixo da vira do gorro, dirigiu-lhe um leve sorriso, esfregou a gar-

ganta, pondo de fora a lodo tersivelida. aRapaz, ob, nanta, estou com una, pare em q Para o kim dá semana, lá para sabado maortas queue ainda vou ficar com. mais sede. Não te importas que ela me traga uma pinga, pois não, meu rapaz?

E dirigiu a Billy um olhar tão inocente que ele teve que rir e abanar a cabeça, que não, e foi para um canto falar excitadamente dos planos do próximo sábado com o tipo que, provavelmente, considerava um alco-viteiro.

Continuo a manter as minhas opiniões — que

McMurphy era um gigante enviado pelos céus para nos salvar do Sistema que estava a cobrir a terra com uma rede de fios de cobre e cristais, que ele era demasiado grande para se incomodar com uma coisa tão desprezível como o dinheiro — mas mesmo assim, estava a meio caminho de pensar como os outros. O que aconteceu foi o seguinte: ele tinha ajudado a levar as mesas para a sala das tinas antes de uma das sessões de grupo e estava a olhar para mim, de pé ao lado do painel de controlo.

— Meu Deus, Chefe. — exclamou. — Parece-me que já crescestes vinte e cinco centímetros desde aquela pescaria. E, caramba, repara no tamanho desse teu pé:

grande como um vagão!

Olhei para baixo e vi como o meu pé estava maior do que nunca, que me lembrasse. Inchara para o dobro do tamanho, como McMurphy estava a dizer.

—E esse braço! E o braço de um índio ex-jogador de futebol como eu nunca vi outro. Sabes o que estou a pensar? Acho que devias tomar o peso a esse painel, só para ver como estás a andar.

Abanei a cabeça e disse-lhe que não, mas ele retrucou que tínhamos feito um acordo e que eu era obri-

gado a mostrar-lhe se o seu sistema de crescimento estava a dar resultados. Não vi maneira de me livrar e dirigime para o paimel

só para lhe mostrar que não o conseguia levantar. Dobrei-me e agarrei-o pelas ala-vancas.

— Menino bonito, Chefe. Agora, endireita-te. Mete as pernas bem debaixo do rabo, assim... sim, sim. Calma agora... Endireita-te. Hurra! Agora põe-no no chão devagar.

Pensei que ele ia ficar desapontado, mas quando dei um passo para trás, ele era todo sorrisos e apontava para o painel deslocado do seu sítio cerca de quinze centímetros. «E melhor pô-lo no lugar, parceiro, para que ninguém saiba. Ninguém pode saber ainda.»

Então, depois da sessão, preguiçando por entre os jogos de pinochle, ele conduziu a conversa para a força, a coragem e para o painel de controlo da sala das tinas.

Pensei que lhes ia dizer como me tinha ajudado a recuperar o meu tamanho: isso provaria que ele não fazia tudo por dinheiro.

Mas não me mencionou. Falou com Harding até este lhe perguntar se já estava preparado para fazer outra tentativa de levantar o painel e ele respondeu que não, mas lá por causa de ele não o poder levantar isso não queria dizer que não pudesse ser feito. Scanlon disse que talvez se pudesse fazer com um guindaste, mas que nenhum homem poderia levantar aquela coisa sozinho, e MeMurphy fez um gesto de assentimento e disse que talvez não, talvez não, mas que nestas coisas nunca se pode dizer.

Observei a maneira como ele os trabalhava, fazen-do-os dizer Não, por Cristo, nenhum homem vivo o poderia levantar - chegando mesmo a fazer com que eles sugerissem a aposta. Observei como parecia relu-

tante em apostar. Deixou as apostas subirem, puxan-do-os cada vez mais, até que chegou a um nível de cinco para um, todos com a certeza duma vitória, tendo alguns ido até aos vinte dólares. Não mencionou o facto de já me ter visito levanta-lo.

Durante toda a noite esperei que ele não seguisse com aquilo por diante. E durante a sessão do dia seguinte, quando a enfermeira informou que todos os rapazes que tinham ido à pescaria teriam que tomar um banho especial porque se suspeitava que tivessem vermina, continuei a ter esperanças que ela o conseguisse evitar,

que nos mandasse logo para o chuveiro ou qualquer outra coisa — qualquer coisa que me impedisse de levantar o painel.

Mas quando a sessão acabou, ele levou-me, aos outros, para a sala das tinas, antes que os pretos tivessem tido tempo para a fechar, e fez-me pegar no painel pelas alavancas e levantá-lo. Eu não o queria fazer, mas não o podia evitar. Senti-me como se estivesse a ajuda-lo a tirar-lhes o dinheiro. Mostraram-se todos amáveis para com ele quando pagaram as apostas, mas eu sabia como se sentiam por dentro, como se lhes tivessem tirado qualquer coisa debaixo dos pés. Assim que voltei a pôr o painel no sítio, corri para fora da sala das tinas, sem sequer olhar para McMurphy e fui para a latrina. Queria ser eu próprio. Mirei-me ao espelho. Ele tinha feito o que prometera: os braços eram outra vez grandes, como quando andava no liceu, quando andava na aldeia, e o meu peito e os ombros eram largos e rijos. Estava ali a olhar quando ele entrou.

Trazia na mão uma nota de cinco dólares.

— Toma lá, Chefe, para pastilhas elásticas.

Abanei a cabeça e comecei a dirigir-me para a porba. Ele agarrou-me pelo brago.

—Chefe, acabei de te oferecer um penhor da minha gratidão. Se estavas à espera de bolo maior...

—Não! Guarda o teu dinheiro, não o aceito.

Ele deu um passo atrás, meteu os polegares nos bolsos e inclinou a cabeça para mim. Durante um momento, ficou a observar-me.

—Está bem. Que história é esta? Porque razão está toda a gente a franzir-me o nariz?

Não lhe respondi.

—Não fiz aquilo que prometi? Tornar-me novamente do tamanho de um homem? O que é que de repente aconteceu comigo? Vocês agem como se eu tivesse traído o meu país.

—Estás sempre... a ganhar coisas!

—A ganhar coisas? Seu maldito rato, e que é que me estas a acusar? A única coisa que fiz foi tirar a minha parte do contrato. Mas, diz-me, o que é toda essa excitação...

— Não pensávamos que fosse para ganhar coisas...



Sentia o queixo a tremer-me, para baixo e para cima, como quando estou prestes a chorar, mas não comecei a chorar. Estava ali, diante dele, o queixo a tremer. Ele abriu a boca para dizer qualquer coisa, mas parou. Tirou os polegares dos bolsos, ergueu a mão e esfregou a cana do nariz com o polegar e o indicador, como é costume vermos fazer as pessoas que usam óculos muito apertados entre as lentes, e fechou os olhos.

- Ganhar, por amor de Deus - disse, com os olhos fechados. - Rapaz, ganhar!

E, por isso, reconheço que o que aconteceu na sala dos chuveiros naquela tarde foi mais por minha culpa

do que de qualquer outro. E era por isso que a única maneira de eu poder fazer uma reparação era fazendo o que fiz, sem pensar no que me podia acontecer, nem na minha segurança — e, por uma vez, sem me preocupar com nada a não ser aquilo que tinha que ser feito e o modo de o fazer.

Logo que saímos da latrina, apareceram os três pretos agrupando-nos para o nosso banho especial.

O preto mais pequeno arrastava-se ao longo do rodapé com uma mão preta e torcida com um pé-de-cabra, bisbilhotando pelo meio dos rapazes que estavam ali, dizendo-lhes que aquilo era o que a enfermeira-chefe chamava um limpeza admonitória. Em virtude da companhia que tivemos no nosso passeio devíamos ser limpos antes que espalhássemos qualquer coisa pelo resto do hospital.

Alinhámo-nos todos nus contra os azulejos da parede e veio um preto com um tubo de plástico negro na mão, esguichando um unguento mal-cheiroso, espesso e pegajoso como clara de ovo. Primeiro, no cabelo, depois viravam-nos, dobravam-nos e untavam-nos o rabo.

Os rapazes queixavam-se, brincavam e gracejavam com aquilo, tentando não olhar uns para os outros nem para aquelas máquinas flutuantes de ardósia, trabalhando com as bisnagas por trás da fila dos rapazes, como rostos de pesadelo do negativo de uma película, apontando cuidadosamente e espremendo aqueles canos de espingarda de pesadelo. Gozavam com os pretos, dizendo coisas

como, «Ei, Washington, o que é que vocês fazem para passar o tempo nas restantes dezas-seis horas? Ei, William, és capaz de dizer o que é que eu comi ao pequeno-almoço?»

Todos se riam. Os pretos cerravam os maxilares e não respondiam: não era assim que as coisas se passavam antes daquele maldito ruivo ter aparecido.

Quando estavam a untar o cu de Fredrickson, ouviu-se um tal ruído que pensei que o preto mais pequeno fosse atirado para trás.

- Escutem - disse McMurphy, levando uma mão ao ouvido. — A voz amorosa de um anjo.

Estavam todos numa gritaria, rindo e gozando uns com os outros, quando o preto se moveu e parou em frente do tipo que se seguia, e, repentinamente, a sala ficou absolutamente silenciosa. O próximo era George.

E num segundo, depois da risota, da troça e das queixas terem terminado, Fredrickson, junto a George, endireitando-se e virando-se e um preto matulão prestes a pedir a George para baixar a cabeça para uma esgui-chadela daquele fedorento unguento — nessa altura, já todos nós fazíamos uma boa ideia do que ia acontecer, porque razão tinha que acontecer e o motivo porque estávamos todos enganados a respeito de McMurphy.

George nunca usava sabão quando tomava duche.

Nem sequer permitiria que alguém lhe estendesse uma toalha para ele se secar. Os pretos que vigiavam os duchos habituais das quartas e quintas-feiras, no turno da noite, tinham aprendido que era melhor deixar as coisas assim e não o forçavam a proceder de um modo diferente. Há muito que era assim que as coisas se passavam. Todos os pretos o sabiam. Mas agora, todos sabiam — até mesmo George, encostado para trás, abanando a cabeça, cobrindo-se com as suas enos-mes mãos, como folhas de castanheiro - que este preto, nariz levantado e o azedume a crescer-lhe, os dois polegares de pé, atrás dele, esperando para ver o que ele iria fazer, não podia deixar passar a oportunidade.

-Ahhh, baixa a cabeça, George...

Os rapazes estavam já a olhar para McMurphy, na fila, dois ou três tipos a seguir.

- Ahhhh, vá lá, George...

Martini e Sefelt estavam debaixo do chuveiro, quie-tos. O dreno, aos seus pés, continuava a engolir pequenos tragos de ar e de água com espuma de sabão. George olhou durante um segundo para o dreno, como se este estivesse a falar com ele. Via-o gorgolejando e sor-vendo. Voltou a olhar para o tubo negro, na mão do preto, à frente dele, um muco escorrendo vagarosamente do pequeno orifício da bisnaga para os nós daqueles dedos de ferro forjado. O preto moveu o tubo para diante alguns centímetros e George inclinou-se ainda mais para trás, abanando a cabeça.

- Não... não quero essa mixórdia.

- Tem que ser, Esfrega-Esfrega - replicou o preto, quase parecendo pesaroso. - Tem que ser. Não podemos permitir que o hospital se encha de perce-vejos, pois não? Pelo que me disseram, estás cheio de percevejos.

—Não! protestou George.

— Ahhh, George, nem fazes a mínima ideia! Estes percevejos são muito, muito pequeninos... mais peque nos que uma cabeça de alfinete. E, rapaz, eles vão-te para a pintelheira, furam-te e passam para dentro de ti, George.

—Não tenho percevejos!

- Ahhh, deixa-me explicar-te, George: já vi casos em que esses horríveis piolhos...

phy.

—Está bem, Washington — interrompeu McMur-A cicatriz por onde o nariz do preto se tinha partido era uma estira de neon. Sabia quem tinha falado,

mas não se virou: só soubemos que ele tinha ouvido pela mameira como parou de falar, levantando um longo dedo cinzento e passando-o pela cicatriz com que ficou naquele jogo de basquetebol. Durante uns momento, esfregou o nariz e pôs a mão em frente da cara de George, mexendo os dedos. «Um caranguejo, George, vê? Estás a vê-lo? Sabes como são os caranguejos?

Apanhaste caranguejos naquele barco de pesca. Não podemos permitir que os caranguejos te perfurem, pois não, George?

- Não tenho caranguejos! - gritou George.

- Não!

Estava de pé, muito direito, levantou as sobrancelhas e pudemos-lhe ver os olhos. O preto recuou uns passos. Os outros dois riram-se. «Algum problema, Was-hington?», perguntou o matulão. «Alguma contrariedade quase no fim do trabalho?»

Deu um passo em frente.

— George, estou-te a avisar: dobra-te! Ou te dobras e deixas que te esfregue isto... ou tenho que te pôr as mãos em cima! - Voltou a pegar no tubo: era grande e escuro como um lodaçal. - Esfrego-te com esta mão preta, fedorenta, imunda.

—Não o faças! - disse George, e levantou o punho acima da cabeça como se fosse fazer em pedaços aquela cabeça cor de ardósia, espalhando rodas dentadas, porcas e parafusos por toda a parte do chão.

Mas o preto limitou-se a pôr o tubo à altura do umbigo de George, espremeu-o e este dobrou-se com a falta de ar. O preto esguichou uma porção na sua cabeleira branca, depois esfregou-a com a mão, besuntando de preto toda a cabeça de George. Este rolou os braços na barriga e gritou desesperadamente.

-Não! Não!

- Agora vira-te, George...

— Já disse que bastava, parceiro. — Desta vez, o tom da sua voz fez com que o preto se virasse e o encarasse. Vi que o preto se ria, olhando para a nudez de MoMurphy: sem gorro, nem botas, nem bolsos para enganchar o polegares. O preto sorriu e dirigiu-se para ele.

- McMurphy - disse ele, abanando a cabeça.

- Sabes? Já começava a pensar que nunca mais che gava a nossa oportunidade.

— Seu maldito preto - disse McMurphy, mas a sua voz soava mais cansada do que zangada. O preto não disse nada. McMurphy levantou a voz. - Seu preto filho de uma puta!

O preto abanou a cabeça e riu-se para os seus dois colegas.

— Aonde é que vocês pensam que o sr. McMurphy quer chegar com esta conversa? Será que ele quer que eu tome a iniciativa? Ah-

ah-ah. Não sabera ele que estamos preparados para ouvir estes insultos dos malu-quinhos?

- Brochista! Washington, não passas de um...

Washington tinha-lhe virado as costas, tornando a voltar-se para George. Este continuava dobrado para a frente arfando, da pancada na barriga. O preto agar-rou-lhe no braço e encostou-o de caras contra a parede.

- Isso mesmo, George, agora abre as pernas.

— Nãooooo!

- Washington - chamou McMurphy. Respirou fundo e dirigiu-se para o preto, afastando-o de George com um encontrão. — Washington, já chega, já chega...

Todos podiam ouvir o desalentado desespero na voz de McMurphy.

— McMurphy, estás a forçar-me a defender-me. Não estás, rapazes?

Os outros dois concordaram. Pousou cuidadosamente o tubo no banco ao lado de George, recuou, torcendo os punhos e, no mesmo movimento, assestou um murro, de surpresa, na cara de McMurphy. Este quase caíu. Cambaleou para trás, para a fila dos rapazes nus e eles agarraram-no e voltaram a empurrá-lo para aquele rosto de ardósia sorridente. Foi atingido outra vez, no pescoço, antes de ter podido pensar que, finalmente, aquilo começara, e que não havia nada a fazer agora senão dar trido por tudo. Aparou o golpe que o preto lhe dirigiu a seguir e segurou-o pelo pulso enquanto abanava a cabeça para aclarar as ideias.

Estiveram assim durante um segundo, arquejando como o dreno do chuveiro: então, McMurphy empurrou o preto e pôs-se em posição de defesa, rolando os grandes ombros para guardar o queixo, um punho de cada lado da cabeça, saltitando à volta do tipo que estava à sua frente.

E aquela linha asseada e silenciosa de homens nus transformou-se num círculo de berros, membros e cor-pos, ligando-se numa arena de carne.

Os braços pretos atingiam a cabeça ruiva, mais baixa, e o pescoço de touro, fazendo-lhe saltar sangue da sobrelha e da

bochecha. O preto saltitava, afas-tado. Mais alto, os braços mais compridos que os bra-sos grossos e vermelhos de McMurphy, socava com maior rapidez e certeza, e era capaz de o atingir nos ombros e na cabeça sem ter que se chegar muito perto.

Mic Murphy continuava a avançar - penosamente, arrastando os pés, a cara para baixo, espreitando por entre os punhos tatuados, de cada lado da sua cabeça — até que conseguiu encurralar o preto contra o anel de

homens nus e dirigiu um soco que o atingiu mesmo no meio do peito. Aquela cara de ardósia tornou-se cor-de-rosa e passou uma língua da cor de sorvete de morango pelos lábios. Esquivou-se ao ataque de tanque de MaMurplay e voltou a passar a língua pelos lábios, duas ou três vezes, antes de aquele punho o ter atingido novamente com outro golpe certo. A sua boca abriu-se, como se estivesse enjoado.

McMurphy apresentava manchas vermelhas na cabeça e nos ombros, mas não parecia estar em dificuldades. Continuou a avançar, recebendo dez golpes para assestar um. O combate continuou assim, para trás e para diante na sala dos chuveiros, até o preto começar a arfar e a cambalear, tentando, principalmente, manter-se afastado daqueles braços vermelhos que batiam como cacetes. Os rapazes berravam com McMurphy para que acabasse com o preto. Mas ele não tinha pressas.

O preto torceu-se com o impacto de um soco no ombro e deu uma olhadela rápida para o sítio onde estavam os outros dois, observando.

— Williams... Warren... raios vos partam!

O outro preto matulão abriu caminho por entre a pequena multidão e agarrou nos braços de McMurphy, por tras McMurphy afastou-o, como um touro a marrar mum macaco, mas ele agarrou-o bem.

Então, peguei nele e atirei-o para o chuveiro: Ele estava cheio de ar: não pesava mais que cinco ou dez quilos.

O preto mais pequeno girava a cabeça de um lado para o outro, virou-se e correu pela porta fora. Enquanto eu estava a vê-lo sair, o

outro saiu do chuveiro e apli-cou-me um golpe de luta livre — passou os braços por baixo dos meus e fechou as mãos na minha nuca -e

eu tive que recuar para dentro do chuveiro e esma-gá-lo contra os azulejos, e, enquanto eu estava ali,. debaixo de água, tentando ver McMurphy a martelar as costelas de Washington, o que estava atrás de mim, aplicando o golpe de luta, começou a morder-me o pescoço e tive que aumentar a pressão. Ele ficou quieto então, a goma do uniforme escorrendo para o dreno.

E quando o preto mais pequeno regressou, cor-rendo, trazendo correias, algemas e cobertores e mais quatro auxiliares da enfermaria dos Violentos, estavam os rapazes a vestir-se e a apertar-me a mão e a de McMurphy e dizendo que eles estavam mesmo a pedir e que tinha sido uma bela briga, uma tremenda vitória.

Continuaram a falar assim, aclamando-nos e fazendo-nos sentir melhor, dizendo, «Que luta! Que vitória!»

— enquanto a enfermeira-chefe ajudava os auxiliares da enfermaria dos Violentos a ajustarem aquelas algemas de couro macio para nos prenderem os braços.

Lá em cima na enfermaria dos Violentos ouve-se um permanente barulho de máquinas batendo, uma prensa, de prisão, de estampagem de matrículas de auto-móveis. E o tempo é medido pelo plic-ploc, plic-ploc da mesa de Ping-pong. Os homens passeando nos seus próprios trilhos, chegavam a uma parede, baixavam um ombro, viravam-se e dirigiam-se para outro parede, baixavam um ombro e tornavam a virar-se, em passos curtos e rápidos, deixando sulcos cruzados nos azulejos do chão, com uma expressão de animais enjaulados.

Sente-se o odor a chamusco de homens terrivelmente assustados e descontrolados e, nos cantos e debaixo da mesa de Ping-pong, vêem-se coisas rastejando e rangendo os dentes, coisas

que os médicos e as enfermeiras não conseguem ver e que os auxiliares não são capazes de matar com desinfetantes. Quando a porta da enfermaria se abriu, senti aquele cheiro a chamusco e ouvi o ranger dos dentes.

Um velhote alto e ossudo, bamboleando-se num arame aparafusado entre as omoplatas, deu de caras comigo e com McMurphy naquela porta, quando os auxiliares nos levaram para dentro. Fitou-nos com uns olhos verdes e escamosos e abanou a cabeça. «Daí, lavo as minhas mãos», disse a um dos auxiliares de cor, e o arame arrastou-o ao longo do átrio.

Seguimo-lo para a sala-de-estar e McMurphy parou à porta, afastou os pes e levantou a cabeça para trás para examinar as coisas: tentou pôr os polegares nos bolsos, mas as algemas estavam demasiado apertadas.

«Que cena!», exclamou ele pelo canto da boca. Concordei com um aceno de cabeça. Já antes tinha visto tudo isto.

Um par de tipos que estavam a passear, pararam e olharam para nós, e o velhote apareceu novamente, arrastando, lavando daqui as mãos. A princípio, ninguém nos prestou muita atenção. Os auxiliares saíram, dirigindo-se para a Sala das Enfermeiras, deixando-nos ali de pé na posta da sala-de-estar. O olho de McMurphy estava inchado, dava-lhe o aspecto de estar sempre a piscar, e eu sentia que sorrir lhe fazia doer os lábios.

Levantou as mãos algemadas, olhou para o movimento barulhento e respirou fundo.

—O meu nome é MaMurphy, sócios — disse ele na sua voz arrastada de actor a representar um papel de cowboy —, e o que quero saber é quem é o pica-pau que dirige o póquer cá no sítio.

O plic-ploc do Ping-pong desvaneceu-se numa sucessão rápida de batidelas no chão.

— Não sou tão bom no sete-e-meio, assim manie-tado, mas reafirmo que sou imbatível num jogo a sério.

Bocejou, sacudiu um ombro, inclinou-se, pigarreou e cuspiu qualquer coisa numa lata de lixo a cerca de um metro e meio de distância: aquilo caiu lá dentro com um ting e ele voltou a endireitar-se, sorriu e passou a língua no intervalo sangrento de dois dentes.



— Tivemos uma briga lá em baixo: eu e aqui o  
Chefe andámos às marradas com dois macacões.

Nesta altura, o barulho da prensa já tinha parado e estavam todos a olhar para nós à porta. McMurphy observava-os como um pregoeiro de um espectáculo de

feira. Ali ao lado dele, verifiquei que também estava a ser observado e, com as pessoas a fixarem-me daquela maneira, senti que me devia manter bem direito e tão alto quanto pudesse. Isso fez-me doer as costas, no sítio onde me tinha magoado quando caí no chuveiro com a preto agarrado a mim, mas mantive-me firme.

Um tipo com uma expressão estomeada, com uma cabeleira negra, desgrenhada, dirigiu-se-nos e estendeu a mão, como se pensasse que eu tinha alguma coisa para lhe dar. Tentei ignorá-lo, mas ele continuava a meter-se à minha frente, para onde quer que me virasse, como um miúdo, estendendo-me aquela mão em concha.

McMurphy falou durante um bocado acerca da luta e as minhas costas começaram a doer-me cada vez mais: estivera tanto tempo acorocado na minha cadeira do canto que tinha dificuldade em permanecer direito muito tempo. Fiquei contente quando uma pequena enfermeira japonesa nos levou para a Sala das Enfermeiras e tive a possibilidade de me sentar e descansar.

Ela perguntou-nos se já estávamos suficientemente calmos para poder tirar as algemas e McMurphy con-finmou que sim. Tinha-se deixado cair, com a cabeça baixa e os cotovelos apoiados entre os joelhos e parecia completamente exausto — não me tinha ocorrido que The pudesse custar tanto como a mim estar direito.

A enfermeira - grande como a ponta aguçada de qualquer coisa, observou MoMurphy mais tarde - dessa-marrou-nos as algemas e deu um cigarro a McMurphy e a mim uma pastilha elástica. Disse que se lembrava que eu mascava pastilhas elásticas. Eu não me recordava absolutamente nada dela. McMurphy fumava enquanto ela mergulhava a sua pequenina mão, cheia de velas de anos cor-de-rosa, num frasco de unguento passando-a sobre as feridas dele estremecendo sempre que

ele se retraía e pedindo desculpa. Pegou numa das mãos dele entre as suas, virou-a para baixo e untou-

- lhe os nós dos dedos.

—Quem foi? — perguntou ela, olhando para os nós dos dedos.

- Foi Washington ou Warren?

McMurphy levantou a cabeça para olhar para ela.

-Washington - disse, e sorriu. - Aqui o Chefe tomou conta do Warren.

Ela pôs-lhe a mão em baixo e virou-se para mim.

Eu podia ver os pequeninos ossos de pássaro no seu rosto. «Está magoado nalgum sítio?» Abanei a cabeça.

—E Warren e Williams?

McMurphy respondeu-lhes que pensava que eles ostentassem alguns adesivos quando ela os voltasse a encontrar. Ela faz um aceno e olhou para los pés. «Nem tudo é como na enfermaria dela. Uma boa parte é, mas nem tudo. Enfermeiras do exército tentando dirigir um hospital do exército. Elas próprias são um pouco doentes. Às vezes penso que as enfermeiras solteiras deviam ser dispensadas quando chegassem aos trinta e cinco anos».

— Pelo menos as enfermeiras solteiras do exército

- acrescentou McMurphy. Perguntou-lhe durante quanto tempo poderíamos esperar ter o prazer da sua hospitalidade.

— Não muito, receio.

—Não muito, reoeia? - perguntou McMurphy.

- Sim. Por vezes, gostaria de manter os homens aqui em vez de os mandar embora, mas ele é mais antiga do que eu. Não, provavelmente vocês não ficarão aqui muito tempo... quero dizer... pelo menos como estão agora.

As camas na enfermaria dos Violentos estão todas desafinadas: ou demasiado esticadas ou demasiado fol-

gadas. Foram-nos distribuídas camas uma ao lado da outra. Não me amarraram com um lençol, embora tivessem deixado uma luz de vigília acesa junto da minha cama. A meio da noite, alguém gritou, «Estou a começar a girar, índio! Olha para mim! Olha para mim!» Abri os olhos e distingi uma dentadura com compridos dentes amarelos a brilhar, mesmo em frente da minha cara.

Era o tipo com a expressão esfomeada. «Estou a começar a girar! Por favor, olha para mim!»

Os auxiliares, dois, agarraram-no por trás e arras-taram-no, rindo-se e gritando, para fora do dormitório:

«Estou a começar a girar, índio!» — depois, ria. Continuou a repetir aquilo e a rir, todo o caminho, enquanto percorria o átrio, até o dormitório ficar de novo mergulhado no silêncio e eu podia ouvir aquele outro dizendo, «Bem... daqui lavo as minhas mãos».

-Durante um momento tiveste aí um parceiro, Chefe. - murmurou McMurphy, virando-se para dormir.

Não dormi muito no resto da noite e estava sempre a ver aqueles dentes amarelos e a cara esfomeada daquele tipo, dizendo, «Olha para mim! Olha para mim!» Ou, quando, finalmente, estava quase a pegar no sono, apenas a perguntar. Aquele rosto, apenas uma miséria amarela e esfomeada, aparecendo indistintamente no meio da escuridão à minha frente, querendo coisas... pedindo coisas. Perguntava-me como conseguia McMurphy dormir, atormentado por cem rostos como aquele, ou duzentos, ou mesmo mil.

Na enfermaria dos Violentos têm um alarme para acordar os doentes. Não se limitavam a acender as luzes, como lá em baixo. Este alarme soa como um monstruoso aparador de lápis triturando qualquer coisa hor-Tivel. McMurphy e eu sentámo-nos de um salto quando o ouvimos e estávamos quase a voltarmo-nos a deitas

quando um altifalante nos chamou para irmos à Sala das Enfermeiras. Sai da cama e verifiquei que as minhas costas tinham ficado perras durante a noite e mal me podia dobrar: pela maneira como McMurphy se mexia, podia dizer que ele estava tão perro como eu.

—Que é que eles têm agora no programa para nós, Chefe? - perguntou. — A roda ou qualquer outro instrumento de tortura? Espero que não seja nada de muito extenuante, rapaz, porque estou mesmo nas lonas!

Disse-lhe que não era extenuante, mas nao acrescentei mais nada porque nem eu próprio tinha a certeza até chegar à sala das Enfermeiras e ouvir a enfer-meira, uma outra, dizer, «Sr. McMurphy e sr. Brom-den?», estendendo-nos depois um pequeno copo de papel.

Olhei para o interior do meu e lá encontrei três capsulas daquelas vermelhas.

Aquela coisa zumbe-me na cabeça e não posso parar.

— Alto —disse McMurphy — estas são aquelas pilulas que põem um tipo a dormir, não são?

A enfermeira confirmou, virou a cabeça para olhar para trás de si: lá, estão dois tipos à espera, com tenazes de gelo, inclinados para a frente, com os cotovelos ligados.

McMurphy devolve-lhe o copo, dizendo, «Não, minha senhora, recuso-me a andar às cegas. Mas posso servir-me de um cigarro?

Devolvi também o meu e ela disse que precisava de telefonar e deslizou pela porta de vidro, pelo meio de nós dois, e estava ao telefone antes que tivéssemos podido dizer alguma coisa.

Pego-te desculpa se te meti nalgum sarilho, Chefe — disse McMurphy, mas eu dificilmente o conse-Buia ouvir, por cima do barulho dos fios do telefone

assobiando nas paredes. Sinto a sucessão de pensamentos receosos na minha cabeça.

Estávamos sentados na sala-de-estar, rodeados por aquele círculo de rostos, quando apareceu na porta a própria enfermeira-chefe com os dois pretos matulões, um de cada lado, um passo atrás dela. Tentei encolher-me na cadeira, afastando-me dela, mas era demasiado tarde. Estavam demasiadas pessoas a olhar para mim: Olhos viscosos que me colavam ao assento.

— Bom-dia — começou ela, novamente com o seu velho sorriso. McMurphy respondeu bom-dia, mas eu mantive-me calado, embora ela me tivesse dado também os bons-dias, em voz bem alta. Eu estava a olhar para os pretos: um, tinha um adesivo no nariz e um braço ao peito, a mão cinzenta saindo-lhe do lenço como uma aranha afogada, e, la outro, mexendo-se como se tivesse as costelas metidas em gesso. Ostentam ambos um leve sorriso. Provavelmente, poderiam ter ficado em casa devido aos ferimentos, mas não queriam perder isto por nada deste mundo. Devolvo-lhes o sorriso, só para lhes fazer ver.

A enfermeira-chefe fala a McMurphy, calma e pacientemente, do disparate irresponsável que fez, a criancice, como um menino a

ter um acesso de nervos

- perguntava-lhe se não estava envergonhado. Ele respondeu que achava que não e pediu-lhe para continuar.

Ella disse-lhe que os doentes, lá em baixo na nossa enfermaria, numa sessão de grupo especial realizada na tarde anterior, tinham concordado com o pessoal que seria talvez benéfico que ele fosse submetido à terapia de electrochoque — a menos que ele admitisse os seus erros. Tudo o que ele tinha que fazer era admitir

que estava errado, sugerir, demonstrar contacto racional, e, por esta vez, o tratamento seria cancelado.

Aquele círculo de rostos esperava e observava.

A enfermeira diz que agora é com ele.

— Sim? Tem aí um papel para eu assinar?

— Bem, não, mas se acha que é nec...

—E porque não acrescenta mais algumas coisas, vendo-se livre delas, agora que está com as mãos na massa - coisas como... oh... que eu faço parte de um complot para derrubar o governo e que penso que a vida na sua enfermaria é a coisa mais adorável deste lado do Hawai — esse género de coisas, sabe?

—Não me parece que isso...

— Então, depois de eu assinar, traga-me um cobertor e um volume de cigarros da Cruz Vermelha. Chiça!

Aqueles comunistas chineses poderiam ter aprendido muita coisa consigo, minha senhora.

-Randle, nós estamos a tentar ajuda-lo.

Mas ele já está de pé, coçando a barriga, passando por ela e pelos pretos, dirigindo-se para as mesas onde estavam a jogar cartas.

- Pronto, bem, bem, bem, onde é que esta essa mesa de póquer, parceiros...?

A enfermeira fica a olhar para ele durante uns momentos e então dirige-se para a Sala das Enfermeiras para utilizar o telefone.

Dois auxiliares de cor e um branco com cabelo loiro encaracolado conduzem-nos ao Edifício Principal.

Durante o caminho, McMurphy fala com o branco como se não tivesse absolutamente nada que o preocupasse.

Havia bastante geada na relva e os dois auxiliares de cor seguiam à frente, sopravam como locomotivas.

O sol introduziu-se por entre algumas nuvens e iluminou a geada fazendo os campos brilharem com os raios.

Os pardais esgravatavam por entre os raios, procurando sementes, abrindo a penugem para se defenderem do frio. Cortamos pello meio da relva que estalava, passando pelos buracos das tocas dos esquilos onde eu vira o cão. Raios frios. A geada nos buracos, até desaparecer de vista.

Senti aquela geada no estômago.

Chegamos àquela porta e ouvia-se um zumbido como de abelhas espicaçadas. Estavam dois homens à nossa frente, cambaleando sob o efeito das cápsulas ver-melhas, um deles berrando como um bebé, dizendo, «E a minha cruz, obrigado, Senhor, é tudo quanto tenho, obrigado Senhor...»

O outro esperava e dizia, «Colhões, colhões.» E o salva-vidas da piscina. E esta também a choramingar.

Não vou chorar nem gritar. Pelo menos à frente de McMurphy.

O técnico pede-nos para nos descalçarmos e McMurphy pergunta-lhe se quer também que rasguemos as calças e rapemos o cabelo. Ele replica que não temos essa sorte.

A porta de metal olha para fora com a sua fiada de rebites.

Abre-se e suga o primeiro. O salva-vidas não se mexe. Um raio, como um fumo de neon, sai do painel negro na sala, e dirige-se rapidamente para a testa marcada com uma cunha e reboca-o como um cão levado pela trela. O raio fá-lo girar três vezes antes de a porta se fechar e tem o terror estampado no rosto. «Op, um», resmunga ele, «op, dois! Op, três!»

Ouçó os lá dentro espreitando na sua testa como um tampo de inspecção, um emaranhado de rodas dentadas arranhando e comprimindo-se.

Sai fumo e a porta abre-se. Aparece uma maca

olhos. Aquela cara! A maca torna a entrar e traz o de rodas com o primeiro a torna a entrar e traz o salva-vidas. Sou capaz de ouvir os chefes das claques gritando o nome dele.

O técnico diz: «O grupo que se segue.»

O chão está frio, gelado, crepitando. Por cima dos leves queixumes, aquele comprido tubo, branco e gelado.

Sinto o cheiro da massa de grafite, como o cheiro de uma garagem. Sinto o cheiro ácido do medo. Há uma janela, lá em cima, pequena, e, lá fora, vejo os pardais com a penugem no ar, pendurados num fio como contas castanhas. As suas cabeças afundam-se nas penas, protegendo-se do frio. Qualquer coisa começa a soprar dentro dos meus ossos ,cada vez mais alto, ataque aéreo!

ataque aéreo!

—Não grites, Chefe...

Ataque aéreo!

- Acalma-te. Eu vou primeiro. Tenho a cabeça demasiado dura para que eles me possam magoar. E se não me conseguirem magoar, muito menos o conseguirão a ti.

Sobe para a mesa sem que ninguém o ajude e estende os braços para se ajustar à forma da cruz. Um interruptor fecha-lhe as fivelas nos pulsos e nos tor-nozelos, prendendo-o à mesa. Uma mão retira-lhe o relógio de pulso, que ele ganhara a Scanlon, e deixa-o cair junto ao painel, fazendo-o abrir-se, espalhando engrenagens, rodas e a comprida corda em espiral, saltando de encontro à parede do painel.

Não parece nada assustado. Continua a sorrir-me.

Untam-lhe as têmporas com a massa de grafite.

«O que é isso?» pergunta. «Condutor», responde o técnico. «Untou-me a cabeça com condutor. Também me dão uma coroa de espinhos?»

Espalham a massa. Ele está a cantar e faz-lhes tremer as mãos.

—Usa Creme de Raizes Silvestres, Cholly...

Põem-lhe aquelas coisas, como auscultadores como uma coroa de espinhos sobre a grafite, nas suas têmpo-ras. Tentam fazê-lo

parar de cantar, metendo-lhe na boca um bocado de tubo de borracha para morder.

A pasta de dentes mágica com lanolina.

Eles giram uns botões e a máquina estremece, dois braços mecânicos pegam em ferros de soldar e aplicam-nos nele. Pisca-me o olho e fala-me, entre dentes, diz-me qualquer coisa, diz-me qualquer coisa através daquele pedaço de borracha, enquanto aqueles ferros se aproximam da prata nas suas fronteiras — arcos de luz atravessam-no, retesam-no, fazem-no arquear-se, ficando em baixo apenas os pulsos e os tornozelos e um som como um huuuiv a escapar-se da boca, por entre aquela borracha e ele ficou completamente gelado com os raios.

E, para lá da janela, os pardais caíram do fio, fumegando.

Levam-no para fora numa maca de rodas, ainda aos esticões, o rosto branco, gelado. Corrosão. Ácido de baterias. O técnico vira-se para mim.

— Cuidado com esse alce. Conheço-o. Agarrem-no!

Ja não tem nada a ver com a força de vontade.

— Agarrem-no! Raios! Não quero cá esses tipos outra vez sem Seconal.

tornozelos.

As braçadeiras de ferro mordem-me os pulsos e os

A massa de grafite tem limalha de ferro e arranha-me as têmporas.

Ele disse qualquer coisa quando piscou o olho. Disse-me qualquer coisa.

O tipo inclina-se e traz dois ferros na direcção do anel na minha cabeça.

A máquina curva-se para mim.

ATAQUE AÉREO.

Meter a trote e descer a encosta. Não se pode voltar atrás, não se pode ir para diante, olha-se para o cano da espingarda e é-se um homem morto, morto, morto.

Dirigimo-nos para o caniçal junto da linha do caminho de ferro. Encosto um ouvido à linha e ela queima-me a face.



— Nada para nenhum dos lados - disse eu — a mais de cem milhas...

-Hum — diz o papa.

—Não era costume ouvirmos os búfalos espetando uma faca no chão, fincando os dentes no cabo, e escutando a manada ao longe?

- Hum — repete ele, mas está divertido. Do outro lado da linha jazem carradas de trigo, do último Inverno.

Há ratos ali debaixo, indica o cão.

— Seguimos para cima ou para baixo, ao longo da linha, rapaz?

— Atravessamos a linha, é o que está a dizer o cão.

-Esse cão não nos seguirá.

- Seguir-nos-á. Há pássaros ali adiante, é o que ele está a dizer.

—Eli, o teu velho pai, digo-te que é melhor caçar no trilho da encosta.

do trigo.

—O cão está-me a dizer que é melhor ali debaixo

Atravessar... tudo o que sei é que há gente em todo o trilho afugentando os faisões e tudo o mais.

Parece que o nosso cão se adiantou demais à nossa frente espantando todos os pássaros do trigo para o trilho

O cão apanhou três ratos.

Um homem, um Homem, um HOMEM... Lorte e grande, o olho piscando como uma estrela.

Outra vez formigas, meu Deus, e desta vez é ainda pior, malditas filhas da mãe. Lembras-te quando descobrimos que estas formigas sabiam a pepinos de con-serva? Hã? Tu dizias que não e eu dizia que sim e a tua mamã deu um pontapé no alcatrão ainda fresco quando ouviu falar nisso: «Ensinar uma criança a comer insectos!»

Ugh. Uma boa criança india deve aprender a sobreviver com tudo o que puder comer e que não o coma antes.

Nós não somos índios. Somos pessoas civilizadas, e nunca te esqueças disso.

Tu disseste-me, papa, que quando eu morresse ficaria afixado de encontro ao céu.

O nome da mamã era Bromden. Ainda é Bromden.

O papá disse que tinha nascido apenas com um nome, que tinha nascido repentinamente, como um vitelo a cair num cobertor quando a vaca insiste em permanecer de pé durante o parto. Tee Ah Millatoona, O-Pinheiro-

-Mais-Alto-da-Montanha, e eu sou o maior índio do estado do Oregon e, provavelmente, da Califórnia e do

Idaho. Nasci mesmo com este nome.

Es também o maior imbecil se pensas que uma boa

Cristã usaria um nome como Tee Ah Millatoona. Tu nasceste com um nome, certo, mas também eu nasci com um nome. Brondem. Mary Louise Bronden.

E quando formos para a cidade, diz o papá, aquele nome tornará muito mais fácil a aquisição do cartão de Segurança Social.

Um tipo vai atrás de outro com um martelo de

bater rebites e apanha-o, se insistir. Revejo aqueles relâmpagos, as cores que explodem.

Plim. Plingue, dedo dedão, dedos dos pés a treme-licar, ela é boa pescadora, apanha galinhas para a capoeira... rede de arame e ferrolho fraco. Três gansos em bando... um voou para Leste, outra para Oeste, outro por cima do ninho do cuco... L-I-V-R-E lê-se livre... um ganso mergulha, leva-te e és livre.

A minha velha avó cantava isto, um jogo com que nos entretínhamos durante horas, enxotando as moscas dos estendedouros onde o peixe secava, um jogo a que chamávamos Plinge, Plingue, Plingue, Plão. Contando cada dedo nas minhas mãos abertas, um dedo para cada tempo da sua cantiga.

Plingue, plin-gue, de do, de dão (oito dedos), dedos dos pés a tremelicar (nove dedos, batendo um dedo com a sua mão negra de caranguejo em cada uma das minhas unhas que estavam viradas para ela, o meu rosto de criança ansioso por ser aquele que o ganso levava para a liberdade no seu mergulho).

Gosto do jogo e da avó. Não gosto de miss Plingue Plão que prende as galinhas. Não gosto dela. Gosto daquele ganso voando

por cima do minho do cuco. Gosto dele e gosto da avó, com poeira nas rugas.

Quando tornei a ver a avó ela estava morta, fria como pedra, mesmo no meio de Dalles, no passeio, camisas coloridas esvoaçando à sua volta, alguns índios, alguns negociantes de gado, alguns seareiros. Levaram-na de carroça para o cemitério da cidade e deita-ram-lhe barro vermelho nos olhos.

Lembro-me do calor sufocante, carregado de electricidade, daquelas tardes em que as lebres corriam por entre as rodas dos camiões Diesel.

Desde que assinou o contrato, Joe Peixe-na-Agua tem vinte mil dólares e três Cadillacs. E não pode guiar nenhum deles.

Vejo um dado.

Vejo-o dentro. Estou no fundo. Sou o peso que faz com a saia sempre aquele número um por cima de mim. Eles têm o dado viciado para tirar sempre olhos de cobra, e eu sou o peso que o vicia. Do lado oposto, à minha volta, estão seis manchas, como almofadas brancas: é o número seis que fica sempre para baixo quando ele lança o dado. O outro dado também terá um peso? Aposto que sim: para fazer sair sempre o um. Ases, olhos de cobra. Estão a jogar contra batoteiros e eu sou o defesa deles.

Atenção, aí vem um lançamento.

Ei! Dona, a sala de fumo está vazia e o bebé precisa de mudar as fraldas. Agora sou eu. Pumba!

Água. Estou metido num charco.

Olhos de cobra. Voltou a sair. Vejo aquele número um por cima de mim: não podemos defender-nos dos dados viciados numa escura ruela de Portland, atrás de uma tasca.

A ruela é um túnel e está fria porque o sol se está a pôr. Deixa-me ir... ver a avó. Por favor, mamã.

Que foi que ele disse quando piscou o olho?

Um voou para Leste, outro voou para Oeste.

Não se meta no meu caminho.

Raios, enfermeira, não se meta no meu caminho,

Caminho CAMINHO!

de cobra.

E a minha vez. Pumba! Outra vez viciado. Olhos

O professor disse-me que tu tens uma boa cabeça, rapaz que serás alguém...

O quê, papa! m receao de cobertures como o tio Lobo que Corre e Salta? Um fabricante de cestos? Ou mais um índio bêbedo?

Tu és um índio ou não?

Sima, sou.

Bom, tenho que concordar que falas bem a língua.

Sim.

Bem... três dólares de normal.

Eles não seriam tão arrogantes se soubessem o que eu e a lua temos feito. Já não há índios dignos desse nome...

Ele quem... o que foi isto?... aquele que tem o passo trocado esta a ouvir outro tambor.

Novamente olhos de cobra. Ei, rapaz, estes dados estão viciados.

Depois do funeral da avó, eu, o papá e o tio Lobo que Corre e Salta desenterrámo-la. A mamã não quis ir connosco: nunca tinha ouvido semelhante coisa. Amarrar um cadáver a uma árvore! É de pôr uma pessoa doida.

O tio Lobo C. & S. e o papá passaram vinte dias na cela dos bêbedos da prisão de Dalles, jogando rummy, por Violação de Sepultura.

Mas tratava-se da nossa avó, meu Deus.

Não faz qualquer diferença, rapazes. Deviam tê-la deixado enterrada. Não sei quando é que vocês, miseráveis índios, aprendem. Bom, onde é que ela está?

E melhor dizerem.

Vai-te foder, cara-pálida, disse o tio Lobo C. & S., enrolando um cigarro. Nunca o direi.

Lá no alto, no alto, no alto, entre as colinas, entre os pinheiros, ela segue o vento com aquela velha mão, contando as nuvens com aquela velha canção... três gansos num bando...

Que é que me disseste quando picaste o olho?

Uma banda a tocar. Olha... o céu, é o Quatro de Julho.

Os dados estão parados.

Tomaram a levar-me para a máquina... imagino...

Que é que ele disse?

... imagino como é que McMurphy me terá feito crescer.

Ele disse Colhões.

Aí estão eles. Pretos em uniformes brancos, mijando por baixo da porta para cima de mim. Mais tarde vêm-me acusar de ter encharcado aquelas seis almofadas em que estou deitado. O número seis. Pensei que a sala fosse um dado. O número um, o olho de cobra, lá em cima, um círculo, a luz branca no tecto... é isso que tenho estado a ver... nesta pequena sala quadrada... quer dizer que já escureceu. Quantas horas terei ficado inconsciente? Está um pouco de nevoeiro, mas não me vou meter nele e esconder-me. Não... nunca mais...

Levanto-me lentamente e sinto as costas entorpecidas entre os ombros. As almofadas brancas no chão do quarto do Isolamento estão encharcadas de eu lhes ter mijado para cima enquanto estive inconsciente.

Ainda não me conseguia lembrar de tudo, mas esfreguei os olhos com as mãos, tentando tornar as ideias claras. Esforçava-me por isso. Nunca antes me tinha esforçado por sair da inconsciência.

Aproximei-me, a cambalear, daquela fresta na porta, com rede de capoeira e bati-lhe com os nós dos dedos. Vi um auxiliar aproximar-se, no átrio, com um tabuleiro para mim e sabia que desta vez os tinha vencido.

Houve vezes em que fiquei a vaguear numa neblina durante duas semanas depois de um tratamento de eletrochoque, vivendo

naquela perturbação nebulosa e confusa, muito semelhante a uma indefinida fronteira do sono, aquela zona cinzenta entre a claridade e a escuridão, ou entre o estar acordado ou adormecido, ou entre a morte e a vida, quando se sabe que não se está inconsciente, mas que não se sabe em que dia estamos e quem somos, ou de que servirá voltar à normalidade - durante duas semanas. Se não se tem uma razão para se acordar, pode-se vaguear à vontade naquela zona cinzenta durante muito tempo, um tempo indefinido. Mas verifiquei, também, que se pode sair daquele estado, se o desejarmos com uma vontade forte.

Desta vez, em menos de um dia consegui voltar ao meu estado normal. Nunca o conseguira em tao pouco tempo.

E, quando o nevoeiro, finalmente, se dissipou da minha cabeça, parecia-me como se tivesse regressado de um longo e profundo mergulho, atingindo a superfície depois de ter permanecido debaixo de água cem anos.

Foi o último tratamento que me fizeram.

Nessa semana, aplicaram mais três tratamentos a McMurphy. Assim que ele começava a recuperar de um e já era capaz de piscar o olho, miss Ratched che-sava com o médico e perguntavam-lhe se se sentia

pronto para se levantar, enfrentar o seu problema e regressar à enfermaria para ser curado. E ele tornava-se arrogante, ciente de que todos aqueles rostos dos Violentos estavam virados para ele e aguardavam a sua reacção, e respondia à enfermeira que lamentava só ter uma vida para dar pelo seu país e que nem que ela lhe beijasse o rabo cor-de-rosa ele se renderia. Pois!

Depois levantava-se e fazia umas medidas aos rapazes que lhe sorriam, enquanto a enfermeira levava o médico para junto do telefone e ligava para o Edifício Principal, marcando outro tratamento.

Uma vez, quando ela ia a sair, ele agarrou-a pelo uniforme e deu-lhe um beliscão que lhe pôs a cara tão vermelha como o cabelo dele. Penso que se o médico não estivesse ali, procurando abafar um sorriso, ela teria esbofeteado McMurphy.

Tentei convencê-lo a concordar com a enfermeira, para evitar mais tratamentos, mas limitou-se a soltar uma gargalhada e a mandar-me para o Inferno, porque a única coisa que lhe estavam a fazer era a carregar-

-lhe as baterias de graça. «Quando eu sair daqui, a primeira mulher que apanhar o velho Ruivo McMurphy, o psicopata dos dez mil watts, vai iluminar-se como um lampião e vai pagar em dólares de pata! Não, não tenho medo daquele carregadorzinho de baterias.»

Insistiu que aquilo não o estava a magoar. Que nem sequer tomava as cápsulas. Mas, sempre que o altifalante o chamava para tomar o pequeno-almoço e prepaxar-se para marchar para o Edifício Um, os músculos do seu queixo retesavam-se, a cor fugia-lhe do rosto e tomava um ar fraco e assustado - o mesmo rosto que eu vira reflectido na pára-brisas, na viagem de regresso da costa.

Deixei a enfermeira dos Violentos no fim da semana e regressei à minha antiga enfermaria. Tinha uma quantidade de coisas para lhe dizer antes de ir lá para baixo, mas ele tinha acabado de voltar de um tratamento e estava sentado, semi-inconsciente, a seguir a bola de ping-pong com os olhos, como se eles estivessem presos à bola por um fio. O auxiliar de cor e o louro levaram-me lá para baixo e introduziram-me na enfermaria, fechando a porta por trás de mim. Para quem vinha dos Vio-lentos, a nossa enfermaria parecia terrivelmente silen-ciosa. Dirigi-me para a nossa sala-de-estar, e por alguma razão, parei à porta: todos os rostos se voltaram para mim, com uma expressão que nunca antes me tinham dirigido. Os rostos iluminaram-se, como se estivessem a olhar para a arena de um espectáculo de circo. «Aí está, em frente dos vossos olhos.» gritou Harding, «a Fera que partiu o braço... do preto! Ei, olhem, olhem!»

Sorri-lhes, imaginando como McMurphy se deve ter sentido durante estes meses, com aquelas caras viradas para ele, gritando-lhe.

Os rapazes aproximaram-se todos e queriam que eu lhes contasse tudo o que tinha acontecido: como se estava ele a portar lá em cima? Que estava a fazer?

Era verdade o rumor que corria no ginásio que lhe estavam a aplicar todos os dias tratamentos de electro-choque e que ele os aguentava como quem bebe um copo de água, fazendo apostas com os técnicos sobre durante quanto tempo manteria os olhos abertos depois de lhe aplicarem os eléctrodos.

Contei-lhes tudo o que pude e ninguém parecia admirar-se por estar ali inesperadamente a falar com as pessoas — um tipo que tinha sido considerado surdo-mudo desde que o conheciam, a falar e ouvir como qualquer outra pessoa. Disse-lhes que tudo o que tinham

ouvido era verdade e acrescentei algumas histórias da minia lavra. Eles riram tanto de algumas das coisas que ele tinha dito à enfermeira, que dois Vegetais debaixo dos lençóis molhados, no lado dos Crónicos, sorriam e roncaram às gargalhadas, como se tivessem também percebido.

Quando a própria enfermeira levantou o problema do doente McMurphy na sessão do grupo, no dia seguinte, dizendo que, por qualquer razão inexplicável, ele não estava a responder à terapia de electrochoque e que talvez fosse necessário aplicar tratamentos mais drásticos, para manterem o contacto com ele, Harding observou, «Bom, isso é possível, miss Ratched, mas pelo que eu tenho ouvido dizer sobre as suas relações lá em cima com McMurphy, ele não tem tido qualquer dificuldade em contactar consigo».

Ela perdeu o equilíbrio e ficou tão perturbada por estarem todos a rir-se dela, que não voltou a falar no assunto.

Ela verificou que McMurphy se estava a tomar maior do que nunca, lá em cima onde os rapazes não podiam ver os estragos que ela lhe estava a provocar, e conclui que ele estava a tornar-se quase uma lenda.

Ela decidiu que não se pode dar um aspecto fraco a um homem que não se pode ver e começou a traçar planos para o fazer regressar à enfermaria. Ela pensava que, então, os rapazes podiam ver por si próprios que ele era tão vulnerável como qualquer outro. Não poderia continuar a desempenhar o seu papel de herói se passasse o dia sentado na sala-de-estar, num estado de apática letargia.



Os rapazes previam esta atitude e também que, enquanto ele estivesse na enfermaria para eles o verem. ela aplicar-lhe ia um tratamento de electrochoque logo

que ele recuperasse do anterior. Por isso, Harding, Scanlon, Fredrickson e eu discutimos a maneira de o convencer que o melhor para todos seria que ele se evadisse da enfermaria. E sábado, quando o trouxeram novamente para a enfermaria - caminhando pelo seu pé na sala-de-estar, como um pugilista atordado, acenando com as mãos juntas por cima da cabeça e anunciando que o campeão estava de volta -, já tínhamos o nosso plano arquitetado. Esperaríamos que anoitecesse, deitávamos fogo a um colchão e, quando os bombeiros entrassem, fá-lo-íamos fugir pela porta. Parecia um plano tão bom que não parecia que ele pudesse recusar-se.

Mas não nos tinha ocorrido que aquele era o dia em que ele tinha marcado o encontro da pequena, Candy, que entraria na enfermaria às escondidas para se encontrar com Billy.

Trouxeram-no de volta à enfermaria cerca das dez horas da manhã. «Estou em forma, parceiros: verifiquem-me as velas e limpam-me os platinados e fiquei tão brilhante como uma bobina de um Modelo T. Já algum de vocês usou uma bobina dessas na véspera de Todos-os-Santos? Zás! É uma festa!» E cirandou pela enfermaria, maior que nunca, despejou um balde de água suja por debaixo da porta da Sala das Enfermeiras, acertou com um pedaço de manteiga em cheio ao bico do sapato branco de camurça do preto mais pequeno, sem ele ter reparado, e provocou gargalhadas durante todo o almoço, enquanto a manteiga se derretia e formava uma mancha que Harding definiu como «um amarelo muito sugestivo» — maior do que nunca, e cada vez que passava por uma estudante de enfermagem ela soltava um gritinho, revirava os olhos e corria pelo átrio, esfregando a nádega.

Falámos-lhe do nosso plano para a sua fuga e ele disse que não havia pressa e lembrou-nos o encontro de Billy. «Não podemos desapontar o bom do Billy, pois não, parceiros? Agora que ele está quase a apanhar a sua cereja? E deve ser uma bella festa esta noite,

se a conseguirmos levar por diante: digamos que será, talvez, a minha festa de despedida.»

Era o fim-de-semana de serviço da enfermeira-chefe —ela não queria perder o regresso dele — e decidiu que seria melhor termos uma sessão para assentar ideias. Na sessão, ella tentou, uma vez mais, apresentar a sua sugestão de medidas mais drásticas, insistindo em que o médico considerava que essa acção devia ser levada a cabo «antes que fosse demasiado tarde para ajudar o doente». Mas McMurphy andava numa tal paródia, piscando os olhos, docejando e dando arrotos enquanto a enfermeira falava, que ela, finalmente, se calou, e, quando o fez, ele provocou uma onda de gargalhadas do médico e dos doentes dizendo que concordava com tudo o que ela tinha dito.

—Sei que ela pode ter razão, doutor: veja só o bem que me fizeram uns míseros volts. Talvez, se duplicarmos a carga, eu possa sintonizar o canal oito, como Martini: estou farto de ficar na cama a sonhar só com o canal quatro, com o noticiário e o boletim meteorológico.

A enfermeira pigarreou, tentando recuperar o controlo da sessão.

—Eu não estava a sugerir que considerássemos a aplicação de mais choques, sr. McMurphy...

— Minha senhora?...

— Eu estava a sugerir que... considerássemos uma operação. Muito simples, realmente. E temos uma experiência de muitos êxitos eliminando as tendências agressivas em certos casos hostis...

— Hostis? Minha senhora, eu sou manso como um cachorrinho. Há quase duas semanas que não ponho o pé no alcatrão dos auxiliares. Ultimamente não tenho dado motivos para cortes, pois não?

Ela manteve o sorriso, mostrando-lhe como era compreensiva.

-Randle, não ha cortes envol...

— Além disso - continuou ele — não serviria de nada cortá-los: tenho outro par na mesa-de-cabeceira.

- Outro... par?

—Quase tão grandes como uma bola de beisebol, doutor.

-Sr. McMurphy!

O seu sorriso partiu-se como vidro quando percebeu que estava a ser gozada.

—Mas o outro é suficientemente grande para ser considerado normal.

Continuou com esta conversa até à hora de irmos para a cama. Nessa altura, sentia-se na enfermaria um ar festivo de feira provinciana e os rapazes segredavam sobre a possibilidade de fazerem uma festa se a rapariga trouxesse bebidas. Os rapazes tentavam apanhar o olhar de Billy, sorrindo e piscando-lhe o olho cada vez que ele os fitava. E, quando nos pusemos em fila para receber o medicamento, McMurphy acercou-se da pequena enfermeira com o crucifixo e o sinal de nascença e perguntou-lhe se ela lhe podia dar umas vita-minas. Ela pareceu surpreendida, replicou que não via nenhuma razão para recusar e entregou-lhe umas pilu-las do tamanho de ovos de pássaro. Ele meteu-as no bolso.

—Não as val tomar? — perguntou-lhe.

—Eu? Meu Deus, não, eu não preciso de vitami-nas. Estava a guardá-las aqui para o meu amigo Billy.

Parece-me que ele ultimamente tem andado com um ar fatigado... sangue causado, provavelmente.

—Então... porque não as dá a Billy?

—Hei-de dar, queridinha, hei-de dar, mas acho que vou esperar pela meia-noite que é quando ele terá maior necessidade delas. — E dirigiu-se para o dormitório com o braço à volta do pescoço corado de Billy, piscando o olho a Harding e espetando-me o enorme polegar nas costelas, quando passou por nós, e deixou a enfermeira de olhos arregalados, atrás dele, na Sala das Enfermeiras, despejando distraidamente água nos pés.

Há coisas que é preciso saber-se acerca de Billy:

apesar de ter rugas na cara e madeixas de cabelo gri-salho, parece ainda um rapazola — como esses rapazolas de grandes orelhas, cara sardenta e dentes salien-tes, pés descalços, que se

vêm nas páginas desses calendários, a assobiar e arrastar pelo chão uma série de peixes enfiados num cordel — e, coutudo, ele não é nada disso. Uma pessoa ficava sempre surpreendida quando o via de pé junto dos outros, reparando, ao vê-lo de perto, que ele era tão alto como eles e que não tinha orelhas grandes nem sardas, nem dentes salientes, e que tinha, de facto, trinta e alguns anos.

Só uma vez o ouvir dizer a sua idade, por acaso, para dizer a verdade, quando estava a conversar com a mãe lá em baixo no vestíbulo. Ela era a recepcionista, uma senhora forte, bem provida de carnes, cujo cabelo mudava de louro para preto e, depois, de preto para louro, de tantos em tantos meses, uma vizinha de miss Ratched, de quem, ouvi dizer, é uma amiga íntima. Para onde quer que fôssemos, em qualquer actividade, Bily

era sempre obrigado a parar e a inclinar a face escarlate sobre aquela secretária para ela lhe dar um beijo.

Isto embaraçava o resto dos rapazes tanto como Billy, por isso, nenhum de nós o gozava a respeito disso, nem mesmo McMurphy.

Uma tarde, já não me recordo há quanto tempo, parámos no caminho para as nossas actividades e sen-támo-nos no vestíbulo em grandes sofás de plástico, ou lá fora, sob o sol das duas horas, enquanto um dos pretos telefonava para o seu corrector de apostas, e a mãe de Billy aproveitou a oportunidade para largar o trabalho e saiu de trás da sua secretária levando o seu rapaz pela mão para se sentarem na relva, perto de mim. Ela sentou-se muito tesa na relva, com as pernas curtas e redondas, calçando meias, estendidas para diante, fazendo-me lembrar a cor da pele das salsichas fumadas, e Billy deitou-se ao seu lado, descansando a cabeça no colo dela, deixando-a fazer cócegas na orelha com a penugem de um dente-de-leão. Billy estava a falar em procurar uma esposa e ir, um dia destes, para a universidade. A mãe fez-lhe cócegas com o dente-de-leão e riu-se de tamanha loucura.

— Querido, tens tempo de sobra para essas coisas.

Tens uma vida inteira à tua frente.

—Mãe, eu tenho tr-tr-trinta e um anos!

Ela riu-se e brincou com a espiga na orelha dele.

— Querido, eu tenha o aspecto de ser mãe de um homem de meia-idade?

Ela franziu o nariz, abriu a boca e, com a língua, imitou o som de um beijo estalejado e eu tive que admitir que ela não se parecia com uma mãe, fosse do que fosse. Eu não queria acreditar que ele tivesse trinta e um anos, até que, mais tarde, me aproximei

dele o suficiente para poder ver a data do nascimento gravada na sua pulseira.

A meia-noite, quando Geever, o outro preto e a enfermeira saíram de serviço, e o tipo de cor, sr. Tur-kle, veio para o seu turno. McMurphy e Billy já estavam levantados, tomando vitaminas, parecem-me. Sai da cama, vesti um roupão e fui para a sala-de-estar onde eles estavam a conversar com o sr. Turkle. Harding, Scanon, Sefelt e alguns outros vieram juntar-se-nos.

McMurphy estava a dizer ao sr. Turkle o que estava programado se a rapariga viesse — recordando, aliás, pois parecia que eles já tinham falado do assunto duas semanas antes. McMurphy disse que o que havia a fazer era deixar entrar a rapariga pela janela, em vez de correr o risco de a fazer passar pelo vestibulo onde poderia estar a vigilante. E, depois, abrir a sala do Iso-lamento. Sim, essa sala não dará uma rica cabana de lua-de-mel para os noivos? Muito privada. («Ahh, McMurphy», tentava Billy dizer). E é preciso ter as luzes apagadas. Para a vigilante não ver nada. E fechar as portas do dormitório e não acordar os Crónicos babosos. E não fazer barulho: não os queremos inco-modar.

- Ah, deixa-te disso, M-M-Mack — disse Billy.

O sr. Turkle concordava e abanava a cabeça, parecendo estar meio adormecido. Quando McMurphy disse, «Acho que temos tudo combinado», o sr. Turkle disse, «Não... nem tudo», e sentou-se ali, sorrindo, no seu uniforme branco, com a careca amarela flutuando em cima do pescoço, como um balão na ponta de um pau.

—Vamos lá, Turkle. Isto vai-te render qualquer coisa. Ela deve trazer umas garrafas.

—Dotás-te a aproximar — disse o sr. Turkle.

Meneava a cabeça de um lado para o outro. Parecia que

mal se podia ter de pé. Ouvi dizer que ele tinha outro emprego durante o dia, numa pista de corridas. McMurphy virou-se para Billy.

-Turtle está à espera de qualquer coisa maior, amigo Billy. Quanto achas que vale a perda da tua virgindade?

Antes de Billy poder parar de gaguejar e conseguir responder, o sr. Turtle abanou a cabeça. «Não é isso. Não é dinheiro. Ela não traz só a garrafa consigo, pois não, essa coisinha doce? Vocês não se vão limitar a partilhar uma garrafa, pois não?». Sorriu para as caras que o olhavam.

Billy quase que rebentava para gaguejar qualquer coisa como, a Candy não, a sua pequena não! McMurphy levou-o para um canto e disse-lhe para não se preocupar com a castidade da sua pequena - Turtle estaria tão bêbado e ensonado quando Billy tivesse acabado, que o velho urso nem conseguiria acertar com uma cenoura numa banheira.

A rapariga estava outra vez atrasada. Sentámo-nos na sala-de-estar, com os roupões vestidos, ouvindo McMurphy e o sr. Turtle contarem histórias do exército enquanto passavam um cigarro do sr. Turtle de uns para os outros, fumando-o de uma maneira esquisita, retendo o fumo nos pulmões até quase ficarem com os olhos esbugalhados. Harding perguntou uma vez que espécie de tabaco era aquele que estavam a fumar que tinha um cheiro tão provocante, e o sr. Turtle respondeu-lhe numa voz aguda, sustendo a respiração, « Um cigarro vulgar. Hee, hee, sim. Queres uma passa? »

Billy estava a ficar cada vez mais nervoso, receando que a rapariga não aparecesse, e receando que ela apa-recesse. Continuava a perguntar porque não íamos todos para a cama, em vez de estarmos para aqui ao

frio e ao escuro, como galgos esperando na cozinha os restos de comida, e limitamo-nos a rir para ele. Nenhum de nós tinha vontade de ir para a cama: além disso, não estava frio e era agradável estarmos ali descon-traídos, à meia luz, ouvindo McMurphy e o sr. Turtle contando histórias. Ninguém parecia ensonado, nem sequer muito preocupado por já passar das duas horas e a rapariga ainda não ter aparecido. Turtle sugeriu que talvez

ela estivesse atrasada por a enfermaria estar tão escura que não a conseguisse encontrar e McMurphy disse que isso era óbvio, e os dois correram pelas paredes abaixo, acendendo todas as luzes, e estavam quase a acender as grandes lâmpadas do tecto do dormitório quando Harding os avisou que isso faria com que todos os tipos se levantassem da cama e viessem partilhar as coisas connosco. Eles concordaram e assentaram em acender todas as luzes do gabinete do médico.

Mal tinham acendido as luzes da enfermaria, que parecia estar em pleno dia, ouviu-se bater à janela.

McMurphy correu para lá e encostou a cara ao vidro, pondo uma mão de cada lado para poder ver. Recuou e sorriu-se para nós.

— Ela caminha na noite como uma Vénus — disse.

Pegou em Billy por um pulso e puxou-o para a janela.

—Deixa-a entrar, Turkle. Deixa este garanhão monta-la.

-Oha, MeM-M-M-Murphy, espera - recusava-se

Billy, teimoso como uma mula.

—Não me venhas com esses mamamamurphys, amigo Billy. Já é demasiado tarde para recuar. Vais conseguir. E digo-te mais: ponho cinco dólares em como a viras do avesso, certo? Abre a janela, Turkle.

Estavam duas raparigas na escuridão: Candy e a

outra que não tinha podido ir à pescaria. «Cão danado», disse Turkle, ajudando-as a entrar. «Chega para todos.»

Fomos todos ajudar: elas tinham que levantar as saias apertadas para cima das coxas para poderem passar pela janela. Candy disse, «Seu danado McMurphy», e tentou agarrar-se-lhe ao pescoço com tal impeto que quase partiu as garrafas que segurava pelo gargalo.

Mexia-se muito e o cabelo caía-lhe do penteado que ela enrolava em cima da cabeça. Achei que ficava melhor com o cabelo entrançado que usava quando fomos à pescaria. Fez um gesto à outra rapariga com a garrafa, quando ela estava a transpor a janela..

- A Sandy também veio. Ela acabou de deixar o maníaco de Beaverton com quem tinha casado: não é uma maluquice?

A rapariga passou pela janela, beijou McMurphy e disse, «Olá, Mack. Lamento não ter aparecido. Mas já acabou tudo. Não se pode aguentar tantas brincadeiras parvas como ratos brancos no travesseiro, minhocas na sopa fria e rãs no soutien.» Abanou a cabeça e agitou a mão à frente da cara, como se quisesse afastar a lembrança daquele marido amante de animais. «Jesus

Cristo, que maníaco!»

Vestiam ambas saias, camisola e meias de nylon e estavam descalças, faces coradas, rindo-se muito. «live-mos que andar a perguntar qual era o caminho», explicou Candy, «por cada bar em que passávamos.»

Sandy virava-se em todas as direcções, olhos arregalados. «Olha, ó Candy, onde é que estamos agora?

Será verdade? Estamos num manicómio? Rapaz!» Era maior do que Candy e, talvez, cinco anos mais velha e procurara amarrar o cabelo cor de cavalo baio atrás da cabeça mas ele continuava a cair pela cara larga cor-de-leite: parecia uma camponesa a tentar passar por dama da sociedade. Os seus ombros, os peitos e as ancas eram demasiado largos e o sorriso demasiado grande e aberto para se lhe poder dizer que era bela, mas era bonita e saudável e tinha um dedo metido na asa de um garrafão de vinho tinto, que trazia como se fosse uma bolsa.

—Candy, como é que estas coisas malucas nos acontecem, como, como?

Deu mais uma volta e estacou, os pés nus afasta-dos, rindo.

—Estas coisas não acontecem - diz Harding à rapariga, solenemente. — Estas coisas são fantasias que sonhamos acordados e que temos medo de contar aos nossos psiquiatras. Vocês não estão realmente aqui.

Esse vinho não é real: nada disto existe. Agora, vamos sair daqui.

—Olá Billy — disse Candy.

— Olha para esta pinga - exclamou Turkle.

Candy estendeu um braço com uma das garraras para Billy.

- Trouxe-te um presente.



— Estas coisas são sonhos que sonhamos acordados — acrescentou Harding.

— Rapaz! - Exclamou a rapariga chamada

Sandy. — Onde é que nos viemos meter?

- Chhhhiu — fez Scanlon, olhando em redor. —

Acordas os outros filhos da mãe se continuas a falar tão alto.

— Qual é o problema, carga de ossos? — a rapariga riu-se, começando a fazer o seu giro. — Tens medo que não haja para todos?

—Sandy, já devia calcular que ias trazer esta zurrapa deste porto barato!

— Rapaz! — ela parou o seu giro para olhar para

mim. — Olha para este, Candy. Um Golias... fe, fi, fa, fu.

O sr. Turkle resmungou, «Cão danado», e voltou a fechar a rede da janela e Sandy voltou a repetir, «Rapaz!». Estávamos todos aparvalhados, em monte, no meio da sala de estar, metendo-nos uns com os outros, dizendo coisas porque ninguém sabia ainda o que mais havia de fazer - nunca tendo deparado com uma situação destas — e não sei quando teria parado esta conversa excitada e irrequieta, com gargalhadas à mistura, ali na sala de estar, se aquela porta da enfermaria não se abrisse repentinamente, com o som da chave a girar na fechadura, assustando todos, como se fosse um alarme contra ladrões.

-Oh, meu Deus! — disse o sr. Turkle batendo com a palma da mão na cabeça careca. — E a vigilante que me vem lançar fogo ao rabo.

Corremos todos para a latrina, apagamos a luz e ficamos ali às escuras, ouvindo a respiração uns dos outros. Podíamos ouvir a vigilante vagueando pela enfermaria, chamando o sr. Turkle num murmúrio meio receoso. A voz dela era macia e preocupada, erguendo o tom no fim da frase, quando chamava, «Se-nhor

Tur-kull? Se-nhor Tur-kle?»

- Onde diabo está ele metido. - segredou McMur-phy. — Porque é que não lhe responde.

—Não te preocupes - disse Scanlon. -Ela não vem espreitar nas latrinas.

—Mas porque é que ele não lhe responde? Se calhar já está grosso.

—De que é que estás a falar? Não estou nada grosso. Não me engrosso numa espelunca destas.

Era a voz do sr. Turkle, algures na latrina, connosco

-Meu Deus, Turkle, o que estás a fazer aqui?

- McMurphy procurava mostrar-se autoritário, ao mesmo tempo que tentava evitar o riso. — Desaparece daqui e vai ver o que é que ela quer. O que é que ela vai pensar se não te encontrar?

— O nosso fim está próximo - disse Harding, sen-tando-se. - Alá tenha piedade de nós.

Turkle abriu a porta e deslizou para fora para ir ter com ela ao átrio. Tinha vindo ver porque razão estavam todas as luzes acesas. Para que é que era necessário acender todas as luzes da enfermaria? Tur-kle replicou que não estava todas acesas: que as luzes do dormitório estavam apagadas, assim como as da latrina. Ela disse que isso não era desculpa para as restantes estarem acesas: que motivo haveria para ter tanta luz acesa? Turkle não conseguia arranjar uma resposta para lhe dar, e, durante a longa pausa, ouvi a garrafa passando de mão junto de mim, na escuri-dão. Lá fora no átrio, ela repetiu a pergunta e Turkle respondeu que, bem, estava a fazer umas limpezas e a passar a ronda. Ela quis então saber a razão porque sendo a latrina o lugar cuja limpeza lhe incumbia, era o único que estava às escuras. E a garrafa continuou a passar de mão em mão, enquanto esperávamos para ver o que ele ia responder. Veio-me às mãos e bebi uma golada. Senti que precisava dela. Ouvia Turkle engolindo em seco no átrio, procurando qualquer coisa para lhe responder.

—O tipo é bronco — ciciou McMurphy. - Tem que ir alguém lá fora ajudá-lo.

Ouvi por trás de mim o barulho da descarga de um autoclismo, a porta abriu-se e Harding foi apanhado pela luz do átrio, puxando para cima as calças do pijama. Ouvi a vigilante sobressaltar-se ao vê-lo e ele

pediu-lhe desculpa, mas que não a tinha visto devido à escuridão.

— Mas não está escuro.

- Refiro-me à latrina. Apago sempre as luzes para conseguir um mais eficiente movimento dos intestinos.

Aqueles espelhos, compreende: quando a luz se reflecte nos espelhos parece-me que estou a ser julgado para decidirem qual é a pena a aplicar no caso de as coisas

nao sairem bem.

— Mas, o auxiliar Turkle disse que estava a limpar lá na...

-E estava a fazer um excelente trabalho, devo acrescentar ...tendo em conta as restrições que lhe eram impostas pela escuridão. Quer ter a amabilidade de vir ver?

Harding abriu ligeiramente a porta e uma nesga de luz iluminou os azulejos do chão da latrina. Vislumbrei uma rápida imagem da vigilante, dizendo que era obrigada a recusar o seu pedido pois tinha mais rondas a fazer. Ouvi a porta abrir-se outra vez e ela saiu da enfermaria. Harding gritou-lhe que voltasse depressa para outra visita e todos saíram apressadamente da latrina, apertando-lhe a mão e dando-lhe palmadas nas costas pela maneira como se tinha desenrascado.

Ficámos ali no átrio e o vinho voltou a correr.

Sefelt disse que seria uma delícia se houvesse alguma coisa para misturar com o vodka. Perguntou ao sr. Tur-ale se não havia nada na enfermaria que se pudesse misturar e ele respondeu que a única coisa que havia era água. Fredrickson perguntou que tal se misturas-Semos xarope para a tosse? «Eles dão-me um bocado uma vez por outra, do garrafão de meio galão que está na sala dos remédios. Não tem mau gosto. Se tivesses a chave dessa sala, Turkle?»

Turkle respondeu que à noite a única pessoa que tinha a chave da sala dos remédios era a vigilante, mas McMurphy convenceu-o a deixar-nos experimentar a fechadura. Turkle sorriu e concordou, abanado a cabeça preguiçosamente. Enquanto ele e McMurphy trabalhavam na fechadura com clips, as raparigas e o resto dos

rapazes andavam pela Sala das Enfermeiras, abrindo os processos e lendo os registos.

— Olha isto - disse Scanlon, abanando uma daquelas pastas. - Não falta nada. Até têm aqui a ficha do relatório do meu exame de primeiro grau. Ah, malditos exames, malditos.

Billy e a sua pequena estavam debruçados sobre o processo deste. Ela deu um passo atrás para o apreciar.

—Tudo isto, Billy? Frénico isto, sodomita aquilo?

Não tens o aspecto de ter tudo isto.

A outra rapariga tinha aberto uma gaveta de acessórios e ficou desconfiada sobre as razões para que as enfermeiras precisavam de todas aquelas botijas de água quente, um milhão delas, e Harding estava sentado na secretária da enfermeira-chefe, abanando a cabeça para tudo aquilo.

McMurphy e Turkle conseguiram abrir a porta da sala dos remédios e trouxeram uma garrafa de um líquido espesso, cor-de-cereja, que tiraram da geleira McMurphy levantou a garrafa para a luz e leu alto o rótulo.

— Ácido cítrico, sabor e cor artificiais. Setenta por cento de matéria inerte - deve ser água — e vinte por cento de álcool — isso é ótimo — e dez por cento de codeína. **ATENÇÃO: ESTE NARCOTICO PODE CAUSAR HABITUAÇÃO.**

Desenroscou a tampa e tomou-lhe o gosto, fechando os olhos. Passou a língua pelos dentes, tomou outra

golada e voltou a ler o rótulo. «Bem», disse e bateu os dentes como se tivesse acabado de os afiar, «se lhe cortarmos um pouco o gosto com vodka, penso que ficará ótimo. Que tal estamos de cubos de gelo,

Turkle ?»

Misturado em copos de papel, com o licor e o vinho do porto, o xarope tinha um sabor como o de uma bebida de miúdos, mas era forte como o vinho de maçãs de cacto que costumávamos beber em Dalles, frio e macio descendo a garganta, e ardente e furioso quando chegava lá abaixo. Apagámos as luzes da sala-de-estar e sentamo-nos bebendo a mistura. Deitamos abaixo os primeiros copos como se estivessemos a tomar os nossos medicamentos, bebendo em

doses, sérios e silenciosos, olhando uns para os outros para ver se aquilo iria matar alguém. McMurphy e Turkle ora bebiam ora fumavam os cigarros deste ultimo e recomeçaram na paródia discutindo o que haviam de fazer para deitar as culpas para cima daquela pequena enfermeira do sinal de nascença que tinha saído de serviço à meia-noite.

— Vou ficar cheio de medo - disse Turkle — que ela me bata com aquela enorme cruz que tem no cordão.

Não achas que é uma grande enrascada?

—E eu teria medo — disse McMurphy — que ela viesse por detrás de mim com o termómetro quando eu ratura!

estivesse no melhor da festa, para me tirar a tempe-

Esta pôs toda a gente a rir. Harding parou de rir para entrar também na paródia.

—Ou pior ainda — disse ele. — Ficar ali debaixo de ti, com uma expressão terrivelmente concentrada no rosto e dizer-te... oh, meu Deus, escuta. dizer-te qual era a tua pulsação!

-Oh, não... meu Deus...

— Ou pior ainda, estar ali e ser capaz de calcular tanto a temperatura como o pulso... sans instruments1!

-Oh, meu Deus, ob, por favor, não...

Rimos até rolarmos pelos sofás e pelas cadeiras, sufocados e com lágrimas nos olhos. As raparigas estavam tão moles de tanto rir que tiveram que tentar pôr-se de pé duas ou três vezes antes de o conseguirem.

«Tenho que ir... fazer chichi», disse a maior e seguiu a cambalear e a rir em direcção à latrina, mas enganou-se na porta, entrando com passo incerto no dormi-tório, enquanto todos dizíamos uns aos outros para nos calarmos, pondo um dedo nos lábios, esperando, até que ela soltou um grito e ouvimos o vozeirão do velho coronel Matterson, «A almofada é... um cavalo!» — e veio atrás da rapariga na sua cadeira de rodas.

Sefelt empurrou a cadeira do coronel de volta ao dormitório e mostrou à rapariga onde era a latrina, dizendo-lhe que normalmente era utilizada só por homens, mas que ele ficaria à porta enquanto ela

estivesse lá dentro e que cuidaria de guardar a intimidade dela contra intrusos, defendendo-a contra quem quer que viesse. Ela agradeceu-lhe solenemente e abanou a mão, cumprimentaram-se e, enquanto ela estava lá dentro, lá voltou a sair o coronel do dormitório, na sua cadeira de rodas, e Sefelt fazia tudo para não o deixar entrar na latrina. Quando a rapariga apareceu à porta, ele estava a tentar conter as arremetidas da cadeira com o pé, enquanto nós nos mantínhamos fora da con-tenda, apoiando quer um quer outro. A rapariga ajudou Sefelt a meter o coronel na cama e depois os dois foram

---

<sup>1</sup> Em francês no original.

ao longo do átrio, dançando uma valsa que mais ninguém ouvia.

Harding bebia, observava e balanava a cabeça.

-Isto não está a acontecer. É uma fantasia de Kafka, Mark Twain e Martini.

McMurphy e Turkle começaram a preocupar-se pensando se não haveria demasiadas luzes acesas e foram ao longo das paredes do átrio, apagando tudo o que dava luz, incluindo as luzes de vigília, à altura do joelho, até ficar escuro como breu. Turkle arranjou algumas lanternas eléctricas e nós divertimo-nos a passear com as cadeiras de rodas, que fomos buscar à arrecadação, gozando a valer, até que ouvimos um daqueles gritos histéricos de Sefelt e, indo à procura dele, fomos encontra-lo estendido no chão com convulsões, ao lado de Sandy. Ela estava sentada no chão escovando a saia com as mãos, olhando para Sefelt.

«Nunca tinha tido uma experiência destas», disse, com uma entoação respeitosa na voz.

Fredrickson ajoelhou ao lado do amigo, meteu-lhe uma carteira entre os dentes para ele não morder a língua e ajudou-a a abotoar as calças.

- Estás bem, Seef? Seef?

Sefelt não abriu os olhos, mas levantou uma mão e tirou a carteira da boca. Sorriu e cuspiu.

-Estou bem. Dêem-me o remédio e deixem-me à vontade.

— Precisas mesmo de remédio, Seet?

— Remédio.

— Remédio - disse Fredrickson por cima do ombro. — Remédio - repetiu Harding e dirigiu-se com a lanterna para a sala dos remédios. Sandy olhava para ele de olhos vidrados. Estava sentada ao lado de Sefelt, abanando a cabeça com ar sonhador.

- Talvez seja melhor trazeres também para mim

- gritou ela numa voz pastosa para Farding. - Nunca tinha experimentado nada que, nem de perto, se aproximasse disto.

Ouvimos o barulho de vidro a partir-se ao fundo do átrio e Harding regressou com as duas mãos cheias de pílulas: despejou-as por cima de Sefelt e da mulher, como se estivesse a atirar torrões de terra sobre uma campaa. Levantou os olhos para o tecto.

— Deus todo misericordioso, aceita estes dois pobres pecadores nos teus braços. E deixa a porta entreaberta para quando chegar a nossa vez, porque estamos a testemunhar o fim, o absoluto, o irrevogável, o fantástico fim. Finalmente, compreendi o que está a acon-tecer. É o nosso último estertor. Daqui em diante estamos condenados. Devemos manter a nossa coragem até ao fim e enfrentar a fatalidade do nosso destino. Ao amanhecer seremos todos fuzilados. Cem centímetros cúbicos para cada um. Miss Ratched alinhar-nos-á contra a parede e enfrentaremos a bocarra terrível de uma caçadeira de carregar pela boca, na qual terá metido comprimidos Miltowns! Thorazines! Libriums! Stela-zines! E com um gesto da sua espada, bum! Tranquili-zar-nos á completamente e deixaremos de existir.

Encostou-se à parede e deixou-se escorregar para o chão, os comprimidos a saltarem para o chão em todas as direcções, como percevejos vermelhos, verdes e cor-de-laranja. «Amen», disse, fechando os olhos.

A rapariga, no chão, alisou a saia para tapar as suas compridas pernas trabalhadoras e olhou para Sefelt, que continuava a sorrir e a torcer-se, ali ao lado dela, sob a luz das lanternas.

—Nunca na minha vida experimentei nada que se parecesse com ista, nem metade!

A oratória de Harding, se não conseguiu dissipar a bebedeira dos rapazes, conseguiu, pelo menos, fazê-los meditar na gravidade do que estavam a fazer.

A noite estava a avançar e era preciso pensar na chegada do pessoal pela manhã. Billy Bibbit e a sua pequena mencionaram que já passava das quatro e que, se eles não se importavam, gostariam que o sr. Turkle abrisse a porta da sala do Isolamento. Afastaram-se, sob um arco de feixes de luz, e nós fomos para a sala de estar para resolvermos o que havíamos de fazer no que dizia respeito à limpeza do local. Turkle já estava semi-inconsciente quando regressou do Isolamento e tivemos que o levar para a sala de estar numa cadeira de rodas.

Enquanto os seguia, verifiquei, repentinamente, com surpresa, que estava bêbado, bêbado de todo, sorrindo com um ar apalermado e cambaleando, bêbado pela primeira vez desde que saíra do exército, juntamente com mais doze tipos e duas mulheres — mesmo na enfermaria de miss Ratched! Bêbado, correndo, sorrindo e brincando na companhia de mulheres, mesmo no meio da mais poderosa fortaleza do Sistema! Pus-me a pensar nos acontecimentos desta noite, no que fize-ramos, e era inacreditável. Tinha que estar a convencer-me que aquilo acontecera mesmo, que nós o tornáramos possível. Tínhamos, simplesmente, aberto uma janela e deixado que aquilo entrasse, como se estivessemos a deixar entrar ar fresco. Talvez o Sistema não fosse assim tão poderoso. O que é que nos impediria de o fazer outra vez, agora que sabíamos que éramos capazes? O que é que nos impediria de fazermos outras coisas que quiséssemos fazer? Senti-me tão bem ao pensar nisto que soltei um grito e dei um encontrão em McMurphy e Sandy, que seguiam à minha frente,

levantei-os do chão, um em cada braço, e corri o resto do caminho até à sala de estar, com eles dando gritos e escoiceando como miúdos. Sentia-me tão bem como isso.

O coronel Matterson voltou a levantar-se, os olhos brilhantes e cheios de lições, e Scanlon empurrou-lhe a cadeira para a cama. Sefelt, Martini e Fredrickson disseram que seria melhor irem também para a cama.



McMurphy, eu, Harding, a rapariga e o sr. Turkle ficamos até acabar o xarope para a tosse, para decidir o que haveríamos de fazer quanto ao pandemónio em que estava a enfermaria. Eu e Harding parecíamos ser os únicos que estávamos realmente preocupados com isso: McMurphy e a pequena limitaram-se a ficar ali sentados a beber aquele xarope, a sorrir um para o outro e a brincarem com as mãos dadas no escuro e o sr. Turkle continuava a adormecer de vez em quando.

Harding fez tudo quanto pôde para os interessar pelo assunto.

— Vocês não conseguem compreender a gravidade da situação. — disse ele.

— Merda! - respondeu McMurphy.

Harding deu um murro na mesa.

— McMurphy, Turkle, vocês são incapazes de compreender o que aconteceu aqui esta noite. Numa enfermaria de doentes mentais. Na enfermaria de miss

Ratched! As repercussões serão.. devastadoras!

McMurphy deu uma dentada na orelha da rapariga. Turkle concordou, abriu um olho e disse, «E verdade. Trazemo-la amanhã também!»

— No entanto, eu tenho um plano — disse Harding.

Pôs-se de pé. Disse que McMurphy não estava, obviamente, em estado de poder controlar a situação e que alguém tinha que tomar a iniciativa. Enquanto falava,

mantinha-se mulo ano e parecia mais sóbrio. Falou num tom grave e sério e acompanhava a conversa com as mãos. Fiquei contente por ele estar ali a tomar a iniciativa.

O seu plano era que devíamos amarrar Turkle, de forma a dar a impressão que McMurphy o tinha atacado pelas costas, amarrá-lo com... oh, digamos, tiras de lençóis rasgados, e que depois lhe tirara as chaves e, então, na posse delas, tinha invadido a sala dos remédios, espalhando remédios por toda a parte e pondo o ficheiro num pandemónio, só para enraivecê-la enfermeira - ela acreditará nesta parte — e a seguir tinha aberto a grade da janela e fugido.

McMurphy comentou que aquilo soava como um plano de uma série de televisão e que era tão ridículo que, provavelmente,

resultaria e cumprimentou Har-ding pela sua brilhante imaginação. Harding respondeu que o plano tinha os seus méritos.: evitava que os outros rapazes tivessem complicações com a enfermeira, que Turkle fosse despedido e permitia a fuga de McMurphy.

Acrescentou ainda que as raparigas podiam levar McMurphy no carro para o Canadá ou para Tijuana, ou mesmo para Nevada se ele quisesse, e pôr-se a salvo: a polícia nunca se preocupava muito em apanhar os desertores do hospital, porque noventa por cento deles apresentavam-se passados uns dias, sem dinheiro, bêbados e procurando cama e mesa de borla. Discutimos o plano durante algum tempo e acabamos com o xarope para a tosse. Finalmente, o silêncio abateu-se sobre nós.

Harding voltou a sentar-se.

McMurphy tirou o braço de cima da rapariga e olhou de mim para Harding, pensando, com aquela expressão esquisita e cansada novamente estampada

no rosto. Perguntou o que seria de nós, porque não iam buscar as roupas, fugindo com ele?

—Eu ainda não estou preparado, Mack - disse-  
The Harding.

Olhou para ele em silêncio durante algum tempo e disse:

—Não, tu não compreendes. Dentro de algumas semanas estarei preparado. Quero fazê-lo à minha maneira, por mim mesmo, saindo pela porta da frente, com a papelada e as complicações tradicionais. Quero que a minha mulher esteja ali com o carro, a uma certa hora, para me levar. Quero que eles saibam que fui capaz de o fazer dessa maneira.

MaMurphy concordou.

-E tu, Chefe?

— Acho que já estou preparado. Mas não sei ainda para onde é que quero ir. E deve ficar aqui alguém mais umas semanas para se certificar que as coisas não começam a andar para trás.

—E Billy, Sefelt, Fredrickson e os outros?

—Não posso falar em nome deles — respondeu

Harding - Têm ainda os seus problemas, como alias todos nós. Em muitos aspectos, são ainda doentes. Mas, pelo menos, há isto:

eles agora são homens doentes.

Já não são coelhos, Mack. Pode ser que qualquer dia sejam homens normais. Mas, isso, eu não posso dizer McMurphy pensou atentamente nisto, olhando para as costas das mãos. Voltou a olhar para Harding.

— Harding, que é isto? Que está a suceder?

— Referes-te a tudo isto?

McMurphy confirmou.

Harding abanou a cabeça.

— Acho que não te posso dar uma resposta. Oh, podia dar-te razões freudianas com conversa fiada, e

isso estarias razões para as razões. Mas a que tu queres são as razões para as razões, e, essas, não sou capaz de as encontrar. Pelo menos para os outros.

Para mim? Culpa. Vergonha. Medo. Auto depreciação.

Quando eu era muito mais novo, descobri que era.... sejamos simpáticos e digamos, diferente. E uma palavra melhor, de sentido mais geral do que a outro.

Entreguei-me a certas práticas que a nossa sociedade olha como sendo vergonhosas. E adoeci. Não era pelas práticas, acho que não, era pela sensação de ter aquele dedo enorme, mortífero da sociedade a apontar para mim... e um enorme coro de milhões de vozes entoando.

«Vergonha. Vergonha. Vergonha.» E a maneira que a sociedade tem de tratar as pessoas que são diferentes.

-Eu sou diferente - disse McMurphy. - Porque é que não me aconteceu nada de semelhante? Tanto quanto me posso lembrar, tive sempre pessoas a chatear-me por uma coisa ou por outra, mas não foi isso que... mas isso não me fez ficar louco.

— Não, tens razão. Não foi isso que te pôs maluco.

Não estava a apresentar a minha razão como sendo a única. Embora eu costumasse pensar, numa certa altura, há alguns anos, nos meus tempos de colarinhos esticados, que a severidade da sociedade era a única força que impelia para a estrada da loucura, tu levaste-me a rever a minha teoria. Há mais alguma coisa que impele as pessoas, pessoas fortes como tu, meu amigo, para essa estrada.

—Sim? Não quer dizer que eu esteja a admitir quer coisa mais? que estou a descer essa estrada, mas o que é essa qual-

— Somos nós. — Descreveu com a mão um círculo branco e suave e repetiu. - Nós.

MaMurphy exclamou sem entusiasmo, «Merda.!»), sorriu e levantou-se, ajudando a rapariga a pôr-se de pé. Deu uma olhadela ao relógio de parede. — São quase cinco horas Preciso de passar pelas brasas antes da minha grande evasão. O turno da manhã só entra daqui a duas horas: deixemos ficar ali Billy e Candy mais um bocado. Cavo por volta das seis. Sandy, querida, talvez uma hora no dormitório nos faça passar a bebe-deira. Que dizes? Temos um longo caminho à nossa frente amanhã, seja para o Canada, o México, ou qualquer outro sítio.

Turkle, Harding e eu pusemo-nos também de pé.

Estavamos todos ainda cambaleando muito, bastante bêbedos, mas um sentimento triste e nebuloso tinha tomado o lugar da embriaguez. Turkle disse que faria sair MMurphy e a rapariga da cama dal a uma hora.

- Acorda-me também — pediu Harding. - Gostava de ficar ali à janela, com uma bala de prata na mão, perguntando, «Quem era aquele mascarado?», enquanto desapareces ao longe no teu cavalo branco...

— Vai-te lixar com isso. Vocês vão-se meter os dois na cama e não quero tornar a ver-vos mais nenhuma vez. Perceberam?

Harding sorriu e concordou, mas não disse nada.

McMurphy estendeu a mão e Harding apertou-a. McMurphy fez uma saudação, como um cowboy a sair de um saloon e piscou o olho.

—Podes voltar a ser o Maluco Chefe dos Loucos, parceiro, quando a Grande Mack já cá não estiver.

Virou-se para mim e franziu o sobrolho.

—lu, não sei o que poderás ser, Chefe. Ainda tens que reflectir sobre a tua vida. Talvez possas arranjar um emprego como o «mau da fita» nas séries da TV. De qualquer modo, aguenta as coisas com calma.

Apertei-lhe a mão e fomos todos para o dormitório. McMurphy disse a Turkle para rasgar uns lençóis em tiras e escolher os seus nós favoritos para ser amarrado. Turkle respondeu que o faria. Meti-me na cama, à luz mortua do dormitório e ouvi McMurphy e a rapariga meterem-se na cama dele. Sentia-me entorpecido e com calor. Ouvi o sr. Turkle abrir a porta da arrecadação das roupas, no átrio, e um longo e forte suspiro, como um arrote, quando fechou a porta atrás dele.

Os meus olhos habituaram-se à escuridão e via McMurphy e a rapariga aconchegarem-se um contra o outro, mais como dois miúdos cansados do que um homem e uma mulher adultos juntos, na cama, a fazer amor.

E foi assim que os outros os encontraram quando vieram acender as luzes do dormitório, às seis e meia.

Tenho matutado muito no que aconteceu a seguir e dei comigo a pensar que tinha que ser, que teria acontecido de uma maneira ou de outra, agora ou mais tarde, mesmo que o sr. Turkle tivesse acordado McMurphy e as duas pequenas a tempo e os tivesse posto fora da enfermaria como estava planeado. A enfermeira-chefe teria, de qualquer modo, descoberto o que se tinha passado, talvez só pela expressão de Billy, e teria feito o mesmo que fez, com ou sem a presença de McMurphy. E Billy teria feito o que fez e McMurphy ouviria falar no assunto e regressaria.

Ele teria que regressar, porque já não poderia ficar fora do hospital, jogando póquer em Carson City ou Reno ou em qualquer outro lado, deixando à enfermeira-chefe a iniciativa da última jogada na última partida, tal como não o permitiria mesmo debaixo do seu nariz. Era como se ele se tivesse comprometido para o jogo todo sem haver qualquer maneira de o fazer rasgar o contrato.

Quando começámos a sair da cama e a cirandar pela enfermaria, já a história do que tinha acontecido se espalhava em murmúrios, como um incêndio a allas-trar numa mata. «Eles tiveram o quê?», perguntavam os que não tinham estado na festa. «Uma puta? No dor-mitório? Jesus!» Não foi só uma puta, diziam-lhes os outros, mas um bacanal de arromba. McMurphy estava

a planear levá-la lá para fora antes que viesse o pessoal do turno do dia, mas não acordou. «Mas que raio de barrete nos estão a enfiar?» «Não é barrete. É tudo verdade. Eu estava lá».

Aqueles que tinham estado na noitada, começaram a contar tudo com uma espécie de orgulho sereno e admiração, da mesma forma que as pessoas narram o espectáculo de um incêndio num grande hotel, ou o rebentamento de uma barragem - com grande solenidade e respeito, porque ainda não se conhecia o número de mortos e feridos — mas, quanto mais contavam; menos solenes ficavam. Cada vez que a enfermeira-

-chefe e os seus solícitos pretos desenterravam uma novidade, tais como a garrafa vazia de xarope para a tosse, ou a esquadra de cadeiras estacionadas no fundo do átrio, vinha-nos à lembrança outra parte da noite, para a contarmos aos tipos que não tinham estado pre-sentes, ou para saborear com os que estiveram. Os pretos juntaram-nos todos na sala-de-estar, Crónicos e Agudos sem distinção, movendo-se juntos na excitada confusão. Os dois velhos Vegetais estavam sentados, absortos, rolando os olhos e mostrando as gengivas des-camadas. Estavam todos ainda de pijamas e pantufas, à excepção de McMurphy e da rapariga: ela estava vestida, mas sem sapatos nem meias, que tinha dependuradas no ombro, e ele estava com os seus calções pretos com as baleias brancas. Estavam sentados ao lado um do outro, de mãos dadas. A rapariga estava a passar pelo sono e McMurphy encostava-se a ela com um sorriso satisfeito e ensonado.

A nossa solena preocupação estava a dar lugar, apesar de tudo, à alegria e ao humor. Quando a enfermeira descobriu o monte de comprimidos que Harding tinha despejado em cima de Sefelt e da rapariga, come-

gámos a abafar o riso e a fungar para evitar as garga-

pnadas, e, quando descobriram o sr. Turkle na arrecadação das roupas e o trouxeram para fora a piscar os olhos e a resmungar, enrolado em centenas de metros de lençóis rasgados, como uma múmia com a ressaca, desatámos às gargalhadas. A enfermeira-chefe aceitou o nosso bom-humor sem fraquejar: cada gargalhada descia-lhe pela garganta abaixo e ela parecia que ia rebentar, de um momento para o outro, como um balão.

McMurphy deixou cair uma perna nua pelas costas do sofá e puxou o gorro para baixo, para evitar que a luz lhe fizesse doer os olhos vermelhos, e lambia constantemente os lábios com a língua, que parecia ter sido envernizada com aquelle xarope para a tosse.

Parecia doente e terrivelmente cansado e apertava continuamente as têmporas, bocejando, mas, por pior que pudesse ser o seu aspecto, não deixava de sorrir e, uma ou duas vezes, soltou uma sonora gargalhada, com alguma coisa que a enfermeira descobria.

Quando a enfermeira saiu para telefonar para o Edifício Principal, comunicando o despedimento do sr. Turkle, este e Sandy aproveitaram a oportunidade para tornarem a abrir a grade da janela, fazendo um aceno de despedida a todos, e correrem pelos relvados, cambaleando e escorregando na relva húmida que brilhava ao sol.

-Ele não a tornou a fechar - disse Harding a

McMurphy. — Vai. Corre atrás deles!

McMurphy resmungou e abriu um olho vermelho de sangue, como um ovo incubado.

— Estás a brincar comigo? Nem sequer era capaz de passar a cabeça pela janela, quanto mais o resto do corpo.

—Meu amigo, não me parece que estejas a abran-  
ger.

- Harding, vai para o raio que te parta mais as tuas palavras caras: a única coisa que compreendo esta manhã é que ainda estou meio bêbedo. E tu, Chefe?

Ainda estás bêbedo?

Respondi que o meu nariz e as faces ainda não sentiam nada, se isto quisesse dizer alguma coisa.

McMurphy abanou a cabeça uma vez e voltou a fechar os olhos: enlaçou as mãos por cima do peito e deslizou na cadeira, o queixo apoiado no colarinho.

Passou a língua pelos lábios e sorriu, como se estivesse a dormir.

— Rapaz — disse. — Ainda estão todos bêbedos.

Harding continuava preocupado. Continuava a afirmar que a melhor coisa que McMurphy podia fazer era vestir-se, depressa, enquanto o velho Anjo de Misericórdia estava lá dentro, voltando a telefonar ao médico para lhe comunicar as atrocidades que tinha descoberto, mas McMurphy insistia que não havia motivo para estar tão excitado: ele não estava pior que antes, ou estava?

«Eu tirei-lhes os seus melhores trunfos», disse. Harding levantou os braços e retirou-se, predizendo o pior.

Um dos pretos reparou que a grade estava aberta, foi fechá-la e dirigiu-se para a Sala das Enfermeiras para ir buscar a lista dos doentes, regressou, passando o dedo pela lista e lendo os nomes em voz alta à medida que ia vendo os rapazes. A lista estava escrita por ordem alfabética invertida para desorientar as pessoas, por isso, ele só chegou aos Bs quando já estava no fim.

Olhou à volta da sala-de-estar sem tirar o dedo daquele último nome da lista.

-Bibbit. Onde está Billy Bibbit?

Tinha os olhos arregalados. Estava a pensar que

Billy se tinha escapado mesmo debaixo do seu nariz e que nunca mais o apanhava.

—Quem viu sair Billy Bibbit, cambada de cretinos?

Isto fez o pessoal recordar-se onde estava Billy:

ouve nova onda de murmúrios e gargalhadas.

O preto voltou ao gabinete e vimo-lo a contar à enfermeira a novidade. Ela esmagou o auscultador do telefone no descanso e apareceu na porta com o preto atrás, excitado: tinha uma madeixa de cabelo saindo da touca branca, caindo-lhe pela cara como cinzas húmidas. Suava e o suor caía-lhe pela cara abaixo. Ela ordenou que lhe disséssemos para onde tinha ido o amante raptado. A resposta foi um coro de gargalhadas e os seus olhos percorreram os rapazes.



—Então? Ele não fugiu, pois não? Harding, ele ainda está aqui... na enfermaria, não está? Diga-me.

Sefelt, diga-me!

A cada palavra o seu olhar lançava flechas que atingiam os rapazes nos rostos, mas eles estavam imunes ao seu veneno. Os olhos deles encontraram os dela: os seus sorrisos zombavam do velho sorriso confiante que ela tinha perdido.

- Washington! Warren! Venham comigo passar uma revista aos quartos.

Erguemo-nos e seguimos os três a afastarem-se, abrindo a porta do laboratório, da sala das timas, do galinete do médico... Scanion cobriu o seu sorriso com a mão nodosa e segredou, «Ei. vai ser um gozo com o velho Billy.» Concordámos todos. «E o gozo não vai ser só com o Billy, agora que estou a pensar nisso: lem-boram-se quem é que está com ele?

A enfermeira chegou junto à porta da sala do Isolamento, no fundo do átrio. Empurrámo-nos para ver melhor, amontoando-nos e esticámos o pescoço para

espreitar por cima da enfermeira-chefe e dos dois pre-tos, enquanto ela dava a volta à chave e abria a porta.

Estava escuro no quarto sem janelas. Ouvia-se na escuridão um grito e um restolhar e a enfermeira estendeu o braço e apontou a lanterna para Billy e para a rapa-riga, que piscavam os olhos, deitados num colchão estendido no chão, como dois mochos apanhados no ninho.

A enfermeira ignorou o coro de gargalhadas por trás dela.

— William Bibbit! - fazia todos os possíveis para parecer fria e severa. — William.. Bibbit!

-Bom-dia, miss Ratched - disse Billy, não mexendo uma palha para abotoar os botões do pijama.

Tomou a mão da rapariga entre as suas e sorriu. - Esta é Candy.

A língua da enfermeira cacarejou na garganta ossuda.

-Oh, Billy, Billy, Billy... estou tão envergonhada consigo.

Billy ainda não estava bem acordado para responder à vergonha da enfermeira e a rapariga estava a procura das meias de

nylon debaixo do colchão, com os movimentos lentos e o olhar mortiço de quem acaba de acordar. De vez em quando, interrompia os seus gestos ensonados e olhava para cima, sorrindo para a figura gelida da enfermeira, de pé e com os braços cruzados, e depois apalpou a camisola para ver se a tinha albo-toada, voltando a procurar as meias e encontrando-as entre o colchão e o chão de azulejos. Mexiam-se os dois como gatos anafados, a barriga cheia de leite quenti-nho, espreguiçando-se ao sol: achei que também estavam ainda meios bêbedos.

—Oh, Billy - disse a enfermeira, como se estivesse tão desapontada que não se conseguisse dominar

e pudesse começar a chorar. — Uma mulher como essa!

Uma galdéria! Vulgar! Pintada...

—Uma contesã? - sugeriu farding. - Jezebel?

— A enfermeira virou-se e tentou perfurá-lo com os olhos, mas elle continuou. — Não é Jezebel? Não?

—Coçou a cabeça, a pensar. — Que tal Salomé? Ela é indiscutivelmente diabólica. Talvez «dama» seja a palavra que está à procura. Bem, só estou a tentar ajudar!

Ela voutou-se para Billy. Ele estava a tentar pôr-se de pé. Rolou no chão e ficou de joelhos, o rabo no ar, como uma vaca a levantar-se, depois fez força com as mãos e ficou equilibrado num pé, depois no outro, e endireitou-se. Parecia satisfeito com o seu êxito, como se nem nos tivesse visto ali na porta, entrando com ele e dando-lhe vivas.

O berreiro e as gargalhadas rodopiavam em torno da enfermeira. Ela desviou os olhos de Billy e da rapariga para o grupo, por trás dela. O rosto de esmalte e plástico desfazia-se. Fechou os olhos e fez um esforço enorme para dominar o seu tremor, concentrando-se.

Quando os voltou a abrir, eles estavam pequeninos e fixos.

—O que me preocupa, Billy — disse, e eu sentia a mudança no tom da sua voz— é como é que a sua pobre mãe vai receber isto.

Obteve a resposta que esperava. Billy encolheu-se todo e levou a mão à cara, como se se tivesse queimado com ácido.

- A sr. Bibbit tem-se mostrado tão orgulhosa do seu comportamento. Eu sei que é verdade. Isto vai causar-lhe uma perturbação terrível. Você sabe como ela é quando fica perturbada, Billy: sabe como ela pode ficar tão doente. E muito sensível. Especialmente

em tudo o que diz respeito ao seu filho. Sempre falou de si com tanto orgulho. Ela sem...

- Não! Não! — A boca dele movia-se num rito de dor. Abanou a cabeça, suplicando-lhe. - Não tem n-n-necessidade disso.

- Billy, Billy, Billy. A sua mãe e eu somos velhas amigas.

-Não! — berrou ele. A sua voz riscava as paredes nuas e brancas da sala do Isolamento. Levantou o queixo, gritando para aquela lua de luz no tecto.

- N-n-não!

Nós tínhamos parado de rir. Observávamos Billy dobrado no chão, atirando a cabeça para tras e os joelhos para a frente. Esfregava a mão para cima e para baixo na coxa, no pano verde das calças. Abanava a cabeça, em pânico, como uma criança a quem tinham prometido uma sova logo que cortasse um vime. A enfermeira tocou-lhe no ombro para o confortar. O toque fê-lo agitar-se como se fosse um soco.

—Billy, não quero que ela acredite que numa coisa destas da sua parte... mas quem sou eu para decidir?

- N-n-não lhe diga, m-m-m-misse Ratched. N-n-n-...

-Billy, tenho que lhe fazer. Custa-me acreditar que você se comportou desta maneira, mas, realmente, que mais posso pensar? Encontrei-o sozinho num col-chão, com uma mulher dessa espécie.

- Não. Não f-f-fiz nada. Eu estava... - tornou a levar a mão à cara. - Foi ela que fez.

—Billy, esta rapariga não o podia ter trazido para aqui à força. — Ela abanou a cabeça. - Compreen-da-me, gostaria de poder acreditar noutra coisa qual-quer... no interesse da sua pobre mãe.

A mão arranhou o cara, deixando compridas marcas vermelhas.

—Foi ela que f-fez. — olhou em redor. - E M-M-McMurphy! Foi ele. E Harding! E oos outros!

Eles arreliaram-me, chamaram-me nomes!

Agora, o rosto dele estava pregado ao dela. Não olhava para um lado ou para o outro, mas apenas em frente, para a cara dela, como se fosse uma luz em espiral em vez de feições, um remoinho hipnotizante de creme, branco, azul e cor-de-laranja. Ele engoliu em seco e esperou que ela dissesse alguma coisa, mas ela não se pronunciou: a sua habilidade, o seu fantástico poder mecânico encheu-a novamente, analisando a situação e determinando que ela devia permanecer calada.

-Eles f-f-forçaram-me! Por favor, m-miss Rat-ched, eles po-po-PODEM...!

Ela desviou a lanterna e a cabeça de Billy pendeu, solugando de alívio. Pôs-lhe uma mão no pescoço, puxou-lhe o queixo para o peito engomado, dando-lhe palmadinhas no ombro, enquanto se virava e nos dirigia um olhar de desprezo.

- Está bem, Billy. Está bem. Ninguém lhe vai fazer mal. Está bem. Eu explico à sua mãe.

Continuava a fixar-nos enquanto falava. Era esquisito ouvir aquela voz, meiga, suave e quente como uma almofada, saindo de um rosto duro como porcelana.

- Está bem, Billy. Venha comigo. Pode esperar aqui no gabinete do médico. Não há razão para estar sujeito a ficar ali fora na sala-de-estar com aqueles...

seus amigos.

Levou-o para o gabinete, dando-lhe pancadinhas meigas na cabeça e dizendo, «pobre rapaz, pobre rapa-zinho», enquanto nós dispersávamos silenciosamente pelo átrio, sentando-nos na sala-de-estar, sem olharmos

uns para os outros e sem nos falarmos. McMurphy foi o último a sentar-se.

Os Crónicos deixaram de andar por ali a aumentar a confusão e instalarem-se nos seus lugares habituais.

Olhei para MoMurphy pelo canto do olho, procurando ser o mais discreto possível. Ele estava sentado na sua cadeira do canto, descansando uns momentos antes do próximo round... numa longa sequência de outros rounds. Aquilo por que lutava não dava garantias de . sucesso. A única coisa que se podia fazer era

continuar a insistir vigorosamente, até ao esgotamento e, então, outro teria que tomar o nosso lugar.

Ouviram-se mais chamadas telefónicas na Sala das Enfermeiras e apareceram mais autoridades procurando provas. Quando, finalmente, o médico entrou, toda aquela gente o olhou como se tudo aquilo tivesse sido planeado por ele ou, pelo menos, perdoado e autorizado.

Estava pálido e nervoso perante os olhares deles. Via-se perfeitamente que já estava ao corrente da maior parte das coisas que tinham acontecido aqui, na sua enferma-ria, mas a enfermeira-chefe traçou-lhe de novo o panorama geral, especificando os pormenores em voz lenta e alta, para que pudéssemos ouvir também. Para ouvirmos como deve ser, desta vez, solenemente, sem murmúrios nem gargalhadas enquanto ela falava. O médico acenava com a cabeça e mexia nervosamente nos óculos, pestanejando com os olhos tão húmidos que pensei que a iria respingar. Ela acabou a narrativa falando-lhe de Billy e da trágica experiência por que fizeram passar o rapaz.

-Deixei-o no seu gabinete. A julgar pelo seu estado actual, sugiro que o vá ver imediatamente. Passou por uma terrível provação. Estremeço só ao pensar

no traumatismo que isto não deve ter provocado no pobre rapaz.

Esperou até o médico estremecer também.

-Pensa que deve ir ver se pode falar com ele.

Precisa de muita simpatia e compreensão. Está num estado deplorável.

O médico voltou a concordar com a cabeça e saiu, dirigindo-se para o seu gabinete. Vimo-lo afastar-se.

— Mack - disse Scanlon. — Ouve... não pensas que estamos a ser levados por esta merda, pensas?

E mau, mas sabemos sobre quem recaem as culpas... não te culpamos a ti.

—Não — repeti eu, - nenhum de nós te culpa de nada.

E, logo que vi o olhar que ele me dirigia, desejei que me cortassem a língua.

Ele fechou os olhos e descontraíu-se. Parecia que estava à espera de qualquer coisa. Harding levantou-se e dirigiu-se para junto dele e tinha começado a abrir a boca para dizer qualquer coisa, quando se ouviu o grito do médico que encheu o átrio e fez estampar o horror em todos os rostos.

meira!

— Enfermeira! - gritou ele. — Meu Deus, enjer-

Ela correu, os três pretos correram, atravessando o átrio para o sítio onde o médico estava ainda a cha-má-la. Mas nenhum doente se levantou do seu lugar.

Sabíamos que não havia nada que pudéssemos fazer senão mantermo-nos sentados e quietos à espera que ela viesse à sala-de-estar contar-nos o que todos sabia-mos ser uma das coisas que estavam para acontecer.

phy.

A enfermeira dirigiu-se directamente para McMur-

— Ele cortou a garganta - disse. Esperou, aguar-

dando que ele dissesse alguma coisa. McMurphy nem sequer levantou os olhos. — Abriu a secretária do médico, encontrou alguns instrumentos e cortou a gar-ganta. O pobre infeliz e incompreendido rapaz matou-se.

Está ali na cadeira do médico com a garganta cortada.

Ela continuava à espera. Mas ele não levantou os olhos.

- Primeiro, Charles Cheswick, e agora William

Bibbit! Espero que esteja, finalmente satisfeito. Brincando com vidas humanas... jogando com vidas huma-nas... como se se julgasse um Deus!

Virou-se, entrou na Sala das Enfermeiras e fechou a porta atrás dela, deixando um ruído arrepiante de morte, sangue e frio ressoando nos tubos fluorescentes sobre as nossas caloegas.

Primeiro, pensei em fazê-lo parar, convencê-lo a contentar-se com as vitórias que já conseguira e deixá-la ganhar este último combate, mas, depois, outro pensamento me invadiu, varrendo completamente o pri-meiro. Subitamente, verifiquei que nem eu nem o nosso grupo o poderia fazer parar. Que, nem os argumentos de Harding, nem as minhas tentativas para o agarrar, nem as lições do

velho coronel Matterson, nem as reclamações de Scanlon, nem nós todos juntos, o poderíamos parar.

Não o podíamos parar porque eramos nós que o levávamos a fazer aquilo. Não era a enfermeira que o estava a forçar a nossa miserável condição que lhe impunha que nos auxiliasse e que, agora, o fazia levantar-se lentamente, empurrado pelas suas grandes mãos enclavinhas raivosamente nos braços de couro da cadeira, até ficar de pé, como um génio das Mil e Uma Noites obedecendo às ordens dos seus quarenta donos.

Fomos nós que, durante semanas o fizemos continuar, obrigando-o a manter-se de pé depois das suas pernas e pés terem excedido toda a capacidade de resistência, semanas a faze-lo dar as suas piscadelas, sorrisos e gargalhadas e continuar o seu espectáculo muito depois da sua alegria de ter sido reduzida a cinzas pelos eléc-trolos com que pretendiam aniquilá-lo.

Eramos nós que o fazíamos levantar-se e ajustar os calções pretos como se fossem calções de montar, e dar ao gorro aquele toque habitual, com um dedo, como se fosse um enorme Stetson, gestos mecânicos e lentos... e quando atravessou o atrio, descalço, ouvíamos os seus calcanhares batendo no chão, como se fossem de ferro, e fazendo saltar faíscas nos azulejos.

E só agora, finalmente... quando ele estilhou a porta envidraçada e entrou como um furacão, o rosto dela foi dominado por um terror que para sempre lhe destruiu qualquer outra expressão que quisesse exhibir.

Soltava gritos medonhos quando ele a agarrou e arrancou o uniforme da garganta até à cintura, e tornando a gritar quando os dois mamilos lhe saíram do peito, crescendo, crescendo, atingindo um tamanho que jamais alguém sonhara, quentes e rosados, ali à luz... só então, no fim, quando os funcionários verificaram que os três pretos não iam fazer nada senão esperar e observar e que eles teriam que o dominar sem o auxílio deles, os médicos, vigilantes e enfermeiras agarraram e puxaram aqueles fortes dedos vermelhos de carne branca da garganta dela, onde se haviam incrustado como se tosem ossos daquele pescoço, afastando-o para tras e

separando-o dela, com um fortíssimo resfolgar, só então, se viu que talvez ele fosse apenas um home normal, mas com um desejo determinado, intenso e justo de cumprir um difícil mas imperioso deven, que tinha que levar até ao fim, quer gostasse quer não.

Ele soltou um grande grito. Quando o atiraram de costas ao chão, o seu rosto apareceu-nos por um momento invertido e, antes de ser abafado por uma montanha de uniformes brancos, deixou sair um novo

grito:

Era o grito de medo, ódio, desafio e renúncia de uma fera encurralada, que, quem já alguma vez caçou um lobo, um leão da montanha ou um lince, sabe que é o último som que, depois de ser encurralado contra uma árvore e atingido por um tiro, o animal pronuncia, quando já nada lhe interessa a não ser ele próprio e a sua morte.

Fiquei na enfermaria mais umas duas semanas para ver o que ia acontecer. Tudo estava a mudar.

Sefelt e Fredrickson saíram juntos, Contra Opinião Médica, dois dias depois saíram mais três Agudos e outros seis foram transferidos para outra enfermaria.

Houve uma investigação rigorosa e pormenorizada sobre a festa na enfermaria e sobre a morte de Billy, e o médico foi informado que o seu pedido de demissão seria aceite, ao que ele os informou que teriam que organizar um grande processo que o comprometesse se o queriam ver pelas costas.

A enfermeira-chefe esteve na enfermaria de Clinica Geral durante uma semana, e, na sua ausência, ficou a pequena enfermeira japonesa dos Violentos a dirigir a enfermaria: isto deu aos rapazes possibilidade de transformar muita coisa nos regulamentos. Quando a enfermeira-chefe regressou, Harding já tinha conseguido que abrissem a sala das tinas e estava lá dentro dirigindo uma partida de sete-e-meio, tentando imitar, com a sua voz fraca e aguda, o vozeirão de leiloeiro de McMurphy. Estava a dar cartas quando a ouviu meter a chave na fechadura.

Saímos todos da sala das tinas para o átrio ao seu encontro, para lhe perguntarmos por McMurphy. Ela recuou dois passos



quando nos aproximámos, e, por um momento, pensei que ia desatar a correr. Tinha a cara com nódoas negras e deformada num dos lados, com um olho completamente fechado e uma grande ligadura em volta da garganta. E um uniforme novo. Alguns dos rapazes sorriam-se fitando a parte de cima do uni-forme: apesar de ser mais pequeno, mais apertado e mais engomado que os que ela usava antes, já não conseguia esconder a realidade — que ela era uma mulher.

Sorrindo, Harding aproximou-se dela e pergun-tando-lhe o que era feito de McMurphy.

Ela tirou do bolso do uniforme um pequeno bloco e um lápis e escreveu, «ble voltará», e passou o bloco à volta. O papel tremia-lhe na mão. «Tem a certeza?», quis saber Harding depois de ler o papel. Tínhamos ouvido toda a espécie de histórias: que ele tinha dominado dois auxiliares na enfermaria dos Violentos, que lhes tinha tirado as chaves e fugido; que tinha sido enviado novamente para o campo de trabalho e, até, que a enfermeira, que estava encarregada de tudo até arranjam um novo médico, o estava a submeter a uma terapia especial.

— Tem a certeza absoluta? - repetiu Harding.

A enfermeira voltou a tirar o bloco do bolso. Estava rígida e a sua mão, mais branca que nunca, rabiscou no bloco, como uma dessas ciganas ambulantes que lêem a sina por cinco coroas. «Sim, sr. Harding», escreveu ela. «Não faria uma afirmação destas se não tivesse a certeza absoluta. Ele voltará».

Harding leu o papel, rasgou-o e atirou-lhe os pedaços à cara. Ela estremeceu e levantou a mão para proteger dos papéis o lado ferido da cara. «Senhora, acho

que continua cheia de merda», disse-lhe Harding. Ela fitou-o, a sua mão moveu-se em direcção ao bloco, mas mudou de ideias, virou-se e dirigiu-se para a Sala das Enfermeiras, guardando o lápis e o bloco no bolso do uniforme.

— Hum — disse Harding. - A nossa conversa foi um bocado irregular, parece-me. Mas, raios, quando nos dizem que estamos cheios de merda, que resposta escrita poderemos dar?

Ela tentou reorganizar a sua enfermaria, mas era difícil com a presença palpável de McMurphy, vagueando de um lado para o outro nas paredes, com as suas gargalhadas nas sessões e as cantorias nas latrinas. Ela já não podia dirigir tudo com a sua antiga autoridade, e menos ainda tendo que escrever as ordens em folhas de papel. Estava a perder os seus doentes um após outro. Depois de Harding ter partido, com a sua mulher à espera para o levar, e de George ter sido transferido para outra enfermaria, do grupo dos que tinham ido à pescaria, só restavam três: eu, Martini e Scanlon.

Eu não queria ir-me embora ainda porque ela parecia estar muito segura de si: parecia estar à espera de um novo combate e eu queria estar presente para assistir. E, uma manhã, três semanas depois de McMurphy ter ido embora, ela lançou o seu último ataque.

A porta da enfermaria estava aberta e os pretos empurravam uma maca de rodas, com um gráfico no fundo que dizia, em grandes letras pretas, MCMURPHY, RANDLE P.-POST-OPERATÓRIO. E, por baixo, estava escrito a tinta, LOBOTOMIA.

Empurraram a maca para a sala de estar e deixaram-na encostada à parede, alinhada com os Vegetais. Ficámos aos pés da maca, lendo o gráfico, depois

olhamos para a cabeceira, para a cabeça amolgada na almofada, um tufo de cabelo ruivo sobre um rosto branco de leite, à excepção das manchas de um púrpura carregado em volta dos olhos.

Depois de um minuto de silêncio, Scanlon virou-se e cuspiu para o chão.

- Aaah, o que é que a puta da velha nos está a querer impingir, raios a partam. Aquilo não é ele.

- Não é nada parecido com ele - disse Martini.

—Ela pensa que somos assim tão estúpidos?

—Ob, mas eles fizeram um belo trabalho, apesar de tudo — disse Martini, movendo-se para junto da cabeça e apontando enquanto falava. — Vejam: puseram o nariz partido e aquela diabólica cicatriz... até as patilhas ruivas.

—Decerto — rosnou Scanlon, — mas, que diabo!

Empurrei os outros para me pôr ao lado de Mar-

tini.

—Pois, eles podem fazer coisas como cicatrizes e narizes partidos - disse eu. — Mas não podem fabricar aquela expressão. Não há nada nesta cara. Parece um daqueles manequins das lojas de pronto a vestir, não é verdade, Scanlon?

Scanlon voltou a cuspir.

—Tens razão, caramba! Toda esta coisa é inex-pressiva. Qualquer pessoa é capaz de ver isso.

- Olha — disse um dos doentes, puxando o lençol para trás. - Tatuagens.

— Pois — disse eu. — Eles também podem fazer tatuagens. Mas os braços, hem? Aqueles braços, eles não os podiam fazer. Os braços dele eram grandes!

Durante todo o resto da tarde Scanlon, Martini e bonaicularizámos o que Seanlon tinha on do aquele boneco de serradura, imitação de um homem, que estava

ali na maca de rodas, mas conforme as horas iam passando e o inchaço ia diminuindo em volta dos olhos, vi chegarem cada vez mais tipos que iam dar uma vista de olhos aquilo que estava na maca. Observei-os a passar, fingindo que iam à estante das revistas, ou ao bebedouro, para poderem dar mais uma espreitadela aquele rosto. Observava e tentava imaginar o que ele faria num caso destes. De uma coisa estava certo: ele não permitiria que uma coisa como aquela permanecesse na sala de estar, com o nome dele pendurado, durante vinte ou trinta anos, para que a enfermeira-

-chefe o pudesse mostrar como exemplo do que poderia acontecer a quem contrariasse o Sistema. Disso, eu estava certo.

Naquela noite, esperei que os sons do dormitório me dissessem que já estavam todos a dormir e que os pretos tivessem acabado as suas rondas. Então, virei a cabeça na almofada para poder olhar para a cama ao lado da minha. Tinha-lhe estado a ouvir a respiração durante horas, desde que o tinham trazido na maca de rodas e colocado na cama, ouvindo os pulmões esva-ziarem-se e encherem-se, parando, depois recomeçando, com a esperança que parassem de vez — mas ainda não me tinha voltado para olhar.

Havia um luar frio na janela, enchendo o dormitório com luminosidade como a de leite coalhado. Sentei-me na cama e a minha sombra caiu-lhe sobre o corpo, parecendo dividi-lo ao meio, entre os quadris e os ombros, deixando um espaço negro. O inchaço nos olhos tinha desaparecido e eles estavam abertos: estavam fixados na luz cheia da lua, abertos e inexpressivos, baços de estarem tanto tempo abertos sem pestanejar, até parecem fusíveis fundidos numa caixa de fusíveis. Movi-me para agarrar na almofada e os olhos

seguiram-me o movimento enquanto me levantei e transpus o pouco espaço que separava as nossas camas.

O grande e rijo corpo agarrava-se teimosamente à vida. Lutei por muito tempo até a conseguir tirar e ele torcia-se e debatia-se tanto que tive que me deitar ao comprido em cima dele e prender-lhe as pernas com um golpe de tesoura das minhas, enquanto lhe esmagava a almofada na cara. Estive ali em cima do como durante o que me pareceram dias. Até ele deixar de se debater. Até ele ter ficado quieto, ter depois um estremecimento e ficar novamente imóvel. Então, rolei de cima dele. Levantei a almofada e, à luz da lua, vi que a expressão dele não mudara nada e permanecia como antes, os olhos baços e inexpressivos, mesmo estando a ser sufocado. Com os polegares, fechei-lhe as pálpebras e mantive-as assim até ficarem fixas. Depois, voltei a deitar-me na minha cama.

Fiquei assim durante uns momentos, com os cobertores tapando-me a cara, pensando que tinha feito tudo sem barulho, mas a voz de Scanlon, segredando da sua cama, fez-me ver que não.

— Tem calma, Chefe, tem calma. Está tudo bem.

— Cala-te — segredei. — Volta a dormir.

Estava tudo bastante calmo: depois, ouvi-o segredar, perguntando, «Está tudo acabada?»

Disse-lhe que sim.

— Meu Deus! — disse ele, então, — ela saberá.

Sabes bem que sim, não sabes? E claro que ninguém poderá provar nada.. qualquer um poderia ter esticado o pernil depois de uma operação como a que ele fez, acontece com frequência... mas ela, ela saberá.

Não lhe respondi.

— Sa fosse a ti, Chefe, punha-me já ao fresco. Sim senhor! Ouve o que te digo: vais-te embora e eu afirmo que o vi mexer-se depois de teres fugido e isso iliba-te. E o melhor a fazer, não achas?

—Oh, sim, assim do pé para a mão. Peço-lhes que me abram a porta para me deixarem ir embora.

—Não. Ele mostrou-te uma vez como podes sair daqui, basta que te lembres. Mesmo na primeira semana

Não te lembras?

Não lhe respondi, ele não me disse mais nada e o dormitório voltou a mergulhar no silêncio. Fiquei ali mais uns minutos e depois levantei-me e vesti-me.

Quando acabei de me vestir, procurei na mesa de cabeceira de McMurphy o seu gorro e experimentei-o.

Ficava-me pequeno e, repentinamente, senti-me envergonhado por o tentar usar. Parei junto à cama de Scan-lon enquanto me dirigia para a porta do dormitório.

Ele disse, «Tem calma, parceiro», quando eu ia a sair.

O luar que entrava através da rede das janelas da sala das tinas mostrava a silhueta atarracada e pesada do painel de controlo, fazendo brilhar os cromados e o vidro dos mostradores e quase podia ouvir os seus cliques. Inspirei profundamente, dobrei-me e agarrei nas alavancas. Flecti as pernas e comecei a sentir o grande peso nos pés. Fiz um esforço maior e ouvi as ligações e os fios soltando-se do chão. Pousei o painel sobre os joelhos e consegui pôr-lhe um braço por cima e a outra mão por baixo. Sentia o frio dos cromados no pescoço e na face. Coloquei-me de costas para a grade da janela, rodei rapidamente e deixei que a embalagem adquirida levasse o painel através da janela e da grade com um grande impacto. Os vidros espalharam-se à luz da lua, como uma chuva de água fria baptizando a terra. Durante uns momentos, pensei em voltar atrás e trazer comigo Scanlon e alguns dos outros, mas, então, ouvi o barulho dos sapatos dos

pretos no átrio, puz a mão na parapeito da janela e saltei atrás do painel para o luar.

Corri pelos campos, na direcção em que me lembrava ter visto o cão afastar-se, para a auto-estrada.

Recordo-me de correr com grandes passadas, parecendo que flutuava em cada passo, enquanto o outro pé não tocava no solo. Sentia-me como se voasse. Livre. Ninguém se preocupa em perseguir um fugitivo de um manicómio, isso já eu sabia, e Scanlon resolveria os problemas em relação ao morto... não havia necessidade de correr desta maneira. Mas não parei. Percorri milhas e milhas antes de ter parado e subido o aterro até à auto-estrada.

Apanhei uma boleia de um tipo, um mexicano, que seguia para a Norte num camião cheio de carneiros e impingi-lhes uma boa história acerca de ser um lutador índio profissional que o sindicato tinha tentado meter numa casa de loucos. Ele convenceu-se facilmente, deu-me um casaco de cabedal para esconder o meu uniforme verde e emprestou-me dez dólares para me ir alimentando enquanto ia pedindo boleia até ao Canadá. Pedi-lhe que escrevesse o seu endereço, quando nos separamos, e disse-lhe que lhe enviaria o dinheiro logo que me fosse possível.

E provável que eu vá para o Canadá, mas tenciono fazer umas paragens pelo caminho ao longo do Colum-bia. Gostava de dar uma saltada a Portland, a Hood River e a Dalles, para ver se encontrava alguns dos tipos que conheci na aldeia e que ainda não tivessem sido destruídos pela bebida. Gostava de ver o que eles têm feito desde que o governo lhes tentara comprar o direito de serem índios. Ouvi, até, dizer que parte da tribo se tinha dedicado a reconstruir o seu antigo sistema de andaimes das cataratas, agora, naquela grande

barragem hidro-eléctrica de um milhão de dólares, e que apanham os salmões nas rampas de descarga da barragem. Dava alguma coisa para ver isso. Mas, principalmente, gostava, simplesmente, de dar uma volta pelos arredores da garganta, para me trazer novamente à memória parte do passado.

Estive longe durante muito, muito tempo.

Composto e impresso na  
Tipografia Guerra - Viseu  
e concluiu-se  
em Dezembro de 1976

<https://github.com/SavingBooks/Voando-Sobre-um-Ninho-de-Cucos>